

Espírito Maria Cecília Alves

Célia Xavier de Camargo

Sinopse:

Maria Eugênia, filha de ricos fazendeiros, descobre que seu noivo está apaixonado por uma escrava. Descontrolada, deixa-se arrastar por uma torrente de ódio e vingança. Traíçoira, influencia Miguel, escravo apaixonado por ela, a cometer um crime. O cativo não imagina o preço que pagará pela satisfação dos seus desejos. Portadora de dons mediúnicos que deveria colocar a serviço do bem, a sinhazinha escolhe o caminho do mal, arrastada por aqueles que, no outro lado da vida, ainda não aprenderam a perdoar...

Sumário

Apresentação.....		7
1	Prelúdio da volta	13
2	Os primeiros anos	16
3	Pedido de casamento	25
4	O noivado	32
5	Encarando o sofrimento	41
6	Novas responsabilidades	51
7	Cultivando o ódio	65
8	Auxílio providencial	73
9	Na véspera do casamento	85
10	O casamento	93
11	A viagem	105
12	Enfrentando crises	116
13	Novas informações	126
14	Retorno ao lar	138
15	Mergulho no erro	147
16	Na espiritualidade	158
17	Enfrentando conseqüências	168
18	O louco	179
19	A verdade vem à tona	188
20	Dúvidas	198
21	Novos desatinos	208
22	Reencontrando amigos	220
23	Na Fazenda Santa Clara	231
24	Novas descobertas	243
25	Diva	253
26	O escravo Josias é capturado	265
27	Teófilo	277
28	Complicações	289
29	Recebendo visitas	297
30	Informações inquietantes	311
31	Os mortos falam!	323
32	Socorro do alto	338
33	Libertação	354
34	De volta à espiritualidade	366
35	Epílogo	377
Biografia		386

Apresentação

Que Jesus os abençoe!

Confesso-lhes que nem acredito ter conseguido concluir esta obra. Não foi fácil. Foi um período longo, em que tive de aprender a lidar com meus sentimentos e a trabalhar meu lado emocional, a fim de que pudesse ser o mais isenta e fiel

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
possível ao relato dos acontecimentos vivenciados. Remexer no passado é doloroso e requer extremo equilíbrio, para não comprometer as conquistas que acreditamos já ter efetuado ao longo do tempo.

Não se trata, porém, única e exclusivamente, do nosso problema pessoal. É um processo bem mais complicado e abrangente. Quando recordamos fatos passados, mexemos num verdadeiro vespeiro. Não que isso seja prejudicial, ao contrário. Nossas lembranças movimentam vibrações, sentimentos e emoções que atingem outros seres que fizeram parte desse passado, não raro necessitados de socorro, muitas vezes habitando ainda regiões de sofrimento e dor no Além. Lembrando os dramas ocorridos, eles são atraídos para perto de nós pelas nossas emissões mentais, o que propicia o socorro da Espiritualidade Maior. Graças a estes textos, inúmeros espíritos foram socorridos, iniciando-se para eles uma nova etapa, com a internação em unidades hospitalares de recuperação, onde são utilizadas técnicas de tratamento tendentes a proporcionar-lhes o reequilíbrio de que tanto carecem. Durante esse período, são objetos de atenções e carinho, recebem orientações necessárias ao seu aprendizado e podem, finalmente, receber a visita de familiares, que restauram as ligações que julgavam perdidas. São submetidos a técnicas terapêuticas direcionadas ao restabelecimento da confiança em Deus, em si mesmo e nos outros. Terminada a convalescença e apresentados à terapia do serviço, começam a auxiliar em alguma atividade, passando a ser úteis à comunidade em que vivem. E, assim, se reeducarão moralmente à luz do Evangelho.

Muitos, rebeldes, precisam ser conduzidos a reuniões mediúnicas, em que recebem atendimento com profundo amor, ocasiões em que, não raro, reencontram algum familiar querido que há muito não viam. Abrem o coração, falam dos seus sentimentos, dos dramas ocorridos, até que, extravasando todo o ódio, acabam por adormecer nos braços da mãe, do pai, da esposa, ou de algum outro ente querido, sendo levados para atendimento hospitalar.

Como espírito muito comprometido com as divinas leis, garanto-lhes que nada se compara ao perdão que temos oportunidade de pedir nessa hora, libertando-nos da consciência de culpa que nos cobra pelos danos causados. Nada se iguala ao momento em que podemos abraçar nossa vítima, agradecidos diante do perdão que nos concede, ou quando conseguimos a bênção de perdoar a um inimigo, aliviando a mente e o coração.

Tudo isso eu consegui por meio do relato de minhas experiências, limpando o lixo acumulado do íntimo e tirando os sentimentos negativos do coração.

O drama aqui narrado se passa antes da chegada do Consolador Prometido que viria, por intermédio da plêiade do Espírito de Verdade, trazer novos conhecimentos e esclarecer a humanidade sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens. Esses conhecimentos, reunidos magistralmente por Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, em O Livro dos Espíritos, obra publicada em 18 de abril de 1857, fariam que os homens pudessem entender melhor a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, na aplicação das leis morais, conforme os ensinamentos de Jesus, trabalhando pela transformação moral que os levaria à evolução.

No entanto, como esses conhecimentos fazem parte das Leis Naturais ou Leis Divinas, existiram desde as mais remotas eras e eram conhecidos das mais antigas civilizações, conquanto houvessem sido esquecidos ao longo do tempo. Desse modo, como fatos naturais, a existência dos espíritos e a comunicação entre os dois mundos, inclusive os fenômenos espirituais que acarretam, também chegaram ao

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
conhecimento dos personagens deste livro, que puderam vivenciar fatos interessantes e inusitados para a primeira metade do século 19.

Só posso agradecer a Deus, nosso Pai Maior, que, com tanta misericórdia e sabedoria, encaminha nossos passos para o que precisamos fazer.

À Jesus, Mestre dos Mestres, que nos tem estendido sempre os braços amorosos, aconchegando-nos ao seu coração temo e fazendo que sintamos a consolação, a paz e o amor que nos vêm da sua presença.

Aos amigos espirituais, generosos e devotados, que jamais nos deixaram ao desamparo.

Não posso deixar de agradecer também a todos que conviveram comigo, que tiveram paciência diante das minhas muitas dificuldades, que toleraram meus erros, que me ajudaram nesse trajeto pedregoso e escarpado.

O meu abraço saudoso aos familiares queridos, aos amigos, aos colegas de trabalho e a todos os que me assistiram no longo período das hemodiálises.

A todos, a minha gratidão perene. Reservei-me o direito de não citar nomes, para não correr o risco de ser ingrata com alguns, visto que seria impossível lembrar-me de todos, e não quero cometer injustiças.

Espero que estas páginas, grafadas com profundo amor, possam ser úteis aos eventuais leitores, até para que entendam minhas dificuldades e limitações.

Que o Senhor os ilumine sempre e os ampare no caminho do dever retamente cumprido, para que não venham a sofrer o que sofri.

Aos trabalhadores espíritas encarnados, que fazem parte da grande falange do Consolador Prometido no planeta, dirijo um apelo especial: espero que esta obra lhes sirva de alerta e reflexão. O conhecimento da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus são dádivas que não podemos ignorar e deixar ao abandono. São talentos que precisamos fazer frutificar a nosso benefício e dos nossos semelhantes; por isso, não podemos simplesmente enterrá-los, pois, conforme a parábola evangélica, o medo não justifica o descaso no uso dos tesouros divinos que recebemos.

"Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado", nos alerta Jesus.

Assim, empunhemos a enxada do serviço, utilizando o esforço na vontade de servir, para arar o campo ressequido da nossa alma, lembrando ainda que a misericórdia divina, sempre pronta a nos amparar e abençoar, nos concederá invariavelmente novas oportunidades para a nossa redenção.

"Buscai, pois, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas", afirma o Cristo.

Como espíritas, não ignoramos que nosso objetivo é a evolução, que se fará mediante o progresso intelectual e moral. Dessa forma, é imprescindível modificar nosso íntimo, acrescentando qualidades que nos direcionem para o amor em sua mais ampla significação, que é o amor ao próximo, inclusive aos inimigos, com o que estaremos exercitando a mais pura caridade cristã.

"Aquele que perseverar até o fim será salvo".

Muita paz!

ROLÂNDIA, 5 DE MAIO DE 2009

Maria Cecília Alves

1 - Prelúdio da volta

Espírito endividado e comprometido com as Leis Divinas,
eu desejava um alívio para minhas mágoas, remorsos e

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
sofrimentos sem fim. Tanto havia ferido quanto fora ferido
ao longo dos tempos. Agora, ansiava que a bênção do
esquecimento me concedesse paz.

Como a semente que aguarda na terra a hora de germinar e
transformar-se na planta tenra que cresce e se renova sob as
dádivas do calor do sol e da umidade do solo, sonhava eu
também com o recomeço. Não suportava mais. Sentia-me
exausto.

Urgente parar de pensar, de lembrar cenas de um passado
distante que me atormentava o tempo todo. Para tanto, na
Espiritualidade, preparei-me por longos anos sob a tutela
amiga de zelosos benfeitores, que me incutiam bom ânimo e
coragem para a renovação que se fazia tão necessária.
Espírito cheio de imperfeições, somente dessa maneira
conseguiria vislumbrar a esperança de um futuro melhor e
mais feliz.

Mas como vencer o orgulho atroz que me queimava o
íntimo, e que gerara tanto mal, por julgar-me acima de todas
as outras criaturas? De que maneira expurgar do coração o
egoísmo ferrenho que me fazia desejar tudo para mim, com
exclusão dos demais? Como libertar a mente da ambição
desmedida, conseqüência fatal do orgulho e do seu filho
dileto, o egoísmo? Ao longo do tempo, em vestes corpóreas
masculinas ou femininas, por quantas vezes me entregara ao
erro, dilapidando excelentes oportunidades de vida que o
Senhor me concedera?

Sozinho diante do manto estrelado da noite, olhos elevados
para o alto, refletia na minha situação de ser indigno,
enquanto lágrimas quentes de arrependimento lavavam-me
o rosto e a alma. Eu sabia a resposta, tantas vezes estudada
até a exaustão em nossas reuniões: imprescindível
transformar-me à luz do Evangelho redentor, aquele mesmo
Evangelho que tantas vezes plantara a ferro e fogo na mente
de criaturas indefesas, como se fosse um remédio amargo
que devessem engolir à força. Trajando o hábito sacerdotal e
tendo nos lábios um sorriso, quantas vezes mandei pessoas
inocentes para a morte após subtrair-lhes a fortuna! Quantas
vezes criei intrigas para derrubar inimigos mais altamente
colocados na política do mundo, jogando-os na vala da
amargura! Quantas vezes trabalhei nas sombras e atraíçoei
pessoas que se entregavam a mim, confiantes na amizade
que lhes hipotecara!

A maldade, a hipocrisia e a desonestidade se contavam entre
os caracteres de personalidade que eu mais prezava, para
minha vergonha e aversão.

Basta, porém, de lembranças dolorosas! Eu não suportava
mais sofrer e rever as imagens que tanto me afligiam. Não
suportava mais remoer o remorso, proporcionado pelo
sentimento de culpa que não me concedia tréguas.
Desejava esquecer, apagar da mente torturada as recordações
escabrosas. Recomeçar, como uma página em branco;
sujeitar-me a uma nova existência que me proporcionasse
paz e tranqüilidade.

Assim, retornaria ao palco da vida com o coração repleto de
esperança num futuro melhor.

Preparara-me com esmero. Durante dezenas de anos servira
ao próximo em beneméritas instituições da Espiritualidade,
procurando aprender a soletrar o verbo amar, a desenvolver
em meu íntimo, sentimentos mais nobres. Dedicava-me aos
necessitados, praticando o exercício de pensar menos em
mim e mais neles.

O planejamento reencarnatório, um primor de técnica e
eficiência, obedecia às minhas necessidades mais urgentes.
Envergaria um organismo feminino e iria reencontrar na
carne algumas das pessoas que eu mais amava e que me
proporcionariam sustentação afetiva e emocional, compondo
o cenário de cada dia, além de vários desafetos, objetivo
maior da existência, espíritos que me comprometera a

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
ajudar, resgatando erros de outrora.

Do Além, amigos, companheiros, familiares queridos, instrutores e generosos benfeitores velariam por mim na retaguarda, sustentando-me nos momentos mais difíceis. Aqueles que seriam meus pais e me acolheriam como filha do coração, ultimavam os preparativos para mergulhar na carne.

Eles renasceriam no Brasil, o Novo Mundo que se descortinava para todos os condenados como a Terra da Promissão, fugindo das recordações que o Velho Mundo representava. Despedi-me deles, reiterando os propósitos de cumprir os compromissos assumidos por ocasião do planejamento reencarnatório.

Terminara o primeiro quarto do século 19, que se iniciara pleno de esperanças. Em 1822, o Brasil se tornara definitivamente independente de Portugal, pela vontade do príncipe regente, Pedro de Alcântara, filho de D. João VI, que passou a ser D. Pedro I, o imperador do Brasil.

2 - Os primeiros anos

As primeiras lembranças que me vêm à memória são extremamente agradáveis. Um vasto gramado, onde eu gostava de ficar sob os raios de sol aos cuidados de uma negra de olhar doce e terno. Havia também uma criança da minha idade com quem sempre brincava; essa companheirinha de folguedos era Maria Rita, ou Ritinha, filha da escrava Dionísia, que eu tratava pelo apelido carinhoso de Dinha.

Quando me cansava das brincadeiras, nos acomodávamos à sombra de uma árvore amiga, e Dinha nos servia refresco, acompanhado de uma fruta, um pedaço de pão ou um doce, que devorávamos entre risos.

Eu era feliz. Sentia-me segura e confiante.

À hora do almoço, com o sol a pino, voltávamos cansadas, mas satisfeitas, para o imenso casarão onde eu morava. Dinha, minha ama de leite, lavava-me e trocava minhas roupas sujas por outras limpas e mais belas; e penteava com carinho meus cabelos loiros, compridos e anelados. Ao dar por terminada a tarefa, afastava-se um pouco e lançava-me um último olhar crítico, para confirmar se eu estava em condições de apresentar-me diante de meus pais, e eu a fitava com os olhos azuis externando meu agradecimento; depois, satisfeita com a sua obra, levava-me para a sala, quando eu tinha o prazer de estar com minha mãe.

Era sempre com infinito amor que eu abraçava mamãe.

Dama bonita e elegante, mamãe tinha o rosto bem-feito, terno e carinhoso; de tez clara, a pele era macia e aveludada; as sobranceiras, perfeitas e arqueadas, emolduravam os meigos olhos verdes; quando sorria, duas covinhas encantadoras surgiam em cada face, e tudo ao seu redor se iluminava, mesmo que o céu estivesse escuro e chuvoso. Os cabelos eram longos e encaracolados, da cor do mel, e eu gostava de penteá-los, sempre que ela deixava.

Ao me ver, ela abria os braços e eu me abrigava neles, sentindo seu perfume de alfazema. Naquele momento, envolvida pelo seu carinho, eu sentia que de nada mais precisava. Ela era meu sol, minha vida, meu tudo.

Meu pai, porém, inspirava-me medo. Invariavelmente mostrava cenho carregado, testa franzida, e seu olhar azul era severo. Alto, usava sempre botas de cano longo, que lhe deixavam o andar ainda mais firme e pesado. Quando ouvia seus passos ressoando no lajeado da varanda que circundava nossa casa, ou suas botas rangendo nas largas tábuas do assoalho, eu estremecia de medo. Quase nunca ele me fazia um agrado e, quando o fazia, parecia-me uma atitude forçada, sem espontaneidade. Seu sorriso, raro, semelhava-se mais a uma careta, jamais deixando ver os dentes. Isso me

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
fazia pensar que ele não tivesse dentes. Todavia, como ele dificilmente permanecia em casa, meus dias eram tranquilos e agradáveis.

Na fazenda havia muitos escravos, e eu gostava de ir até a senzala brincar com as crianças, conquanto não fosse do agrado de meu pai.

Ao ver-me junto com os meninos, ele ficava ainda mais carrancudo e com um gesto indicava-me o rumo, enérgico:

- Já para casa, Maria Eugênia!

E eu corria, o mais depressa que minhas pequenas pernas permitiam. Chegava ao casarão com o coração aos saltos, ofegante e trêmula de medo. Subia as escadarias e corria para meu quarto, escondendo-me entre as roupas de um grande armário lá existente. E ali ficava até que alguém viesse me buscar, passado o temporal.

Com o tempo, a diferença entre meu pai e minha mãe ficou ainda mais patente. Ela era toda delicada, elegante, refinada.

Fora educada em Paris e viajara por vários países. Ao voltar da Europa, seu pai tinha acertado o casamento dela com aquele que viria a ser meu pai, Felipe de Albuquerque Figueiroa, rico fazendeiro da região.

O noivo, porém, era muito diferente da doce Virgínia. Como sempre se interessara mais pela terra, ele jamais se propusera a continuar os estudos, contentando-se com aprender a ler e a escrever, a fazer contas e a cuidar da fazenda, dos animais, das lavouras de cana-de-açúcar, ao contrário de tantos jovens, inclusive colegas seus, que foram para a Europa estudar. Felipe era grosseiro e xucro, como seus cavalos. Amava, porém, a terna Virgínia desde que a conhecera ainda criança. Com ela, era carinhoso e gentil.

Exatamente um ano após o casamento deles, eu vim ao mundo, enchendo a casa de alegria e tornando a vida de minha mãe mais fácil e agradável.

Tudo isso fiquei sabendo por minha própria mãe, nos momentos em que estávamos a sós, conversando. Curiosa, eu perguntava-lhe como tinha sido sua vida e ela me contava. Aos poucos, sua história foi-se delineando em minha mente, ganhando contornos mais precisos e levando-me a entender coisas que, até então, eu não compreendera. Sentada aos pés dela, nas tardes de inverno, enquanto me ensinava a bordar, eu voltava ao assunto que mais me interessava, isto é, descobrir seu passado, como fora sua existência.

- Conte-me, mamãe, como é morar tão distante, no estrangeiro.

E minha mãe, então, falava-me de lugares longínquos e encantadores, contava histórias e acontecimentos interessantes e engraçados. Eram momentos muito especiais. Eu me perdia em divagações, vendo, por meio de suas narrativas, aquelas belas paisagens que ela descrevia com tanto primor.

Certo dia, quando ela me falava do tempo em que aguardava minha chegada, perguntei:

- Mamãe, se meu nascimento foi cercado de tanta expectativa e amor, por que papai não gosta de mim?

Ela fitou-me com seus olhos grandes, que nesse momento me pareceram ainda maiores, e onde notei um brilho de aflição:

- Não diga isso, minha filha! Seu pai a ama. Como pode pensar diferente?

- Talvez a senhora tenha razão, mamãe, mas nunca senti o amor de meu pai. Estou agora com treze anos, e, desde que me lembro, ele sempre foi rude comigo. Trata-me, às vezes, pior

do que os escravos, se é que isso é possível.

Minha mãe pôs de lado o bordado, depois se abaixou envolvendo-me em seus braços com imenso carinho, e pude ver que o brilho de seus olhos se apagara, enquanto

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
uma ruga de preocupação marcava sua bela testa.
- Oh, minha filha, seu pai a ama, sim, apenas não sabe demonstrar esse amor. Tenha paciência com ele. Calei-me. Não queria entristecê-la. Naquele momento, porém, decidi que iria procurar conhecer a verdade. Sua reação mostrara-me que havia algo que eu não sabia. Dinha, minha querida ama de leite, estava na fazenda havia muitos anos, ali nascera e crescera, e, se houvesse algum segredo ligado ao meu nascimento, ela o saberia com certeza. Mudei de assunto e nunca mais voltei a incomodar mamãe com minhas dúvidas e questionamentos.
ALGUNS DIAS DEPOIS, surgiu a oportunidade ideal. Dinha e eu estávamos sozinhas, caminhando pelo parque, e nos dirigimos para a margem do rio, algumas centenas de metros ao fundo do jardim. Ritinha permanecera em casa por estar febril. O céu, sem nuvens, apresentava um tom de azul intenso, e o sol caminhava para o poente. Aleguei cansaço em virtude do calor, incomum àquela época, e nos sentamos à margem. A ama fechou a sombrinha e, sob a copa de uma grande árvore enquanto leve brisa nos refrescava, ficamos apreciando o murmúrio das águas, o gorjeio dos pássaros e o coaxar dos sapos e rãs em meio à vegetação ribeirinha. Estendi-me na grama e fechei os olhos. De repente, fiz a pergunta que me martelava na cabeça:
- Dinha, por que meu pai não gosta de mim?
- O que é isso, menina? Seu pai gosta de você, sim, sinhazinha - respondeu com seu jeito peculiar de se expressar.
- Sinto que aconteceu alguma coisa e ninguém quer me contar. E sei que você sabe, Dinha. Por que me esconde a verdade?
- Sei de nada, não, sinhazinha. Vamos embora. É tarde e o sinhô, seu pai, não tarda a chegar da cidade. Insisti, mas ela não cedeu. Levantei-me contrariada, ajeitei as saias e retruquei irritada:
- Pois muito bem. Eu vou descobrir. Você não é minha amiga. Com sua ajuda ou não, eu vou descobrir. Ouviu?
A escrava lançou um olhar enviesado e murmurou entre dentes:
- Pois sim! Sinhazinha quer é me arrumar problema. Não há nada para descobrir!
Levantei a cabeça e comecei a caminhar apressada, obrigando-a a me acompanhar. Não conversamos mais. Eu estava muito brava com ela. Esperava que me ajudasse, e sua recusa me deixou magoada; mais do que isso, indignada. Chegamos à casa-grande e corri para meus aposentos. Precisava arrumar-me para o jantar. Felizmente meu pai ainda não voltara da cidade.
Quando descí as escadarias, ouvi vozes na sala de visitas. Uma delas era a de meu pai, a outra, desconhecida. Não desejando ser vista, procurei esgueirar-me para a cozinha, quando minha mãe surgiu vinda da sala, impedindo-me a retirada:
- Ah, é você, Maria Eugênia! Estava mesmo indo procurá-la. Seu pai solicita sua presença na sala.
Sem saída, respirei fundo e caminhei acompanhando minha mãe até a sala de visitas. Ao entrar, vi meu pai e outro cavaleiro que estava de costas. Aproximamo-nos e meu pai sorriu. Pela primeira vez, consegui ver seus dentes, feios e amarelados pelo fumo.
- Ei-la que chega! Guilherme, tenho o prazer de lhe apresentar Maria Eugênia, minha filha. Maria Eugênia, este é Guilherme, filho de um grande amigo meu.
O rapaz levantou-se, curvando-se elegantemente numa reverência. Só então pude vê-lo. Tratava-se de um moço alto e distinto, rosto simpático, olhos e cabelos pretos. Ele sorriu e pude ver uma fieira de dentes alvos e simétricos.
- É um grande prazer conhecê-la, senhorita.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Gaguejei algumas palavras inaudíveis, corando de vergonha.
Após os cumprimentos, meu pai sugeriu:
- Vamos sentar-nos. Acomode-se, meu caro Guilherme,
por gentileza.
Em seguida, virando-se para a esposa, informou:
- Virgínia, nosso caro Guilherme jantará conosco.
Minha mãe levantou-se, assegurando, gentil:
- É um grande prazer tê-lo conosco, senhor Guilherme.
Peço-lhes licença. Devo verificar se está tudo em ordem na
cozinha. Enquanto isso, mandarei que lhes sirvam uma taça
de vinho.
Voltando-se para mim, com gesto gracioso, mamãe
convidou-me a acompanhá-la:
- Venha ajudar-me, filha.
Saí lançando-lhe um olhar agradecido. Seria difícil ficar
naquela sala enquanto os homens conversavam. Além disso,
eu era apenas uma criança e não estava interessada em
conversas de adultos.
Chegando à cozinha, mamãe ordenou a uma escrava:
- Odete, sirva vinho aos cavalheiros na sala. Depois, colo-
que mais um lugar à mesa. Temos visita para o jantar.
- Sim, sinhá Virgínia.
Aproximando-se do grande fogão de lenha, mamãe
perguntou a Florência:
- Como está o jantar?
- Dentro de meia hora no máximo estará pronto, sinhá
Virgínia.
- Ótimo. Temos visita. Capriche.
Dirigimo-nos à sala de jantar, onde minha mãe passou os
olhos pela mesa para ver se estava tudo em ordem; ela
gostava de esmerar-se nos detalhes e verificava se a toalha
de linho estava bem passada, se a maneira de colocar os
pratos, os talheres, os copos e os guardanapos estava perfeita;
tudo tinha de ficar impecável. Assim fora criada e não abria
mão de seus hábitos. Acertou um ou outro pequeno detalhe
e, satisfeita, encaminhou-se comigo para a sala onde os
homens conversavam sobre negócios.
Sentei-me perto de minha mãe. Sentia-me segura junto dela.
Não gostava de visitas e de gente desconhecida. Guilherme
gentilmente dirigiu-me a palavra:
- O que gosta de fazer, senhorita? Vi um belo piano logo na
entrada. Aprecia música? Se bem que esta bela fazenda há de
ter muitas atividades interessantes...
Timidamente, abri a boca para responder, porém meu pai
adiantou-se:
- Meu caro Guilherme, essa é uma mania de minha esposa.
Ensinou Maria Eugênia a tocar piano, embora eu considere
isso desnecessário. Às mulheres compete apenas aprender a
cuidar da casa, cozinhar, costurar e mandar nos escravos,
para fazerem um bom casamento. Não concorda comigo?
Guilherme, que acabara de tomar um gole de vinho, colocou a taça
sobre a mesa e respondeu:
- Bem, senhor Figueiroa, penso que estudar e aprender é
sempre importante.
Minha mãe ergueu a bela cabeça, lançou um olhar para meu
pai, depois se dirigiu ao visitante:
- Meu marido, senhor Guilherme, acredita que mulher não
deve estudar. Estou procurando convencê-lo a deixar Maria
Eugênia estudar na capital, porém sem resultado. Recusa-se
terminantemente a ceder aos meus rogos.
- E para que lhe serve tanto estudo, minha querida? A
senhora é um exemplo disso. Estudou na França, viajou pela
Europa inteira, aprendeu tantas coisas, para quê? - retrucou
ele.
- Não é só o lado material da vida que importa, Felipe.
Aprendi a pensar, estudei literatura, arte, música e
muito mais. Tudo isso foi muito importante para minha
formação. Os conhecimentos abriram-me a cabeça.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Para quê, minha querida? Para aprender a dirigir uma casa, para cuidar do marido e da filha, não precisaria nada disso. Entende? Tempo perdido!

Minha mãe prendeu a respiração. Desejava retrucar, mas não deveria fazê-lo. Não diante de um convidado. Segurei sua mão delicadamente por baixo das dobras do vestido, e senti que ela tremia.

Guilherme, para minha surpresa, tomou sua defesa, concordando com ela:

- Dona Virgínia tem razão ao afirmar que o conhecimento é importante. Nossa vida só será melhor se soubermos valorizá-la adequadamente, utilizando todas as nossas potencialidades.

Minha mãe endereçou a ele um discreto olhar de agradecimento. Aos poucos ela foi voltando à normalidade, enquanto meu pai, sem nada perceber, já mudara de assunto, enveredando para o terreno que conhecia: os negócios.

Guilherme, aproveitando a ocasião, comentou:

- Suas lavouras estão uma beleza, senhor Figueiroa! Os canaviais, muito bem cuidados.

- Realmente, meu caro amigo. Tenho orgulho deles.

Percebi que Guilherme, vez por outra, lançava um olhar cheio de piedade para minha mãe.

Nesse momento, a escrava Odete aproximou-se avisando que o jantar estava servido, para alívio geral. Fomos para a sala de jantar, onde as iguarias foram servidas e degustadas em meio a uma conversa amena e agradável. Em seguida vieram as sobremesas. Depois, já na sala de visitas, o cafezinho.

Como já era tarde e estava com sono, pedi licença e retirei-me para meus aposentos, desejando boa-noite a todos.

3 - Pedido de casamento

Nos dias seguintes, notei algo de estranho no ar, sem, contudo, identificar a razão. Observei conversas trocadas entre meus pais e interceptei olhares que me eram dirigidos. Quando eu me aproximava, eles claramente mudavam de assunto. Certamente estariam falando de mim, mas o quê? Quando a sós comigo, vez por outra mamãe me olhava disfarçadamente, pensativa, como se estivesse preocupada com alguma coisa.

- O que está acontecendo, mamãe? - Perguntei, incapaz de me controlar por mais tempo.

- Você saberá quando chegar o momento, minha filha.

Insisti, mas ela não disse mais nada. Minha curiosidade já estava atingindo um nível insuportável.

Alguns dias depois, à tarde, fui chamada ao gabinete de meu pai. Entrei. Ali estavam meus pais e um cavalheiro estranho. Papai apresentou-nos dizendo:

- Maria Eugênia, este é o senhor Valentim Cerqueira, pai de Guilherme, que você já conhece. Amigo Cerqueira, esta é minha filha, Maria Eugênia, sobre quem falávamos há pouco.

O cavalheiro cumprimentou-me inclinando-se, enquanto me examinava como se fosse um animal de raça que estivesse à venda. Correspondi com leve gesto de cabeça, depois aguardei, ansiosa. Novamente senti que algo estranho pairava no ar; e agora não era impressão apenas, mas certeza. O que estaria acontecendo?

Meu pai, em seguida, incumbiu-se de responder à minha pergunta:

- Maria Eugênia, o senhor Cerqueira veio pedir-me a sua mão em casamento para seu filho Guilherme. E eu a concedi. Precisamos marcar a data do noivado. Este é um momento de

grande alegria para todos nós.

Não consegui emitir uma única palavra. Eu estava em

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
choque; era uma criança ainda, brincava de bonecas e corria pelos campos. E agora, ia ficar noiva e me casar?
O sangue subiu-me à cabeça, que começou a formigar. Tudo escureceu à minha volta e teria caído se o visitante, mais próximo, não tivesse me segurado.
- O que tem, senhorita? Sente-se mal?
Foi apenas um segundo. Voltando a mim, vi a cara de desagrado de meu pai, e respondi com monossílabos:
- Não foi nada, senhor. Um mal-estar passageiro.
Estou bem.
Sentada numa poltrona, recuperava-me da notícia, vendo-os conversar.
- Então, está combinado. No próximo fim de semana, viremos para a festa de noivado - dizia a visita.
- Teremos imenso prazer em recebê-los em nossa casa.
Esta união será muito importante para nossas famílias. Será um marco na história da região!
Olhei para minha mãe. Ela sorria, mas percebi que era um sorriso automático, frio. De repente, ela virou-se para mim e pude ver um ar de piedade em seu olhar, enquanto eu pensava: "E eu? Ninguém se lembrou de perguntar o que penso sobre o assunto? Se desejo me casar com o tal Guilherme, se ele me agrada verdadeiramente? Meu Deus! Sou uma criança!".
Após a saída do cavalheiro, as atenções se voltaram para mim:
- Que aconteceu, Maria Eugênia? Que mal-estar é esse que a acometeu? Portou-se de maneira ridícula perante a visita. Não percebe a importância desse casamento para sua vida? - ressaltou meu pai, indignado.
Levantei-me da poltrona, sentindo que uma tempestade se formava em meu íntimo.
- Por que o senhor, papai, não me consultou sobre esse casamento? Por que não me preparou para ouvir sua decisão? Por que não me disse nada?
Com olhar enfurecido ele me fulminou:
- Quem pensa que é, mocinha? Eu decido sobre o que é melhor para nossa família. Só tem de obedecer, nada mais. E não se atreva a discutir minhas ordens.
No auge da indignação, sentindo-me impotente diante da vontade dele, comecei a chorar.
- Isso é um absurdo, meu pai! Só tenho treze anos! O senhor não pode me obrigar a casar contra minha vontade!
- Posso e o farei. Agora chega de discussão. Virgínia, prepare a festa do noivado. Quero que tudo esteja perfeito nesse dia - ordenou ele fitando a esposa. - Todos verão a nossa força.
A união das famílias Cerqueira e Albuquerque Figueiroa determinará a união de nossas fazendas e ficaremos donos de grande parte das terras da região sul das Minas Gerais.
- Mas, papai...
- Basta! Vá para o seu quarto! - ordenou energicamente.
Sem alternativa, virei nos calcanhares e subi as escadarias engolindo as lágrimas. Ao entrar em meus aposentos, porém, desatei em choro desesperado, jogando-me no leito.
A ama, que me aguardava, cochilando num canto, acordou com o barulho e apressou-se a me ajudar.
- O que sucedeu, sinhazinha? Por que tantas lágrimas?
- Estou desesperada, Dinha. Meu pai quer obrigar-me a casar. Decidiu tudo sem falar comigo. Não aceito. Não me casarei.
- Calma, sinhazinha. Sabe que não adianta se rebelar contra as ordens do sinhô seu pai. Tente conversar com ele amanhã. Mas agora venha, vamos trocar de roupa.
Conversando tranqüila, com voz meiga e suave que me embalava desde o berço, Dinha preparou-me para dormir. Com delicadeza tirou-me a roupa pesada, colocando-me uma leve camisa de dormir. Cobriu-me com uma manta de pelo de carneiro, de que eu gostava, e ficou ao meu lado

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
cantando uma antiga canção de ninar que, desde pequena, sempre me acalmava. Aos poucos adormeci.

Sonhei que estava num lugar lindo: havia árvores, flores e um belo gramado. Uma senhora muito bem-vestida aproximou-se sorridente. Eu não sabia quem era ela; todavia, parecia-me estranhamente familiar. Trazia os cabelos castanhos presos na nuca, enquanto na testa um cacho se soltara e caía de maneira encantadora. Seus olhos eram azuis, a pele perfeita; o sorriso cativante deixava ver-lhe os dentes bonitos. Porém, não era só a sua aparência que lhe dava um ar tão fino e elegante. Havia algo mais que eu não sabia precisar, como se todo o seu corpo refletisse um brilho interior. Melhor dizendo, parecia que ela tinha uma luz interna que se lhe refletia delicadamente em todo o corpo. Impressionada, eu a vi aproximar-se. Sentamo-nos num banco e ela passou a conversar comigo como se me conhecesse de longa data.

- Minha querida, aproveita a oportunidade que se te apresenta no momento. Mantém a serenidade e não erres mais. Pelo tempo, muito tens te comprometido e é chegada a hora de agir para o bem de todos. Não guardes mágoa no coração e perdoa sempre. Mesmo o que te parecer difícil de aceitar, é para o teu bem. Ao longo do tempo, tenho estado sempre junto de ti, ajudando-te e amparando-te nas mais diversas situações. Nossos vínculos afetivos remontam a antigas encarnações. Recebeste a grande bênção de reencarnar novamente. Não falhes mais. Mantém o pensamento elevado, liga-te a Deus e tudo correrá bem.

Ao ouvi-la falar, das fibras mais profundas emergia um sentimento de amor intenso, como se estivesse diante de uma mãe. Chorei em seus braços, queixando-me do compromisso que me estava sendo imposto.

- Acalma-te, minha criança. Deus sabe o que faz. Nada acontece por acaso. Nada temas. Confia em Jesus e terás todo o amparo de que necessitas.

Erguendo-se, a senhora fez um gesto de despedida. Tentei impedi-la. Queria conversar mais. Precisava saber mais. Todavia, com terno sorriso, ela acenou-me e foi desaparecendo.

Chorei. Chorei muito. Desejava que ela permanecesse ao meu lado. Depois, nada mais vi.

NA MANHÃ SEGUINTE, despertei alegre e bem-disposta. Não me lembrava do sonho bom que tivera, mas um sentimento de paz e de confiança envolvia-me como escudo protetor. O desespero da noite anterior havia desaparecido totalmente e, no íntimo, um sentimento de suave aceitação passara a existir.

Dinha me fez a toailete, surpresa com a mudança que se operara em mim. Conversamos normalmente; eu tagarelava, como de hábito, e ela ouvia-me, aliviada.

Sentando-me para o café da manhã, mamãe também estranhou minha boa disposição. Não vi papai. Ele saíra para cuidar de seus negócios.

Saí para passear na companhia de Rita, minha companheira de infância, filha de Dinha.

Andando pelos campos, ela observava-me. Certo momento, não resistiu mais e perguntou:

- Sinhazinha, ouvi dizer que vai se casar. É verdade?

- É verdade, sim, Rita. É da vontade de meu pai e devo me submeter - respondi resignada.

Com sorriso maroto, ela indagou, espevitada:

- É o rapaz é aquele que esteve aqui na fazenda outro dia?

- Sim, Rita. Chama-se Guilherme.

- Ah! Sinhazinha Maria Eugênia! Que moço bonito e elegante. Até eu teria prazer em me casar com ele.

Olhei-a surpresa e dei uma risada.

- Mas que assanhada você é, Rita! Fica aí revirando os olhos para meu noivo.

- Não me leve a mal, Maria Eugênia. Porém esse moço faria

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
a alegria de qualquer mulher. Nunca vi um cavalheiro tão bonito.

Rimos as duas e continuamos conversando até chegarmos ao riacho. Lá, tiramos os sapatos e meias e enfiamos os pés na água límpida que corria sem parar.

Brincamos um pouco. Depois percebemos que, de repente, o céu ficara coberto de nuvens pesadas e nos apressamos a regressar. Bem a tempo. Grossos pingos começaram a cair e corremos pelo gramado, rindo e achando tudo muito divertido. Assim que entramos no casarão, a chuva desabou pesada.

Corri para meus aposentos. Dinha, que me esperava, falou:

- Por pouco não foram surpreendidas pela tempestade.

Venha, vamos trocar essa roupa e secar os cabelos.

- Foram só alguns pingos, Dinha, não tem importância.

- Mas você pode ficar doente, menina, e o sinhô Figueiroa não vai gostar.

Dei de ombros. Estava contente e ninguém iria estragar a minha satisfação. Havia muito tempo não tinha o prazer de sentir os pingos da chuva em meu corpo, como hoje.

Tudo ficou escuro e os escravos tiveram de acender velas e lampiões, embora fosse hora do almoço.

Sentamo-nos à mesa debaixo de raios e trovões. O aguaceiro caía lá fora, mas eu estava feliz. Até fazer a refeição do meio-dia sob a luz de velas me divertiu. Meus pais se olhavam, intrigados, mas permaneceram calados.

Comemos em silêncio; papai não gostava de conversas à mesa. Dizia que era falta de respeito, salvo se tivéssemos visitas, quando ele abria uma exceção.

O dia passou monótono. Enquanto a chuva caía, eu observava pela janela. Durante todo o dia o aguaceiro prosseguiu. Minhas esperanças de poder sair para o jardim não se concretizaram.

Peguei um livro e comecei a ler. Logo caí em sono profundo.

4 - O noivado

Felizmente na manhã seguinte o sol surgiu. O céu azul resplandecia e todas as plantas pareciam lavadas a capricho por um divino jardineiro. Rita e eu aproveitamos para brincar no campo, correndo entre as árvores. Os dias que se seguiram foram de grande agitação. Os preparativos para meu noivado prosseguiam em ritmo acelerado. Enquanto alguns escravos cuidavam da limpeza do casarão, outros cuidavam dos pratos que seriam servidos aos convidados. Temperavam-se carnes de boi, de porco e de carneiro, além de aves como peru e faisão, todas eram submetidas a cozimento e depois acondicionadas em barris, mergulhadas na própria banha, para conservação. Posteriormente, seriam levadas ao braseiro ou ao forno de lenha para assar. Tudo o que poderia ser preparado com alguma antecedência, como tortas doces, frutas cristalizadas e em compotas, bolos e pudins, era armazenado aos poucos. Além de docinhos, balas e guloseimas que tanto agradavam a todos, crianças e adultos.

As modistas, trazidas da cidade, confeccionavam os trajes que seriam usados na festa. Para tanto, meu pai tinha comprado os mais finos tecidos, e elas esmeravam-se nas nossas roupas, especialmente as que executavam os bordados em meu vestido e no de minha mãe. Passavam os dias de olhos postos nos tecidos, trabalhando sem cessar, para terminar a tempo.

E com toda essa agitação, passei a me sentir uma pessoa importante. Os olhares se voltavam para mim, agora com admiração e respeito, e meu peito se inflava de orgulho e vaidade.

Eu era a noiva! Sentia-me com direito a tudo, uma vez que

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
todas aquelas coisas estavam acontecendo por minha causa. Era para mim que todos trabalhavam e se esforçavam para fazer o melhor. Tinha a consideração das pessoas, o que era novidade, e toda aquela bajulação me encantou. Gostava de ver as modistas suplicarem para que eu provasse mais uma vez o traje que vestiria no dia da festa. Só faltava se ajoelharem a meus pés! E eu as deixava loucas, pois, rindo, fugia correndo pelos campos e só voltava quando bem queria. Para mim, aquilo tudo era uma brincadeira. Afinal, eu não passava de uma criança. Sábado, logo cedo, alguns hóspedes começaram a chegar com suas carruagens. Eram parentes que vinham de longe e ficariam hospedados em nossa casa. Meus avós maternos, Justina e Felício Carneiro, foram os primeiros a chegar. Em seguida, tios e tias, primos e primas. Confesso que no começo gostei de tanta agitação. Cada um que chegava trazia um presente diferente. E eram todos para mim!
Com o passar das horas, comecei a ficar um pouco incomodada com tanta gente. Já não podia fazer o que desejava, tinha de dar atenção aos hóspedes, e, na verdade, eram todos quase desconhecidos. Por sorte, nossa casa era bem grande e com muitos quartos para acomodar aquela gente toda. Mamãe designara uma escrava para servir a cada família, com a tarefa de ajudar nossos hóspedes naquilo que fosse necessário, como preparar o banho, passar roupas e outros pequenos serviços. Diga-se de passagem, isso era absolutamente desnecessário, visto que cada família trouxera seus próprios escravos para serviços pessoais. Porém, quando comentei esse fato com mamãe, ela me explicou que era elegante oferecer a criadagem da casa às visitas; mostrava refinamento e delicadeza dos anfitriões com seus hóspedes. Então, entendi e aceitei, orgulhosa.
O almoço já parecia uma festa, com tanta gente reunida. Os escravos, satisfeitos com seus novos trajes, discretamente andavam de um lado para o outro servindo os convidados. Todos os parentes - muitos deles não se viam havia anos - riam e brincavam felizes por estarem juntos, lembrando o passado e contando histórias engraçadas. Eu tinha sido apresentada a todos, mas sentia dificuldade em lembrar-me de seus nomes. Afinal, era tanta gente!
Depois do almoço, os hóspedes andaram um pouco pelos jardins, ou sentaram-se nos bancos para conversar. Lá pelo meio da tarde, recolheram-se para repousar antes de se arrumarem para a noite, e respirei aliviada ao ver a casa em silêncio.
Quando anoiteceu, as carruagens começaram a chegar trazendo os demais convidados. Eram famílias de fazendeiros das imediações, autoridades e amigos de meu pai residentes na cidade próxima. Dinha ajudou-me nos preparativos. O meu traje era um vestido rosa de tafetá, longo, cheio de babados terminados em renda, com mangas bufantes curtas e decote redondo, finalizado também em renda; nos acabamentos do decote, das mangas e dos babados, delicadas guirlandas de flores bordadas. Uma larga faixa de cetim em tom de rosa mais escuro contornava a cintura, presa com um buquê de delicadas flores no mesmo tom.
Coloquei o vestido, calcei as meias, as botinas brancas e as luvas. Depois, a ama arrumou meus cabelos loiros, longos e encaracolados, ajeitando em minha cabeça uma tiara de pequenas flores, as mesmas do vestido. Para concluir, tirou de uma caixinha azul um delicado colar de ouro engastado de pérolas e os brincos correspondentes, jóias que recebi de presente dos meus pais pelo noivado. Dando por terminados os preparativos, Dinha lançou um último

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
olhar de admiração e colocou-me diante do espelho. Fiquei pasma! Não podia acreditar. Eu estava realmente linda!
- Sinhazinha será a moça mais bela da festa, pode acreditar.

Virei para ela, emocionada:

- Devo tudo a você, Dinha. Como poderei lhe agradecer?

- Nem pense nisso, sinhazinha. Sou muito feliz vivendo nesta casa e tendo o carinho de todos. Agora, vamos. A sinhã já deve estar preocupada com sua demora.

Ela abriu-me a porta do quarto e, fazendo um sinal para que eu passasse, disse-me com olhos úmidos:

- Sinhazinha, desejo que seja muito feliz.

Agradei e passei por ela, descendo as escadarias. O salão estava repleto de convidados. Ao surgir no topo da escada, atraí todos os olhares. Foi um momento de glória. Sabia que estava deslumbrante.

Logo eu o vi vindo ao meu encontro. Guilherme aproximou-se, estendendo-me a mão, na qual depositou delicado beijo, enquanto me dirigia palavras gentis. Não pude deixar de notar como estava elegante em seu terno preto, a camisa branca de babado aparecendo por baixo do colete; nos pés, belos sapatos lustrosos.

Corei de satisfação. Depois, meu pai, dando o braço à minha mãe, chamou os convidados, que fizeram um círculo à nossa volta. Achegaram-se os pais de Guilherme, senhor Cerqueira e senhora Leonora. Todos fizeram silêncio. Papai pigarreou e começou a falar:

- Senhoras e senhores! Reunimo-nos nesta noite para comemorar o noivado de minha filha Maria Eugênia e Guilherme, filho do nosso amigo Valentim Cerqueira, os quais neste momento selam um compromisso matrimonial, unindo nossas famílias. Brindemos à felicidade dos noivos! Enquanto ele falava, discretamente os criados passavam entre os convidados com bandejas, servindo os presentes.

O brinde se fez para alegria geral, e de todas as bocas se ouviram votos de felicidades aos noivos. Depois, trocamos abraços. Todos queriam cumprimentar a bela noiva e seu elegante noivo. Em seguida, foi servido o banquete aos convidados.

Após a ceia, os convidados se espalharam em grupos pelas salas, terraços e jardins da casa. Guilherme aproveitou para trocar algumas palavras comigo, sua noiva, uma vez que durante a festa não pudemos conversar, pois atendemos a todos que queriam nos cumprimentar.

- Vamos caminhar um pouco, Maria Eugênia? - convidou ele.

- Não sei se devo... - respondi reticente.

- Por que não? Agora somos oficialmente noivos e esperam que nos conheçamos - respondeu com um sorriso.

- É verdade. Então vamos.

Delicadamente, Guilherme ofereceu-me o braço e, assim, de braços dados, caminhamos para o terraço.

Eu não sabia o que dizer numa hora dessas. Era tímida, e esse era o primeiro contato que tinha com um homem, com exceção de meu pai. E Guilherme não facilitava as coisas, pois também permanecia calado.

Nesse momento, Rita passava por nós com uma bandeja de taças de vinho. Ao ver-me, parou indecisa sem saber se deveria quebrar a intimidade dos noivos, e fez menção de continuar seu trajeto.

- Rita! Sirva-nos uma bebida - pedi com um sorriso.

Enquanto ela se aproximava, expliquei a Guilherme:

- Rita é minha companheira de infância. Dinha, sua mãe, foi minha ama de leite.

Olhei para Guilherme e vi que ele a fitava de maneira diferente. Pegamos as taças e depois ela falou com voz trêmula:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Desejo-lhes felicidades.

Guilherme olhou para ela, sorriu e agradeceu. Alguma coisa aconteceu naquele momento. Rita também olhava para ele e, nessa troca de olhar, senti-me apreensiva sem saber por quê.

Olhando melhor para Rita, percebi que nunca a observara direito. Era uma bela jovem, filha de um capataz, de descendência holandesa, e de uma escrava, e a mistura lhe proporcionara traços interessantes e olhos esverdeados. Éramos quase da mesma idade, todavia Maria Rita, dois anos mais velha, desabrochava mais cedo. Seu corpo se definira melhor, cheio de curvas, enquanto o meu era o de uma menina esguia e magra, sem atrativos físicos. Naquele momento, Maria Rita usava uma blusa ousada cujo decote mostrava parte dos seios. A comparação me incomodou. Senti-me em desvantagem.

Levantei-me bruscamente e, agarrando o braço do noivo, obriguei-o a seguir-me. Disfarçadamente, notei que ele se virará, lançando um último olhar para Rita, que ficara para trás, sem entender minha reação intempestiva.

Aquele fato encheu-me de indignação. À muito custo contive a raiva, sem entender direito por que o olhar de Guilherme para Rita mexera tanto comigo.

- Parece que essa moça gosta muito de você - ele comentou, enquanto caminhávamos, quebrando o silêncio

- É apenas uma escrava. Só isso - respondi com maus modos.

- Você me disse que ela é sua companheira de infância.

- Sim, é verdade. Apenas porque é filha de Dinha, minha ama de leite. Crescemos juntas.

Nesse momento chegávamos ao salão e alguns convidados se aproximaram para nos cumprimentar. Eram amigos de Guilherme e estranhos para mim. Logo os deixei em animada conversa, afastando-me. Queria um canto mais tranquilo para pensar e descansar, mas impossível. Assim, subi as escadarias procurando a quietude do meu quarto.

Sentei-me no leito, nervosa e pensativa. "O que está acontecendo comigo? Por que a presença de Rita me fez tanto mal? Por que essa angústia, esse estranho mal-estar, essa impressão de perigo que me persegue sem razão?"

Como a respiração se fizera curta, meu peito arfava. Sempre considerara Rita como amiga, no entanto sua presença naquele momento tinha-me irritado, sentia raiva dela. Não conseguia entender.

A porta se abriu de mansinho e minha mãe colocou a cabeça para dentro do quarto. Ao ver-me, aproximou-se.

- Aconteceu alguma coisa, Maria Eugênia? Você está pálida, parece nervosa.

- Está tudo bem, mamãe.

Ela fitou-me e retrucou:

- Não. Não está tudo bem. Vi quando subi as escadarias, e a conheço o suficiente para perceber que está descontrolada. Conte-me. O que houve?

- Foi a Maria Rita. Ela portou-se muito mal, mamãe.

Provocou-me, abusando da nossa convivência.

- Rita? Sempre foi discreta e companheira, gentil e delicada. O que ela fez?

Na verdade, não tinha o que reclamar da escrava. Procurei cortar o assunto:

- O que importa isso agora, mamãe? Esqueça. Já passou.

Hoje é a festa do meu noivado e quero aproveitar cada momento. Vamos descer?

Com um sorriso, convenci minha mãe de que estava tudo bem. Levantamo-nos para deixar o quarto e, antes que o fizéssemos, pedi:

- Mamãe, peço-lhe. Não diga nada à Rita e muito menos à Dinha. Está bem? Vamos esquecer o assunto.

Satisfeita, mamãe concordou. Também não desejava um

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
problema com escravas que sempre conviveram na casa e que ela apreciava bastante.

Conversando, descemos as escadarias mergulhando no ambiente de risos, perfumes, música. Os convidados dançavam ao som de pequeno conjunto musical. Ao ver-me, meu noivo aproximou-se. Curvou-se galantemente, solicitando-me uma contradança. Tremi de medo. Era a primeira vez que iria dançar com um cavalheiro, e ainda mais diante de tanta gente.

Quando a valsa começou a tocar e ele me tomou nos braços, esqueci tudo. Gostava de dançar e senti verdadeiro prazer em rodopiar pelo salão junto com meu noivo, sentindo seu perfume, enquanto todos nos observavam com admiração e inveja.

Durante o resto da noite, dancei sem parar, algumas vezes com Guilherme, outras com meus primos ou cavalheiros que me solicitavam a dança.

A festa ia pela madrugada, quando os convidados começaram a se retirar. Aos poucos foram se despedindo, até que permaneceram apenas nossos hóspedes.

Exausta, eu não via a hora de dormir. Dinha me tirou o vestido, trocando-o por uma leve camisa de dormir, e caí no leito, mergulhando num sono repleto de sonhos alegres. Parecia-me continuar ouvindo a música, e sentia-me a rodopiar... rodopiar... rodopiar...

5 - Encarando o sofrimento

Despertei com o sol a pino. Sentia-me cansada, embora satisfeita. Aliás, todos acordaram muito tarde, com exceção do vovô Felício e da vovó Justina, que se haviam recolhido mais cedo. Eles se acomodaram para a refeição, sozinhos, fazendo jus à grande mesa repleta de guloseimas.

Passava de uma hora da tarde quando os demais começaram a despertar. Alguns, como os tios Eugênio e Felisberto, com ressaca, pelo excesso de bebidas alcoólicas; outros, sonolentos ainda, mas satisfeitos, gabando a noite memorável e a festa soberba da qual tiveram o prazer de participar.

As duas horas o almoço foi servido, para alívio de meu pai, homem sistemático e acostumado a fazer a refeição bem mais cedo, que se mostrava incomodado com o atraso.

Sentaram-se todos à mesa, conversando animadamente, trocando informações sobre as ocorrências da noite, rindo das situações engraçadas e fazendo pilhérias a respeito de tudo.

Durante a tarde, os hóspedes se prepararam para a partida. O movimento era intenso de criados descendo malas e bagagens, enquanto outros as acomodavam nas carruagens. Após tudo arrumado, deu-se início às despedidas, que foram longas e enfadonhas, com promessas solenes de regressarem dentro de seis meses para o casamento, a ser realizado no dia do meu aniversário. Permaneceriam conosco apenas os avós Justina e Felício, para uma temporada na fazenda, pois moravam longe e desejavam aproveitar a viagem.

Dentro em pouco, o casarão estava quase deserto e pude respirar aliviada. Tanto movimento, conquanto prazeroso, incomodava-me.

A vida retornou à normalidade, agora acrescida da presença constante de Guilherme. Confesso que me agradavam as visitas do noivo, a ponto de sentir-lhe a falta quando, por qualquer razão, ficava impedido de comparecer, ocasião em que ele se justificava, remetendo-me por um portador um bilhete carinhoso, acompanhado de lindo ramallete ou de um mimo qualquer, desses que as mulheres adoram. Eu recebia, agradecia a gentileza, mas ficava triste. A presença de Guilherme cada vez mais se tornava importante e necessária para mim. Guardava seus bilhetes, relendo-os

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
vezes sem conta, julgando perceber em suas palavras gentis o afeto que me dedicava.

Quando estávamos juntos, no entanto, ele me parecia frio e distante. Sempre gentil e delicado, mas diferente daquele que me escrevia os bilhetes e me agradava tanto. Analisando seu comportamento, julguei que fosse comedido por timidez e que mudaria com o tempo. Como isso não aconteceu e, com o passar dos meses, ele continuasse a agir da mesma forma, me acostumei à sua maneira de ser, não dando maior atenção ao fato.

O casamento se aproximava e precisávamos ultimar os preparativos. Havia peças do meu enxoval para terminar, roupas para a festa e para a viagem de núpcias. Iríamos à Europa, onde ficaríamos por seis meses, aproveitando ao máximo a oportunidade de ficarmos a sós, sem família e sem amigos. Essa viagem era um presente de meu pai e, com grande animação, eu contava os dias e as horas para ver chegar esse momento. Após a festa, pernoitaríamos ali mesmo, em aposentos especialmente preparados para os noivos, e na manhã seguinte partiríamos para a cidade mais próxima, de lá seguindo rumo ao porto de onde sairia o navio. Eu estava eufórica! Jamais tinha viajado e a oportunidade de conhecer Lisboa, Londres, Paris, e tantos lugares mais, encantava-me.

ALGUNS DIAS ANTES do casamento, eu aguardava a chegada de Guilherme. Ao vê-lo apontar na curva da estrada, montado em seu belo cavalo Tufão, corri a seu encontro. Ele apeou, e joguei-me em seus braços. Alegre e vivaz, exclamei:

- Demorou tanto! Pensei que não viesse mais hoje!
- Pois quase não pude vir mesmo, Maria Eugênia. Os preparativos para o casamento tomam-me tempo precioso. Além disso, há os negócios, que não podem ser deixados de lado.

Você não ignora que, após nosso retorno da viagem de núpcias, papai me entregará a administração de nossos bens. Não posso decepcioná-lo!

- Tem toda razão, Guilherme. O importante é que veio... Com expressão grave, em que notei traços de impaciência, ele me interrompeu:

- Por pouco tempo. Devo ir ainda hoje à cidade, onde me aguardam providências urgentes.

- Não tem importância. Aproveitemos os momentos possíveis. Venha, vamos passear-concordeij, engolindo a frustração e abrindo um sorriso, sem desejar aborrecê-lo.

Caminhando de braços dados por entre as árvores, conversamos sobre amenidades, acompanhados pelo cavalo. Logo Odete veio nos avisar que mamãe nos aguardava com refrescos e biscoitos. Dirigimo-nos para o terraço, onde ela e meus avós nos esperavam risonhos.

- Venham, meus filhos. Está quente hoje. Bebam este refresco - convidou mamãe.

Realmente, estávamos sedentos. Acomodamo-nos em torno da mesa e passamos algum tempo conversando com mamãe, sempre estimulante, e com os avós Felício e Justina, simpáticos e agradáveis, especialmente meu avô que, com a experiência proporcionada pela idade, gostava de contar passagens interessantes da sua vida, prendendo a atenção de todos.

Percebi Guilherme desatento e ansioso. Logo, ele se levantou, desculpando-se:

- Lamento deixar a companhia de tão gentis damas e do senhor Felício; no entanto, preciso retirar-me. Não faltarão outras oportunidades.

- Se deve ir, Guilherme, nós compreendemos perfeitamente - concordou minha mãe.

Meu noivo despediu-se de nós e partiu a galope.

Após Guilherme ter desaparecido na curva da estrada, experimentei certo mal-estar. Insatisfação íntima apertava-

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

me o peito, sem que pudesse saber a razão. Pedi licença à mamãe e aos avós e afastei-me, buscando meus aposentos. Dentro do quarto, porém, o mal-estar piorou. Julguei que fosse o calor. Como a temperatura estivesse realmente muito elevada, incomum àquela época do ano, e nada tendo para fazer a tarde toda, resolvi ir banhar-me no riacho.

Procurei Rita para acompanhar-me, mas não a encontrei. Dinha não soube me dizer o paradeiro da filha.

- Sabe como é, sinhazinha, Rita tem o costume de se embrenhar no mato e só aparece quando quer. Deseja alguma coisa?

- Não, Dinha. Apenas queria convidar Rita para ir até o riacho, mas não tem importância.

- Eu vou, sinhazinha - respondeu a ama, tirando o avental.

- Não, Dinha. Você está ocupada. Não se preocupe. Irei sozinha. E perto e não tem perigo.

- Se o sinhô ficar sabendo vai se zangar.

- Meu pai não precisa saber, Dinha. Aliás, ninguém precisa saber.

Mais conformada, a escrava concordou:

- Está bem, sinhazinha, mas tome cuidado.

Peguei uma sombrinha e, como criança a fazer uma travessura, caminhei pelo campo até chegar perto do riacho que, bem à frente, descia e aumentava de volume, sendo usado no engenho para a fabricação de açúcar. Certa ocasião, Rita e eu descobrimos que, seguindo pela margem, pouco adiante existia um local bastante aprazível. Numa depressão do terreno, algo rochoso, o riacho alargava-se formando uma verdadeira piscina de águas puras e cristalinas. Em torno, a vegetação cobria-se de exuberantes folhagens e lindas flores que escapavam por entre as grandes pedras. Discreto e longe de olhares curiosos, era ali que costumávamos nos banhar.

Aproximei-me do lugar, eufórica. Já antegozava o prazer de sentir a água fresca em meu corpo, quando ouvi vozes abafadas. Estranhei. Ninguém vinha por estas bandas. Os escravos não tinham liberdade de andar por aqui e estranhos não ultrapassavam as cercas da fazenda.

Curiosa, caminhei com cuidado procurando não fazer ruído algum.

Depois de andar alguns passos, as vozes aumentaram gradativamente tornando-se mais audíveis. Ao chegar perto, escondida pela vegetação ribeirinha, afastei algumas folhas e espiei. Fiquei pasma! O sangue subiu-me à cabeça e pensei que fosse desmaiar; precisei de todas as minhas forças para ficar firme no meu esconderijo.

Ali, juntos, estavam Rita e Guilherme, meu noivo.

Abraçados, mostravam bastante intimidade. Ele a beijava na boca, com paixão, de um jeito que a mim, sua noiva, jamais beijara. Fiquei parada, estática, incapaz de acreditar em tamanha descaramento.

Naquele momento, a escrava mostrava ciúmes, preocupada com o casamento de Guilherme comigo. E ele, com expressão amorosa a tranquilizava, afirmando:

- Rita, minha adorada, nada mudará entre nós. Acredite em mim! Ao contrário, tudo será mais fácil. Meu sogro me convenceu a residir aqui, na fazenda, após a viagem. Assim, poderemos nos ver com mais frequência.

- Mas você me disse que, após o retorno, deverá administrar a sua fazenda!

- É verdade. No entanto, posso fazê-lo daqui mesmo, indo até lá todos os dias. Não percebe, minha flor, que isso facilitará nossos encontros? Terei sempre uma desculpa para ausentar-me.

Embora mais serena e aceitando seus argumentos, Rita ainda voltou a perguntar:

- Jura que não a ama, Guilherme? Maria Eugênia é mais

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
bonita do que eu, rica, culta. Sou apenas uma escrava que não tem direito a nada.

Abraçando-a e beijando-a com loucura, ele retrucou:
- Não, não! Para mim, só você conta, minha flor. Vou casar-me com ela porque foi um acordo entre nossas famílias. Só isso. Foi uma escolha de meus pais, pura conveniência. O amor é outra coisa. Eu escolho a mulher que quero amar! - afirmou, frisando bem as palavras, e depois prosseguiu. - Além disso, Maria Eugênia é tão insignificante, tão sem interesse... ela é apenas uma criança, Rita. Você é a mulher da minha vida, meu amor.

Não suportando mais tamanha humilhação, ouvindo aquelas palavras que tanto mal me faziam, caí em pranto, tapando a boca para não gritar, sofrendo em silêncio. Jurei a mim mesma que eles me pagariam pela afronta. Eu me vingaria deles, custasse o que custasse.

Voltando à realidade, lembrei-me de onde estava. Temia que me descobrissem ali, o que aumentaria ainda mais a humilhação. Escutara o suficiente. Então, enxuguei os olhos e procurei afastar-me antes que dessem pela minha presença. Depois, comecei a correr pelo campo enquanto lágrimas amargas voltavam a banhar-me o rosto. Não sabia para onde ir. Não queria que alguém me visse naquele estado. Diante de tudo o que vira e ouvira, precisava pensar, refletir. De repente, lembrei-me do caramanchão de rosas que existia no fundo do jardim e onde costumava ler à sombra refrescante e perfumada das flores. Encaminhei-me para lá atravessando o campo às pressas, sem notar o sol ardente que me fazia transpirar, apesar da proteção da sombrinha.

No caramanchão, suada e exausta, deixei-me cair no banco e chorei. Chorei como nunca tinha chorado em toda a minha vida. Esta era a primeira grande dor da minha existência, a primeira grande decepção. Aos poucos, sob o frescor das flores, fui me acalmando, a respiração voltando ao normal. Meus olhos secaram, permanecendo fixos num ponto qualquer. Com a cabeça recostada no banco, eu pensava.

"O que fazer? O que fazer?... Promover um escândalo, acabar com o compromisso matrimonial? Reunir as famílias e contar para todos o que estava acontecendo debaixo do meu nariz? Não, mil vezes não! Não suportaria ver os olhares de piedade estampados no rosto de todos. Ninguém iria rir à minha custa."

Naquelas poucas horas, amadureci, tornei-me mulher. O sofrimento, o desprezo do ser amado, a humilhação pela qual passei me fizeram crescer, tornar-me adulta, com sentimentos que jamais teria experimentado como criança.

Não tinha mais treze anos. Sentia-me velha e sofrida. Pensei durante um bom tempo até que cheguei a uma decisão. Sim, eles teriam de pagar pelo que me fizeram. Assim, o melhor seria agir de modo que ninguém notasse que algo havia mudado. Prosseguiria com os preparativos para o casamento, depois viajaríamos. Não abriria mão de minha viagem à Europa. Enquanto isso, eu teria tempo para pensar e descobrir a melhor maneira de executar minha vingança.

Satisfeita com essa decisão, levantei-me do banco, refazendo-me. Tirei do rosto os vestígios de lágrimas, ajeitei os cabelos e a roupa; depois, respirando fundo, caminhei para casa.

Todos estavam à minha procura, preocupados: mamãe, meus avós, Dinha, Rita e outras serviçais. Ao vê-los, coloquei um sorriso no rosto, mostrando tranquilidade:

- O que está acontecendo?

- Louvado seja Deus! Enfim, está de volta. Você desapareceu, minha filha! Onde estava? - perguntou minha mãe, aflita.

- Saí para passear um pouco! O que há de estranho nisso a ponto de causar tamanho alvoroço?

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Dinha, limpando as mãos no avental, explicou:
- Talvez a confusão tenha partido de mim, sinhazinha.
Disse-me que iria para os lados do riacho...
Relanceei os olhos para todos, observando especialmente Rita, pra ver sua reação. Seu rosto estava pálido de susto.
- É isso mesmo. Disse a Dinha que iria me banhar no riacho. O que há de mal nisso?
- Mas... mas... você foi? - gaguejou Rita.
Percebi que ela estava com medo, apavorada mesmo. Senti verdadeiro prazer em vê-la aterrorizada. Depois, dei uma risada e expliquei:
- Não, claro que não. O sol estava tão quente que fiquei com preguiça de ir até o riacho. Procurei refúgio no caramanchão. Estava tão bom lá que deitei no banco, acabei cochilando e perdi a noção do tempo. Satisfeitos?
- Ah! Esquecemos do caramanchão! Tudo bem, mocinha. Mas, e se seu pai estivesse aqui? Teria criado o maior problema para todos nós.
- Eu sei, mamãe. Perdoe-me.
Lançando um olhar sobre meu vestido, minha avó observou:
- Você rasgou sua roupa, Maria Eugênia! Um vestido tão lindo! Como aconteceu isso, minha neta?
Olhei para a saia e, realmente, tinha um grande rasgo.
- Não havia notado, vovó. No trajeto, devo tê-lo prendido em algum arbusto.
Rita respirou aliviada. Ninguém notou sua reação, seu nervosismo, mas a mim não passou despercebido esse detalhe. E, mesmo se tivessem notado, julgariam que se sentia culpada por ter abandonado sua sinhazinha, quando seu dever era fazer-me companhia. Se tivesse acontecido algo comigo, meu pai não a perdoaria.
Após essas explicações, os ânimos se acalmaram e todos voltaram para o que estavam fazendo. Com ar cândido e tranquilo, busquei o refúgio do meu quarto com a desculpa de que precisava trocar de roupa para o jantar.
Respirei fundo. Agora eu estava no comando. Gostei da sensação de ter conseguido manter o equilíbrio de modo que ninguém percebesse meu verdadeiro estado de espírito. Mamãe teria orgulho de mim. Ela sempre dizia que as pessoas realmente educadas mantêm a postura, em qualquer situação, não mostrando os sentimentos diante de outras pessoas. Na verdade, acho que eu agira como uma experiente atriz de teatro, como aquelas dos espetáculos a que minha mãe assistira nas grandes capitais da Europa. Como era mesmo o nome? Lembrei! Ópera! Isso mesmo! A diferença é que lá, no teatro, os atores interpretavam seus papéis cantando. E eu, não.

6 - Novas responsabilidades

A partir do momento em que surpreendi Rita e Guilherme juntos, à margem do riacho, tudo mudou para mim. Tornei-me amarga, desconfiada e rancorosa. Por várias vezes notei mamãe a observar-me discretamente. Ela não dizia nada, porém mostrava o semblante pensativo, preocupado. Certo dia, eu estava sozinha no terraço, deitada numa rede, quando mamãe se aproximou. Sentou-se numa cadeira ao lado e, depois de alguns minutos, indagou-me:
- Minha filha, já experimentou seu vestido de noiva?
- Não.
Ela ficou me olhando, pensativa. Depois, voltou a perguntar:
- Por que não, Maria Eugênia?
Incomodada com a insistência, respondi irritada:
- Faltou-me vontade. Experimentarei quando quiser.
Estranhando minha reação, nada usual, visto que eu sempre fora gentil e educada, mamãe ponderou:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Filha, mas você sabe que as costureiras têm prazo para acabar o vestido. Seu casamento se aproxima e elas estão aflitas com sua resistência em provar a roupa. Procuraram-me agoniadas, afirmando que já lhe mandaram vários recados para provar o traje, mas você não atendeu a nenhum deles.

Não respondi. Diante de meu silêncio, ela aguardou alguns instantes, em seguida perguntou com voz mansa e terna:

- Minha querida, o que está acontecendo? Está muito mudada, Maria Eugênia. Não reconheço mais a filha que você sempre foi: amável, carinhosa, benquista por todos. Agora está sempre de fisionomia fechada, com expressão amarga e angustiada. Há alguma coisa que ignoro? Se algo existir, preciso saber, minha filha, para poder ajudá-la. Abra-se comigo! Sou sua mãe! Sempre nos demos bem. Éramos tão amigas e, agora, até comigo você está diferente, estranha. Fechou-se em si mesma e me conserva a distância. Por que, minha querida? Sou sua mãe e a amo acima de tudo neste mundo.

Parou de falar por alguns momentos, enxugou uma lágrima, depois sorriu suavemente, recordando o passado:

- Lembra-se de quando nos reuníamos na sala durante as tardes de inverno, aquecidas pelo fogo que crepitava na lareira? Seu pai normalmente não estava em casa, entregue às suas ocupações. Enquanto eu lhe ensinava um trabalho manual, conversávamos, rindo por qualquer coisa. Você queria saber sobre meu passado, minha infância, mocidade, meus estudos, minhas viagens. E durante horas eu lhe relatava minhas experiências. Lembro-me até hoje do seu rostinho de criança, risonho, os grandes olhos azuis brilhantes de entusiasmo, a respiração suspensa, enquanto mergulhava nas imagens que minhas recordações lhe descortinavam. Depois, tomávamos chá com biscoitos amanteigados. Ah, éramos tão felizes!

Essas palavras fizeram-me voltar ao passado. Sim, àquela época eu era muito feliz. Tinha diferenças com meu pai, mas o amor de minha mãe compensava tudo. Lembrei-me das imagens que me ficaram gravadas na tela mental, de cidades como Roma, Paris, Lisboa, pelos relatos de minha mãe. Ao lembrar-me da fase infantil, afloraram-me à memória as experiências que vivi: como corria pela fazenda e passava o dia em alegre alarido na senzala com as crianças, brincando e comendo da comida que as negras faziam; como gostava de andar pelo mato, andar a cavalo e nadar no rio com meus amigos. Ah, se minha mãe soubesse tudo o que fiz!...

Um leve sorriso aflorou-me no rosto e o semblante de minha mãe distendeu-se:

- Que bom vê-la sorrir de novo, minha filha.

Já em outro estado de espírito, afirmei mais cordata:

- Pode avisar às modistas, minha mãe, que amanhã provarei o vestido.

Ela sorriu satisfeita.

- Ótimo. Vejo que está melhor, minha querida. Mas, quando quiser se abrir comigo, falar do que a aflige, sabe que estarei à sua disposição.

- Não está acontecendo nada, mamãe. Estou bem. A aproximação do casamento deixa-me nervosa. Só isso.

- Está bem, Maria Eugênia. Quanto ao nervosismo, é normal nessa época de intensas emoções que está vivendo.

Tudo isso passará após o casamento.

Mamãe levantou-se e foi avisar as costureiras sobre minha decisão. Continuei no terraço, pensativa. Compreendia a preocupação de minha mãe, mas não poderia abrir-me nem com ela nem com ninguém. O fardo era meu e teria de carregá-lo sozinha. Se contasse a alguém, o casamento seria desfeito e não era essa minha intenção.

Respirei fundo. Precisava ter cuidado. Não poderia esquecer de manter as aparências para não levantar suspeitas. Será que

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

outras pessoas teriam notado alguma mudança em meu comportamento? Esforçar-me-ia para que tudo parecesse normal. Afinal, eu era uma noiva às vésperas do casamento e precisava aparentar felicidade.

Ao mesmo tempo, eu pensava. "Como agir? Como destruir a vida deles? Rita e Guilherme teriam de pagar por tudo o que me estavam fazendo sofrer. Agora eu não tinha mais dúvidas: a frieza dele para comigo não era timidez, era indiferença. Meu noivo não sentia nada por mim. Amava Rita, uma reles escrava. Ah!... mas eles me pagariam. Iriam sofrer como eu estava sofrendo. Que digo? Muito mais! Eles mereciam sofrer mais, porque foram desleais comigo. Hipócritas! Traidores!". A presença de Rita me fazia mal. Não suportava mais vê-la. No fundo, admitia nela certas qualidades que eu não possuía. Eu nunca havia notado o quanto ela era bela, era bonita de fazer inveja. Quando ela caminhava com seu andar naturalmente elegante e sensual, atraindo os olhares de todos os homens da fazenda. Não só deles, mas também dos hóspedes e convidados de meu pai, como eu já havia notado.

Senti um aperto no peito. Compreendia agora os sentimentos que me agitavam, torturando-me intimamente: inveja e ciúme. Inveja dos seus quinze anos e de como se desenvolvera transformando-se em uma bela moça, enquanto eu continuava tendo o corpo de uma menina; e um ciúme doentio do amor que Guilherme sentia por ela. Sim, difícil admitir, mas a realidade impunha-se sem que eu pudesse impedir. Olhar para dentro de mim mesma era extremamente doloroso, insuportável, porém não havia como evitar. Constatar esse fato levou-me a ver uma única solução: destruir, terminar com a vida daquela miserável. Sem ela por perto, tinha certeza de que Guilherme acabaria por me amar.

Mas como fazê-lo? Teria de ser de forma natural, para não despertar suspeitas. Ninguém poderia ficar sabendo. Porém, como agir sozinha? Impossível. Precisaria da ajuda de alguém, não havia alternativa.

Passando pela memória as pessoas conhecidas, desfilaram à minha frente as amigas, as criadas da casa, os empregados da fazenda, o capataz, os escravos da senzala, um por um. Nada. De repente, eu me lembrei! Como pudera me esquecer de Miguel e de Amaro, companheiros de folguedos na infância? Eram dois garotos simpáticos e brincalhões, que durante algum tempo fizeram companhia a mim e a Rita. Quando meu pai descobriu, proibiu-me de conversar com eles e ameaçou vendê-los, se eu não lhe obedecesse. Além disso, deu ordens ao capataz para que eles fossem mantidos longe da casa-grande. Lembro-me de que, durante algum tempo, senti muita falta dos garotos. Eram dedicados, leais e prontos a cumprir nossas ordens. Sempre que eu lhes pedia alguma coisa - por mais absurda que fosse -, eles cumpriam à risca, fazendo com que Rita e eu nos dobrássemos de tanto rir. Com o passar dos dias, a distância fez com que eu me esquecesse desses dois amigos de infância. Depois, vez por outra eu os reencontrava no meio dos escravos. Estavam crescidos, taludos. Especialmente Miguel, que tinha um porte altivo.

Certo dia, passeava com Rita quando os vi voltando da roça. Ao vê-los, deu-me vontade de parar e conversar um pouco. O capataz aproximou-se, pronto para intervir. Afirmar desejara apenas trocar duas palavrinhas com os escravos, e ele, a contragosto, permitiu, mantendo-se afastado, aguardando, enquanto os demais prosseguiam.

Acerquei-me mais deles e disse, iniciando a conversa:
- Miguel! Amaro! Outro dia lembrei-me das nossas brincadeiras quando crianças. Era uma época boa! Corríamos pelos campos, brincávamos de esconder...
- Foi há muito tempo, sinhazinha - respondeu Amaro,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
respeitoso.
Miguel mantinha-se calado. Resolvi estimulá-los, perguntando:
- Têm namoradas?
Miguel baixou os olhos, continuando calado. Amaro novamente foi quem respondeu:
- Eu tenho, sinhazinha. Logo estarei casado, se o sinhô Figueiroa permitir.
- Verdade? Meus parabéns, Amaro. E quem é a escolhida?
- É a Mercedes, filha da Assunta, sinhazinha.
- Você fez uma excelente escolha, Amaro. Mercedes é uma boa moça - considere.
Depois, olhei para Miguel, que permanecia calado.
- E você, Miguel, também tem um amor? - indaguei.
O escravo ergueu a cabeça lentamente, fitando-me nos olhos.
- Não, sinhazinha. Não pretendo me casar.
Havia tal tristeza em seu semblante que me comoveu.
- E por quê? - insisti.
O jovem cerrou os dentes e não respondeu. Amaro deu um tapinha nas costas dele e explicou:
- Não liga, não, sinhazinha. Ele tem um amor que não confessa nem sob chibata no tronco. Deixa pra lá.
Nisso, Roque, o capataz, aproximou-se. A conversa se estendia mais do que era conveniente. Revirando o chapéu nas mãos, considerou:
- Sinhazinha Maria Eugênia, se o patrão descobrir que ficou de prosa com os escravos, não vai gostar. Melhor não abusar...
Sabia que Roque tinha razão. Mas aquele homem me irritava profundamente; era truculento, prepotente e violento no trato com os escravos, o que eu não suportava. Sem lançar-lhe um olhar sequer, a contragosto dei meia-volta e, com leve gesto de cabeça dirigido aos dois rapazes, afastei-me, obrigando Rita a me acompanhar. Enquanto caminhávamos, eu pensava: qual seria o segredo existente na vida de Miguel? Talvez dedicasse seu amor a uma mulher casada! Dei uma sonora gargalhada, que fez Rita me olhar surpresa.
- De que está rindo, Maria Eugênia?
- Quem será a amada de Miguel? - perguntei mais para mim mesma.
- Sei não, sinhazinha. Deve ser uma das escravas.
Continuamos nosso passeio e, meia hora depois, já havia me esquecido do encontro.
Agora, a lembrança da conversa, o jeito acanhado de Miguel, aguçaram-me a curiosidade. Esforcei-me para recordar tudo o que ele tinha dito, embora fosse pouco, e alguma coisa lá no fundo ficou me incomodando. Várias vezes, o diálogo voltava-me à mente, como se algo estivesse me escapando. Depois, intrigada, entendi que não era o que ele disse, mas o que ele não disse que era importante, isto é, o que ele sentia no momento.
Sim! Tornei a ver-lhe a cabeça baixa, parecendo constrangido com a minha pergunta. Seu olhar intenso, profundo e triste voltou-me à memória. De repente, uma idéia surgiu com a força de uma enxurrada:
- Miguel estará apaixonado por mim?... Serei eu essa jovem que ele ama?
A esse pensamento, quedei-me perplexa. Isso justificaria o fato de Amaro ter afirmado que Miguel não entregaria seu segredo nem sob tortura.
Bem, se isso era verdade ou não, eu só ficaria sabendo buscando informações. Mas era uma possibilidade. Meu orgulho se revoltou contra essa idéia. Teria ele ousado levantar os olhos para a filha do patrão? Antigamente, tratava-os com bondade, brincava com as crianças, comia a comida deles na senzala. Agora, depois da traição de Maria Rita, passei a estender meu ódio por todos os escravos,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
julgando-os reles e capazes de qualquer coisa.

Mas, ao mesmo tempo, outra idéia me ocorreu. Se o que eu estava pensando era verdadeiro, então eu poderia ter chances de obter ajuda para minha vingança contra Rita. Assim, decidi que no dia seguinte daria um jeito de falar com Miguel.

POR sorte, o dia seguinte era um dia santo, consagrado à Virgem Maria, e os escravos não iam para a lavoura nem para o engenho. Após o café da manhã, nos dirigimos de carruagem para a cidade, onde assistiríamos à missa na igreja. Nem prestei atenção no sermão do padre Antônio, preocupada com meus próprios problemas. Voltamos debaixo de um sol forte e chegamos à fazenda para o almoço. O padre veio conosco. Era idoso, gordo, bonachão e estava sempre com um lenço enxugando o suor que escorria em bicas pelo rosto. Meu pai, não raro, costumava convidá-lo para almoçar em nossa casa. Fiquei contente. A presença do sacerdote era certeza de várias horas de tranquilidade, das quais eu poderia dispor sem vigilância. Tendo companhia, meu pai nem daria pela minha falta.

Assim, almoçamos num clima alegre e descontraído. Após a sobremesa, com a qual o padre se regalou, pecando pela gula, deixei-os a sós. Era costume ausentar-me nesse momento, em que eles iam tomar um cafezinho, parte reservada aos adultos. Assim, teriam longo tempo para conversar, e eu, para cuidar de meus interesses. Discretamente, peguei um livro de poesias, o chapéu e saí pela porta dos fundos. Ao ver um garoto que brincava ali perto, ordenei que desse um recado a Miguel: desejava falar com ele e o esperaria no caramanchão de rosas do jardim. Antes que o menino saísse para cumprir minha ordem, ameacei:

- Mantenha a boca fechada, moleque. Não conte para ninguém ou se arrependerá.

Arregalando os olhos, o garoto tranquilizou-me:

- Ninguém ficará sabendo, sinhazinha.

Ele se afastou correndo, e eu me encaminhei para o local escolhido. Sentei-me no banco e pus-me a aguardar, com o livro aberto. Não demorou muito, ouvi passos de alguém que se aproximava. Era Miguel.

Ele entrou no caramanchão, tenso e preocupado. A temperatura estava muito alta, e o suor porejava em sua frente; a respiração arfante mostrava que ele estava nervoso. Levantou o braço, enxugando a testa com a manga da camisa. Depois, conservou-se de pé, aguardando que me dirigisse a ele.

Estudando bem as palavras, eu disse com calma:

- Miguel, você deve ter estranhado meu convite, porém eu precisava lhe falar.

- Estou aqui, sinhazinha, à sua disposição. Porém, se pretendia dar-me alguma ordem, poderia ter dado lá mesmo, na senzala.

Enquanto ele falava, eu o observava. Era belo, ativo e tinha personalidade. Concordei.

- Tem razão, Miguel. Porém, o que quero lhe dizer não deve ser ouvido por outras pessoas.

- Pois muito bem, sinhazinha. Aqui estou. Pode falar.

Não era fácil. Pensei por alguns instantes, depois lentamente iniciei a conversa:

- Miguel, lembra-se do nosso encontro ontem à tardinha, quando retomavam da lida? Pois bem. Fiquei com muitas dúvidas na cabeça.

Ele se mexeu, incomodado.

- Que dúvidas seriam essas? Trocamos poucas palavras. Não creio que...

- Miguel, seu amigo Amaro afirmou que você ama alguém, e que é segredo muito bem guardado o nome da moça.

Constrangido, ele respondeu apertando as mãos:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Não vejo em que isso possa lhe interessar, sinhazinha Maria Eugênia.

- Mas me interessa. Muito. Gostaria de fazer algo por você. Pela amizade que existiu entre nós um dia, desejo que seja feliz. E talvez eu possa ajudá-lo. Diga-me: essa jovem é aqui da fazenda?

Ele não disse nada, mantendo a cabeça baixa.

- Pelo seu silêncio, a moça é da fazenda. Quem é ela?

Falarei com meu pai e ele permitirá que sejam felizes, consentindo no casamento.

- Não, sinhazinha, é impossível.

- Impossível? Seria ela casada, por acaso?

- Não, claro que não. Não iria me apaixonar pela mulher de outro homem, isso não.

- Ah! Estaria noiva, então?

Mostrando grande nervosismo, ele contra-atacou:

- Por que me tortura, sinhazinha? O que espera ganhar com isso?

Estava tão consternado, e me olhava de uma maneira tão intensa, que não tive dúvidas:

- Miguel, estaria apaixonado... por mim?

O escravo abriu a boca, pasmo. Tentou menear a cabeça negativamente, mas não sabia o que fazer nem o que dizer. E eu compreendi claramente, naquele momento, o seu amor por mim.

- Miguel, perdoe-me tantas perguntas. Não quero constrangê-lo, mas sinto-me mais próxima de você do que de qualquer outra pessoa. Aquelas horas que passamos juntos na infância jamais saíram da minha cabeça. E estou necessitada de um amigo, de um verdadeiro amigo. Sinto-me perdida, humilhada, e lembrei-me de você. A ninguém mais poderia abrir meu coração, que sangra. Tenho chorado muito em busca de uma saída que não encontro.

Ele prestava muita atenção nas minhas palavras. Ouvia-me preocupado, semblante cerrado, sem entender o que eu dizia.

- Mas a sinhazinha Maria Eugênia está noiva, vai casar em breve, e todos a julgam muito feliz. Ai de mim!

- Não é verdade, Miguel. Não sou feliz. Sofro muito. Fui atingida de morte aqui, no peito - respondi, levando a mão ao coração e deixando uma lágrima rolar.

Sem se conter, ele se jogou ao solo, agarrando minha mão, em desespero:

- Diga-me, sinhazinha. O que está acontecendo? Quem a faz sofrer tanto? Estou disposto a qualquer coisa para vê-la feliz.

Suspirei melancolicamente, enxugando uma lágrima com o lençinho perfumado, aparentando grande amargura e tristeza, enquanto por dentro me rejubilava. Agora tinha certeza de que ele me ajudaria na vingança. Depois, murmurei tristonha:

- Ah, meu bom Miguel! As coisas não são tão fáceis assim.

- Diga-me o motivo da sua tristeza, para que eu possa ajudá-la, sinhazinha.

- Não sei se devo falar, Miguel, abrir meu coração. E, ao mesmo tempo, sinto que posso confiar em você.

- Pode falar, sinhazinha. Jamais alguém saberá por mim o que a deixa tão angustiada.

Suspirei, como se ainda estivesse em dúvida. Depois, disse-lhe:

- Está bem, Miguel. Sei que é digno de confiança. Então, ouça-me. Todos sabem que estou noiva. O compromisso foi imposto por meus pais, que planejavam unir nossas fortunas. Assim, aceitei o noivado, não por amor a Guilherme, mas por não ter opção. Depois, os fatos foram acontecendo... Relatei a ele tudo o que tinha descoberto. A traição de Guilherme e de Rita, que sempre considerara uma amiga, a

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
mais querida, e como me sentia: traída, humilhada, e sem ter quem me desse apoio, pois meus pais não poderiam ficar sabendo.

- Por que não, sinhazinha? O sinhô Figueiroa poderia libertá-la desse compromisso que lhe foi imposto.

Sorri melancólica:

- Acredita mesmo nisso, Miguel? Numa sociedade como a nossa em que os homens têm direito a tudo e abusam dos mais fracos, acha que meu pai se escandalizaria? Não, julgaria normal o comportamento de Guilherme, envolvendo-se com uma escrava.

Ele me ouviu sem dizer uma palavra. Quando terminei, sua expressão mudara. Mostrava determinação e raiva contida.

- Tem razão, sinhazinha. O que deseja que eu faça? Sou seu escravo para sempre.

- Não sei, Miguel. Tenho refletido bastante, mas não sei o que fazer. Preciso pensar. Ajude-me a pensar, meu amigo.

Não amo Guilherme, o noivo infame, por quem iria sacrificar a minha vida inteira. Mas esse miserável, além de impor-me um compromisso que me repugna, ainda me traiu odiosamente. Também não posso continuar a considerar Rita como minha amiga, quando foi capaz de trair nossa amizade. Num primeiro momento, tive vontade de matá-la com minhas próprias mãos, tal a dor que me invadiu o peito. Mas, não posso fazer isso, embora bem que ela mereça, a traidora. Mas eles têm de pagar pela traição! Não perdoo, especialmente a ela, Rita, que sempre foi minha amiga, desde criança. Guilherme não tem tanta responsabilidade; afinal, também concordou com esse compromisso por imposição dos pais. Ele não deve me amar, como eu também não o amo, mas não tinha o direito de fazer-me passar por essa humilhação. Cuidarei dele pessoalmente, no momento propício.

Fiz uma pausa, permanecendo pensativa por alguns instantes. Depois, afirmei, como se estivesse falando comigo mesma:

- Ah! Mas confio na justiça de Deus, que nunca falha. O Senhor poderia fazer com que um acidente acontecesse - e existem tantas possibilidades! - como instrumento para fazer a amiga ingrata e infame pagar pelo que me tem feito sofrer. Ela, que come da nossa comida, que se veste com roupas boas, calçados e jóias que lhe dou de presente, que dorme na casa-grande, que goza de todas as regalias em nosso lar, diferentemente dos outros cativos que vivem na senzala... como você, por exemplo.

Percebi que, à medida que eu falava, o ódio dele aumentava gradativamente, a expressão e os olhos passaram a refletir o seu estado de alma, especialmente quando me referi à boa vida que Rita levava em oposição à dos outros escravos, que eram tratados com dureza e desumanidade. Estava lançada a idéia. Dependeria dele o prosseguimento. Se ele era inteligente, como eu julgava que fosse, teria entendido. Todavia, também comecei a perceber, na expressão daquele homem ajoelhado aos meus pés, que uma luta se processava em seu íntimo. O desejo imperioso de me defender contra os que me causavam o mal em oposição a seus valores morais, de homem digno, reto, respeitador e de paz, que jamais fora capaz de agredir alguém. Miguel sofria e se desesperava interiormente, e essa luta se refletia no seu semblante.

E eu observava tudo isso, experimentando, pela primeira vez, o orgulho do poder. Eu, que até há pouco tempo era apenas uma menina, sentia que despertava dentro de mim a satisfação de ter um homem sob meu domínio, de me sentir poderosa, atraente e amada. Sabia que venceria.

Alguns minutos depois, Miguel concordou, vencido:

- Farei o que for preciso, sinhazinha. Pode contar comigo. Coloquei a mão no ombro dele, dizendo com um sorriso:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Terá minha gratidão eterna, Miguel. Creio não ser preciso recomendar-lhe sigilo sobre tudo o que conversamos.
- Sim, sinhazinha. Meus lábios ficarão selados. Mais alguma coisa?
- Não, Miguel. Por hoje é só. Pode ir agora.
Ele se ergueu e, com leve inclinação de cabeça, deixou o caramanchão. Ao ver-me sozinha, respirei aliviada. Tinha dado os primeiros passos para a concretização da minha vingança. Tudo corria bem. Sentia-me feliz.
Todavia, no fundo, bem no fundo, um ponto de apreensão surgia, uma agulhada fina, como à aproximação de algum perigo.

7 - Cultivando o ódio

Procurei esquecer aquela agulhada que me surgia no íntimo como incômoda sensação de perigo. Tentando espairecer a mente, afastei os maus agouros, pensando apenas que conseguira um aliado para concretizar minha vingança. Retornei para casa feliz e realizada.
Sentia-me satisfeita comigo mesma. Sempre fora infantil, incapaz de tomar alguma atitude, e agora me reconhecia mais madura, inteligente, sagaz, forte, resoluta e capaz de realizar o que quisesse. Estranhava até a mudança repentina! Repassando mentalmente o diálogo com Miguel, ficava admirada de pensar em como as idéias foram fluindo, e a facilidade encontrada para expô-las. Notava a mente mais lúcida, mais clara, com maior e melhor percepção do íntimo das pessoas. Sentia-me poderosa e capaz de atingir qualquer objetivo.
Quando cheguei ao casarão, mamãe procurava por mim.
- Onde estava, minha filha? Padre Antônio quer se despedir.
- Desculpe-me, mamãe. Estava no caramanchão, entretida com a leitura de um livro e não vi o tempo passar. Vou falar com o padre - respondi apressada, abrindo meu melhor sorriso.
Encaminhando-me à sala de visitas, onde certamente estariam reunidos meu pai e o pároco, desatei o laço do chapéu e joguei-o numa cadeira, bem como o livro de poesias que em tão boa hora levara comigo. Sem me deter, ajeitei os cabelos, um pouco despenteados.
Ao ver-me, o bom padre levantou os braços com largo sorriso:
- Ah, minha filha! Não queria ir embora sem despedir-me de você.
Aproximei-me e tomei a mão estendida, beijando-a:
- Sua bênção, padre.
- Deus a abençoe, minha filha. Não se esqueça de ir à igreja, confessar e comungar. Temos muito que conversar, agora que seu casamento se aproxima.
- Irei, padre Antônio, embora não tenha pecados.
O religioso olhou-me longamente, estranhando minhas palavras, em seguida considerou:
- O orgulho já é um pecado, minha filha. Adeus.
Acompanhamos o religioso até a varanda, onde o condutor o aguardava com o coche para levá-lo de volta à cidade. Após acenos de mão, que me pareceram intermináveis, ele partiu numa nuvem de poeira.
Ao voltarmos para a sala, meu pai cobrou-me, indignado:
- Como se atreve a responder ao padre, Maria Eugênia?
- Apenas disse a verdade, senhor meu pai. Não tenho pecados, pelo menos não reconheço tê-los. Mais pecados tem o padre, que come como um porco e bebe como um gambá.
Meu pai arregalou os olhos, surpreso e horrorizado, enquanto seu rosto se cobria de púrpura.
- Como se atreve, sua fedelha? Onde está a educação que lhe

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
demos? Certamente, esse comportamento é culpa de sua mãe, que tem sido muito descuidada em ministrá-lhe as regras de etiqueta.

- Não, meu pai, a culpa é minha por não aceitar mais ser tratada como um objeto sem qualquer direito e sem voz para ser ouvida. Estou noiva, vou me casar em breve e, portanto, logo serei adulta e quero ser tratada como tal.

Saí da sala subindo as escadas, sem esperar que ele respondesse, deixando-o à beira de um ataque de nervos. Fechei-me em meus aposentos e caí deitada no leito, dando uma boa gargalhada, satisfeita com minha coragem. Meu tempo de escrava de luxo havia terminado.

Nesse preciso instante, ouvi a porta do quarto se abrir, e uma golfada de vento gelado atingiu-me.

- Quem ousa invadir meus aposentos sem permissão? - gritei, erguendo-me furiosa.

Todavia, estaquei surpresa. A porta continuava fechada.

Assustada, senti um arrepio gelado que me percorreu o corpo inteiro, da cabeça aos pés. Encolhi-me no leito, o coração a bater, apressado, sem saber o que fazer.

Nisso, leve batida soou. Sentei-me no leito, encolhida de medo, na expectativa do que iria acontecer. Logo, a cabeça conhecida de minha ama de leite assomou no vão da porta, pedindo licença para entrar. Trazia nos braços algumas peças de roupa passadas para guardar. Ao vê-la, respirei aliviada.

- Ah!... Dinha, é você? Quem estava no corredor? Quem foi que tentou entrar em meu quarto?

Os olhos da negra se arregalaram, e respondeu surpresa:

- Sinhazinha, eu não vi ninguém no corredor. Não há ninguém nesta parte da casa. Seus pais continuam na sala, lá embaixo. O que houve?

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Onde está Rita?

- Na senzala. Mande-i-a levar um recado do sinhô Figueiroa.

- Ah!...

- Trouxe algumas roupas, inclusive aquele vestido que me pediu para passar. Aqui está. Vou colocá-lo no armário.

Como eu permaneci calada, retraída, ela perguntou:

- Está passando bem, sinhazinha Maria Eugênia?

Sem parecer ter ouvido a pergunta, indaguei:

- Dinha, você acredita em alma penada?

- Que conversa é essa agora, sinhazinha?

- Acredita?

A ama sentou-se no leito estranhando a pergunta. Ante minha insistência, respondeu:

- Sinhazinha, meu povo veio de longe e trouxe suas crenças.

Acreditamos que existem entidades boas, que nos ajudam, e entidades ruins, que fazem o mal. Mas, por que quer saber?

Não costumava guardar segredos para minha ama, mas naquele momento eu sentia tanto medo que não encontrei coragem para tocar no assunto.

- Por nada. Bobagem. Quero que fique aqui comigo.

- Está com medo?

- Não. Apenas quero que me faça companhia.

Voltei a me deitar, e Dinha sentou-se perto de mim, acariciando-me os cabelos, como sempre fazia desde a minha mais tenra idade. Acabei por adormecer, cansada. Despertei quando ela veio me avisar que o jantar estava servido e meus pais me aguardavam.

Levantei-me abatida, indisposta e toda dolorida. Dinha ajeitou-me as vestes e penteou-me os cabelos. Em seguida, desci a escadaria ao encontro de meus pais. Sentamo-nos à mesa e vi que mamãe me observava; depois, comentou:

- Maria Eugênia, está pálida e parece cansada. Não descansou à tarde?

- Sim, mamãe. Dormi algumas horas. Porém, acho que tive

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
um pesadelo. Acordei indisposta e com o corpo todo dolorido.

Meu pai, que levava uma colher de sopa à boca, parou no ar.

- Deve ter sido pelo tempo que permaneceu ao sol. A temperatura está elevada e você insiste em sair de casa nas horas mais quentes do dia.

- Não creio, senhor meu pai. Levei o chapéu e a sombrinha para proteger-me dos raios solares durante o trajeto; além disso, permaneci o tempo todo no caramanchão que, aliás, estava fresco e agradável.

- Deseja me contradizer?

- Não, senhor. Apenas explicar o que aconteceu.

Virando-se para minha mãe, ele reclamou irado:

- Está vendo, minha senhora, como sua filha está mal-educada e respondona?

- Felipe, nossa filha apenas disse o que pensava - Justificouse. - Maria Eugênia é uma das moças mais bem-educadas desta região. Todavia, a refeição não é a melhor hora para discutirmos nossos problemas. Vamos comer em paz?

Meu pai calou-se e o jantar prosseguiu em silêncio. Logo depois, recolhi-me a meus aposentos. Desejava ficar só.

Após Dinha trocar-me o vestido pela camisa de dormir e escovar-me os cabelos, acomodei-me no leito.

- Deseja algo mais, sinhazinha?

- Não, Dinha. Pode ir.

- Então, tenha uma boa noite.

A ama deixou uma vela acesa na mesinha de cabeceira, e saiu do quarto com seus passos leves, fechando a porta. Sentada, tendo nas mãos um livro que recendia a bolor, à luz da vela que colocava reflexos avermelhados nas páginas, permaneci pensativa. Não conseguia ler. A cabeça, febril, trabalhava, procurando uma maneira de me vingar da amiga desleal. Passei em revista nossos hábitos, os lugares onde gostávamos de estar. De repente, lembrei-me do lago que ficava a cerca de duzentos metros da casa-grande, e um plano começou a se esboçar na minha mente. A partir do casarão, um extenso gramado se estendia, plano; depois, a certa altura, seguia-se um declive suave até a margem do lago, onde patos nadavam tranquilamente e um pequeno barco para passeios ligeiros balançava ao sabor do vento. Próximo à margem, o terreno voltava a ficar plano, e havia uma grande árvore, de sombra agradável e acolhedora; num dos galhos, forte e resistente, papai mandara instalar um balanço quando eu ainda era criança, no qual eu e Rita gostávamos de brincar.

Ali seria o local ideal. Mas qual seria o melhor momento?

Após muito refletir, concluí que a tarde seria a ocasião adequada. Da casa-grande, seria difícil alguém perceber o que estava acontecendo; nesse horário, após o almoço, todos estariam dormindo. Os escravos, trabalhando na lavoura; na senzala, localizada mais distante, nos fundos, atrás da cozinha, só permaneciam os doentes, os velhos e as

crianças, porém, de onde estavam, não se avistava o lago, que dava para o lado oposto, e também estariam recolhidos, em virtude do calor. Na casa-grande, após o almoço, as

escravas ficavam no pátio perto da cozinha preparando a próxima refeição; quem não estava envolvida com a

alimentação lavava ou passava roupas ali perto. Assim ninguém veria nada, porque a cozinha e esse pátio ficavam

localizados no fundo do casarão, do outro lado do lago.

Sim, o plano era perfeito. Resolvi que seria executado após o casamento, quando Guilherme e eu tivéssemos retornado da

lua de mel. Fiel aos meus propósitos de aproveitar todos os momentos da viagem, não desejava ter um marido tristonho e

sofredor perto de mim, e, por isso, procuraria tornar-lhe

bem agradável nosso passeio pela Europa. Também queria que

Rita sofresse as penas do inferno, imaginando-nos felizes, passeando e nos divertindo nas melhores capitais européias.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Ao voltarmos, quando os traidores estivessem satisfeitos e ansiosos, antegozando o momento do reencontro, eu colocaria em ação minha vingança. Assim, agora precisava aproveitar esses dias que me separavam do casamento para demonstrar alegria, satisfação, de modo que todos, familiares, parentes, amigos, escravos, e especialmente o noivo, vissem minha felicidade. Após tomar essa decisão, fechei o livro do qual não lera nenhuma página, apaguei a vela e deitei-me para dormir. Nesse momento, voltei a lembrar-me do fato inusitado acontecido algumas horas antes e que tanto me deixara assustada. Foi o suficiente para deixar-me apavorada, não obstante existir, num canto do aposento, uma pequena candeia de azeite que sempre permanecia acesa durante a noite, para que o aposento não ficasse completamente às escuras e, numa eventualidade, se precisasse levantar, pudesse fazê-lo com segurança. Dinha acreditava em seres do bem e do mal, assim como eu aprendera na igreja que existem anjos, arcanjos e serafins que ficam no céu, e Lúcifer, os demônios e seres diabólicos que cuidam do inferno. Meu coração começou a bater forte. Lembrei-me do que planejava fazer e enchi-me de terror. E se isso fosse verdade? E se eu fosse para o inferno? Cruz-credo! Não queria nem pensar nisso! Fiz o sinal da cruz, agarrando-me ao rosário, que deixava sempre debaixo do travesseiro para proteger-me durante a noite. Depois, pensando melhor, lembrei-me de que bastaria confessar meus pecados ao padre Antônio, que ele me concederia o perdão, aplicando-me as penitências devidas. Esse pensamento acalmou-me um pouco. Mas estava tão escuro! Tinha a impressão de que olhos horríveis me espreitavam na sombra. A candeia estava acesa, todavia a chama que bruxuleava era tão pequena que não conseguia expulsar as trevas. Acendi novamente a vela que havia apagado, mas não resolveu grande coisa. Eu sentia necessidade de muita luz. Tentei rezar, mas não consegui. Não conseguia sequer pensar. Assim, tremendo de medo, cobri a cabeça com a colcha e fiquei quieta, escondida, até que o sono chegou e adormeci.

8 - Auxílio Providencial

Após adormecer, aconteceu-me algo insólito. Senti que despertava. Sentei-me no leito com os olhos arregalados e grande sensação de pavor. O aposento estava repleto de sombras ameaçadoras, vultos horríveis que se aproximavam do leito, cercando-me.

Uma das figuras, com longa capa preta e capuz puxado à frente - o que me impedia de ver-lhe o rosto -, vociferou, furioso:

- Agora não nos escapas, miserável!

Outro, vestido com trajes antigos e que deveriam ter conhecido dias melhores, qual nobre decadente, com voz rouca afirmou categórico:

- Estás em nossas mãos, mulher maldita. Serás destruída, como fizeste com toda a minha família. Com tuas mentiras, roubaste-me tudo o que eu possuía de mais caro: o amor dos entes queridos.

Um terceiro aproximou-se gargalhando de maneira assustadora e satírica:

- Por que não dizes nada, infeliz? Tua boca, usada para caluniar e escarnecer, está cerrada de medo? Por que não levantas teu braço homicida para golpear? O que sucede contigo? Pois quê! Estás trêmula de medo! Pela primeira vez te vemos sem ação. Não é extraordinário, cavalheiros?

Com uma careta grotesca, revirou os olhos para os demais, provocando novas risadas. E outro, e mais outro, e muitos

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
mais se apresentaram, cada qual me acusando das mais terríveis ações, dos mais terríveis crimes, das mais desprezíveis atitudes.
Em pranto, com a cabeça entre as mãos, recobri a voz, gritando em supremo desespero:
- Basta! Basta! Calem-se! Tenham piedade! Não vêem como sofro?
A gritaria se fez ainda mais intensa. O sinistro bando gargalhava, divertindo-se com meu pavor.
- Piedade!? Ouvistes, companheiros? O monstro clama por piedade! - retrucou um dos mais ousados, imitando-me.
Depois, fixou-me com uma careta horrível, os olhos a saltar das órbitas, enfatizando com voz sibilante:
- Não mereces piedade, serpente venenosa. Levamos longo tempo para te encontrar. Agora estás em nossas mãos. Irás conosco e jamais te daremos paz.
Levantou o braço esquelético e, com um gesto de ataque, ordenou:
- Avante, irmãos! A hora da vingança soou. Ela não nos escapará!
Percebendo que o bando fechava o cerco, achegando-se perigosamente do leito, gritei sob terrível pavor:
- NÃO!...
Desejava evadir-me daquele local, afastar-me daqueles monstros, e coloquei todo o meu desespero e minha vontade nisso. De repente, senti como se deslizesse por entre eles em grande velocidade. Logo, vi-me correndo em pleno ar, fora do casarão, em meio à natureza. Perplexa e maravilhada, fui dominada por uma sensação deliciosa de liberdade. Olhei para trás e, como estivesse planando no ar, da casa-grande só vi o telhado. Olhei para baixo, observando a senzala, onde os escravos dormiam após um dia de trabalho estafante. Na noite escura e estrelada, tudo estava em paz e silêncio. Só se ouvia o ruído de animais e uma ou outra ave noturna. Não vi nem sombra do bando sinistro. Reconhecendo-me sozinha, tranqüilizei-me aos poucos.
Desejei sentar-me sob uma árvore para descansar, rezando mentalmente para que o bando infernal não me encontrasse. Nisso, caminhando em minha direção, vi uma figura conhecida que sempre me inspirara confiança: pai Albino, um velho escravo que, por sua nobreza de coração, tornara-se líder dos negros da fazenda. Ele era o mestre, o apoio, o confidente, o amigo, o conselheiro e o pai de todos.
Ao reconhecê-lo, respirei mais aliviada:
- Ah, pai Albino! Graças a Deus está aqui. Não imagina o perigo que passei.
O velhinho aproximou-se mais; seus passos eram lentos e apóia vá-se em uma bengala. Olhou-me doce e mansamente, colocou a mão sobre minha cabeça, afirmando:
- Estou ciente de tudo, minha filha. Acalme seu coração. Recobre seu equilíbrio. Aquelas entidades que a sinhazinha viu são antigos inimigos seus.
- Você os viu, pai Albino?
- Eu os conheço de longa data, filha.
- Ah!... Eles me acusaram de coisas horríveis, pai Albino. Como pode ser?
O ancião balançou a cabeça confirmando:
- Sim, filha, é tudo o que disseram representa a mais pura verdade.
- Como assim? Jamais conheci qualquer um deles! - retruquei, indignada.
- Nesta existência, sinhazinha. Todavia, somos seres imortais e já vivemos inúmeras outras vezes aqui na Terra. Não se recorda, mas você já fez muito mal pelo tempo, e essas criaturas agora a buscam para vingar-se. Eu estava surpresa. Sim, ao ouvir-lhes as acusações, intimamente sabia que falavam a verdade, embora não me recordasse de nada.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- E agora, meu pai? - indaguei preocupada.

O ancião fitou-me de maneira firme, conquanto doce, e considerou:

- Você deve deixar de lado todos os pensamentos negativos, todo desejo de vingança, Maria Eugênia. Somente levando uma existência reta e digna, mantendo o pensamento em Deus, a sinhazinha conseguirá vencer. Sei que se sente ferida, minha filha, porém tudo tem uma razão de ser. Você está noiva e vai se casar em breve, conforme estou sabendo. Pois bem. Esqueça o que passou e recomece uma existência de paz e entendimento.

Ao ouvir essas palavras, reagi indignada:

- Pai Albino me pede que esqueça a traição daqueles dois miseráveis, minha amiga e meu noivo? Jamais!

Naquela hora, nem por um instante estranhei que pai Albino soubesse de fatos que mais ninguém conhecia. Dialo-gávamos de forma natural e espontânea.

O ancião passou a mão pelos cabelos brancos, respirou fundo e, com expressão de profunda tristeza, aduziu:

- O que a sinhazinha considera um insulto à sua pessoa e uma traição inominável nada é considerando-se tudo o que já fez de mal a outrem. Além disso, medite e verá que não é o coração ferido pelo sentimento do amor não correspondido o que lhe dita as ações, mas o orgulho. A mágoa de quem se sente preterida, pois se considera melhor e mais importante que os demais. Assim, minha filha, procure esquecer, perdoar, e enfrentar a vida com fortaleza de ânimo. O Senhor saberá cobri-la de bênçãos. Os filhinhos que virão representam seu resgate e sua libertação. Receba esses companheiros no recesso do seu lar e construirá para você uma existência de bênçãos sem fim bem como para todos os que conviverem com a sinhazinha.

Eu estava atônita. Teria que receber aqueles monstros como filhos? Todos eles?!... - pensei.

Pai Albino, parecendo ler meu pensamento, completou:

- Apenas os três mais temerosos. E eles não são monstros, minha filha, mas irmãos de jornada que você feriu no âmago do ser. Muitos são familiares queridos que espezinhou, parentes a quem devia amor e, por ambição, roubou; amigos queridos que traiu... Ah, sinhazinha Maria Eugênia, abra seu coração e receba-os por filhos da sua alma, sangue do seu sangue, e reconquistará o amor e o respeito que sempre lhe dedicaram.

Tocada pelas palavras de pai Albino, curvei a fronte e deixei que as lágrimas rolassem, lavando-me o rosto. Branda sensação de paz me envolvia e, no mais profundo do meu ser, reconhecia que ele estava coberto de razão.

Ao ver-me mais serena e cordata, o sábio ancião abraçou-me com ternura e em seguida afirmou:

- Agora, minha filha, é tempo de retornar ao corpo físico e retomar sua existência. Venha comigo.

Conduziu-me até meu quarto e, ao nos acercarmos do leito, não contive a admiração ao ver meu corpo adormecido, enquanto eu estava fora dele. Pai Albino sorriu discretamente e explicou:

- Aquele é apenas o seu corpo de carne, minha filha, que o Pai lhe concedeu para morada e progresso do seu espírito, que é imortal. Retome, pois, sua vestimenta carnal e procure manter

no recesso da alma as informações recebidas nesta noite.

Agora precisa repousar. Que o Senhor a abençoe.

DESPERTEI COM DIA CLARO, sentindo-me em paz comigo mesma. Doce emanção de tranquilidade me bafejava a alma. Intimamente, sentia que tivera noite agitada e cheia de sonhos. Lembrava vagamente de um pesadelo no qual me via perseguida por um bando de criaturas estranhas e assustadoras.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Contudo, não experimentei qualquer sentimento de medo ao recordar-me delas. Depois, tudo tinha mudado. Estava em plena natureza, na noite sem lua, cuja branda luminosidade vinha do manto estrelado. Nesse lugar, encontrara-me com alguém que me transmitira orientações e explicara-me muitas coisas; não conseguira retê-las na memória, mas eu sabia que me fizeram um bem enorme, aquietando-me o coração.

Levantei-me. Dinha entrou no aposento para me ajudar com a toalete matinal. Notou que eu estava quieta, pensativa.

- Dormiu bem, sinhazinha? - perguntou carinhosa.

- Nem sei dizer. Apesar de sentir-me bem, estou sem vontade de me levantar, sair do quarto, fazer a refeição...

- Não se preocupe, minha princesa. Descanse. Trarei uma bandeja com frutas, leite e biscoitos.

Aceitei, agradecida. Não demorou quinze minutos e a ama retornou com uma bandeja repleta de coisas que sabia serem do meu agrado. Sentei-me na poltrona, porém estava sem apetite. Tomei apenas uma xícara de leite com café, duas bolachas, e foi só.

Retornei para o leito e mergulhei no sono. Acordei com a entrada da ama que vinha preparar-me para o almoço. Agora mais fortalecida, desci para o encontro com meus pais. Felizmente, para mim, meu pai se encontrava ausente. Não viria almoçar. Assim, mamãe e eu fizemos uma excelente refeição. Conversamos bastante e, a certa altura, ela indagou:

- Dormiu bem, Maria Eugênia? Noto que hoje você está pensativa, diferente.

Limpando delicadamente a boca com o guardanapo de linho, respondi:

- É verdade, mamãe. Tive sonhos estranhos esta noite, e acordei sentindo-me bem, embora um tanto cansada. Agora estou ótima.

- Então, aproveite o dia para fazer um passeio, que tanto lhe agrada. O ar livre lhe dará mais disposição.

Após o almoço, nos dirigimos para a varanda, local fresco e agradável, onde gostávamos de ficar a essa hora do dia. Notei que mamãe me observava vez por outra discretamente.

Afinal, não se conteve:

- Não quer relatar-me seus sonhos? Talvez eu possa ajudá-la, minha filha.

Entre mamãe e mim não havia segredos. Pelo menos, até há pouco tempo. Só não lhe contara o problema com Rita e meu noivo.

- A senhora tem razão, mamãe. Porém, não me recordo direito. Sei que um deles foi muito ruim, verdadeiro pesadelo, e que fui obrigada a fugir de monstros que me perseguiram. Depois, não sei como, tudo mudou. De repente, estava ao relento e, na noite escura, encontrei alguém que me ajudou, aconselhando-me e acalmando-me. E isso.

- E quem é essa pessoa?

- Ignoro, mamãe. Quando penso nele - era um homem -, sinto que o conheço, mas, por mais que tente, não consigo lembrar-me de quem se trata.

- Interessante. Aliás, sonhos são sempre fascinantes. Sabe, Maria Eugênia, conheço alguém que poderia ajudá-la a decifrar esses mistérios.

- Quem? - indaguei curiosa.

- Pai Albino! E de uma sabedoria extraordinária. Tem um coração bondoso e é muito ponderado. Aliás, confesso que eu mesma já recorri a ele em várias oportunidades. Sempre tem a resposta certa para nossos problemas.

- Pai Albino! Gostei da idéia, mamãe. Vou procurá-lo agora mesmo.

- Faça isso, minha filha. Creio que não se arrependerá. Quer que chame a Ritinha para lhe fazer companhia?

- Não, mamãe. Agradeço-lhe, mas prefiro ir sozinha.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Levantei-me, entrei na sala, apanhei a sombrinha, que costumava deixar dependurada no cabide, e saí para o jardim caminhando sem pressa. Dirigindo-me para o fundo da casa, contornei o prédio e encontrei Rita, que estendia algumas roupas no varal. Ao me ver, ela veio a meu encontro.

- Vai passear, Maria Eugênia? Estava ajudando minha mãe a estender algumas peças de roupas. Deixe-me avisá-la e irei com você.

Com gesto brusco, eu a impedi:

- Não, Rita. Irei sozinha. Vou somente até a senzala. Não preciso de companhia.

Ela estranhou-me a reação, mas não disse nada. Prossegui no meu caminho e logo estava perto do grande barracão que abrigava os escravos da fazenda. Alguns moleques brincavam no pátio.

- Pedrinho, sabe onde está pai Albino?

- Sim, sinhazinha Maria Eugênia.

- Pois diga a ele que tenho urgência em falar-lhe.

O menino entrou como um raio na senzala e voltou dizendo:

- Sinhazinha, pai Albino já vem.

Não demorou nada, e o vi saindo pela porta. Na boca trazia o cachimbo e apoiava-se na bengala, como sempre.

- Sinhazinha Maria Eugênia! Deseja falar comigo? Estou ao seu inteiro dispor.

- Sim, pai Albino.

- Pois então, vamos nos sentar à sombra daquela árvore ali adiante. Mas não tem banco, sinhazinha - justificou-se ele.

- Não tem importância, pai Albino. Sentaremos em suas raízes, que são tão fortes e hospitaleiras.

Caminhamos alguns passos e nos acomodamos nas acolhedoras raízes. Sobre nossa cabeça, o canto das aves no arvoredo se fazia ouvir como sinfonia da natureza. Pai Albino contemplava o céu, as copas das árvores, os pássaros e os pequenos animais que se escondiam entre as folhas.

- Então, sinhazinha quer conversar com o velho. Pois pode falar, minha filha. Estou ouvindo.

Limpei a garganta, ajeitei-me o melhor que pude, pensando em como começar a falar.

- Tem relação com algum sonho, sinhazinha? - sugeriu, com os olhos fitando o horizonte que se descortinava ao longe.

- Como adivinhou, pai Albino? - perguntei intrigada.

- Não adivinhei não, sinhazinha Maria Eugênia. É que a maioria das pessoas que me procuram é por essa razão - respondeu, dando uma risadinha.

- Ah! Pois bem. É por causa de um sonho, sim - exclamei aliviada. Contei ao ancião o que me lembrava do sonho, relatando que me vira perseguida por uma multidão de seres maléficos que desejavam destruir-me. Ele deu mais algumas baforadas e continuou calado. Julguei até que não me tivesse escutado. Depois, perguntou:

- Foi só isso?

- Não, pai Albino. Depois, surgiu uma pessoa bondosa que falou comigo e me fez sentir protegida, segura.

- Lembra-se do que lhe disse essa pessoa?

- Não, pai Albino. Tento recordar, mas não consigo. Sei que era muito importante tudo o que ele me disse.

O ancião balançou a cabeça afirmativamente:

- É verdade. Pena que a sinhazinha não se lembre.

Todavia, o que acontece conosco fica guardado aqui e aqui - disse, mostrando a cabeça e o coração.

- Sim, pai Albino. Tanto é verdade que despertei hoje me sentindo outra pessoa, melhor e mais tranqüila.

O idoso virou-se em minha direção, fitando-me com gravidade:

- Então, é sinal que a sinhazinha deve fazer tudo para manter esse estado de espírito, não se deixando envolver

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
novamente por pensamentos negativos.

- Como assim, pai Albino?

Sem pressa, ele prosseguiu:

- Certamente a sinhazinha Maria Eugênia não sabe do que é mais importante: que todas essas coisas aconteceram realmente.

- Aconteceram como? Que coisas?

- Sinhazinha Maria Eugênia, quando o corpo adormece, a alma fica livre para cuidar de seus interesses.

Arregalei os olhos, pasma.

- O senhor quer dizer que realmente me encontrei com aqueles seres demoníacos? Que eles existem de fato?

- Sim, minha filha. Essa é a realidade.

- Não posso crer. Então as almas penadas estão aí, por todo lado, como já ouvi dizer?

- Sem dúvida. São irmãos nossos que já viveram aqui na Terra e agora estão no Além, em outro mundo.

- Meu Deus! Valha-me, Nosso Senhor Jesus Cristo! Então, estou perdida! - exclamei apavorada, fazendo o sinal da cruz.

Com a mesma serenidade, sem se deixar envolver pelo meu desespero, ele ponderou:

- Sinhazinha se lembra de que também foi ajudada por alguém, não é?

- É verdade, pai Albino.

- Então, para que esse desespero? As forças do bem são superiores às forças do mal. Não se esqueça do auxílio recebido nem o deprecie. Pode ter certeza, sinhazinha, de que seres

benfazejos a envolvem para que faça o melhor nesta vida e a protegem na travessia das provações.

Ele falava com tanta brandura e serenidade, que minha respiração foi se acalmando até que voltei ao normal.

Aquelas informações, porém, iriam mudar minha vida. Mais tranqüila, perguntei num fio de voz:

- Como sabe de tudo isso, pai Albino?

Com o olhar perdido ao longe, ele respondeu:

- Ah, minha filha, pai Albino já viveu muito, já sofreu demais e já viu muita coisa. Aprendi bastante com esses seres que habitam o outro mundo.

Ao ouvi-lo, senti um arrepio de medo percorrer-me todo o corpo, dos pés à cabeça. Incapaz de permanecer ali por mais tempo, levantei-me apressada.

- Preciso ir, pai Albino. Agradeço-lhe por me ouvir e pela ajuda que me deu. Obrigada.

O escravo abriu um sorriso, entendendo a situação. Depois, alertou-me:

- Sinhazinha, evite tomar qualquer atitude contra alguém, para não vir a sofrer no futuro. Lembre-se de que o perdão das ofensas é ensinamento divino deixado por Jesus de Nazaré. Procure não errar novamente. Curve-se ante a vontade do Senhor e será feliz.

Afastei-me ainda ouvindo essas palavras que, como uma profecia, marcariam meus dias e noites. Quase a correr, retornei para a casa-grande. Subi para o meu quarto e fiquei encolhida no leito.

Que coisa estranha e surpreendente. Tudo o que me dissera pai Albino era aterrorizante, porém suas palavras de despedida deixaram-me ainda mais impressionada. Ele sabia!

Ele sabia de tudo! Caso contrário, por que me teria alertado para perdoar, não fazendo mal a ninguém?

Mas, como ficara sabendo? Ninguém conhecia meus planos!

Teria Miguel aberto a boca? Teria contado o que con-

versamos a pai Albino?

Precisava verificar isso com urgência. Assim que pudesse iria conversar com Miguel.

Ouvi ligeira batida na porta. Com certeza era minha mãe que, ouvindo-me chegar, vinha saber do resultado do encontro com pai Albino.

Fechei os olhos e fingi estar dormindo. Mamãe entrou,

aproximou-se da cama e, ao ver-me adormecida, estendeu

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
uma manta sobre meus pés e saiu de mansinho, sem fazer ruído.

9 - Na véspera do casamento

Por alguns dias permaneci pensativa e preocupada. Contudo, a proximidade da data do casamento fez com que me ligasse em coisas mais agradáveis.

Quando mamãe perguntou-me como fora o encontro com pai Albino, disse-lhe que tinha sido bom e que ele me tranqüilizara afirmando que era apenas um sonho sem maiores conseqüências. Ela mostrou-se um tanto decepcionada, mas acabou por esquecer o assunto. O burburinho na casa era grande; o movimento, intenso. As escravas corriam com os preparativos.

Na véspera, encontrei Ritinha chorando.

- O que houve, Rita? - perguntei.

- Nada, Maria Eugênia. É a emoção do seu casamento que me faz ficar assim. Afinal, sempre fomos amigas e a partir de agora tudo vai mudar. Você terá outros interesses, os cuidados com o esposo e, mais tarde, com os filhos... Nada mais será como antes.

Sorri da sua ingênua preocupação, fingindo que acreditava.

- Não se aflija, Ritinha. Que bobagem! A vida tem seus caminhos e devemos segui-los. Pode acreditar, estaremos sempre juntas, aconteça o que acontecer.

A jovem escrava enxugou as lágrimas, considerando:

- Será? Maria Eugênia, noto que desde algum tempo você se afastou de mim.

Fitei-a investigativamente, tentando adivinhar o que haveria no fundo de seus olhos.

- E existe algum motivo para isso? - indaguei lentamente. Desconcertada, talvez achando que tinha falado demais, ela negou:

- Não. Claro que não. Nada aconteceu, não é?

- Bem. Então, se nada aconteceu, tudo não passa de imaginação da sua cabeça - completei.

- É. Deve ser. Deve ser - concordou com um sorriso pálido.

Afastei-me, alegando urgência em cuidar de alguns detalhes do casamento. No fundo, estava feliz e eufórica. Rita percebia que algo havia mudado entre nós e devia estar preocupada, uma vez que trazia a culpa dentro de si. Cantarolando, fui até a cozinha, onde as cozinheiras se esmeravam em preparar os quitutes que seriam servidos na festa. Tudo o mais estava pronto.

Mais tarde, após o almoço, meu noivo apareceu. Fui ao seu encontro, com o melhor dos meus sorrisos. Ele tomou minha mão, na qual deu um beijo ligeiro.

- Está radiante hoje, Maria Eugênia.

- Pois não deveria estar, Guilherme? É véspera do nosso casamento, data tão esperada por todos. Mamãe não se agüenta de tanta ansiedade!

- É natural. Afinal, você é sua filha única! - ponderou.

Eu o conduzi para a sala, onde inúmeros convidados se entretinham a conversar. Parentes de longe haviam chegado e o casarão estava cheio de gente circulando por todos os lados.

Com elegância, meu noivo aproximou-se e cumprimentou a todos os hóspedes. Apresentei-o àqueles que ainda lhe eram desconhecidos, e deixei-o entregue às visitas, alegando urgência em ver alguns detalhes.

Meia hora depois, Guilherme foi me procurar. Eu estava na varanda verificando a colocação de vasos de flores, como mamãe ordenara.

- Estava à sua procura, Maria Eugênia - ele disse, meio contrariado.

- Sim? Como vê, cuidava dos últimos detalhes da festa.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Podemos conversar um pouco?

- Claro, querido. Tem alguma preferência de local?

- Desejo um lugar sossegado onde não sejamos interrompidos a todo instante - respondeu, um tanto impaciente com o movimento da casa.

- Entendi. Realmente, a confusão hoje é grande. Pois muito bem. Sugiro o caramanchão de rosas no fundo do jardim. É um local tranqüilo e agradável a esta hora do dia. E lá, certamente, não seremos interrompidos.

De braços dados caminhamos até o local. Percebi que Guilherme estava tenso e que suas mãos tremiam ligeiramente, embora procurasse demonstrar serenidade. Entramos no caramanchão e um agradável odor de rosas atingiu-me o olfato.

- Ah, como gosto deste lugar! É tão agradável! Sente-se, querido.

- Você tem razão. É um lugar perfeito para pensar, refletir. Essas palavras deixaram-me em alerta. Se meu noivo estava precisando pensar e refletir, era sinal de que algo não ia bem.

- Querido, o que deseja conversar comigo? Se é sobre as passagens, estão em meu poder há uma semana.

- Não, não é sobre isso.

- Pois então, pode falar. Meu tempo é curto. Sabe que tenho uma infinidade de coisas para ver hoje.

Guilherme levantou-se do banco, pondo-se a andar de um lado para o outro, sem dizer nada.

- Você está me deixando tonta, Guilherme. Fale de uma vez! Tem alguma dúvida?

Ele parou, olhou-me fixamente e perguntou à queima-roupa:

- Maria Eugênia, você está feliz?

Fitei-o com os olhos arregalados. Não gostei da pergunta; não àquela altura dos acontecimentos. Coloquei meu melhor sorriso no rosto e respondi:

- Claro que estou feliz, Guilherme. Que pergunta! Justamente na véspera de nosso casamento!

- Por isso mesmo, Maria Eugênia. Tenho estranhado seu comportamento nos últimos tempos. Não quero obrigá-la a nada. Se não está contente, se não deseja se casar comigo, compreenderei perfeitamente.

Ergui-me de um salto. O maldito estava tentando livrar-se de mim. Nossa união era-lhe demasiadamente pesada a ponto de não se incomodar em romper o compromisso na véspera do casamento!

Levei a mão ao peito ofegante, tentando controlar a emoção, enquanto lágrimas de ódio umedeceram meus olhos.

- Por que me diz tal coisa, Guilherme? Por acaso não quer mais se casar comigo?

Vendo o meu estado e julgando que minha reação fosse ditada pelo amor, ele murmurou:

- Não é isso, Maria Eugênia. Preocupo-me com você. Só isso.

- Se algum dia lhe dei a impressão de não estar satisfeita, perdoe-me. E a pressão dos preparativos, tantas coisas para organizar, enxoval, roupas, festa e tudo o mais. Estou feliz, sim, meu querido. Quero passar toda a minha vida ao seu lado.

Pálido e trêmulo, Guilherme revirava o chapéu nas mãos. Afinal, sem saída, como um honrado cavalheiro, concordou:

- Então, se é isso o que você realmente deseja, tudo bem.

Julguei que, em virtude de nossa união ter sido arranjada por nossos pais, você não desejasse realmente casar-se comigo.

- Ah! Se é por isso, tranqüilize-se. Está tudo em ordem, meu querido. No começo, confesso-lhe que não desejava mesmo este casamento; porém, com o passar do tempo, aprendi a conhecê-lo e afeiçoei-me a você. Hoje, eu o amo de verdade.

Guilherme respirou profundamente, mas se manteve calado.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Aproveitei para colocar um ponto-final naquela conversa.

- Então, se está tudo esclarecido, podemos voltar?

Ele concordou com leve sinal de cabeça. Caminhamos de retorno ao casarão sem trocar uma palavra sequer. Percebi apenas que seu tremor aumentara. Entrando em casa, deixei-o integrado numa roda de animadas e alegres visitas. Intimamente, alegrava-me pela vitória. Pois sim! Se ele esperava que eu desistisse assim, na última hora, causando transtornos e cobrindo de vergonha a mim e à minha família, estava redondamente enganado. Esse homem estava irremediavelmente preso a mim, e iria sofrer as conseqüências pela dor e pela humilhação que eu estava sentindo por sua traição.

Guilherme se arrependeria amargamente por ter-me rejeitado. Uma mulher ofendida jamais esquece, pensou ela, rancorosa.

AQUELE DIA, o ÚLTIMO que passaria em minha casa na condição de solteira, transcorreu rapidamente. Ao me recolher, estava moída de cansaço.

Dinha ajudou-me nos preparativos. Não conversamos como de costume. Ela notou que eu estava calada, perdida nos próprios pensamentos, e respeitou meu silêncio.

Antes de sair, no entanto, com delicadeza disse-me:

- Sinhazinha, amanhã você estará casada. Como talvez não tenhamos oportunidade de conversar, quero desejar-lhe muitas felicidades nessa nova vida.

Parada humildemente à minha frente, a ama tinha os olhos úmidos de emoção. Fitei-a e estendi-lhe meus braços.

- Dê-me um abraço, Dinha. Necessito muito de carinho.

Agradeço-lhe por tudo o que você foi para mim desde criança: ama de leite, amiga, conselheira.

Ela apertou-me em seus braços, deixando que as lágrimas vertessem.

- Sempre serei para a sinhazinha a ama devotada que muito lhe quer, Maria Eugênia.

Agradei, e ela concluiu:

- Agora durma, minha princesa. Amanhã teremos um dia cheio e, mais do que nunca, precisará estar descansada e bela.

A cabeça de minha mãe apontou na porta. Risonha e radiante, ela entrou.

- Ainda bem que não dormiu ainda, minha filha. Queria desejar-lhe uma boa noite. Ufa! O dia hoje foi cansativo. Somente agora o último hóspede se recolheu. Então, aqui estou.

Mamãe acomodou-me no leito, ajeitou as cobertas e disse:

- Esta é a última noite que passa nesta casa como solteira...

Sorri concordando:

- Dinha disse-me a mesma coisa.

- Eu sei que sua ama também está sentindo a mudança que ocorrerá em sua existência a partir de amanhã.

- Mas, mamãe, eu vou continuar sendo a mesma e amando-as do mesmo jeito.

- Sei disso, querida. Contudo, é diferente. A partir do casamento, terá de seguir e obedecer a seu esposo. Terá uma vida nova, responsabilidades e deveres que ocuparão seus dias.

Abracei mamãe com ardor.

- Jamais me separarei da senhora, minha mãe. Continuaremos sempre unidas, como até agora.

Ela sorriu por entre lágrimas, segurando-me as mãos:

- Minha filhinha, desejo-lhe toda a felicidade do mundo. Todavia, se algo acontecer, se algum dia precisar de nós, de mim e do seu pai, esta casa sempre foi e continuará sendo sua.

- Eu sei, mamãe. Obrigada por tudo.

- Agora, repouse. Durma bem, minha querida. Tenha lindos sonhos.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Ela levantou-se do leito, diminuiu a claridade do quarto e saiu, deixando-me sozinha.
Será que mamãe desconfiava de alguma coisa? Dissera palavras estranhas, como se soubesse que eu poderia ter problemas! Bobagem. É natural que a mãe se preocupe com a filha que vai se casar.
Tentei pegar no sono, porém a cabeça fervilhava. E, quanto mais pensava, pior me sentia.
De súbito, dei-me conta de que o quarto estava cheio de pessoas estranhas, vultos assustadores, aqueles mesmos do pesadelo que tive algumas noites atrás. Um murmúrio abafado soava em meus ouvidos, como se esses vultos me acusassem de alguma coisa.
Tapei os ouvidos para não escutar. No entanto, eles continuavam desfilando à minha frente.
Acendi a vela da cabeceira e agarrei-me no rosário. Puxei as cobertas, escondendo-me debaixo delas, a tremer de medo.
Rezei como nunca na vida.
Perdi a conta das orações feitas naquela noite, até que finalmente consegui adormecer quando as primeiras tintas da aurora surgiam no horizonte.

10 - O casamento

Na manhã seguinte, despertei com o corpo todo dolorido, como se tivesse levado uma surra. Sentia-me exausta, com a sensação de não ter pregado o olho a noite toda. Vagas imagens de vultos terríficos que me povoaram a noite de pesadelos sem fim voltavam-me à memória. Não desejava levantar-me. Queria permanecer no leito, tão fraca e sem forças me sentia.
Nesse momento, um grupo alegre invadiu meus aposentos: mamãe, Dinha, vovó Justina e três primas, Luciana, Eunice e Valéria. A ama trazia uma bandeja com o café da manhã. Somente naquele instante lembrei-me do casamento. Satisfeita e bem-disposta, como sempre, mamãe afastou minhas cobertas.
- Vamos! Vamos, minha preguiçosa! Acorde! O dia vai ser movimentado. Viemos desejar-lhe bom-dia! Agora coma, porque vai precisar de forças para enfrentar este dia, que desejamos seja muito feliz.
As primas brincavam e riam, felizes. Filhas do tio Eugênio, irmão de minha mãe, as três eram lindas, mas de tipos completamente diferentes. Luciana, a mais velha, de tez clara, cabelos e olhos castanhos, a mais comedida das três, a mais séria. Eunice, a do meio, de cabelos claros e encaracolados, olhos verdes e um lindo sorriso, falava bastante e estava sempre alegre. Valéria, a mais nova, tinha a pele branca como leite, olhos acinzentados e uma esplêndida cabeleira ruiva; doce e tímida, quando ria, duas encantadoras covinhas surgiam nos cantos da boca.
- Como damas de honra, nós somos responsáveis pela toaleta da noiva - afirmou Luciana, com firmeza. Assim, hoje você está em nossas mãos!
De alguma forma, aquela onda de alegria e barulho fez-me bem. Tentei comer, mas elas falavam tanto, diziam coisas tão engraçadas, especialmente Eunice, muito espirituosa. Em virtude de suas brincadeiras, não conseguia me alimentar. Tomei apenas uma xícara de leite com café e algumas rosquinhas de nata, minhas preferidas.
Luciana, Eunice e Valéria cercaram-me o leito.
- Agora, levante-se, sua preguiçosa! Temos muito que fazer. O tempo urge. Passa da uma hora da tarde e precisamos prepará-la e embelezá-la para que esteja deslumbrante na hora do casamento.
Sem poder resistir-lhes, levantei-me cambaleante. Dinha avisou-as de que o banho estava pronto e elas me enfiaram na banheira. A água tépida e o perfume das essências

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

fizeram-me bem. Haviam colocado na água ervas aromáticas e pétalas de rosas vermelhas recém-colhidas, para relaxar. O banho pareceu retirar de mim todo o mal-estar, cansaço e fraqueza. As três deixaram-me sozinha por vinte minutos para que aproveitasse aqueles momentos de relaxamento, serenidade e prazer.

Após esse tempo, brincando e rindo, cantando e tagarelando, as três primas rodearam-me novamente. Enxugaram-me e depois elas passaram em meu corpo um creme feito de leite de cabra, de agradável aroma, para amaciar a pele. Era a última novidade na capital do império. Vestiram-me as anáguas e o espartilho. Em seguida, com cuidado, trouxeram meu vestido: um belo traje branco confeccionado com renda de Bruxelas e tafetá, tecidos que mamãe mandara buscar na Europa. Após vestir-me, pentearam-me os cabelos, levando as mechas da frente para o alto da cabeça e prendendo-as com presilhas de diamantes, deixando o resto de meus cabelos caírem pelos ombros em cachos largos. Colocaram-me brincos de brilhantes e um belo colar, também de brilhantes, herança que me fora deixada por minha avó paterna para ser entregue por ocasião do meu casamento. Calçaram-me sapatos forrados de tafetá e, em seguida, puseram-me o véu e a grinalda na cabeça. Por fim, depositaram-me nas mãos o rosário de madrepérola e um belo ramalhete de flores de laranjeira, recém-colhidas, que exalava agradável aroma.

Luciana, Eunice e Valéria também já estavam arrumadas para a festa. Espertas, entre uma tarefa e outra, elas se revezaram cuidando da própria toalete. Vestiam belos trajes de cores diferentes: Luciana de verde-água, Eunice de rosa e Valéria de azul. Estavam maravilhosas! Assim, na hora marcada, tanto eu quanto elas já estávamos prontas. Postaram-me diante de um grande espelho e prenda a respiração. Quase não consegui reconhecer-me naquela noiva encantadora. Realmente estava linda! Orgulhosa, meus olhos azuis ficaram úmidos e brilhantes de emoção.

Ao descer as escadarias, ouvi um murmúrio de admiração daqueles que ainda me esperavam. Meu pai aproximou-se, estendendo-me a mão. Parecia mais sensível, mais humano, e olhava-me com carinho.

- Está linda, minha filha. A noiva mais bela que já vi. O coche aguardava para levar-nos à cidade. Ao chegar defronte da igreja, o veículo parou e o cocheiro abriu-nos a porta. Meu pai desceu e estendeu-me a mão. Eunice, ansiosa, que aguardava na porta da igreja, aproximou-se, ajeitando-me o vestido e o longo véu.

Ao entrar na igreja, ouvi o som do órgão tocando uma música sacra. Com as damas de honra na frente, trêmula e emocionada, caminhei lentamente pela nave, apoiada no braço de meu pai. O templo religioso estava lotado. Conforme avançávamos, eu notava as pessoas elegantemente trajadas, via o faiscar das jóias e sentia os diferentes perfumes que se misturavam ao odor característico da igreja.

Padre Antônio, paramentado, aguardava-nos. Na frente, os padrinhos, os pais do noivo, mamãe e, claro, o noivo. O sacerdote deu início à cerimônia. Enquanto ele falava, algumas imagens vinham-me à mente. Alguém me dizia com imenso carinho: "Filha, detém-te! Ainda há tempo. Não erres mais".

Naquele instante, lembrei-me do sonho que tivera à noite. Uma mulher, bela e delicada, com vestes flutuantes e luminescentes, de semblante sereno e muito familiar, e que eu já vira em outra oportunidade, dizia-me as palavras que, nesse instante, acudiam-me à memória.

O padre prosseguia no sermão. Senti ligeira tontura. Aquelas palavras não saíam da minha cabeça, numa repetição contínua. Justamente nesse momento, o padre perguntou:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Guilherme de Araújo Cerqueira, é de livre vontade que aceita Maria Eugênia como sua esposa, para amá-la e respeitá-la todos os dias da sua vida, até que a morte os separe?

- Sim, padre - respondeu Guilherme, compenetrado.

- Maria Eugênia de Albuquerque Figueiroa, é de sua livre vontade...

Sentindo leve vertigem, demorei a responder. O padre repetiu a pergunta. Percebi que Guilherme tornou-se rubro, olhando-me inquieto; certamente temia passar por uma humilhação diante de todos os convidados. Olhei para o lado e notei a aflição de meus pais. Voltei a fixar o padre Antônio, que se inclinara para frente, aguardando minha resposta. Afinal, num sopro de voz, murmurei:

- Sim.

Os presentes, ansiosos e preocupados, respiraram aliviados. A cerimônia logo terminou, iniciando-se os cumprimentos aos noivos.

Retornamos todos para a fazenda, onde a festa estava preparada. As mesas, arrumadas no gramado do jardim, estavam lindamente enfeitadas com arranjos de flores. Ao nos verem chegar, os músicos começaram a tocar bela melodia.

Os alegres convidados formavam grupos, conversando e rindo animadamente. Os pratos foram-se sucedendo, servidos por escravos em trajes de gala, que transitavam entre os presentes. Horas depois, vieram os doces e o enorme bolo.

Guilherme e eu, agora casados, recebíamos os cumprimentos de todos. Caminhando por entre as mesas, encontrei minha ama. De Rita, nem sinal. Como fazia questão de ver como ela estava se sentindo, perguntei:

- Ainda não vi Rita. Onde ela está?

- Ah, Maria Eugênia, minha filha não pôde comparecer ao seu casamento. Está em seu quarto, doente - respondeu penalizada.

- Doente? E o que ela tem?

- Sente-se muito mal. Não tem conseguido se alimentar, e sofre enjôos constantes.

- Ah, que pena! Desejo-lhe melhoras - exclamei, procurando disfarçar a decepção.

"Mentirosa! Com certeza não quis apreciar o espetáculo da minha união com Guilherme. Mas ela não perde por esperar!", murmurei entre os dentes.

Na senzala, os escravos também comemoravam o casamento da sua sinhazinha. Cantavam e dançavam, comiam e bebiam, em torno de uma grande fogueira. O senhor havia liberado a bebida e eles aproveitavam para se divertir. Era um dia de festa, acontecimento raro na fazenda. No dia seguinte não iriam trabalhar; era folga para todos.

Diva percebeu que Miguel estava amuado num canto e não participava da festa. Chamado pelos amigos e pelas jovens escravas para integrar-se ao grupo, que cantava e dançava à luz da fogueira, recusara-se, alegando cansaço. Ela pegou um prato de comida, uma caneca, um jarro de barro com aguardente e dirigiu-se até onde ele estava.

A escrava era jovem, bonita e tinha uma queda por ele. Toda faceira, aproximou-se lentamente e entregou-lhe o prato e a caneca.

- Trouxe para você, Miguel. Notei que ainda não comeu nem bebeu nada esta noite. Aproveita, homem! Não é todo dia que temos fartura!

Sentou-se perto dele, mostrando intenção de fazer-lhe companhia. Incomodado e um tanto descontente, ele disse:

- Agradeço a preocupação comigo, mas não carecia tanta atenção, Diva. Você é jovem e bela, cheia de vida. Vá para junto dos outros, participe das diversões. Não serei uma boa companhia para você. Estou num dia péssimo.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Também não estou muito para festa, Miguel. Prefiro permanecer aqui ao seu lado, longe da confusão e do barulho. Isto é, se você permitir.
Não tendo como recusar, conformado, ele assentiu:
- Se é o que deseja...
Então, Miguel calou-se, não insistindo, sem sequer endereçar-lhe um olhar. Enquanto os escravos cantavam ao som dos atabaques, sua mente foi ficando nublada pelos vapores da bebida. Em certo momento, ele começou a resmungar, já sem saber direito o que dizia:
- Ela vai para longe... nos braços dele.
O que disse, Miguel? - indagou Diva, interessada.
- Nada... Nada. - e, depois de alguns minutos, prosseguiu: - Tudo vai mudar. Ah, se vai. Na volta tudo será diferente. A esperta mocinha, apesar de ficar de ouvidos atentos, não conseguia entender direito o que ele dizia, mas sabia que tinha a ver com Maria Eugênia e Guilherme. Ele prosseguia com voz enrolada:
- Vou acabar com aquela miserável. Traição não se perdoa. Não se perdoa...
Diva tentou fazê-lo falar mais:
- O que diz, Miguel? Com quem vai acabar?
Ele a fitou, colocando o dedo na boca, a pedir silêncio com voz empastada:
- Psssiuu!... Isso é segredo. Ninguém pode saber.
- Concorde com você. Traição não merece perdão. Mas, quem o traiu? A sinhazinha? - falou ela em voz baixa, imitando-o, enquanto enchia-lhe novamente a caneca vazia. Com olhos embaçados pela bebida, ele tentou responder:
- Não... Ela não... Ela é um anjo...
Nesse momento, com um resto de lucidez, temendo falar demais, Miguel levantou-se e saiu cambaleando para o meio do mato.
- Não, Miguel! Volte! Volte!...
O rapaz, porém, já se enfiara no meio da vegetação e, com a escuridão da noite, Diva não conseguiu alcançá-lo. Cheia de despeito, sentindo-se rejeitada e frustrada por não ter conseguido que ele falasse mais, limitou-se a voltar para junto dos outros escravos. Mas o resto da noite não pensou em outra coisa: "Vou descobrir a verdade, custe o que custar, ou não mais me chamarei Diva!".
Aos poucos as luzes foram-se apagando. Na casa-grande, os últimos convidados se retiraram. Cansados de tanta agitação, também nos recolhemos, ocupando os aposentos preparados especialmente para nós, os recém-casados. De manhãzinha, Guilherme e eu partiríamos para a capital da província, em viagem de núpcias.
ESTAVA CLAREANDO o DIA quando os batuques se calaram na senzala e todos puderam descansar. O silêncio se fez e só se ouviam o ruído dos animais e o pio de uma ou outra ave noturna.
Partimos bem cedo enquanto todos ainda dormiam. Precisávamos aproveitar o tempo para viajar com claridade, pois era longo o trajeto até o porto, onde pegaríamos o navio com destino à Europa.
Somente levantaram-se os mais chegados: Dinha, a avó Justina e minha mãe. Tudo estava arrumado. Dois escravos colocaram nossa bagagem na carruagem e Josias, cocheiro experimentado, iria nos levar até o porto.
Sem que ninguém percebesse, Rita observava nossas despedidas, ralada de angústia e desespero. Somente eu a vi, entre os arbustos, e fiz questão de mostrar-me ainda mais carinhosa com meu marido.
Rita sentia-se só e abandonada. Não acreditava que Guilherme voltaria para ela. Sabia que a partir de agora teríamos um relacionamento mais íntimo, estaríamos a sós e certamente eles mais fortes acabariam por nos unir. Cheia de ciúme, Rita pensava no que seria sua vida dali por diante.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Seu amado Guilherme, que tantas promessas lhe fizera, não deixaria a mim, rica herdeira, por ela, uma reles escrava. Quase de imediato, a jovem sorriu, levando as mãos à barriga e acariciando-a. Ela tinha um trunfo, que mantinha em segredo: carregava dentro de si o fruto do seu amor com Guilherme. Esperava um filho dele e, por certo, o teria em suas mãos, pois eu, a esposa, não gostaria de saber disso. Se eu ficasse sabendo, o casamento e o grande negócio que Guilherme fizera anexando minha fortuna à dele, algo combalida, já começaria com problemas. Esse era outro trunfo que Rita também guardava como um tesouro; ele Ire revelara num momento de fraqueza e com essa vantagem ela contava poder melhorar sua situação, quando do nosso retorno.

Conquanto julgasse amar Guilherme, no fundo Maria Rita não sentia verdadeiro amor por ele. Seus sentimentos eram uma mescla de atração, interesse e orgulho, e Guilherme viera representar para ela a materialização de um ideal acalentado em seus sonhos no desabrochar da vida. Ela desejava ter uma existência diferente daquela que tinha sua mãe, sujeita ao jugo de um senhor, e que também lhe estava reservada. Rita sabia que era bela e desejável, e o interesse de um homem jovem, elegante, bonito e rico, como Guilherme, a seduzira, especialmente porque ele era alguém destinado à sua sinhazinha, de quem sempre, no íntimo, tivera inveja.

Tudo isso só fui descobrir mais tarde. Naquele momento, olhei de novo na direção dela, mas Rita havia desaparecido. Após nos despedirmos de Dinha, da avó Justina e de minha mãe, entre sorrisos, lágrimas e promessas de notícias, entramos na carruagem que nos levaria para uma viagem de sonho, segundo eu acreditava.

MIGUEL DESPERTOU NO MEIO do mato com o sol alto. Demorou a entender o que estava fazendo ali, com a cara enterrada na terra e fiapos de capim grudados no nariz. Aos poucos, foi voltando à realidade e lembrou-se do que tinha acontecido.

Sentia-se péssimo, com a boca amarga e o estômago embrulhado. A cabeça doía-lhe terrivelmente. Levantou-se cambaleando e caminhou com dificuldade, quase se arrastando, até a senzala. Deitou-se na sua esteira pensando: "Como tinha acontecido isso? Logo eu, que não sou dado a bebedeiras".

Seu amigo Amaro, tão logo o viu entrar na senzala, foi atrás dele.

- Está com péssimo aspecto, irmão.

- Diva me encheu de bebida.

- Ah, mas você parecia muito bem. Não me aproximei, pois vi a bela jovem a seu lado e não quis atrapalhar a conversa. Depois, você desapareceu...

Levando a mão à cabeça, que latejava horrivelmente, Miguel respondeu:

- É verdade. Para fugir de Diva, embrenhei-me no mato.

Ah, mas como dói minha cabeça. Parece-me que tenho atabaques tocando dentro dela.

Amaro sorriu, concordando:

- Realmente, irmão. Para quem não bebe, você exagerou na dose. Mas vou falar com pai Albino, que é conhecedor de ervas e saberá dar-lhe algo que alivie a sua dor.

Amaro procurou o ancião, que foi ver Miguel na senzala. Pai Albino trouxe-lhe uma caneca com uma beberagem que ele tomou fazendo careta.

- É amargo - resmungou.

Não demorou muito, sentiu náuseas e, enjoado, preferiu ficar quieto, procurando uma esteira mais distante. Já deitado na esteira, pai Albino recomendou:

- Miguel, meu filho, agora repouse. Logo estará melhor. Depois conversaremos. Felizmente, hoje é dia de folga para todos.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Miguel dormiu o resto do dia, recuperando as forças. À noite, quando as tochas se acenderam, ele despertou.

- Como está se sentindo? - perguntou pai Albino.

- Bem melhor, meu pai. Bastante fraco, porém sem dor de cabeça.

- Ótimo. Agora você precisa de alimento para fortalecer o corpo. Reservei um prato para você. Coma.

Esfomeado, Miguel sentou-se e comeu todo o angu. Depois, agradeceu.

- Obrigado, pai Albino.

- Não precisa agradecer, meu filho. Não faço mais do que minha obrigação. Quando temos conhecimento sobre alguma coisa, precisamos espalhar essa bênção em benefício de todos

os irmãos. Mas, agora podemos conversar.

Fitou o rapaz longamente, como se vasculhasse sua alma.

- Miguel, sei que está com problemas. Sofre e se desespera por amor. Contudo, meu filho, evite cometer algo que venha a prejudicar a outros e a si mesmo, em particular.

Agora sóbrio, Miguel tentou disfarçar:

- Não sei do que está falando, meu pai.

- Sabe sim. Já errou bastante no passado por amor a essa mesma mulher. Não torne a errar ou irá sofrer muito no futuro. A própria natureza nos ensina todo dia lição de grande importância: quem planta, colhe. Entendeu?

- Sim, pai Albino. Entendi. Quer dizer que nos conhecemos de outras épocas? Acha mesmo isso?

- Exatamente, Miguel. E acredito, sim, em outras existências, e você também. E lhe digo mais: ela sempre o dominou. Está na hora de mudar. O Senhor nos deu esta existência para

que o tempo fosse utilizado de modo a aprendermos as lições que a vida nos oferece, e nos melhorarmos, tornando-nos seres bons, pacíficos e fraternos.

- Entendi, meu pai. É verdade. Muitas vezes, ao sentir a força desse amor que trago dentro de mim, parece-me tê-la encontrado em outras épocas com roupagens diferentes.

Sinto saudade desse tempo, mas também muito medo, quando essas imagens me vêm à lembrança.

- Então, cuidado! Não se entregue a esse sentimento, uma vez que sabe ser impossível, e nem se deixe dominar por ele. Aproveite, meu filho, a oportunidade que o Senhor lhe confiou. Ajude a si mesmo, ajudando-a, e também a outras pessoas envolvidas nesse caso.

O ancião levantou-se e foi embora, enquanto Miguel ficou refletindo sobre tudo o que havia sido conversado entre eles.

11 - A viagem

Viajamos até Cruzeiro da Mata, vilarejo mais próximo, em seguida tomamos o rumo que nos levaria à capital da província. No trajeto só se ouviam o ruído das rodas e, vez por outra, o estalar do chicote no lombo dos animais, acompanhado de uma ordem do cocheiro. Guilherme, conquanto gentil, mantinha-se em silêncio, falando apenas o estritamente necessário.

No início da viagem, tentei conversar com meu marido, discorrendo sobre a festa, os convidados, os aspectos interessantes ou pitorescos que presenciara. Ele, porém, respondia-me brevemente. Então, calei-me, acreditando-o cansado e com sono. Daí por diante, trocamos poucas palavras. Na penumbra da carruagem, acabei por adormecer sob o balanço e o movimento rítmico do rodar do veículo em atrito com o solo.

Algum tempo depois, despertei ao ouvir vozes. Era Guilherme que, abrindo a janela, falava com o cocheiro:

- Josias, quanto falta para chegarmos à capital?

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Muitas horas, sinhô Guilherme.

- Há alguma estalagem aqui por perto?

- Sim, sinhô. Há uma não muito distante.

- Ótimo. Então, faremos uma parada lá.

- Sim, sinhô.

Guilherme fechou a cortina, voltando a seu lugar; ao perceber que eu havia acordado, explicou:

- Logo faremos uma parada. Precisamos descansar e comer alguma coisa. Além disso, imprescindível cuidar dos animais. Conseguiu dormir?

- Sim, estava cansada. Afinal, dormimos pouco esta noite - disse, corando.

Guilherme manteve-se impassível.

- Haverá tempo bastante para repousar na longa viagem que vamos fazer.

- É verdade. Onde estamos? - perguntei, abrindo a cortina e colocando a cabeça pela janela.

- Numa região de serras, em meio a mata fechada, onde a estrada é cheia de curvas e a temperatura sempre mais baixa, pela altitude e pela ausência do sol, que não consegue romper a ramaria. Logo, porém, chegaremos a um trecho de planície onde haverá mais claridade e o calor do sol voltará a nos aquecer.

Realmente, eu estava tiritando de frio. Todavia, em momento algum Guilherme se aproximou de mim, envolvendo-me com seus braços, o que teria espantado o frio e me aquecido o coração. Mantinha-se o mais afastado possível.

"Não precisaria do sol para aquecer-me", pensei. "Bastaria o calor humano, se houvesse."

Afinal, notando que eu tremia de frio, delicadamente ele pegou uma manta que estava guardada em pequena prateleira no alto, acima de nossa cabeça, desdobrou-a, colocando-a sobre mim. Agradei a gentileza, aconchegando-me à manta de lã de carneiro, que logo me aqueceu.

Proseguimos em silêncio; não demorou muito, a carruagem parou. Josias abriu a portinhola, avisando:

- Chegamos, meu sinhô.

Guilherme desceu e estendeu-me a mão, como um perfeito cavaleiro que era.

Olhei em torno, encantada. A região era maravilhosa; ao longe se descortinavam as montanhas em meio a uma vegetação luxuriante, pintada pelo colorido das flores.

Acercando-me da margem da estrada, próxima ao precipício, pude notar que estávamos num ponto bem elevado. Olhei para baixo e vi as encostas recobertas de plantas e flores, cujo aroma me atingia o olfato no dia limpo e claro; mais além, notei uma cascata, cujas águas despençavam de grande altura, e, em seguida, se integravam a um rio lá embaixo, que sumia pouco depois, serpenteando entre as montanhas.

- Lindo! - murmurei encantada.

Impaciente, Guilherme lembrou-me de que precisávamos prosseguir. Não tínhamos tempo para nos deter na contemplação da paisagem.

- E por quê? - retruquei.

- Há lugares muito mais belos para ver na viagem, minha querida.

- Se estamos em viagem, Guilherme, parece-me que tudo deve ser bem aproveitado. Inclusive as paisagens da nossa terra, por que não? Particularmente, tudo é novo para mim.

Nunca

tive oportunidade de viajar como você.

Talvez me julgando uma verdadeira provinciana, alguém que nunca saíra do local onde nascera, meu esposo não respondeu. Delicadamente, colocou a mão em minhas costas, indicando-me a estalagem, cuja porta de acesso ficava a uns

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
trinta metros de distância.

Entramos. Imediatamente, sentimos-nos revigorados pelo ambiente, que o calor do fogo aquecia. Sentamo-nos a uma das mesas rústicas. Logo, o proprietário, senhor gordo e bonachão, veio nos atender.

- O que tem para se comer?

- Temos carne assada e pão saído do forno ainda agorinha, manteiga, queijo, geléia e biscoitos.

- Muito bem. E para beber?

- Vinho e aguardente. Se preferir, temos também café, leite e chá.

- Traga-nos vinho.

Logo uma criadinha veio trazer o pedido. O pão quente recendia agradável aroma e a carne assada estava ótima. Depois, tomamos café coado na hora. Tudo nos pareceu muito bom, certamente porque Guilherme e eu nos sentíamos famintos. Não havíamos almoçado; comemos apenas algumas guloseimas da festa, que Florência colocara numa cesta para viagem.

Adorei o local. Nunca entrara antes numa estalagem e o ambiente rústico, mas limpo, cativou-me. Descansamos um pouco e prosseguimos viagem. Descíamos sempre; a estrada, perigosa, cheia de curvas, permitia-nos ver as ribanceiras, e um passo em falso dos animais poderia ser fatal. O cocheiro precisou de toda a sua experiência para manter os cavalos sob controle, obrigando-os a reduzir a marcha, para não causar um acidente.

Eu estava assustada. Agarrei as contas do meu rosário, do qual não me separava, pondo-me a rezar. Guilherme, mais habituado a enfrentar essas situações, fazia pouco caso do meu medo. Para meu alívio, depois de um tempo que me pareceu excessivamente longo, a vista se modificou por completo. Paramos de descer; a região agora era de planície, ora com prados e animais, ora com plantações de cana-de-açúcar.

Fizemos mais uma parada ao anoitecer. Josias avisou-nos de que não era seguro viajar à noite e que aquela era a última estalagem em muitas léguas.

O local não nos pareceu tão agradável, mas pedimos o jantar. Em seguida, nos recolhemos no melhor quarto que ele tinham para oferecer. Eu estava tão cansada que, mal deitei, já estava dormindo.

Despertei na manhã seguinte com Guilherme a me chamar.

- Precisamos prosseguir, Maria Eugênia.

Arrumei-me com alguma dificuldade, visto que estava acostumada a contar com a assistência de uma escrava, mas tive a ajuda de Guilherme, que amarrou meu espartilho.

Tomamos o café da manhã e continuamos a viagem.

Atravessamos Barra do Pirai e alguns vilarejos, chegando finalmente ao Rio de Janeiro, capital do Império.

A grande cidade me deixou fascinada. O movimento de pessoas e de carruagens, as lojas que ferviam de gente, as construções, tudo me encantava. O veículo rodou pelas ruas até chegarmos a um hotel. Descemos e nos acomodamos num quarto a que um criado nos conduziu. Após um banho, nos dirigimos ao salão para jantar. Achei tudo lindo e bem ornamentado, evitando demonstrar meu espanto para não parecer provinciana, já que, para meu marido, tudo era natural. Os pratos estavam excelentes, e a música era um convite à dança.

Na manhã seguinte fizemos o trajeto que nos levaria até o porto. De longe, já pude ver uma grande extensão de água, que me deixou sem fôlego. Chegando ao porto, que apresentava intenso movimento, dirigimo-nos ao navio atracado.

Meu coração batia intensamente. Pela primeira vez contemplava o mar, e pensar que viajaríamos naquela grande casa flutuante, sobre as águas, me deixou tensa e

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt insegura.

O cocheiro Josias, cumprida sua missão, despediu-se de nós, desejando-nos boa viagem; enquanto carregadores levavam nossas bagagens para o navio, subíamos as escadas. A bordo, inclinei-me sobre a amurada do grande navio, contemplando a multidão que se acotovelava no cais. Algum tempo depois, soou um estrondoso apito e a embarcação começou a se movimentar lentamente. A multidão lá embaixo acenava para os viajantes; muitos choravam de emoção por se separarem de pessoas queridas; a nosso lado, alguém sorria por entre as lágrimas.

Logo tudo ficou para trás. A multidão foi ficando cada vez menor até sumir de nossa vista; depois a cidade com seus prédios e, por fim, só existia mar à nossa volta. Instalados no camarote, iniciamos uma vida completamente diferente. Confesso que, no início, tive dificuldade para me adaptar. O balanço das ondas e do navio deixava-me quase sempre com náuseas, sem vontade de sair do camarote ou de fazer qualquer atividade. Aos poucos, todavia, o mal-estar foi passando e comecei a aproveitar realmente a viagem.

ENQUANTO isso, NA FAZENDA, Ritinha atravessava momentos bem difíceis. Sua gravidez logo começaria a dar sinais e ela temia que a mãe e os demais percebessem; especialmente o patrão, que iria querer saber o nome do pai da criança. Embora a gravidez ainda não aparecesse, ela arrastava-se pelos cantos, temendo que os demais notassem seu estado. Só tinha algum descanso à noite, ao se recolher, quando se permitia dar livre curso aos sentimentos e a mente divagava, voando em busca do seu amado, através do pensamento. Sua fixação por Guilherme era intensa; acreditava amá-lo com loucura e sonhava com o momento em que ele voltaria para seus braços.

POR OUTRO LADO, EU SOFRIA com a indiferença de meu esposo. Ele cumpria suas obrigações conjugais, contudo me tratava com desinteresse. Era educado, gentil, delicado, uma boa companhia, tanto no período em que passamos no navio quanto nos passeios, nas visitas aos museus, nas compras, depois que chegamos a Lisboa. Como conhecia os países do nosso roteiro e se sentia feliz por estar na Europa, era sempre um excelente guia, alegre, divertido, fazendo questão de mostrar-me tudo o que havia de belo e interessante por onde passávamos. Era um companheiro perfeito, mas só isso. Não existia amor por mim em seu coração.

Tal situação me fazia sofrer, deixando-me realmente enciumada, porque eu sabia que ele estava pensando na escrava que ficara na fazenda. Especialmente quando estivemos na França, em Paris, cidade que eu adorei e que ele também apreciava bastante, onde permanecemos mais tempo. Não raro, quando retomávamos ao hotel, no final do dia, ele se sentava na pequena sacada para apreciar o movimento e, muitas vezes, quando o tempo o permitia, o pôr do sol. Nesses momentos, eu notava-lhe o olhar perdido no vazio e o semblante que se abria num leve e fugaz sorriso, como se apenas seu corpo permanecesse ali, mas o pensamento estivesse longe. Naquele instante, eu sabia que ele estava pensando em Ritinha, e isso me fazia roer de ciúme e desespero. Na verdade, eu estava me ligando muito mais a ele do que pretendia. Aqueles dias adoráveis em que passamos juntos seriam inesquecíveis. Lisboa, Madri, Roma, e Paris de maneira especial, quando passeávamos pelas margens do Sena, no Bois de Bologne ou no Palais-Royal. Quando nos sentávamos nos cafés ou percorríamos as magníficas lojas da grande cidade eram momentos extremamente agradáveis. Guilherme mostrava-se um acompanhante encantador, cavalheiro, sedutor, e eu estava cada vez mais presa ao seu fascínio. Sentia que meu amor aumentava sempre, e que ele se tornara indispensável na minha vida, o que me fazia

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

sofrer ainda mais, sabendo que não era correspondida. Atravessei noites em claro pensando numa maneira de conquistá-lo definitivamente. Minha cabeça fervilhava, inquieta e angustiada. Passei a controlar todos os seus passos, temendo que encontrasse outra mulher mais interessante do que eu. Quando ele estava calado, sentia-me incomodada e desejava vasculhar-lhe a mente, até o ponto de não me conter e perguntar:

- Em que está pensando, Guilherme?

Com um sorriso frio, que mostrava seu descontentamento, ele respondia:

- Maria Eugênia! Não sou obrigado a dar-lhe conta do que penso. Não basta exigir-me explicações sobre aonde vou, com quem converso, o que fiz longe de você? Agora quer desvendar também meus pensamentos?

Observando a insatisfação e o tédio em seu olhar, procurava amenizar, temendo perdê-lo:

- Não, querido! Longe de mim querer controlar seus pensamentos. Apenas notei seu olhar distante e julguei que poderia estar com algum problema, e que, por delicadeza, não quisesse me incomodar.

Ao que ele respondia, já arrependido da sua reação:

- Desculpe-me, querida. Estou um pouco cansado hoje. Mas não se preocupe. Não tenho problema algum, está tudo bem.

- Já que está cansado, poderíamos nos recolher mais cedo hoje, deixando a ópera para outro dia.

- Como quiser. Concordo, porque realmente, para ir ao teatro, é preciso estar-se com bastante disposição para aproveitar o espetáculo.

Assim, naquela noite, nos recolhemos mais cedo para um merecido repouso.

Todavia, as coisas começaram a se complicar cada vez mais.

Eu não mais me controlava, pois queria mantê-lo sempre à meu lado e não suportava ficar longe dele.

Certo dia, porém, aconteceu algo que piorou a situação. Dias

antes eu estava tendo dificuldade para dormir. Guilherme

levara-me a um médico, indicado por Pierre e Marie

Legrand, um casal amigo que ele conhecia desde a época em

que estudava em Paris, e que às vezes nos acompanhava nos

passaios. O médico, doutor Maurice, prescrevera-me um

remédio que eu deveria tomar à noite, pouco antes de deitar.

Entretanto, mesmo com a ajuda do medicamento, nem

sempre eu conseguia adormecer.

Nessa noite em especial, passei por um cochilo e depois

acordei. Como não conseguisse voltar a dormir levantei-me

com cuidado, para não incomodar meu marido, e fui beber

um copo de água. Apesar de ser verão, a temperatura estava

fresca; e, vendo as luzes da cidade pela porta de vidro que se

abria para a sacadinha, para lá me dirigi. Abri a porta e o ar

da madrugada me fez bem. Sentei-me. A noite escura aos

poucos ia sendo substituída pela claridade de um novo dia.

Lentamente, as luzes da grande cidade foram-se apagando e

os primeiros movimentos começaram: as carroças levando

produtos para a feira, os empregados que saíam para

trabalhar, as carruagens com o ruído característico dos

cascos dos cavalos no atrito com as pedras da rua...

De repente, bocejei, dando-me conta de que estava com

sono. Contento, deixei a sacada, voltando para o leito.

Quando entrei no quarto, na penumbra, notei perfeitamente

alguém deitado ao lado de Guilherme. Era uma mulher.

Dormia também.

Indignada, comecei a gritar completamente enlouquecida:

- Guilherme, quem é essa mulher?

Ele despertou assustado, sem entender o que estava

acontecendo:

- O que houve? Por que está gritando desse jeito? Mas eu

avancei para cima dele, agredindo-o:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Canalha! Quem é essa mulher que estava dormindo com
você?

- Calma, Maria Eugênia! Do que está falando? A que
mulher se refere?

- Aquela que está aqui!

- Onde? - indagou surpreso, olhando para todos os lados.
Naquele instante, olhei para o leito e dei-me conta de que a
mulher sumira.

- Não sei! Não sei! Ela desapareceu. Mas vou procurá-la, e
não descansarei enquanto não a encontrar - respondi
perplexa ao perceber que ela já não estava mais ali.
Corri para o quarto de vestir, para o banheiro, procurei atrás
das cortinas, embaixo da cama. Abri a porta da suíte, exa-
minando o corredor. Nada. Ela tinha se evaporado.
Entrementes, Guilherme tinha se levantado, tentando
entender a situação. Acompanhava-me as idas-e-vindas,
passando as mãos pelos cabelos, espantado. Ao ver-me
despençar na poltrona, decepcionada e já mais calma,
indagou:

- Maria Eugênia, agora que está mais tranqüila, pode me
explicar direito o que está acontecendo?

Em lágrimas, com ar de frustração, comecei a falar:

- Também não sei explicar o que houve aqui.

- Muito bem. Então, vamos começar pelo princípio. Pelo
que entendi, você não estava na cama?

- Isso mesmo. Perdi o sono e fui para a sacada tomar um
pouco de ar.

- E depois?

- Fiquei lá algum tempo. Em seguida, notei que estava
com sono e resolvi voltar ao quarto para dormir.

- E o que aconteceu depois?

- Fico arrepiada só de lembrar. Eu vi uma mulher no leito!
Ao seu lado!

- Impossível, querida! Você deve ter dormido na sacada e
sonhou! - exclamou Guilherme, rindo.

- Não, Guilherme! Eu realmente a vi. Era morena e tinha
cabelos escuros. Como o quarto estivesse na penumbra, não
deu para ver detalhes.

Ele levantou-se, vindo a meu encontro.

- Então foi isso! Deve ter confundido com as cobertas, com
as sombras do aposento. Vem, vamos dormir. Ainda é muito
cedo.

Não desejando contradizê-lo e incapaz de provar o que tinha
visto, já que não encontrara ninguém, acabei por concordar
com ele:

- Talvez tenha razão. O melhor é voltar a dormir. Quando
acordar, pensarei no caso.

Guilherme levou-me para o leito, ajeitou as cobertas e
depois se deitou também, respirando mais aliviado. Antes de
dez minutos, pude ouvir-lhe o rressonar. Havia dormido de
novo. E eu não conseguia pegar no sono. As imagens
voltavam-me à mente. Lembrando-me delas, uma forte
intuição segredava-me que aquela mulher era Maria Rita.
Tinha absoluta certeza de que era ela a mulher que vira ao
lado de meu marido na cama. No entanto, como explicar tal
fato? Por isso, nada dissera a Guilherme. Ele me julgaria
louca!

Quando consegui adormecer, o sol já tinha surgido no céu
para sua trajetória diária, expulsando as trevas da noite.

12 - Enfrentando crises

Abri os olhos e olhei em torno; num primeiro momento,
tive dificuldade em reconhecer o ambiente. Em seguida, vi
Guilherme sentado numa poltrona, distraído na leitura de
um jornal.

Tentei levantar-me, mas não consegui. Sentia-me cansada e
sem forças. Ao meu movimento, ele fechou o jornal.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Como está, querida? - perguntou solícito, aproximando-se do leito.

- Sem ânimo para me levantar.

- Então, vou pedir algo para você comer. Precisa se alimentar.

Tocou a campainha e, logo, bateram à porta. Guilherme explicou ao criado o que desejava e, quinze minutos depois, ele retorna trazendo uma bandeja com suco, chá, biscoitos, croissants, manteiga e geléia de damasco.

Sentada no leito, apoiada nos travesseiros, alimentei-me frugalmente. Depois, mais animada, levantei-me, tomei banho e cuidei da toaleta, procurando mostrar que estava bem. Notando-me a nova disposição, Guilherme atreveu-se a tocar no assunto:

- Lembra-se do que aconteceu esta noite?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

- Perguntei ao pessoal que estava de serviço, mas ninguém viu uma mulher estranha no prédio do hotel. Talvez você tenha sonhado - comentou um tanto contrafeito.

Resolvida a colocar uma pedra sobre o assunto, considerei:

- Nem deveria ter-se dado ao trabalho de perguntar, querido. Com certeza você tem razão. Devo ter adormecido na cadeira da sacada e sonhei. Quero pedir-lhe desculpas pela confusão que fiz esta noite. Você estava dormindo e eu o acordei aos gritos. Perdoe-me.

Guilherme sorriu compreensivo e aliviado:

- Não precisa pedir-me perdão, Maria Eugênia. Todavia, confesso-lhe que fiquei assustado. Ainda bem que tudo passou.

- Graças a Deus!

- No entanto, tenho uma sugestão a fazer, querida. Julgo que devemos retornar ao médico. Você não tem dormido bem, apesar da medicação, e as dores de cabeça se tornaram mais frequentes.

- Se julga necessário, aceito - concordei.

- Muito bem. Enquanto você dormia, procurei me informar. O médico tem horário para esta tarde mesmo, às quatro horas. Tomei a liberdade de marcar uma consulta - explicou, satisfeito.

No horário combinado, tomamos uma carruagem de aluguel e nos dirigimos ao consultório médico. Dr. Maurice já nos aguardava. O último cliente havia saído e ele teria todo o tempo para nos atender, comentou com largo sorriso.

Fez algumas perguntas de praxe sobre minha saúde orgânica, que respondi, e depois indagou:

- E então, o que está acontecendo madame Maria Eugênia?

Relatei a ele a ocorrência daquela madrugada, sem omitir nada.

- Como era essa pessoa? Madame reconheceu a mulher que, supostamente, teria entrado no quarto de hotel?

- Penso tê-la reconhecido, sim.

- Madame estava sonhando, talvez?

Pensei um pouco. Depois, respondi consciente e resoluta:

- Não. Mantinha-me desperta. Em certo momento, comecei a sentir sono e fiquei satisfeita, porque antes não havia conseguido dormir. Então, levantei-me da cadeira, deixei a sacada e entrei no quarto. Nesse momento, eu vi essa mulher deitada ao lado de meu marido. Ela também estava dormindo.

- E depois? O que aconteceu?

- Pus-me a gritar, indignada, ao ver uma mulher no meu leito junto de meu esposo! Guilherme acordou assustado, interpelando-me sobre a razão dos meus gritos.

Calei-me. O médico indagou:

- E o que aconteceu depois?

- Depois... quando me dei conta, a mulher havia

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
desaparecido - admiti, constrangida.

Guilherme, que ouvia a conversa calado até esse momento, interferiu:

- Querida, lembra-se de que depois, mais calma, você concordou comigo que tudo não passara de um sonho?

- Concordei, é verdade, para satisfazê-lo. Entretanto, não creio que tenha sido um sonho, Guilherme.

O médico observava-me atentamente. Fez algumas anotações e depois disse:

- Parece-me que, em virtude de madame Maria Eugênia estar tendo dificuldades para adormecer, isso lhe tem causado algumas perturbações. Vou prescrever-lhe outra medicação que, acredito, resolverá o problema. Qualquer alteração, não deixe de comunicar-me, monsieur Guilherme. Pegando o bloco, rapidamente fez a receita, que entregou ao meu esposo. Despedimo-nos.

- Passar bem, madame.

Antes de voltar ao hotel, fomos a uma farmácia para aviar a receita. O dia estava tão bonito e agradável que meu marido me convidou para dar um passeio de carruagem. Como estivesse me sentindo bem, aceitei. Precisava mesmo espairar as idéias.

Rodamos pela bela cidade por mais de uma hora. Depois, paramos numa típica e simpática cafeteria da cidade. Sentamo-nos numa mesinha de calçada e tomamos um chá, enquanto apreciávamos o movimento.

Quando retornamos ao hotel, eu me sentia ótima. Esquecera por completo o que tinha acontecido na noite anterior. Ao nos recolhermos, Guilherme trouxe-me um copo com água e o remédio que o médico havia prescrito.

Satisfeita, adormeci com facilidade, mergulhando em sono profundo. Lá pelas quatro horas da madrugada, acordei com a sensação de uma presença estranha no aposento. Abri os olhos e olhei em torno. No canto direito do quarto, na parede que dava para a sacadinha, eu a vi: estava de pé, olhando fixamente para o leito onde dormíamos. Levei um tremendo susto e pus-me a gritar:

- Ah! Socorro! Socorro!

Guilherme deu um pulo e sentou-se na cama, assustado.

- O que houve? O que está acontecendo?

- É ela! É ela! Está aqui de novo!

- Onde, querida? Não estou vendo ninguém. É impressão sua.

- Não é não. Ela estava ali, naquele canto, de pé, nos olhando.

- Impossível, Maria Eugênia. Ninguém entraria aqui. A porta está trancada.

Mas eu chorava convulsivamente, com a cabeça entre as mãos, gritando:

- Ela quer me enlouquecer. Quer acabar com a minha vida. Não vou permitir que isso aconteça...

Guilherme agarrou-me pelos ombros, sacudindo-me, procurando fazer-me voltar ao normal:

- Quem? Quem está tentando acabar com sua vida? Fale!

Naquele momento, caí em mim; não poderia dizer o nome da mulher. Mais calma, respondi:

- Não sei. Só sei que é uma mulher.

- Você afirmou ao médico tê-la reconhecido. Exijo que me diga: Quem é ela?

- Não sei, Guilherme! Parece-me conhecê-la de algum lugar, mas não sei quem é.

- Mostre-me onde ela estava - insistia ele.

Com o dedo em riste, apontei para o canto direito do aposento, temerosa, mas a mulher havia desaparecido.

- Não está mais ali. Foi embora.

Guilherme largou-me, respirando fundo. Passou a mão pelos cabelos revoltos, depois sentou-se na poltrona, perplexo.

- O que está acontecendo com você, Maria Eugênia? -

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
perguntou irritado.
Todavia, ao ver-me encolhida na cama, de cabeça baixa, olhos parados no vazio, ele procurou se acalmar, penalizado com meu estado. Levantou-se, pegou um copo com água e colocou-o em minhas mãos:
- Beba, vai lhe fazer bem.
Levei o copo aos lábios e tomei um gole, voltando à mesma posição. Guilherme ajudou-me a deitar, cobriu-me, enquanto eu continuava com os olhos vitreos, distantes.
- Procure dormir, Maria Eugênia.
Sentou-se na poltrona e ficou velando por mim, esperando que eu adormecesse. Preocupado, temia nova crise.
Ao despertar na manhã seguinte, vi que Guilherme tinha passado a noite na poltrona. Levantei-me e cheguei perto dele, tocando-o com a mão.
- Guilherme, vá para a cama. Você está mal acomodado.
Ele abriu os olhos e pulou da poltrona, assustado. Ao ver-me a fisionomia serena, relaxou.
- O que houve?
- Nada, querido. Estou bem. Vá para a cama.
Ele obedeceu prontamente, deitando-se e voltando a dormir. Uma hora depois, acordou e levantou-se. Fez a higiene, arrumou-se e descemos para tomar o café da manhã. Ele não tocou no assunto.
Convidou-me para sair, mas eu estava sonolenta pelo efeito do medicamento e não aceitei. Retornamos para o quarto, deitei no leito e voltei a dormir.
Guilherme escreveu um bilhete, pedindo a um garoto de recados do hotel que o entregasse no endereço indicado. Quando o portador retornou com a resposta, ele solicitou que uma camareira ficasse no quarto cuidando de mim e saiu, alegando urgência de resolver alguns assuntos.
Dirigiu-se a um café bastante conhecido aonde já fôramos algumas vezes. Entrou, sentou-se e ficou aguardando. Pouco depois, nossos amigos chegaram. O casal relanceou o olhar pelo recinto até descobri-lo numa pequena e discreta mesa de canto. Com um enorme sorriso, encaminharam-se para lá.
Após os cumprimentos, sentaram-se, e Pierre perguntou:
- Já pediu alguma coisa, Guilherme?
- Não. Esperava os amigos. O que vamos tomar?
- Quero um café - disse Marie.
- E eu, uma bebida - escolheu Pierre.
- Eu o acompanho, Pierre.
Após os pedidos ao garçom, Guilherme fitou os amigos, satisfeito:
- Obrigado por aceitarem o convite para este encontro. Precisava mesmo conversar com alguém. Desabafar.
Preocupados, ambos olharam para Guilherme, notando seu abatimento.
- Tem a ver com Maria Eugênia? - indagou Pierre.
- Sim, meus amigos. Ainda ontem, retornamos ao consultório do doutor Maurice. A medicação foi modificada e minha esposa conseguiu adormecer.
Fez uma pausa, diante dos ouvintes interessados, depois prosseguiu:
- Maria Eugênia acordou por volta das quatro horas da madrugada, afirmando ter visto novamente a tal mulher!
- No leito? - indagou Marie, perplexa.
- Não. Desta feita, estava de pé, parada num canto do aposento, nos observando. Não sei mais o que fazer! Estou tenso e preocupado.
- Não seria melhor avisar nosso amigo Maurice? - sugeriu Pierre.
- Sem dúvida. Mas como encontrá-lo agora? Estamos quase à hora do almoço - disse Guilherme, olhando o relógio de algibeira.
- Não se inquiete por isso. Sei onde encontrá-lo - afirmou

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
o amigo.

Chamando um desses garotos que vendiam balas nas ruas, e que entrara oferecendo seus doces aos fregueses do bar, indagou:

- Sabe onde fica o Hospital Saint Paul?

- Oui, monsieur. É aqui perto.

- Pois bem. Entregue ao doutor Maurice Bournier este bilhete - e passou às mãos do garoto um papel, afirmando:

- Aqui está uma moeda. Se cumprir bem sua missão, no retorno receberá outra moeda como esta.

- Oui, monsieur. E se o cavalheiro lá não estiver?

- Você receberá o combinado do mesmo jeito. De qualquer modo, retorne com a resposta. Vá rápido!

O rosto do rapazinho se iluminou. Saiu correndo e, pela janela, eles o viram dobrando a esquina. Quinze minutos depois, entrou no estabelecimento o próprio médico, que se acercou da mesa, cumprimentando-os com familiaridade.

- Recebi seu bilhete, Pierre, e aqui estou. Quanto ao garoto, dei-lhe a moeda que prometeu e dispensei-o. Saiu todo feliz, voltando a oferecer suas guloseimas.

- Agradeço-lhe, amigo, a presteza em atender-me a solicitação. Guilherme está preocupado.

- Ah! O que se passa? Vejo que sua esposa não está presente. Ela não está bem? - indagou, dirigindo-se a Guilherme.

- De fato, doutor Maurice.

- Chame-me Maurice, apenas.

- Sim. Maria Eugênia ontem à noite conseguiu adormecer com facilidade. Porém, acordou pela madrugada vendo a mesma mulher. Estou tenso, aflito.

O médico balançou a cabeça, concordando:

- Compreendo. Todavia, a medicação ainda não teve tempo de agir.

- Qual é o problema de minha esposa, Maurice? Pode dizer a verdade.

O médico pareceu pensar por alguns instantes, depois explicou:

- Já que me pede, serei bem franco. Ainda não tenho o diagnóstico preciso de sua esposa, caro Guilherme. Parece-me que se trata de algum problema mental. E, nesses casos, a ciência

ainda dá os primeiros passos. Não se conhecem com precisão as razões desses comportamentos, nem existe medicação verdadeiramente adequada ao tratamento.

- E o que me sugere?

- Bem. Talvez o estado emocional de madame Maria Eugênia esteja abalado por razões que desconhecemos. Ela é muito nova e inexperiente. Provavelmente, o fato de ter saído pela primeira vez do seu ambiente natural, deixado a família, especialmente a mãe; o próprio casamento pode ter mexido com suas emoções, gerando um desequilíbrio. Tantos fatores podem influir!

- Volto a perguntar: o que me sugere?

- Creio que o melhor seria levá-la de volta para casa.

Perplexo, Guilherme exclamou decepcionado:

- Mas fizemos tantos planos para essa viagem! Voltar para nosso país, quando mal chegamos à Europa?

- Sim, compreendo sua frustração, Guilherme. Contudo, volto a repetir. Talvez o melhor para sua esposa seja retornar ao Brasil, ao próprio ambiente, aos familiares e às pessoas conhecidas. Quando perguntei, você mesmo afirmou que, antes, sua esposa jamais apresentara problema semelhante.

- Pelo menos, não que eu saiba.

- Então... Quem sabe não será melhor, para a saúde mental dela, voltar ao Brasil? Pense nisso!

Tomando um último gole de vinho, o médico disse:

- Bem, agora devo retirar-me. Tenho uma cirurgia logo após o almoço e meu tempo é curto.

- Agradeço-lhe pela ajuda, Maurice - disse Guilherme.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Estou à sua disposição. Se precisar de alguma coisa, avise-me, seja a hora que for. Irei até o hotel se necessário. Depois que o médico saiu, Guilherme ficou pensativo e angustiado.
- O que decide? - indagou Pierre.
- Ainda não sei, meu amigo. Vou pensar. Tenho esperança de que o problema não se repetirá.
- E se voltar?
- Nesse caso, talvez, lamentavelmente, eu tenha de deixar a Europa. Não me conformo! Depois de tantos planos, de tantos gastos, não poder aproveitar a nossa viagem de lua de mel é um absurdo!
- É verdade. Também me sinto frustrado. Esperava que eu pudesse aproveitar melhor a companhia do amigo que não encontrava havia tanto tempo - concordou Pierre.
Marie, que se mantivera calada e pensativa o tempo todo, mais sensível e vendo o lado feminino, justificou:
- No entanto, Maria Eugênia não está assim por vontade própria. E apenas uma mocinha insegura e que se sente desamparada. Sinto que algo de muito sério a está abalando intimamente.
Ela deve estar sofrendo bastante.
- Tem razão, Marie - concordou o amigo brasileiro.
Em seguida, Guilherme levantou-se alegando urgência em voltar, pois tinha ficado tempo demais longe da esposa. Agradeceu ainda uma vez a atenção dos amigos, despediu-se e voltou ao hotel.
Entrando no quarto, perguntou à criada:
- E então?
- Tudo bem, monsieur. Madame ainda não acordou.
Tirando da algibeira uma moeda, Guilherme entregou-a à camareira, agradecendo o serviço prestado. A moça inclinou-se numa mesura:
- Se precisar de meus préstimos, monsieur, estarei à sua disposição. Basta chamar-me. Meu nome é Juliane.
- Merci, Juliane.
Depois, Guilherme sentou-se na poltrona, abriu o jornal e mergulhou na leitura.

13 - Novas informações

Guilherme procurou ajeitar-se o melhor que pôde na poltrona, puxando um tamborete no qual apoiou os pés. Com o jornal aberto, as notícias passavam pelos seus olhos sem que conseguisse interessar-se por nenhuma delas. O pensamento vagava em torno dos últimos acontecimentos, e pôs-se a refletir sobre os estranhos fenômenos que cercavam o comportamento da esposa.
Interessante que, analisando a situação começou a relacionar essas ocorrências, que chamava de "alucinações" da esposa, com o que se passava consigo mesmo.
Guilherme deu-se conta de que, na primeira noite, adormecera lembrando-se de Rita, escrava com quem mantivera um relacionamento mais íntimo. Agora, longe da terra natal, sentia intensa saudade dela. A bela mulata entrara no seu sangue; passara com ela momentos inesquecíveis à beira do riacho, e esses momentos lhe voltavam sempre à memória. Sentia falta da sua presença, do seu cheiro, do toque da sua pele morena e macia, dos seus beijos. Como uma obsessão, a imagem de Rita o seguia por toda parte. Tentava ser um marido amoroso e dedicado para Maria Eugênia, porém a diferença entre as duas era grande, e, na comparação, sua esposa levava desvantagem. Maria Eugênia, pouco mais nova do que Rita, era insossa e sem expressão, conquanto tivesse excelentes qualidades: era bonita, bem-educada, elegante, refinada, sabia conversar e como comportar-se em qualquer ambiente; pelos seus dotes, atraía os olhares em qualquer lugar onde estivesse e, o mais

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

importante, ela era muito rica.
Por outro lado, Rita havia nascido sob a sina da escravidão. Apesar da condição social não lhe dar nenhum direito, recebera certa educação junto com a sinhazinha e se vestia razoavelmente bem graças aos trajes que Maria Eugênia lhe dava. Possuía, no entanto, uma chama, uma vibração interior, que o conquistara à primeira vista. Tinha um andar envolvente, o corpo atraente, um olhar fascinante e sedutor que o encantaram, deixando-o vencido.
Guilherme lembrava-se de que, justamente naquela noite em que ocorrera a primeira alucinação, ele havia sonhado com Rita. Feliz por reencontrá-la, abraçara e beijara a escrava com ardor, passando momentos de intensa felicidade com ela. Curioso que, no seu sonho, eles estavam juntos no leito da suíte do hotel! Como poderia ser isso? Embora Maria Eugênia não houvesse notado, ele se assustara bastante ao acordar, não tanto pelos gritos dela, mas porque guardava a lembrança nítida do sonho, e se sentia intimamente culpado. Enquanto a esposa procurava a mulher pelo quarto, ele refletia na estranha coincidência que ligava os dois fatos. Tudo muito estranho e inusitado! Como explicar isso? Teria realmente acontecido o encontro? O mais interessante, e que o deixara verdadeiramente perplexo, é que o sonho lhe parecera tão real como se tivesse acabado de acontecer! Impossível! No entanto, tinha ainda a sensação do toque da pele dela, do seu cheiro, do calor da sua respiração no pescoço dele.
Na segunda noite, quando a esposa vira a "mulher" no canto do aposento, ele não se recordava de ter sonhado com a escrava, mas, intuitivamente, sabia que Maria Eugênia estava vendo Rita.
Depois, a esposa disse que havia reconhecido a mulher misteriosa, deixando-o assustado. Inclusive, em prantos, afirmara que essa "mulher" estava querendo destruir-lhe a vida, mas que ela não permitiria. Ele ficou pasmo. Todavia, que motivo teria Maria Eugênia para temer Rita, de quem sempre fora amiga e companheira? A não ser que ela soubesse dos encontros que ele mantivera com a escrava, à época. Então, estaria explicado. Contudo, tinha certeza absoluta de que a esposa ignorava tal fato.
Nesse momento, o jornal caiu-lhe das mãos, e ele levou um susto. Ao mesmo tempo, eu me espreguiceei no leito e Guilherme se levantou da poltrona, aproximando-se de mim.
- Como está, Maria Eugênia?
- Com fome.
- Então, vamos almoçar. Passam das duas da tarde. Aonde quer ir? Não longe daqui há um excelente restaurante.
- Se não se importa, Guilherme, gostaria de almoçar aqui mesmo, no restaurante do hotel - sugeri, fitando-o com meiguice:
- Para mim, está bem. Depois, poderíamos sair para um passeio.
- Ótima idéia. É só o tempo necessário para me preparar. Chamei a camareira para me ajudar e, quarenta minutos depois, descemos para o restaurante, que, àquele horário, já não estava tão concorrido. Almoçamos e saímos de carruagem pelas ruas da grande cidade. Felizmente, o tempo estava ótimo. Temperatura amena, céu azul sem nuvens. Passeamos pelo Bois de Bologne aproveitando a bela tarde de sol. Ali era um local que congregava a sociedade parisiense para conversar, namorar ou passear. A pé, a cavalo ou de carruagem, era um programa agradável e simpático. Por coincidência, no meio do povo vimos nossos amigos Marie e Pierre. Abraçamo-nos com alegria. Sempre é bom depararmos com pessoas conhecidas no meio de estranhos. Marie e eu caminhamos juntas a trocar idéias, enquanto Guilherme conversava com Pierre, um pouco atrás. A noite,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
como eu me sentisse bem, fomos ao teatro com os amigos e,
depois, jantamos juntos.

A companhia de Marie e Pierre era agradável e nos divertimos bastante. Voltamos ao hotel bem tarde; exausta e sonolenta, caí no leito e adormeci incontinenti. Acordei de madrugada. Pela porta da sacada, a claridade da lua invadia o aposento. Nisso, eu a vi novamente. Ela abriu a porta de vidro e entrou no quarto, mantendo os olhos fixos em Guilherme, sem parecer notar minha presença. Passou por mim e dirigiu-se para perto de meu marido. Estupefata, comecei a gritar de pavor. Guilherme despertou assustado, e o vulto da mulher se desvaneceu à minha frente.

- O que houve? Nova alucinação? - indagou ele.

- De novo, ela, sempre ela. Quer me enlouquecer!

- O que aconteceu desta vez, Maria Eugênia?

Em prantos, contei a ele como vira a mulher.

- Você a reconheceu? - ele perguntou, com voz estranha, como se receoso de alguma coisa.

Balancei a cabeça negativamente.

- Não.

- Não?... Mas ainda ontem você afirmou que conhecia a tal mulher!

- Não me atormente, Guilherme! Sim, sei que a conheço, mas não me lembro de onde.

- Desculpe-me, querida. Também estou nervoso com tudo isso. Venha, vamos deitar. Por certo ela não voltará a atormentá-la.

De repente, olhei para a porta de vidro e me lembrei:

- Guilherme! Veja, a porta de vidro está aberta!

- E daí, minha querida? Muitas vezes a deixamos aberta!

- Todavia, ontem, antes de me deitar, lembro-me de que começou a ventar e fechei a porta. Então, ela esteve aqui de verdade! Até abriu a porta! Esta é a prova de que não estou tendo alucinações!

Guilherme pareceu-me assustado; depois, readquirindo seu equilíbrio, falou-me com serenidade:

- Impossível querida. Tudo deve ter uma explicação lógica. Já é muito tarde e precisamos dormir. Depois conversaremos sobre o assunto, está bem?

Por vários dias, a situação se repetiu, deixando-me ainda mais abalada emocionalmente. A tal ponto, que eu não queria mais dormir para não ser obrigada a vê-la.

Sem saber o que fazer, também bastante cansado e insone, Guilherme deixou-me sob os cuidados da camareira e procurou o médico, que repetiu a sugestão:

- Volto a afirmar, Guilherme, que o melhor para sua esposa será o retorno às terras brasileiras. Julgo que o contato de madame Maria Eugênia com os familiares e o ambiente doméstico que lhe é natural reagirá benéficamente sobre sua personalidade nervosa.

Despedindo-se do médico, ainda não completamente convencido, Guilherme foi procurar o amigo Pierre. Encontrou-o no escritório de engenharia que dividia com outro profissional. Acabara de atender a um cliente e ficou bastante contente em vê-lo.

- Que bons ventos o trazem, meu caro Guilherme?

- Peço-lhe desculpas por vir procurá-lo em seu ambiente de trabalho. Não quero ser inconveniente.

- De maneira alguma. Hoje não tenho mais compromissos.

Estava mesmo para sair e tomar um café. Aceita?

- Com prazer.

- Então vamos. Aqui perto há um lugarzinho calmo e agradável.

Caminharam pelas ruas até a cafeteria. A hora era excelente.

No local, praticamente vazio, sentaram-se a uma mesinha perto da janela, da qual podiam ver o movimento da rua.

Pediram dois cafés e, enquanto aguardavam, ficaram

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
conversando sobre banalidades.

O garçom trouxe o pedido e afastou-se. Levando aos lábios a
bebida fumegante, Pierre fitava o amigo com preocupação.

Em seguida, comentou:

- Sua aparência está péssima.

- É Maria Eugênia. Tudo continua como antes, embora ela
esteja tomando regularmente a medicação receitada pelo
médico. Estou a ponto de enlouquecer!

Fez uma pausa, pensativo, mexendo o café com a
colherinha, sem parar. Sentia que precisava se abrir
urgentemente com alguém ou acabaria por explodir. Pierre,
com delicadeza, considerou:

- Acho que seu café já está bem mexido. Guilherme, meu
caro, sinto que você tem outros problemas. Sabe que sou seu
amigo de longa data. Se puder ser útil de alguma maneira,
estou à sua disposição.

Decidindo-se, afinal, Guilherme confessou:

- Tem razão, meu amigo. O problema é muito mais grave
do que parece à primeira vista. Ouça-me.

E Guilherme passou a relatar, em detalhes, os
acontecimentos dos últimos dias e as reações da esposa. Fez
uma pausa, respirou fundo e continuou:

- Mas essa é apenas uma parte da história. A outra parte
tem relação com a época em que Maria Eugênia e eu éramos
noivos.

Respirou fundo, como se estivesse procurando as palavras, e
depois prosseguiu:

- Nosso compromisso foi firmado por um acordo entre as
famílias.

Deu de ombros e prosseguiu com expressão melancólica:

- Que fazer? Aceitei! Naquela época, não tinha interesse
por ninguém, e isso resolveria o problema financeiro da
minha família. Só que, no mesmo dia do nosso noivado,
aconteceu um fato que mudou minha vida: conheci uma
escrava da casa, que servia Maria Eugênia. Uma bela moça,
que me encantou à primeira vista, e percebi que ela também
se interessou por mim. Alguns dias depois, aproximando-me
da fazenda, ainda na estrada, eu a vi se encaminhando
para o riacho. Como ninguém da fazenda ainda me vira,
pois eu havia parado longe e fora do ângulo de visão de
quem estivesse na casa-grande, resolvi segui-la.

Parou de falar, tomou um gole de café e continuou com
expressão enlevada, como se fitasse um ponto ao longe:

- Nessa tarde deu-se início o nosso relacionamento.
Depois, todos os dias nós nos encontrávamos no mesmo
local e passávamos momentos muito felizes juntos. Ao
contrário do que possa parecer, afirmo-lhe que não agi como
um canalha. Desesperado, na véspera do casamento procurei
até uma desculpa para romper o compromisso com minha
noiva, mas não foi possível.

- Imagino que se sinta culpado por isso, meu caro
Guilherme. Todavia, esses relacionamentos são normais
numa sociedade como a brasileira, em que existem senhores
e escravos. Até onde sei, fatos como esses são comuns e
ninguém se preocupa com eles! - considerou Pierre.

- Quanto à sociedade, sim, tem razão. Mas você se engana,
Pierre, em relação a esse caso. As coisas não são tão simples
assim. Vou contar-lhe o desdobramento dessa situação e
poderá ajuizar melhor. A noite em que minha esposa teve a
alucinação pela primeira vez...

Guilherme relatou ao amigo Pierre tudo o que acontecera a
respeito das alucinações, das coincidências sobre seus
sonhos e a presença da tal mulher. Enfim, da sua certeza de
que a imagem que eu vira não era outra senão a de Rita, a
escrava.

- Será possível?... - indagou perplexo.

- Tudo me leva a crer que sim.

- Mas, como?...

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Esta é a questão. Não sei.

Pierre pensou um pouco, depois sugeriu:

- Quem sabe Marie poderia nos ajudar?

- Marie? Sua esposa?!...

- Sim, ela mesma! Eu sou meio cético em relação a essas coisas, sabe disso, mas Marie tem mais contato com fatos do gênero, pois tem estudado o assunto. Se expuser a ela a situação...

- Por mim, tudo bem. Quando pode ser?

- Agora mesmo. Podemos ir até minha casa, aproveitando que você está desacompanhado.

Guilherme pediu a nota ao garçom, pagou, e se dirigiram à moradia de Pierre. Localizada em agradável bairro não muito distante do centro da cidade, cercada por um belo jardim, a casa era simpática e agradável. Entretida em cuidar das plantas no jardim, Marie ficou satisfeita ao ver o esposo chegar com o amigo brasileiro.

- Guilherme, seja bem-vindo! Por que não trouxe Maria Eugênia?

Pierre adiantou-se, explicando:

- Precisamos conversar com você sem a presença de Maria Eugênia, minha querida. Logo vai entender. Vamos entrar e nos acomodarmos.

Marie percebeu que era uma situação especial e calou-se. Logo depois, sentados confortavelmente na sala de visitas, Pierre sugeriu:

- Guilherme, conte a Marie o que me disse. Pode ser franco, meu amigo. O que disser morrerá aqui.

Guilherme tomou fôlego e começou a falar, um pouco constrangido a princípio, repetindo tudo o que já relatara a Pierre. Quando acabou, a jovem senhora estava perplexa. Como a esposa permanecesse calada, Pierre indagou fazendo um gesto com as mãos:

- E daí? O que pensa sobre esses fatos, querida?

Lentamente, com extremo cuidado e delicadeza, ela confirmou:

- Julgo que você pode estar com a razão, Guilherme. Essa mulher pode ser a escrava Rita.

- Mas isso é uma loucura, Marie! Também pensei nessa possibilidade, mas o que a leva a achar que isso possa ter um fundo de verdade? - considerou Guilherme.

- Porque tenho testemunhado outros fatos semelhantes.

Há alguns anos, venho estudando esses fenômenos. A partir de alguns sonhos que eu tive - e que depois se confirmaram, como se houvessem realmente acontecido -, passei a me interessar pelo assunto. Por coincidência, algumas pessoas relataram-me ocorrências semelhantes, o que fez com que eu chegasse à conclusão de que, de alguma forma, isso existe, é um fato. É como se, ao dormir, pudéssemos gozar de uma outra vida, realizar atividades, passear, visitar pessoas, e muito mais.

- Será possível? - disse Guilherme.

- Não digo que é possível. Tenho convicção absoluta do que afirmo. Aliás, eu não disse nenhuma novidade. Sócrates e Platão, que viveram cerca de quatrocentos anos antes de Cristo, já acreditavam nisso - respondeu Marie com gravidade e firmeza.

- Estou absolutamente pasmo! Mas, tudo bem. Tudo bem. Suponhamos que possa ser verdade. Diga-me, o que leva esses sonhos a acontecerem? Porque durante minha existência

já tive uma infinidade de outros sonhos e nada me pareceu tão "real" assim!

- Exato. Cheguei à conclusão de que o que determina esse tipo de sonho "real" são nossos interesses.

- Como assim? Explique-se melhor, Marie.

- Você não afirmou que estava sentindo falta da escrava?

- Sim. Lamento confessar, mas é verdade.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Fique tranqüilo. Ninguém está aqui para julgá-lo, meu amigo. Certamente, ela também sentia falta de você. Tanto é que foi ela que o procurou aqui, num outro país, distante do Brasil.

- Mas tão longe!... E como ela teria me encontrado, aqui, em Paris? A distância não interfere?

- Aparentemente, não. Afirmando mais: ela o teria encontrado em qualquer lugar do mundo. Parece que o que conta nesses casos é o sentimento, é o desejo intenso direcionado para alguma coisa ou alguém.

Guilherme olhava fixamente para Marie. Parecia que a estava vendo pela primeira vez. Aquela jovem francesa que sempre lhe parecera tão comum, como tantas jovens da sua idade, mostrava agora uma inteligência que ele estava longe de suspeitar, além de cultura, seriedade, lucidez. Era uma personalidade instigante.

- Marie, como pode ter tanta certeza desses fatos? - voltou Guilherme a questionar.

- Como já expliquei, pelo estudo de vários casos. E lhe digo mais, Guilherme. Pode acontecer de duas pessoas, que estão em lugares distantes, terem sonhos absolutamente idênticos e, ao acordar, se lembrarem desse fato. Chegam a falar sobre detalhes do lugar, das pessoas, do assunto tratado, que ninguém mais poderia conhecer, a não ser que tivesse estado realmente lá. Tenho tudo anotado e, se você desejar, poderei lhe emprestar esse material.

- Extraordinário! Então, duas pessoas que se amam podem estar juntas em qualquer lugar! Gostaria de poder ter a sua certeza, Marie - disse com sinceridade.

- Eu o compreendo, Guilherme. Você não é obrigado a partilhar das minhas convicções. Apenas lhe contei o resultado de minhas pesquisas. Todavia, eu lhe asseguro, meu caro, que é tudo muito verdadeiro. E digo mais: não apenas as pessoas que se amam podem encontrar-se, mas também as que se odeiam.

- Verdade?

- Sim, sem dúvida, porque o motivo é o mesmo: o sentimento. Tudo isso pode ser provado. Existem casos, inclusive, em que a pessoa, ao acordar, vê a prova do seu sonho, seja uma flor, um objeto qualquer, um detalhe comprovando que tudo o que ela sonhou é verdade, que aconteceu de fato.

Nesse momento, atônito, Guilherme lembrou-se do detalhe da porta.

- Entendo o que quer dizer. Comigo aconteceu algo semelhante. Certa madrugada, Maria Eugênia viu a mulher misteriosa entrar pela porta de vidro que dá para a nossa sacada. Depois, quando acordamos, a porta estava aberta. O curioso é que minha esposa lembrou-se, com toda a certeza, de que havia fechado a porta antes de deitar, em virtude de estar ventando bastante.

- Percebe como detalhes são importantes? - afirmou Marie, satisfeita pelo fato que comprovava suas pesquisas.

Verdadeiramente incrível! E quanto a Maria Eugênia?

- Acha que retornar para nosso país poderia ajudá-la? - indagou Guilherme, preocupado em resolver seu problema.

Marie pensou um pouco e considerou:

- Na verdade, não posso afirmar tal coisa em relação à sua esposa. Talvez retornar ao Brasil possa ajudar no sentido de que Rita, vendo-o por perto, não precise buscá-lo pelo sonho.

- É uma hipótese. Como pode acontecer também que, pela proximidade, ela o procure ainda mais. Difícil saber a reação das pessoas. Todavia, quanto à Maria Eugênia, Maurice tem razão quando julga que o ambiente em que ela sempre viveu junto da mãe e das pessoas que fizeram parte de sua vida, possa fazer com que se sinta mais segura e confiante.

Conversaram mais um pouco, depois Guilherme despediu-

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
se, agradecendo a hospitalidade e as informações, e regressou ao hotel.

No dia seguinte, após refletir bastante, simplesmente me comunicou:

- Retornaremos ao Brasil no primeiro navio.

14 - Retorno ao lar

Marcada a data do regresso para duas semanas depois, passamos os dias que ainda nos restavam comprando lembranças e preparando as bagagens. Despedimo-nos dos amigos e dos mais belos recantos de Paris e, afinal, com o coração partido, vimos chegar o momento de voltar para o Brasil.

O dia amanhecera encoberto e uma leve bruma invadia tudo. Nossa despedida da bela cidade era melancólica, assim como eu me sentia. Uma tristeza infinita se me assenhoreava do íntimo, juntamente com uma sensação de angústia, de opressão no peito, como se um perigo iminente nos ameaçasse. Contive-me para não desabar em choro convulsivo. Não queria que meu marido me visse nesse estado.

Alugamos uma carruagem, que nos levou de Paris ao porto de Havre, na embocadura do rio Sena, do qual zarparia o navio. Pousamos num hotel e, na manhã seguinte, fomos para o porto, cujo movimento de veículos, carregadores de bagagens, passageiros, era intenso, sem contar a multidão alvoroçada que ali se congregava para ver a partida de entes queridos e de amigos. Subimos a rampa de embarque e ficamos no tombadilho, debruçados na amurada. Olhando lá para baixo, as pessoas pareciam um formigueiro e aquela confusão mexeu com meus nervos, deixando-me atordoada. Assim, foi com alívio que ouvi soar o apito, indicando a partida. O grande navio se pôs em movimento com dificuldade, lentamente, enquanto os passageiros acenavam para os que ficaram no porto. Aos poucos nos afastamos de terra firme ganhando águas profundas. Como o mau tempo não nos permitisse ficar no tombadilho, e o movimento das ondas agitadas me deixasse nauseada, passei uma boa parte dos dias dentro do camarote. Guilherme, ao contrário, gastava as horas conversando e se distraíndo com outros passageiros; quando a chuva não lhe permitia ficar ao relento, sentava-se numa mesa de jogo e passava o tempo entregue às cartas.

Da minha parte, descansava e, com incrível esforço, preparava-me para os almoços e jantares, ocasiões essas em que as mulheres sempre caprichavam nas vestimentas e nas jóias, que as transformavam para os momentos especiais da sociedade ali reunida. Na verdade, eu não tinha vontade de sair do camarote. Aliás, desde que Guilherme me informara da sua decisão de retornar ao Brasil, sentia-me tensa, angustiada, envolvida por um estado de grande agitação que não sabia explicar.

Procurava vencer, sem resultado, essa sensação que se apoderara de mim. A viagem foi um tormento, por isso me senti aliviada quando, após um tempo enorme, atracamos em porto brasileiro. Guilherme alugou uma carruagem e assim, do Rio de Janeiro, fizemos o trajeto de retorno, que agora eu já conhecia, e, após longo percurso por terra - sacolejos que nem de longe se pareciam aos movimentos da embarcação -, para meu alívio nos aproximamos da fazenda. No fundo, estava sentindo falta de tudo o que representava terreno seguro: a presença de minha mãe, que me transmitia segurança e paz, meus aposentos, que guardavam meus sonhos e tristezas, anseios e alegrias. Lembranças queridas afloraram-me à mente, ampliando o desejo de chegar. Curioso é que o retorno ao lar, à casa que me vira nascer, momento que eu tanto aguardava, provocou-me um

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

aumento no mal-estar. Quanto mais diminuía a distância entre nós e a fazenda, pior eu ficava. Essa sensação deixou-me surpresa e angustiada.

Chegamos ao entardecer. As luzes já estavam acesas e, de longe, pude ver a casa-grande. A única coisa que realmente me alegrava era poder rever minha mãe, de quem sentia profunda saudade.

Ao ouvir o rodar de uma carruagem parando à entrada, os escravos saíram para ver quem se aproximava àquela hora. Reconhecendo-nos, correram a avisar os senhores. Meus pais assomaram à porta, surpresos e ansiosos, enquanto os escravos, ligeiros, tiravam as bagagens do veículo, transportando-as para dentro de casa.

- Minha filha! - exclamou minha mãe, correndo a abraçar-me, enquanto meu pai se dirigia ao encontro de Guilherme, cumprimentando - o.

Naquele momento, não resisti e dei vazão às lágrimas por tanto tempo represadas. Choramos abraçadas, e minha mãe me levou para dentro com imenso carinho.

Enquanto nos cumprimentávamos, eu relanceava o olhar pelo ambiente que tão bem conhecia, sentindo-me, afinal, de volta ao lar. Na sala de estar, meu pai dizia a Guilherme:

- Chegaram a tempo de jantar conosco, Guilherme. Porém, foi uma bela surpresa! Não os aguardávamos tão cedo. Pensei que ficariam mais tempo pelo Velho Mundo...

- É verdade, senhor Figueiroa. Resolvemos retornar antes do previsto. Estávamos ambos sentindo falta da nossa terra.

- Fizeram boa viagem?

- Muito boa. O tempo prejudicou um pouco as atividades no navio, mas ainda assim correu tudo bem.

- E você, minha filha, ainda não me disse o que achou da Europa - indagou a mãe, curiosa.

- Ah, mamãe! É tudo muito lindo e diferente daqui. É realmente outro mundo. Especialmente Paris, onde permanecemos mais tempo, é uma cidade encantadora. Trouxemos lembranças para todos.

Apesar da aparente animação da filha, Virgínia notou que algo não estava bem. O jeito de olhar, as mãos nervosas e a agitação mostraram a ela que Maria Eugênia devia estar com problemas.

- Não se preocupe, querida. Teremos tempo para tudo isso. Agora vamos jantar, porque sei que a viagem foi exaustiva e desejam repousar.

Sentados à mesa, que a escrava Odete havia arrumado, fizemos jus às delícias que Florência cozinhou. Ao terminar, comentei satisfeita:

- Ah!...Muito bom retornar ao lar. Estava com saudade do tempero de Florência. Creio que agora tudo entrará nos eixos...

Aquele comentário casual, embora acompanhado de um sorriso, soou estranho aos meus pais. Trocaram um olhar de preocupação, enquanto mamãe nos convidava a passar para a sala de estar onde, como de hábito, nos serviriam café e um licor.

Conversamos ainda sobre banalidades por alguns minutos, depois mamãe sugeriu bem-humorada:

- Teremos muito tempo para saber das novidades. Agora, se quiserem se recolher, não se acanhem. Percebo que estão cansados. Os aposentos estão preparados e as bagagens foram arrumadas.

Aproveitando a deixa, Guilherme levantou-se, fazendo uma leve reverência:

- Obrigado, senhora Virgínia. Realmente estamos exaustos e, se não for indelicadeza de nossa parte, vamos nos recolher. Boa noite!

Também me despedi de ambos e subimos as escadarias, enquanto meus pais permaneciam na sala. A satisfação que eu sentia pela volta ao lar misturava-se a um outro

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
sentimento: o medo.

Dionísia veio ajudar-me a trocar de roupa e nos abraçamos com carinho.

- Estava desacostumada desses hábitos, Dinha. Nesse período, fui obrigada a fazer tudo sozinha, e confesso que tive alguns problemas. No hotel era diferente, pois havia uma criada

da de quarto que me ajudava, quando necessário. Estava com saudade de você, minha mãe de leite.

A escrava, em lágrimas, fitava-me com devoção:

- Enquanto estive lá longe, rezei muito por você, sinhazinha, para que tudo corresse bem e fosse feliz.

- Obrigada, Dinha.

- Agora durma, sinhazinha. Boa noite!

Ela cobriu-me e saiu do quarto sem fazer barulho. Logo, Guilherme veio deitar-se também. Adormecemos pouco depois.

Acordei de manhã cedinho e, como meu esposo ainda estivesse dormindo, comecei a pensar. Agora que estava em casa, temia que Guilherme se afastasse de mim, por causa de Rita. Lembrei-me de que deixara tudo combinado com Miguel. Teria de ir procurá-lo e colocar em ação meu plano. Mais do que nunca, eu queria acabar com ela. Rita não me dera paz durante a viagem e eu temia que as coisas piorassem, uma vez que estávamos ali tão perto.

Levantei-me, fiz a higiene e desci para tomar café com meus pais, cujo horário eu conhecia de longa data. Estávamos sentados à mesa quando Guilherme apareceu, todo arrumado; cumprimentou-nos e acomodou-se também.

Depois, serviu-se de uma xícara de café com leite, pão fresco e manteiga.

- Não apenas você estava com saudade do lar, querida. Eu também. Essas pequenas coisas que nos lembram a infância, a família, o lar são insubstituíveis. Não troco este nosso pão caseiro, a manteiga, o café com leite, por nada.

- Pois então, não faça cerimônia e sirva-se à vontade, Guilherme - disse minha mãe. - Estas rosquinhas de nata recheadas de geléia de laranja estão uma verdadeira delícia!

- Obrigado, senhora Virgínia.

Olhei para meu marido, sentado a meu lado, e comentei:

- Estava dormindo tão tranqüilo que julguei não fosse acordar tão cedo, Guilherme.

- Quando você desceu, eu já estava acordado, minha querida. Por falar nisso, levantei porque precisamos ir à fazenda Santa Clara. Estou preocupado, especialmente com meu pai,

que não anda bem de saúde.

Ouvindo suas palavras, achei que seria a ocasião ideal para colocar meu plano em ação; assim, com expressão penalizada, considerei:

- Tão rápido? Mas mal chegamos de viagem! Lamento, porém acho que não vou poder acompanhá-lo, querido.

Ainda estou bastante fragilizada e sensível para atrever-me a entrar

numa carruagem, mesmo que por pouco tempo. Sinto-me nauseada e, só de pensar em viajar, meu estado piora. Ficará triste se eu não for com você? - disse com voz macia.

Guilherme, que a princípio tinha mostrado certo descontentamento, acabou conformando-se diante de minhas razões:

- Claro que não ficarei satisfeito de ir sozinho, Maria Eugênia; todavia, entendo seus motivos. Quanto a meus pais, certamente ficarão decepcionados, pois lhe querem muito bem.

- Eu sei, querido. Também gosto muito do senhor Valentim e da senhora Leonora. Entretanto, diga-lhes que, assim que for possível, iremos passar alguns dias na Santa Clara. Ah! Não se esqueça de levar os presentes que

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
trouxemos para seus pais! Tão logo acabe de tomar meu café, cuidarei pessoalmente disso. Aliás, estou quase terminando. Chamei Odete, que me auxiliou a separar os presentes e trazê-los para baixo, colocando na carruagem as lembranças que trouxéramos para meus sogros. Dinha já havia feito uma pequena mala com o indispensável, visto que meu marido ficaria poucos dias na casa paterna. Em seguida, Guilherme partiu, com a carruagem carregada de mimos. Despedi-me dele, mandando mil recomendações para seus pais. Assim que ele desapareceu na curva da estrada, corri para dentro. Precisava aproveitar aqueles três dias de ausência.
- Pensei que você estivesse com problemas no estômago, e agora a vejo toda animada! - considerou minha mãe, estranhando-me a melhora súbita.
- Realmente, estou bem melhor. Ah! Ainda não entreguei os presentes para a senhora e para o papai! Aqui estão. Entreguei para minha mãe um lindo xale colorido terminado em franjas; para meu pai, um novo e belo cachimbo; para Dinha, um vestido.
Todos gostaram dos presentes. Dinha agradeceu, em lágrimas, dizendo que o vestido era o mais belo que já vira e que lhe serviria direitinho.
Depois, resolvi andar pelo jardim. Sempre me fez muito bem passear pelas alamedas, respirando o ar puro e sentindo o aroma das flores.
- Não deixe de levar a sombrinha, pois o sol está forte - alertou minha mãe.
- Não esquecerei, mamãe. Até mais!
Caminhei um pouco e, dando a volta no jardim, segui rumo à senzala. Encontrando uns garotos, indaguei por Miguel. Um deles respondeu-me que o vira trabalhando no depósito. Tudo estava à meu favor.
Depósito era um grande barracão onde se guardava a produção da fazenda. Ordenei que o menino fosse avisá-lo de que eu o esperava no caramanchão.
- Veja lá, moleque. Ninguém pode ficar sabendo disso. Aqui está uma moeda. Se souber ficar calado, receberá mais. O garoto saiu correndo, enquanto tomei o rumo do caramanchão. Não demorou muito, escutei passos que se aproximavam. Miguel entrou no caramanchão e percebi que estava trêmulo.
Fitei-o sorridente.
- Muito bem. Gosto que me obedçam com presteza, Miguel.
- A notícia do retorno da sinhazinha já correu pela fazenda. O que deseja de mim, sinhazinha?
- Sabe o que desejo de você. Esqueceu o que acertamos antes do meu casamento? Agora que voltei, quero saber se você continua a meu dispor.
Miguel olhava-me de um jeito que não escondia seu interesse por mim. Depois de alguns segundos, ele murmurou:
- Pensei que tivesse mudado de idéia, sinhazinha.
- E claro que não. E você, continua disposto a me ajudar?
- O que eu ganharei em troca? - indagou.
Vendo o jovem à minha frente, percebi que ainda estava dominado pelos escrúpulos, mas que não conseguia disfarçar seus sentimentos. Se soubesse agir, ele faria qualquer coisa por mim. Então, tomei a sua mão grande e calosa entre as minhas, fazendo-lhe um carinho e disse com voz doce:
- Sabe o que ganhará. Não é o bastante?
Ele estremeceu de prazer, fitando-me de maneira diferente.
- Quando será feito o serviço?
Vencera-lhe as últimas resistências. Respondi baixinho, com um leve sorriso:
- Hoje por volta das três horas da tarde.
- Hoje?... Sinhazinha, não esperava o seu retorno tão rápido. E se não for possível?
- É possível. Tem que ser hoje - afirmei autoritária. - Não

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
quero saber como fará o serviço. Faça-o, apenas. Lembra-se de tudo o que conversamos antes da minha viagem?
- Lembro. Tenho tudo guardado aqui na cabeça - disse ele, apontando com o dedo indicador.
- Está bem. Então, pode ir agora. Tome cuidado. Não admito erros.
Miguel deu alguns passos até a saída do caramanchão. Depois, voltou-se, envolvendo-me num último olhar:
- A sinhazinha está mais bela do que nunca. Quando receberei minha paga?
Soltei uma risada, percebendo como ele estava tenso.
- Não se preocupe. Faça o serviço e cumprirei minha parte no acordo.
O escravo foi embora e fiquei eufórica. Tudo daria certo. Nada poderia sair errado.
Voltei para o casarão, satisfeita com o rumo dos acontecimentos. Conversei com minha mãe até a hora do almoço, contando-lhe detalhes da nossa viagem.

15 - Mergulho no erro

Após o almoço, como era hábito na fazenda, todos da casa se recolheram. Em meu quarto, quieta, fingi que estava dormindo e passei a imaginar o que estaria acontecendo lá fora. Afinal, não resisti e desci as escadarias sem fazer ruído. Tomei o rumo do lago tendo o cuidado de olhar em torno, certificando-me de não estar sendo vista.
Bem a tempo. Aproximando-me, pude ver Miguel e Rita que se encaminhavam para um pequeno barco ancorado à margem. Escondi-me atrás de uma grande árvore e pus-me a observar.
Miguel dizia para Rita, que caminhava a seu lado:
- Não fique preocupada, Ritinha. Não tem perigo algum.
- Mas eu não sei nadar, Miguel! - afirmava ela, temerosa.
- Nem precisa. Vamos apenas dar um pequeno passeio pelo lago. Prometo-lhe que não me afastarei da margem. Além disso, será bom para perder esse medo.
- Então, está bem - concordou ela, respirando fundo para ganhar coragem.
Miguel ajudou-a a subir no barco e, depois de soltar a corda, subiu também. Sentados defronte um do outro, ele começou a remar. Notei que conversavam, porém, daquela distância, não conseguia ouvir o que diziam. Ao perceber que estavam em local mais fundo, ele fingiu deixar cair o remo e inclinou-se perigosamente para apanhá-lo. Nesse momento, com o peso do seu corpo, a frágil embarcação desequilibrou-se e virou. Ritinha, apavorada, soltou um grito. Eu acompanhava-lhes todos os movimentos. O coração batia forte, de excitação e prazer ao ver que minha vingança estava sendo consumada. Lamentava apenas que Rita não soubesse por que ia morrer. Meu prazer seria completo se pudesse dizer a ela: Veja! Você morre por ter-me traído. Roubou-me o amor de Guilherme, meu noivo, porém não roubará o amor de meu marido. Morra, maldita!
Fixando a atenção no lago, vi quando ela afundou e, depois de alguns instantes, voltou à tona a se debater, desesperada, gritando por socorro. Amedrontado agora diante do que estava fazendo e temendo que alguém a ouvisse, Miguel agarrou-a pelo pescoço, puxando-a para baixo. De longe, ainda pude ouvir os gritos apavorados de Ritinha:
- Socorro! Socorro! Não deixem ele me afogar! Não deixem ele me afogar!
Tudo em vão, porém. Estávamos distantes da casa-grande e ninguém poderia ouvi-la. Eu era a única pessoa mais próxima e não a ajudaria em hipótese alguma.
Com os nervos abalados diante da cena que tanto planejara, comecei a rir de satisfação. Miguel se saiu melhor do que eu imaginara.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Considerando consumado o ato, apressei-me em fugir dali antes que alguém aparecesse. Com certeza, logo Miguel se poria a gritar pedindo socorro, e eu não podia ser vista nas imediações. O escravo, trêmulo e apavorado, correu pelo gramado acima clamando por ajuda. Alguém na senzala ouviu seus gritos e alertou os demais, que procuraram saber o que estava acontecendo.

Dentro em pouco uma multidão se aglomerava na beira do lago. Miguel explicava em lágrimas:

- Ritinha quis sair de barco e fiz sua vontade. De repente, por infelicidade, o remo caiu no lago; inclinei-me para apanhá-lo, e o barco virou. Tentei salvá-la, mas Ritinha afundou e não a vi mais. Creio que ficou presa no fundo. Então, gritei por socorro.

Alguns homens imediatamente se jogaram na água procurando pelo corpo. Quando se cansavam eram substituídos por outros que prosseguiam na busca.

- Não estamos encontrando! Onde ela afundou? - perguntou Ramiro.

- Foi nessa direção - explicou Miguel, indicando o rumo. Porém, eles mergulhavam, e nada. Com o passar do tempo, as condições foram ficando mais difíceis, pois, como atingiam o fundo, a água do lago ficava cada vez mais turva, dificultando a visibilidade.

Até que, em dado momento, Ramiro voltou à tona exclamando:

- Encontrei! Encontrei o corpo! Preciso de ajuda para tirá-lo do fundo.

Amaro, amigo de Miguel, pulou na água e, em pouco tempo, trouxeram Rita. A jovem foi colocada na grama, sem vida; estava suja de terra e, na cabeleira molhada e emaranhada, viam-se restos de folhas e de sujeiras; o semblante acinzentado, marmóreo, os lábios descorados, a expressão inerte, impressionaram a todos os que ali estavam. Parecia impossível que aquela jovem tão bela e cheia de vida agora estivesse morta.

Dinha, que aguardava o resultado da busca como os demais, chorando e rezando, se abraçou ao corpo da filha querida, agora sem vida, em grande desespero.

- Tão jovem e tão bela era minha filha... O que farei sem ela? O que será da minha vida sem ela, a luz dos meus olhos? Mamãe e Dinha se abraçavam, procurando dar-lhe consolo e amparo naquele momento de grande sofrimento.

- Acalme-se, Dinha. O Senhor quis assim. Não se rebele contra a vontade soberana de Deus.

Aquela mãe, porém, enlouquecida de dor, não conseguia ouvir a ela e a nenhuma outra pessoa, debruçada sobre a filha que não voltaria a sorrir, que não voltaria a falar, que não voltaria a andar e correr pelos campos, que não voltaria a viver...

Algum tempo depois, transportaram o corpo de Rita para a senzala, colocando-o sobre uma esteira. Dionísia fez questão de cuidar da filha, como sempre o fizera. Assim, tirou-lhe as vestes molhadas, limpou-a, enxugou-a e em seguida vestiu-lhe roupas limpas e secas. Penteou-lhe os cabelos e acendeu velas em torno da esteira. Depois, abriu a porta da senzala, permitindo que todos entrassem para velar e rezar por sua filha.

ENQUANTO isso, A POBRE RITA passara por momentos dramáticos e terríveis. Por insistência de Miguel, relutante, ela havia aceitado o convite para dar um passeio de barco. Na verdade, nem sabia por que aceitara. Nunca gostara do lago; desde pequena sentia muito medo de água. Esse foi o motivo por que não aprendera a nadar como as outras crianças da fazenda. Só entrava no riacho, em local bem raso.

Todavia, como era a primeira vez que Miguel lhe fazia um convite, resolveu concordar. Ao entrar no barco, Rita sentiu

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
grande mal-estar, como se intuitivamente soubesse que algo trágico iria acontecer. Miguel, no entanto, acalmou-a dizendo:

- Não seja tola, Ritinha. Não há perigo nenhum. Ando nessa embarcação há muitos anos e nunca aconteceu nada. Ela é segura! Sei nadar muito bem e não permitirei que lhe aconteça nada de ruim. Além disso, não confia em mim? Ouvindo-o colocar as coisas dessa forma, embora não estivesse totalmente convencida, Rita ficou constrangida de descer. "Afinal, ele estava sendo tão gentil! Sabia que seu romance com Guilherme não tinha futuro, não apenas por serem de mundos diferentes, mas também porque ele agora estava casado com aquela que sempre tinha considerado como sua melhor amiga, Maria Eugênia. Quem sabe esse convite para o passeio no lago não seria o início de um novo relacionamento? Era sabido por todos que Miguel não tinha namorada; sempre arredio, mantinha-se afastado das moças da senzala. Agora, ele tentava se aproximar dela. Não seria esse um sinal do destino para mudar sua vida, dedicando-se a alguém da sua própria condição, e que teria como fazê-la feliz?"

Assim pensando, olhava-o sentado à sua frente e não podia deixar de reconhecer que ele era um belo homem: alto e forte, inspirava segurança; sob a camisa rústica de algodão, podia notar os músculos salientes do peito e dos braços; as pernas enrijecidas no labor do campo, plantadas no fundo do barco com firmeza; o rosto sério, que brilhava de suor, era bem feito, e os olhos escuros, expressivos; trazia os cabelos crespos aparados, bem curtos, deixando a testa e o pescoço rijo à mostra. Sobretudo, porém, era o porte altivo e vigoroso, a expressão desafiadora, que faziam dele alguém especial, como se fosse um rei.

Tudo aconteceu em fração de segundos. Estavam conversando, quando notou que um dos remos, escapando da mão de Miguel, caíra no lago. O rapaz se inclinara para apanhá-lo e ela gritou assustada; a frágil embarcação virou e, quando deu por si, apavorada, estava na água debatendo-se e afundando cada vez mais; o ar lhe faltava e o peito parecia que ia explodir; depois de um tempo que lhe parecera sem fim, atingiu o fundo e, lentamente, começou a subir. Enchendo-se de esperança, ela batia os braços lutando para conservar-se à tona. Nesse momento, sentiu a proximidade de Miguel e procurou agarrar-se a ele, na tentativa de salvar-se. No entanto, com horror, sem entender o que estava acontecendo, notou que seu companheiro ainda a puxava para baixo. Lembrou-se de ter gritado:

- Socorro! Socorro! Não deixem ele me afogar! Não deixem ele me afogar!

Entretanto, quanto mais ela gritava, mais lutava para conservar-se à tona, mais Miguel a empurrava para baixo, até que não viu mais nada. Sentiu a água penetrar em seus pulmões, por todo o corpo, impedindo-a de respirar... e perdeu a consciência.

Rita não notou quando dois vultos diáfanos e luminosos mergulharam no lago, aproximaram-se dela e, delicadamente, retiraram o espírito daquele que seria seu filho, envolvendo-o carinhosamente.

- Pobre irmã! Ainda não foi desta vez que conseguiu melhorar. Comprometeu-se, comprometendo o planejamento reencarnatório do nosso querido amigo, que se preparava para voltar à carne com o objetivo de ampará-la. Que Deus a ajude. Nada podemos fazer por ela neste momento. Partamos!

Em seguida, subiram à tona e alçaram-se no espaço, levando nos braços o pequeno ser adormecido. De repente, Rita sentiu que despertava. Lutou para sair da água, mas, com indescritível horror, sentiu-se presa. Via os escravos que mergulhavam, procurando-a, e tentava

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
chamar-lhes a atenção, pedindo ajuda, mas não conseguia. Até que viu Ramiro, seu amigo, que se aproximou tentando soltá-la. Ele não conseguiu e afastou-se, retornando pouco depois com Amaro, que a segurou fortemente, enquanto o companheiro soltava sua roupa dos ramos que a prendiam, libertando-a. Finalmente, cheia de esperança, sentiu-se nos braços de Amaro que subia, até que chegou à tona, e, imediatamente, outros braços a retiraram da água. Aliviada e agradecida, percebeu que a arrastavam, colocando-a sobre a grama, à margem do lago. Sentia-se extremamente cansada e sonolenta. Aproveitou aqueles momentos para descansar. Por sorte, tinham conseguido salvá-la!

Exausta, entrou em sonolência e não viu mais nada. De súbito, acordou e viu-se estendida na esteira, no ambiente conhecido da senzala. Quanto tempo teria dormido? Olhou em torno e percebeu que seus amigos rezavam à sua volta. O que está acontecendo? - pensou. - Será que me julgam morta?

Tentou falar com os que estavam por ali, seus amigos, chamar-lhes a atenção, mas não conseguiu. Pareciam não vê-la. De repente, viu Miguel, que entrava na senzala lentamente. Não era mais aquele homem seguro e resoluto, era um ser inseguro e acovardado, de ombros caídos e cabeça enterrada no peito; seus passos eram indecisos e a expressão, temerosa. Correu a encontrá-lo, gritando: - Por que fez isso comigo, Miguel? Por que queria me matar? Sempre fomos amigos! Todavia, você não conseguiu. Estou viva e todos ficarão sabendo o que você fez, maldito! Eu confiava em você, e você me traiu. Por quê? Por quê?... Rita batia em Miguel, que não conseguia vê-la, mas ele começou a sentir grande mal-estar, arrepios gelados percorrendo-lhe o corpo e uma sensação de tontura, que o fez sentar-se no chão de terra batida para não cair, enquanto ela prosseguia revoltada:

- Por que não me olha, miserável? Por que seus olhos fogem dos meus? Infeliz de você, porque o denunciarei ao sinhô Figueiroa. Não ficará impune!

Rita continuou falando e falando, repetindo as mesmas coisas. Como não recebesse resposta, ela se cansou e foi acocorar-se a um canto da senzala, desalentada.

Eu NÃO PODERIA DEIXAR DE comparecer ao velório, pois o feito chamaria a atenção de todos. Desse modo, em determinada hora, acompanhei minha mãe. Eu observava o sofrimento dos escravos, via suas lágrimas, ouvia suas rezas misturadas com cânticos, e meu coração continuava frio e insensível.

Nesse momento, Rita me viu chegar. Foi ao meu encontro, procurando ser ouvida:

- Maria Eugênia, ajude-me! Aconteceu uma coisa horrível! Miguel tentou me matar e, por pouco, não conseguiu. Estou viva porque outros me tiraram do lago. Quero que todos saibam desse fato. Vou denunciar esse criminoso para o sinhô Figueiroa. Por que não me responde, sinhazinha? Responda-me, pela nossa amizade! Você não me ouve? Também me despreza, como os outros? Todos me ignoram, até você! O que está acontecendo?...

Rita parou de falar, pensativa. Nem a amiga lhe dava atenção! Diante da gravidade desse fato e, com a consciência culpada, resolveu abrir seu coração, julgando que, de alguma maneira, a sinhazinha tivesse ficado sabendo dos encontros no riacho. Então, extremamente envergonhada, prosseguiu:

- Será que é por causa de seu esposo, Guilherme? Perdoe-me, pois traí sua confiança, mas ele era sedutor e eu fui muito fraca. Não dei sinal de ter ouvido sua explicação. Perplexa, Rita continuou falando e procurando justificar-se. Todavia, como não obtivesse resposta, cansada, afastou-se em prantos, acreditando que sua sinhazinha não lhe perdoara, visto que nem sequer aceitara dar-lhe atenção. Voltou a acomodar-se num canto da senzala, observando todos os que entravam e

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt saíam.

NESSA HORA, o CADÁVER DE Rita não estava mais na esteira. Haviam trazido uma mesa, onde estenderam seu corpo. Mais tarde, aproveitando um momento em que não havia ninguém por perto, acerquei-me dela e fitei-a. Ainda não a tinha visto de perto desde que chegara de viagem. Nem viva nem morta. Inclinando-me de mãos postas, fingi que rezava por intenção de sua alma. No fundo, porém, só desejava ver como ela tinha ficado agora que ultrapassara os umbrais da morte.

Fitei seu rosto marmóreo, que aparentava um estranho tom cinza-esverdeado, os olhos cerrados, as mãos de cera cruzadas sobre o peito, as unhas roxas, e disse baixinho, não conseguindo controlar o desejo de tripudiar diante daquela que odiava:

- Oh, Rita, onde está sua beleza agora? Que é feito do seu porte elegante, do gingado que conquistou meu noivo? Ah!... Julgava que eu ignorava tudo, não é? No entanto, sempre soube do seu envolvimento com Guilherme. Eu vi vocês dois juntos à beira do riacho, miserável, e desde aquele dia passei a odiá-la. E, por isso, mereceu morrer! Não poderia permitir que continuasse viva para desfrutar do amor de meu esposo. Acreditava mesmo que eu aceitaria dividir o que é meu com alguém, especialmente com uma reles escrava?... Agora, ele será só meu para sempre, e você terá o destino daqueles que morrem: a terra, onde será devorada pelos bichos. Estou satisfeita. Você teve o que mereceu. Adeus.

O que eu não poderia imaginar é que Rita, no momento em que eu me aproximava da mesa, foi atraída para lá, deixando o canto do barracão e, com supremo horror, tinha ouvido tudo.

À medida que eu falava, lavando a alma e saboreando minha vingança, Rita acompanhava com atenção e assombro tudo o que eu dizia. Tentava retrucar, pedir-me perdão, mas eu não podia escutar. Nesse momento, Rita percebeu que fora vítima de uma vingança atroz; que Miguel agira sob minhas ordens, e que eu era a verdadeira culpada por tudo o que lhe acontecera.

Alucinada, só naquele momento Rita fitou o corpo estendido, ao qual por duas vezes tentara voltar, mas que, por uma estranha razão, apesar dos seus esforços, não tinha conseguido.

"Estou mortal", pensou, assustada.

No entanto, como se sentia cheia de vida, pensando, gritou-me em plena face:

- Pois se engana, megera. Apesar de seus esforços e do seu cúmplice, não conseguiram me matar. Aqui estou eu, viva! Eu não morri! E, tanto quanto gostava de você, agora vou odiá-la até o fim dos meus dias. Estou apenas adormecida, fato que já aconteceu antes, e, quando eu acordar, você terá o que merece. Eu juro! Nesse momento, eu fazia o sinal-da-cruz para afastar-me. Como eu não reagisse, nem lhe respondesse, ela prosseguiu febril e rancorosa:

- Talvez você gostasse de saber que estive até em seu quarto, quando estava viajando? Não sei como isso acontece, mas posso movimentar-me durante o sono e ir para onde quiser.

Como eu continuasse muda, Rita ficou possessa de raiva:

- Também me despreza, sinhazinha, como os outros? Pois terá o que merece, maldita!

E, alucinada, passou a agredir-me com socos e pontapés, tentando rasgar-me as vestes, arrancar-me os cabelos bem penteados, atingir-me de alguma maneira. Sem conseguir fazê-lo materialmente, suas vibrações de ódio causaram-me tremendo mal-estar. A cabeça rodopiou e teria caído ao chão se meu pai, que chegava naquele momento, não tivesse percebido que eu não estava bem. Ele segurou-me e, afastando os que se aproximavam, curiosos, carregou-me

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
para fora da senzala, seguido por minha mãe.

Meu pai levou-me até o banco de madeira mais próximo, onde me colocou com cuidado. Ao ver-me abrir os olhos, indagou preocupado:

- O que houve, minha filha?

- Não sei, papai. De súbito, senti um grande mal-estar e minha vista se turvou. Pensei que fosse cair.

- E teria realmente caído se eu não a tivesse amparado. Foi imprudência de sua mãe trazê-la ao velório.

- Felipe, Ritinha era amiga de nossa filha. Maria Eugênia precisava vir orar por ela! - justificou-se Virgínia.

- Sei disso. No entanto, a aglomeração era grande, o ambiente estava muito quente, abafado, sem ar. Creio que foi isso. Como está agora, filha?

- Estou bem, meu pai. Acho que já posso caminhar.

Ladeada por meus pais, andei até o casarão. Depois, subi para meu quarto, onde deitei, sob os cuidados de minha mãe.

Ajeitando-me as cobertas, mamãe disse:

- Vou mandar trazer-lhe um copo de leite morno, que lhe fará bem. Agora, descanse. As emoções foram muitas para um único dia.

"É verdade. Muito mais do que a senhora imagina", pensei.

16 - Na espiritualidade

Na senzala, confusa e desorientada, sem entender o que estava acontecendo, Rita prosseguia no seu martírio. Sentia-se viva e, ao mesmo tempo, via seu corpo estendido sobre a mesa improvisada, julgando-se adormecida e a sonhar.

De repente, ela lembrou-se de que estava grávida.

- Meu filho! Será que ele está bem? Terá sido afetado pelo que sofri no lago?

Nesse momento, a recém-desencarnada notou que algo se desprendia dela e vinha para o seu colo.

- Meu filho? Mas, ele não está bem! Está gelado, não respira...

Socorro! Socorro! Preciso de ajuda para meu filho!

No entanto, por mais que pedisse, por mais que gritasse, ninguém a atendia, e ficou vagando de um lado para o outro, em desespero, a suplicar ajuda para o bebê que trazia nos braços.

Cansada de tanto bradar por um socorro que não vinha, sem forças, acabou por entregar-se a um sono invencível; depois, de repente acordou e prosseguiu na sua luta, alternando-se seu estado entre o sono e a vigília.

De manhã cedinho, Rita despertou e percebeu que alguns escravos se aproximaram e a envolveram com o lençol que recobria a mesa, mandado por sinhá Virgínia. Depois a carregaram, e todos os presentes puseram-se a caminhar lentamente até o local onde eram enterrados os mortos, chamado de campo-santo.

A morta ouvia as pessoas conversando, falando a respeito dela como se não estivesse presente. Alguns criticavam seu comportamento e ela tentava em vão justificar-se, mas não lhe davam a menor atenção.

Notou as lágrimas de Miguel e escutou-lhe as palavras de arrependimento:

- Perdoe-me, Ritinha. Eu não desejava matá-la, mas fui fraco. O amor me perdeu. Maria Eugênia me induziu a fazer o que fiz. Se pudesse, voltaria atrás. Estou muito arrependido,

mas agora não tem mais jeito. Espero que sua alma encontre o descanso que merece.

E ela, ouvindo-o, retrucava:

- Mas não estou morta, Miguel. Estou viva! Olhe para mim! Felizmente não conseguiu me matar. Ajude-me! Estou sofrendo e ninguém me escuta, ninguém atende aos meus rogos. Não sei o que está acontecendo. Parece-me que estou tendo um terrível pesadelo, do qual tento desesperadamente acordar, e não consigo!

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Se o seu arrependimento é verdadeiro, me ajude, eu lhe imploro!
Mas Miguel também não lhe respondia, e Rita observava tudo isso sem entender o que estava ocorrendo.
- Terei ficado louca?

Às vezes, se via sendo carregada no lençol; outras, analisava a situação de fora, como se estivesse acompanhando os demais, caminhando ao lado deles no meio das árvores. Tentou afastar-se, correr para o meio do mato, mas não conseguiu; quando deu por si, estava lá, no meio deles, inapelavelmente.

O campo-santo ficava um pouco afastado, em meio a um bosque agradável, e a procissão seguia lentamente. De súbito, ao se aproximarem do local, Rita viu uma cova aberta e, notando-lhes a intenção, se pôs a gritar, desesperada:

- Não estou morta! Estou viva! Piedade! Piedade! Não enterrem a mim e ao meu filho! Socorro! Socorro! Alguém pode me ouvir? Meu Deus! Será que não vou acordar deste sonho maldito? Socorro! Acudam-me!

Contudo, como não conseguisse ser ouvida, seu desespero e pavor eram tantos que acabou por perder os sentidos, mergulhando na inconsciência.

DALI POR DIANTE, A VIDA DA pobre moça passou por modificação atroz. Em virtude do ódio que sentia por mim e por Miguel, vinculou-se a nós de tal forma que só conseguia pensar em vingar-se de nós dois. Então, ela, cujo espírito poderia se libertar, visto que não provocara, mas que sofrera uma violência, sentiu-se ligada tanto aos desafetos quanto ao corpo que acabara de deixar.

Por reconhecer-se viva, pulsante, pensando, falando e agindo, Rita não entendia por que a consideravam morta. Supunha ter sido vítima de algum erro e desesperava-se tentando fazer seu corpo retornar à vida. Apegada à idéia de que estava sonhando, lutava por acordar. Não entendia por que via a si mesma de pé, diante do corpo, que reconhecia como seu e ao qual tentava retornar para prosseguir vivendo. Nos acessos de loucura que a dominavam, não obstante o horror e o medo que sentia, obrigava-se a entrar na cova para fazer o corpo levantar-se, tentando colocá-lo de pé, por acreditar ser a única maneira de prosseguir vivendo, o que, evidentemente, não conseguia. De outras vezes, ao perceber que o cadáver continuava inerte, tentava libertá-lo da sua prisão, cavando a terra com as próprias mãos, crendo assim trazê-lo ao mundo dos vivos para que pudesse respirar.

Em outros momentos ainda, se sentia presa ao corpo, sentindo os vermes a corroerem suas carnes e o cheiro de podridão atingindo suas narinas, e punha-se a gritar e a chorar, enlouquecida, não entendendo a razão de tamanho sofrimento.

Em outras ocasiões, via-se junto de mim, na casa-grande, ameaçando-me e cobrando-me por seu sofrimento atual, jurando vingança; ou junto de Miguel, que perseguia pelo mato onde ele se escondia, acusando-o da mesma maneira e jurando vingança. Ou então, éramos nós, eu e Miguel, que, com a consciência culpada, buscávamo-la em sua cova, víamos sua situação de morta-viva e, horrorizados, fugíamos apavorados.

Quanto tempo ela assim permaneceu, não saberia precisar. Poderia ser um mês, um ano ou um século. No tempo, que lhe parecia infindo, vivia nesse ir e vir constante, sem possibilidade de se afastar do corpo; muitas vezes fora da cova, outras vezes dentro, sem saber como tal processo se dava.

Certo dia, em que se encontrava mais desesperada, sentou-se numa pedra à beira do túmulo para chorar. Cansada de suas tentativas para reanimar o corpo de carne, ali ficou, com a cabeça entre as mãos, sofredora e aflita, até que, em determinado momento, sentiu-se atraída por algo

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
que a chamava. Sem se dar conta de que se libertava enfim daquele martírio, caminhou rapidamente em direção à senzala. Próximo ao barracão viu alguém que, de cabeça baixa, sentado na relva, orava por ela. Era pai Albino. Rita aproximou-se dele, sentindo, pela primeira vez em muito tempo, uma sensação de paz e reconforto que ele lhe transmitia. Experimentou gratidão pela oração que ele fazia e pelo bem-estar que lhe deram suas palavras. Escutou quando ele disse:

- Sinhô! Tem piedade da nossa querida Ritinha, que tanto sofre e que está passando por momentos muito difíceis. Eu a vejo solitária e sofredora, junto do corpo que abandonou, sem conseguir libertar-se dele. Ajuda-a, meu Deus, para que a infeliz encontre um alívio para suas aflições. Rita ajoelhou-se perto dele e começou a soluçar, lentamente colocando a cabeça em seu colo.

Com a sensibilidade de que era dotado, pai Albino notou-lhe a presença e viu quando ela se acomodou no seu regaço, a chorar como uma criança precisando de consolo. Suas vibrações de amor envolveram-na com carinho, e orou ainda com mais fervor, agradecido ao Senhor por ter atendido às suas preces.

Depois desse momento, Ritinha entrou em sono profundo, ficando abrigada ali mesmo, nas imediações, numa gruta que pai Albino usava para fazer suas rezas e trabalhos. Após muitos dias, ela despertou, sentindo-se bem melhor, e pôde dar alguns passos pelas imediações. Estranhou não mais sentir a presença do bebê em seu colo. Quando perguntou ao escravo onde estava seu filho, ele informou:

- Não se preocupe, minha filha. Seu filho foi socorrido e está bem.

A sensação de alívio e alegria era intensa ao perceber que ele a escutava e que podia responder-lhe, esclarecendo suas dúvidas. Era a primeira pessoa que a via e que falava com ela em muito tempo. Animada por retomar o contato com alguém, perguntou:

- Pai Albino, o que está acontecendo comigo? Não entendo.

Tenho sofrido tanto! Parece-me estar vivendo um pesadelo sem fim! Quero despertar e não consigo! Existem horas que chego a acreditar que morri; porém, reconheço-me viva, penso, sinto! Como pode ser isso?

E pai Albino, com infinita doçura, esclareceu:

- Pois não morreu mesmo, minha filha. Ninguém morre.

Você deixou o corpo de carne que usava e agora está num outro inundo, numa outra vida, que é a verdadeira.

- Ah! ... Então é por isso que ninguém me ouvia?

- Sim. As pessoas, de modo geral, não percebem os que já partiram.

- Mas pai Albino é diferente. Me ouve, responde quando falo, ora por mim e me ajuda.

- Sim, Ritinha, porque tenho a condição de sentir e ver esse outro mundo que nos cerca e onde você vive agora.

Apesar de reconhecer-se melhor por saber, finalmente, o que acontecera com ela, Rita não podia deixar de sentir a ausência do corpo físico, a saudade da convivência com as pessoas, com sua mãe, com seus amigos. Por isso, passou a chorar sentidamente. A lembrança de que devia, a mim e a Miguel, o seu estado atual e os sofrimentos por que passava fez que uma mágoa e um ressentimento profundos a envolvessem. As emanções de ódio, como consequência, fizeram que seu estado, que era tão promissor, voltasse a piorar. Retornou para a gruta emocionalmente enlouquecida, mas auxiliada pelas orações de pai Albino e favorecida pela misericórdia divina, novamente mergulhou em sono benéfico.

Aos poucos Rita foi melhorando, agora consciente do seu estado de desencarnada.

Todavia, como cada um acha o que procura, assim as

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Lembranças desagradáveis voltaram gradativamente à mente de Rita. Pai Albino alertava-a para que não se deixasse dominar pelas recordações negativas, que procurasse esquecer, porém ela não conseguia se libertar.

- Minha filha, perdoe aqueles que a prejudicaram, conforme ensina Jesus de Nazaré. É a única maneira de você se libertar deles. Esqueça o que passou e aproveite a nova vida que o Pai lhe concedeu.

Mas Ritinha, ao contrário, sentia verdadeiro prazer em relembrar os fatos, atraída pelos meus pensamentos e de Miguel, visto que a consciência culpada não nos permitia esquecer o trágico acontecimento.

ASSIM, PRESA POR NOSSAS ondas mentais, não raro se via no casarão, onde eu atravessava momentos dolorosos, pela sensibilidade que eu possuía para perceber o mundo espiritual.

Espírito endividado, desde criança eu sempre sentia a presença dos espíritos que me perseguiram e me causavam infinito pavor durante noites insones. Ao atingir a adolescência, fiquei noiva, continuando a sentir os mesmos problemas. Antes do casamento, ao descobrir a traição do noivo e da amiga de infância, deixei-me envolver pelo ódio e pelo desejo de vingança, vinculando-me ainda mais fortemente aos inimigos de épocas passadas, estado que perdurou na viagem de núpcias, inclusive provocando nosso retorno mais rápido ao lar.

Poderia ter-me contentado em expor à rival a posição de esposa que passei a ostentar, enquanto ela era simples escrava. No entanto, meu ódio era tanto que prossegui com os propósitos de vingança, destruindo-lhe a vida. Depois de realizar meu desejo, com a cumplicidade de Miguel, aumentou muito a minha responsabilidade, e a consciência não mais me concedeu paz.

Debilitada mentalmente, após a morte de Rita, passei a alternar momentos de lucidez com momentos de loucura, ocasiões em que afirmava estar vendo a antiga companheira de infância dentro do túmulo, em grande sofrimento. Certamente, ninguém me dava crédito, julgando que eu estava enlouquecendo. Junte-se a isso a humilhação que fui obrigada a suportar, ante a reação de meu marido ao retornar da casa dos pais, logo após o enterro de Rita, e ficar sabendo do ocorrido. Lembro-me bem.

NAQUELE DIA, GUILHERME entrou no casarão, dependurou o chapéu no cabide perto da porta, respirou fundo e viu-me caminhar a seu encontro. Abraçou-me, dando um ligeiro beijo em minha face, enquanto me cumprimentava. Notou que eu estava diferente, parecia estranha.

- Aconteceu alguma coisa, Maria Eugênia? - indagou.

Respirei fundo e respondi, tentando conter a satisfação:

- Pois não sabe? Acabamos de perder Ritinha, que morreu afogada.

Diante de meus olhos, vi Guilherme fraquejar. De repente ficou pálido, a respiração se lhe alterou; levou a mão ao peito, onde o coração pulsava descontrolado, e notei que ela tremia. Deixou-se cair numa cadeira e, ao ver-lhe a reação, eu disse com uma ponta de ironia, como se estranhasse a atitude dele:

- O que houve, querido? Parece-me que você não está bem!

- É verdade. Acho que é porque viajei sob um sol extremamente forte. Foi um mal-estar passageiro. Estou melhor.

- Ainda bem, Guilherme. Pensei até que a morte de minha escrava fosse a causadora de tal reação da sua parte... Com um sorriso amarelo, Guilherme tentou desfazer a impressão, alegando:

- De maneira alguma, querida. Afinal, conheci Ritinha superficialmente; apenas cruzei com ela algumas vezes aqui

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt dentro de casa.

Ele fechou os olhos, respirou fundo e, mais sereno, perguntou:

- Mas o que aconteceu com a pobre moça?

Minha mãe, que chegara naquele instante e ouvira a conversa, após cumprimentar o genro, respondeu delicadamente, para poupar-me da explicação:

- Foi um fato terrível e inexplicável, Guilherme. Ritinha sempre teve medo de água e nunca se aproximava nem da margem do lago. Naquela tarde, aceitou um convite de Miguel para dar um passeio de canoa. Por uma dessas fatalidades que só Deus sabe a razão, o remo caiu na água, escapando da mão de Miguel, e ele, tentando apanhá-lo, desequilibrou o barco, que virou, jogando Rita na água. Foi uma desgraça! Os escravos fizeram de tudo para salvá-la, porém não conseguiram. Quando a retiraram da água já estava morta. Dinha está desolada.

Mamãe parou de falar, olhou para mim, tomou-me a mão na sua e disse:

- Está bem, minha filha?

Guilherme, observando o cuidado de minha mãe para comigo, indagou:

- Maria Eugênia está com algum problema?

- Minha filha ficou muito abalada com a tragédia que se abateu sobre a nossa casa. Não ignora que ela era muito afeiçãoada à falecida, e, como é sensível, tem estado um pouco nervosa.

Intimamente, eu agradeci a desculpa que minha mãe deu para meu estado. Era uma maneira de justificar-me as reações, sem me comprometer. Felizmente, ela e os demais estavam bem distantes da verdade.

ESSE DIÁLOGO OCORREU LOGO após o retorno de Guilherme. Depois disso, as coisas só pioraram. Vezes sem conta eu o encontrava com o olhar perdido ao longe, entregue aos seus pensamentos, e vê-lo assim me deixava ainda mais nervosa e irritada. Sabia que ele estava pensando em Rita, lembrando-se dela e lamentando a sua morte prematura, no auge da mocidade e da beleza.

Para controlar meus impulsos, passei a fazer uso de bebidas alcoólicas. Meu pai tinha uma vasta e bem suprida adega, e em nossa sala havia um armário com farta exposição de vinhos. Notei que, quando tomava um gole, conseguia ser mais natural e enfrentar as situações com tranquilidade, sem me desequilibrar. Assim, fui aumentando aos poucos as doses até chegar a um ponto em que não podia mais passar sem elas. Ao mesmo tempo, a presença da alma de Rita se tornou mais freqüente, constituindo-se num verdadeiro pesadelo para mim.

17 - Enfrentando conseqüências

Minha existência virou um suplício inenarrável. Eu via o vulto da escrava falecida ao meu lado, ameaçando-me e acusando-me pela sua morte. Desejava ela que eu me penitenciasse, confessando o crime que cometera com a cumplicidade de Miguel. Isso, no entanto, estava fora das minhas cogitações. Então, eu fugia. Corria pelos corredores, subia as escadarias e andava a esmo pelo terraço de cima, de onde descortinava o lago, límpido e calmo, mas que me parecia tão ameaçador.

Rita vinha ao meu encontro, torturava-me, reclamava do seu estado, do seu sofrimento, chorava desconsolada, e eu procurava esconder-me para não mais vê-la nem ouvi-la.

Contudo, ela sempre descobria meu esconderijo, e a perseguição prosseguia cada vez mais acirrada.

Quando tudo começou, mamãe ia ao meu encontro tentando acalmar-me.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- O que está acontecendo com você, minha filha? Por que essa correria pelos corredores da casa?

E eu, apavorada, fazia sinal para que ela se calasse. Depois, em voz baixa, explicava:

- É ela, mamãe. Ela quer me pegar.

- Ela quem, minha filha?...

Com expressão de pavor no semblante, eu respondia:

- Ela! Ela! Não posso dizer-lhe o nome.

Aconchegando-me em seus braços, minha mãe, com carinho infinito, afirmava cheia de piedade:

- Não há mais ninguém aqui, minha filha. Só você e eu. Olhe! Estamos sozinhas!

E eu levantava a cabeça e arriscava a olhar em torno. Como não via nada, mais encorajada, eu procurava atrás das portas e das cortinas, debaixo das camas, até que, afinal, tranquilizava-me.

- É verdade, mamãe. Ela foi embora. Sua presença fez com que ela desaparecesse.

E esses diálogos se repetiam vezes sem conta. As pessoas na fazenda evitavam tocar no assunto, compreendendo meu estado de desequilíbrio mental. Notavam, contudo, que Miguel sofria também de alucinações, como se estivesse ficando louco. Ligaram os fatos, percebendo que eles haviam começado à mesma época, isto é, por ocasião da morte de Ritinha, que, qual alma penada, era vista vez por outra caminhando pela fazenda, na senzala e até na casa-grande. Porém, não entendiam por que Miguel e eu estávamos sendo mais atingidos pela infeliz morta.

Muitos escravos da fazenda, acreditando na imortalidade da alma e na possibilidade de comunicação entre os dois mundos, sabiam que esses fatos tinham relação com o dom de ver e ouvir aqueles que já haviam deixado a Terra. Por isso, encaravam como fenômeno natural as aparições de Ritinha e as alterações que se efetuavam em várias pessoas, especialmente em mim e em Miguel.

O tempo foi passando. Meu pai mal conversava comigo. Sentia vergonha do meu desequilíbrio, que ele absolutamente não entendia, julgando-me "fraca das idéias", como se dizia. Por esse motivo, nunca mais recebemos visitas em casa para aqueles saraus e festas tão apreciados por nossa família e pelas pessoas das redondezas. Ele, o grande Felipe de Albuquerque Figueiroa, uma das pessoas mais importantes da região, não queria que soubessem que sua filha única estava louca.

Guilherme se tornou a sombra do que fora. O filho que desejávamos, e que poderia ter conservado nosso casamento, não veio. Não suportando meu desequilíbrio, meu marido passou a sair com frequência, permanecendo cada vez mais tempo fora de casa. Quando eu exigia uma explicação, ele inventava uma desculpa, alegando ter passado o tempo a jogar com amigos, ter ido à vila, ou qualquer outro motivo.

A grande verdade é que somente ele desejava um filho. Eu odiava a idéia de ficar grávida e ver meu corpo alterar-se dia após dia até ficar enorme, gorda e disforme, como via acontecer com as negras da fazenda.

Por esse motivo, na primeira vez que percebi a falta das regras, fiquei desesperada. Ansiei alijar-me do fardo incômodo e indesejado. Lembrei-me, então, de uma escrava "fazedora de anjos", como tinha ouvido dizer desde criança. Certa ocasião, brincando com Rita perto da senzala, ouvi uma conversa entre duas escravas, em que elas comentavam sobre uma terceira, que resolvia "certos problemas" indesejados. Essa escrava, Joana, não era bem-vista na fazenda, talvez exatamente por suas ações. Recordando-me desse fato, fui procurá-la. Bastante idosa, ela atendeu-me. Depois disso, por três vezes recorri a seus serviços, pois jamais desejei ser mãe. Às vezes, ela me dava uma

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
beberagem preparada com ervas, e o problema era resolvido.
De outras, quando a gestação estava mais avançada, era necessário algo mais radical. Então, procurávamos lugar discreto, tomando cuidado para não sermos vistas por ninguém. Ali, no meio do mato, ela fazia o serviço, e eu retornava para a casa-grande, sentindo-me fraca e cheia de dor. Deitava-me e, não raro, diante da hemorragia, Dinha se assustava, e eu alegava ser um fluxo mensal mais intenso. O tempo foi passando.
Certo dia, dois anos depois, a tragédia novamente visitou nossa casa.

Estávamos em 1843. O filho do escravo Honório, um menino de oito anos de idade chamado José, estava pegando uma fruta do pomar para comer. Por infelicidade, meu pai passava pelo local e o viu. Puxou as rédeas, fazendo o cavalo parar, e chamou a atenção do menino aos berros:

- O que está fazendo, José?

- Sinhô, eu estava com fome! - defendeu-se o garoto, assustado.

Com o olhar coruscante de ódio, segurando as rédeas com firmeza para conter o cavalo indócil, ele respondeu:

- Não quero saber se você estava com fome, moleque safado! Ninguém tem direito de roubar frutas do meu pomar! Cambada de desocupados!

- O pomar é grande e tem tantas frutas, sinhô! Eu não estava roubando, não sinhô! Estava pegando do chão. Veja, elas caem do pé e apodrecem, sendo comidas pelos bichos.

- Não é da sua conta, moleque petulante! Prefiro que as frutas apodreçam no chão a alimentar o bucho dos escravos!

Depois, tirando o chicote da cintura, ia dar-lhe uma chibatada quando o cavalo, por causa de uma pressão maior nas rédeas, empinou, relinchando. Manteve-se por alguns segundos quase na vertical; depois, ao descer, atingiu o menino com as patas. O garoto foi arremessado ao solo, todo ensangüentado.

Alguns escravos, que capinavam ali perto, viram quando o patrão chegou e gritou com o menino no pomar. De imediato, um deles se apressou a alertar Honório, que estava a uns cinquenta metros. O escravo largou o que estava fazendo e veio correndo. Aproximando-se, ainda teve tempo de ouvir as últimas palavras do patrão e, ao mesmo tempo, com grande pavor, ver a cena trágica do filho atingido pelas patas do cavalo.

Lançou um olhar dolorido para meu pai e jogou-se no chão ao lado do menino, gritando:

- Meu filho! Meu filho! Acorde, meu filho! Responda, José!

No entanto, o menino permanecia prostrado, Honório viu a fenda que se abria na cabeça do filho e o sangue que dela se esvaía aos borbotões; notou a ausência de respiração e percebeu que a vida já abandonara aquele pequeno corpo.

Aconchegando o filhinho nos braços, com infinito amor, chorou convulsivamente.

O fazendeiro, indiferente à sua dor de pai, apeou do animal afirmando:

- Teve o que merecia. Quem mandou vir roubar frutas?

Não sabe que é proibido?

Ao ver tanta insensibilidade, revoltado com as palavras de meu pai diante daquela tragédia causada por uma simples fruta, enlouquecido de ódio, Honório perdeu a cabeça. Foi tudo muito rápido. Abandonando o corpinho do filho estendido no solo, Honório relanceou o olhar esgazeado em torno e viu um galho caído, aí perto. Apanhou-o e, enquanto o sinhô, de costas, ajeitava as rédeas para montar e ir embora como se nada tivesse acontecido, deu-lhe uma paulada na nuca.

Felipe de Albuquerque Figueiroa caiu estatelado no chão, sem soltar um gemido.

Ao perceber o que fizera em um momento de ódio, Honório jogou-

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
se sobre o corpo do filhinho morto, vertendo lágrimas amargas. Os escravos, que tinham ocorrido ao local, se depararam com a trágica cena: o menino morto de um lado e o sinhô caído do outro. E, no meio deles, Honório, em choque, sem saber o que fazer. Os amigos, preocupados com sua segurança, aconselharam-no a fugir para não ser preso.

- Vá, meu amigo. Cuidaremos da sua família. Fuja rápido, antes que o capataz o veja - afirmou Amaro.

Honório embrenhou-se pelos matos e nunca mais tivemos notícias dele.

MAMÃE E EU TIVEMOS conhecimento da tragédia no momento em que os escravos chegaram com o corpo de meu pai, sem vida. Mamãe ficou desesperada, jogando-se sobre ele a gritar e a chorar, porém nada mais podia ser feito. No fundo, sempre imaginamos que isso poderia acontecer um dia, porque meu pai era extremamente autoritário e rude com os escravos, que o detestavam.

O feitor informou minha mãe da tragédia, contando-lhe os fatos conforme lhe narraram os escravos que foram testemunhas, e deu-lhe ciência dos procedimentos que iria tomar:

- Sinhá Virgínia, diante do acontecido, Honório, o assassino do sinhô Figueiroa, fugiu. Mas não se preocupe. Estou organizando um grupo de homens para caçá-lo. A sinhá pode ficar

descansada que encontraremos esse criminoso onde ele estiver e o traremos de volta para que tenha o castigo que merece.

Com firmeza, minha mãe ordenou:

- Basta de tragédias, Roque! Que a justiça se encarregue de perseguir o escravo, não nós.

Assim, apesar de descontente, o capataz, louco para pôr suas mãos no fujão e levá-lo para o tronco, teve de obedecer às ordens de minha mãe, que, com a morte de meu pai, era agora a patroa.

O velório transcorreu normalmente. Como meu pai era homem de prestígio na sociedade da região, muita gente compareceu ao seu enterro. Não posso dizer que lamentei a morte dele. Nunca fomos muito ligados um ao outro. Confesso até que senti certo alívio.

Passados os primeiros tempos de tristeza e luto, mamãe se tornou outra pessoa: mais segura, mais firme em suas decisões, mais experiente e também mais calma. Depois de tantos anos, dominada pela personalidade férrea de meu pai, voltou a ser ela mesma.

Quanto a Guilherme, com a morte de Rita, tornou-se ainda mais distante e, certamente por influência dela, agora desencarnada e que destilava seu ódio por mim, ele me rejeitava. Nada havia que nos prendesse um ao outro, pois ele não me amava nem nunca me amou.

Percebia no seu olhar o quanto me era indiferente, até que ele acabou por abandonar-me, indo morar na fazenda junto com seus pais.

A maior parte do tempo, porém, passava em viagens pelo Velho Mundo.

MAIS TRÊS ANOS SE PASSARAM na ampulheta do tempo. Corria o ano de 1846.

Mamãe se tornara uma mulher forte e muito querida por todos. Administrava nossa propriedade com pulso firme e competência. Sob sua autoridade, Roque teve de baixar a cabeça, respeitando os escravos, que passaram a ter uma existência mais fácil e confortável. Sem dúvida, ele não gostava daquilo, pois tinha temperamento violento e às vezes reclamava. Certo dia, particularmente inconformado, ele desabafou:

- Sinhá Virgínia, esses escravos estão muito moles, não querem trabalhar direito, porque têm vida muito boa. É necessário dar-lhes um corretivo para que aprendam a

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

respeitar a autoridade. Eles não têm mais medo de mim nem temem o tronco, que não serve mais para nada. Há quanto tempo ninguém recebe umas chibatadas nesta fazenda? Sentada atrás de sua mesa no escritório, minha mãe colocava em ordem alguns documentos e, ao mesmo tempo, ouvia o capataz que, parado à sua frente, falava revirando o chapéu nas mãos, irritado e nervoso.

Largando os papéis sobre a mesa, mamãe deixou que ele falasse sem interromper, depois considerou com seriedade:

- Roque, eu entendo que sinta falta da época em que trabalhava sob as ordens de meu marido, todavia penso de forma diferente da dele. Se você está desgostoso e não de seja permanecer aqui na fazenda, é livre para procurar um trabalho mais de acordo com suas tendências de violência e agressividade.

Arregalando os olhos, o feitor parou de rodar o chapéu, assustado:

- Não, sinhá Virgínia! Longe de mim querer deixar o serviço aqui na fazenda. Apenas julguei que, talvez, uma atitude mais dura de vez em quando colocaria todos em seu devido lugar. Só isso! Não me entenda mal! Gosto de trabalhar aqui, onde estou desde criança. Cresci e substituí meu pai como capataz do sinhô Frederico de Albuquerque Figueiroa, pai do seu falecido marido, sinhô Figueiroa. Não, sinhá Virgínia. Não quero ir embora.

- Então, Roque, prossiga com suas atividades normais. Os escravos estão bem, trabalham com afinco e mostram gratidão pela maneira como são tratados. Não se esqueça de que os

escravos, apesar da posição de inferioridade que ocupam, são pessoas como nós e, por isso, merecem uma vida digna.

- Sim, sinhá - concordou ele baixando a cabeça.

- Muito bem. Mais algum assunto?

- Sim, sinhá Virgínia. O Miguel.

- O que tem ele?

- Continua do mesmo jeito, acuado no mato, mal a gente o vê. Foge de todos e vive como um bicho. Fala coisas sem sentido. O que faço com ele?

- Se Miguel não representa perigo para ninguém, deixe-o como está. Ainda é pai Albino que cuida dele?

- Sim, sinhá.

- Então, não precisa se preocupar. Cuide para que nada falte ao pobre louco e a pai Albino.

- Entendido, sinhá.

- Mais algum outro assunto?

- Não, sinhá Virgínia.

- Então está dispensado.

- Obrigado, sinhá. Até mais ver.

Com uma leve inclinação de cabeça, Roque deixou o escritório. Entrei na sala, encontrando mamãe parada, olhos perdidos ao longe. Não pude deixar de notar que o tempo fizera bem a ela. Tinha alguns fios de cabelos grisalhos nas têmporas, que usava presos na nuca, em um coque; sua pele continuava sendo bela e fresca, como se o passar dos anos não a tivesse afetado; seus olhos eram mais doces, mais ternos, embora firmes, e o sorriso continuava a ser o de uma menina. Dei uma volta na mesa, abraçando-a.

- Está triste, minha bela mãe?

- Não, minha querida. Pensativa, apenas.

- Foi a conversa com Roque que a deixou assim?

- Sim, Maria Eugênia. Lembrou-me dos tempos em que seu pai estava aqui conosco e falou-me também da época em que trabalhou para seu avô Frederico, há muitos anos. Dinha conta que, conforme a mãe dela afirmava, sua avó Heloísa era muito boa. Quanto a seu avô, era cruel e violento, mantendo todos debaixo de sua chibata.

Deixei-me cair em uma cadeira de braços, após servir-me de um copo de vinho.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Não pude deixar de ouvir uma parte da sua conversa com Roque. Perdoe-me, mamãe. Eu cheguei e fiquei aguardando que ele saísse.

- Não precisa me pedir perdão, Maria Eugênia. Meus assuntos com Roque não são sigilosos, dizem respeito à fazenda e, aliás, seria bom que você estivesse inteirada de nossos problemas.

- É mesmo? Então, confesso-lhe que, de certa maneira, penso como ele.

Mamãe olhou-me séria, vendo o copo em minhas mãos.

- Sim? Em que sentido, minha filha?

- Concordo com ele que os escravos estão muito moles, indolentes e que algumas chibatadas de vez em quando lhes faria bem.

- Pois lamento discordar de você, minha querida. Aqui nesta fazenda, enquanto eu viver, os escravos serão bem tratados. Depois, mudando de assunto, sem dar-me tempo para retrucar, recriminou-me:

- Já está bebendo tão cedo, Maria Eugênia?

- E por que não, minha mãe?

- Você tem bebido demais, filha.

- Não, mamãe. Só quando me dá vontade.

- Está estragando sua vida, Maria Eugênia!

Levantando o copo, fitava-o pela claridade que vinha da janela, observando os raios de sol que incidiam sobre o líquido e colocavam luzes em seu interior. Respirei fundo e murmurei:

- A senhora não sabe como o vinho me faz bem. Afugenta as imagens indesejáveis, dá-me calma e segurança para enfrentar o dia.

Mamãe olhava-me preocupada e cheia de piedade.

- Como está hoje, minha querida? Dormiu bem?

- Como posso estar? Do mesmo jeito que estive ontem e anteontem. Sinto-me péssima! Angustiada, nervosa, sem objetivo na vida.

- Precisa procurar vencer esse mal-estar, minha filha. O trabalho é excelente fonte de bem-estar e alegria. Venha comigo! Vamos percorrer a propriedade. Tenho de ver as plantações.

Além disso, quando eu me for, você será dona de tudo; assim, deve estar inteirada da administração da fazenda. Com carinho, mamãe deu a volta à mesa e, acercando-se de mim, tirou-me o copo da mão. Depois, abraçando-me ternamente, incentivou-me a levantar-me e a acompanhá-la.

18 - O louco

Mamãe sempre teve influência fundamental em minha vida. Ao lado dela, tudo mudava, tornava-se melhor e as amarguras deixavam de existir. Embora sem vontade, concordei em acompanhá-la em sua visita pela fazenda tão só para satisfazê-la. Florência rapidamente providenciou uma cesta com farto lanche. Tome preparou-nos os cavalos e, após vestirmos uma roupa mais apropriada, colocamos o chapéu e saímos. O ar fresco da manhã fez-me um bem incrível. Depois de cavalgarmos pelos campos e vistoriarmos as lavouras, fomos até o engenho, onde mamãe precisava dar algumas ordens; depois, paramos debaixo de algumas árvores para repousar. Ríamos a respeito de tudo e de nada em particular; colhemos frutas e as provamos. Então, debaixo daquelas árvores, comemos, bebemos e nos deliciamos. Satisfeitas, nos deitamos na grama, observando as aves que voavam no céu azul. De repente, comecei a rir sem parar. Mamãe quis saber o que me causara o acesso de riso, mas eu não conseguia falar; e ela, contagiada, me acompanhou no repentino bom humor, tão raro. Afinal, respirando fundo, expliquei:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Estava pensando, mamãe, qual seria a reação de papai se porventura nos visse aqui, deitadas na grama como duas pessoas quaisquer...

- ... Como escravas, talvez, você quer dizer. Com certeza ele iria estranhar. Não é o comportamento que se espera de duas damas da sociedade.

E rimos novamente, cheias de alegria, como crianças travessas que tivessem feito arte.

Eu me sentia feliz como havia muito não acontecia. A cabeça estava leve, a mente livre de pensamentos nocivos. Ao lado de mamãe, voltei a ser a menina que fora um dia. Montamos, iniciando o caminho de volta para casa, conduzindo os cavalos lentamente. No meio da tarde, sob o sol forte, nos sentíamos cansadas, suadas, mas satisfeitas. De súbito, cerca de quinhentos metros antes de chegarmos à senzala, mamãe e eu vimos um vulto que surgiu repentinamente do meio do mato. Assustei-me. Porém, do mesmo jeito que apareceu, ele sumiu. Era um homem. Mamãe procurou tranquilizar-me:

- Não é nada, filha. Deve ser o pobre Miguel, que se esconde de todos, mas que não faz mal a ninguém.

Miguel! Há quanto tempo não ouvia falar dele! De repente, tive vontade de vê-lo, e esse sentimento foi mais forte do que eu. Desejava saber como estava, uma vez que não mais tivera notícias dele.

Decidida, escorreguei do animal e caminhei na direção que o vira tomar. Pisando com cuidado, sem fazer barulho, aproximei-me de uma grande pedra e notei que, do outro lado, quase imperceptível, havia alguém recostado nela. Dei a volta e deparei-me com ele. Ao notar a presença de alguém, ele tentou fugir. Fiz um gesto com as mãos, enquanto dizia:

- Não! Não fuja, Miguel!

Ao ouvir-me a voz, ele levantou a cabeça, que mantinha escondida entre os braços, mostrando temor no olhar. Então, pude examiná-lo melhor. Extremamente magro, cabelos desgrenhados, roupa esfarrapada, imundo, ele tinha um ar de loucura que me impressionou. Nem de longe lembrava aquele homem que fazia suspirar as mocinhas da fazenda. Em seus olhos havia um ar distante e fugidio. Não saberia dizer se me reconheceria. Resolvi perguntar:

- Lembra-se de mim, Miguel?

O pobre louco olhou para outro lado, como se não tivesse ouvido minha pergunta. Mamãe, que se aproximara, murmurou ao meu ouvido:

- Deixe-o em paz, filha. Vamos embora. Miguel não a reconheceu.

- Não, mamãe! Preciso falar com ele! - respondi com determinação.

Nesse momento, não sei se pela minha firmeza, ele entendeu que eu não iria embora sem alcançar meu objetivo. Lentamente Miguel virou-se e, ignorando minha mãe, fitou-me nos olhos e disse em um sussurro quase inaudível, como se aquela conversa só a nós dois dissesse respeito:

- Ela não me dá paz.

- O que diz? - indaguei pensando não ter entendido direito.

- Ela não me dá paz. Culpa sua. Tudo culpa sua. Ela sofre e me faz sofrer. Eu a vejo. Caminha como louca, gritando e suplicando ajuda por todo lado. E a culpa é sua, maldita! Mamãe, surpresa, não conseguia entender a razão daquelas palavras que ele dizia, mas eu sim. E Miguel prosseguia:

- Ela está aqui. Ouve? Quer agarrar a sinhazinha e levá-la junto com ela para o Inferno, onde vive. Algum dia conseguirá, diz ela.

Um repentino temor me envolveu, como se um perigo real me ameaçasse. Não podia mais permanecer ali ouvindo aquela voz. Trêmula, comecei a correr e minha mãe me acompanhou:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Espere, minha filha. Não corra assim. Pode machucar-se nessa vegetação cerrada!

Todavia, eu não a ouvia mais. Esquecera-me do cavalo, da minha mãe, e corria como louca. Queria chegar o mais rapidamente possível ao casarão, onde me sentia segura. Cheguei à casa-grande com os braços arranhados pelos espinhos e pelos galhos, as roupas sujas e estraçalhadas, visto que, na pressa, por duas vezes havia caído ao chão. Subi as escadarias correndo e escondi-me em meus aposentos, em pânico.

Dinha, que no momento ajeitava um vaso de flores na sala, ao me ver chegar naquele estado, deu alguns passos ao meu encontro. Em seguida viu entrar mamãe, completamente sem fôlego após a corrida desenfreada. Então parou, assustada:

- O que aconteceu, sinhá? - indagou a escrava.

Caíndo em uma cadeira, sem forças, mamãe pediu:

- Dinha, cuide dela. Estou sem condição de subir as escadas. Preciso me refazer um pouco. Pegue a caixa de curativos e tire-lhe o traje que está todo rasgado e sujo. Irei o mais rápido possível.

- Sinhá Virgínia precisa de ajuda?

- Não, Dinha. Faça o que lhe pedi. Socorra minha filha.

A escrava subiu as escadarias correndo e entrou em meus aposentos, preocupada. Depois de verificar como eu estava, com imenso carinho, a ama tirou-me as roupas delicadamente, enquanto eu gemia de dor. Em seguida, ela limpou e lavou as feridas e arranhaduras com cuidado e enxugou-me a pele, passou um unguento e vestiu-me uma camisa de dormir.

Mamãe, que já estava no quarto, recuperada, acompanhava os cuidados que me eram dispensados. Nesse momento alguém bateu à porta.

- Entre.

- Sinhá Virgínia mandou me chamar? - perguntou Tomé, colocando a cabeça para dentro do aposento.

- Sim, Tomé. Vá buscar os cavalos. Eles foram deixados naquele mato cerrado que existe na direção do fundo da senzala.

- Sim, sinhá.

Foi a última coisa que ouvi. Naquele dia e noite delirei sem parar. Trêmula, agitada e nervosa, com os olhos esbugalhados, falava sobre coisas que ninguém entendia. O doutor Teófilo, chamado em caráter de urgência, receitou-me um calmante e acabei por adormecer.

Amanhecia. Os primeiros raios de sol tingiam o céu em tons de rosa e laranja.

AINDA SONOLENTA, ABRI os olhos lentamente. Olhei em torno e reconheci meu quarto: a penteadeira, com todos os objetos de tocador de que eu apreciava; e as cortinas, entreabertas, que deixavam entrever a claridade do dia.

Espreguiceei-me, passando a língua pelos lábios ressequidos.

No mesmo instante, ouvi um farfalhar de seda e, quase ao mesmo tempo, um perfume suave bem conhecido de alfazema atingiu-me o olfato:

- Mamãe!

- Estou aqui, minha filha.

Respondendo-me ao chamado, seu rosto querido inclinou-se sobre mim, e seus lábios deram um beijo em minha testa.

- Como está, minha querida?

- Estou bem. Sinto apenas os lábios secos e um gosto amargo na boca.

Mamãe concordou:

- É do remédio que está tomando. Vou mandar servir-lhe alguma coisa. Está com fome?

Concordei com um gesto de cabeça. Tentei mexer-me, mas soltei um gemido.

- Ai! Por que estou tão dolorida? Sinto-me toda

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
machucada.

- Ainda é do dia em que você correu no meio do mato.

Não se lembra?

- É verdade. Foi ontem. Recordo-me de que desejava falar com Miguel.

- Exatamente. Entretanto, esse fato aconteceu há três dias.

- Como assim? Parece-me que foi ainda ontem, mamãe.

- Compreendo sua estranheza, filha. Sucede que você dormiu por três dias consecutivos. O médico afirmou que era imprescindível para sua recuperação. E com certeza estava com razão, pois você está muito bem.

Nesse momento, Dinha entrou trazendo uma bandeja com refeição leve. Um prato de canja, um copo de suco de laranja e uma fatia de pão fresquinho recém-saído do forno. Sentada no leito, apoiada em travesseiros, fiz a frugal refeição com prazer. Depois, satisfeita, voltei a sentir sono. Acomodei-me de novo e adormeci.

Algumas horas depois, despertei animada e bem-disposta.

Toquei a sineta e levantei-me do leito. Logo Dinha atendeu a meu chamado. Alegre por me ver de pé, banhou-me e vestiu-me com capricho; em seguida, me penteou. Quando terminou, sorriu:

- Agora está linda para se apresentar à sua mãe.

Dei uma última olhada no espelho e corri para a porta, mas uma tontura repentina me fez parar. Teria caído ao chão se Dinha não tivesse me amparado a tempo.

- Maria Eugênia, cuidado! Está muito fraca. Talvez deva permanecer no quarto por hoje.

- Não, Dinha. Nada de quarto. Quero sair daqui - respondi com firmeza.

- Então, ande devagar, com cuidado. Venha, apóie-se em mim.

Assim, desci as escadarias sob o olhar surpreso de minha mãe.

- Enfim, acordou! Vamos cear juntas esta noite. Estou muito feliz, Maria Eugênia. Como se sente?

- Bem, mamãe. Um tanto fraca, mas estou bem.

- Então vamos para a sala de jantar, minha querida. A ceia está sendo servida.

Mamãe conduziu-me até a sala contígua, sentamo-nos e conversamos sobre trivialidades. Sempre ótima companhia, junto dela o tempo passou de forma tranqüila e agradável. Retomei minha vida, procurando fazer coisas interessantes e que me davam prazer, como ler e cavalgar. Mamãe não tocou mais no assunto.

Alguns dias depois, após o almoço, estávamos no terraço aproveitando a temperatura amena e a aragem fresca da tarde, quando mamãe perguntou:

- Maria Eugênia, posso lhe fazer uma pergunta?

- Sem dúvida, mamãe.

- Lembra-se do que aconteceu no dia em que se machucou?

- Sim, lembro-me.

- Pois bem. Então se recorda do que conversou com o pobre Miguel?

Retesei os músculos do corpo, colocando-me na defensiva.

Notei que mamãe pisava em ovos, procurando com delicadeza a melhor maneira de abordar o assunto.

- O que deseja saber, minha mãe?

- Naquele dia, Miguel lhe disse palavras incompreensíveis para mim. Ele falava muito baixo, mas me deu a impressão de que a acusava de alguma coisa. E quem era a pessoa a quem

ele se referia?

Minhas mãos começaram a tremer e segurei-as, procurando evitar que mamãe percebesse, enquanto buscava febrilmente uma desculpa para lhe dar.

- Não sei, mamãe. A senhora mesma disse que ele está

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

louco! Como posso saber o que ele quis dizer? Também não entendi! Pareceu-me desnorteado, confuso, louco. Na verdade, mamãe, creio que devemos tomar cuidado com ele. Nunca se sabe o que alguém nessas condições poderá fazer. Pode tornar-se perigoso. Talvez devamos pensar em afastá-lo em definitivo daqui.

Minha mãe fitou-me longamente. Notou que a pergunta me deixara nervosa e procurou mudar o rumo da conversa.

- Bobagem minha achar que você tivesse entendido, minha filha. Certamente Miguel precisa de cuidados, mas não o considero perigoso. É um pobre diabo que não faz mal a ninguém.

Talvez preocupada comigo, percebi que mamãe procurou mudar de assunto.

- Gostaria de lhe fazer um convite, Maria Eugênia. Lembrei-me de que preciso fazer algumas compras amanhã cedo. Quer acompanhar-me à cidade?

- Pode ser, mamãe. Se estiver bem, irei. Será bom sair da fazenda e ver outros ares.

Continuamos a conversar, mas eu sabia que, no fundo, minha mãe estava intrigada. Pelo seu olhar, notei que ela tinha certeza de que eu mentira, que eu sabia exatamente o que Miguel dissera. Ela não quis, porém, acuar-me, temendo colocar em risco meu frágil equilíbrio, tão duramente recuperado.

NAQUELE DIA, MAMÃE COMEÇOU a juntar os fatos. Os problemas, tanto os de Miguel quanto os meus, surgiram por ocasião da trágica morte de Rita. Até essa época, tudo estava bem. As palavras de Miguel e a maneira como foram ditas não lhe saíam da cabeça. Tentando lembrar-se do que ele dissera, mamãe acabou por ficar assustada com o que percebeu. Claramente o escravo acusava-me pela morte dela. "Quem seria essa ela? Quem morreria? Rita! Então, essa ela só poderia ser Rita! Quem mais?". Recordava-se muito bem das palavras dele: "Ela não me dá paz. Culpa sua. Tudo culpa sua. Ela sofre e me faz sofrer. Eu a vejo. Caminha como louca, gritando e suplicando ajuda por todo lado. E a culpa é sua, maldita!"

Por que a culpa seria de Maria Eugênia? O que minha filha teria a ver com isso? O acidente acontecera no meio do lago, e na canoa só estavam Miguel e Rita. No entanto, ele fora muito claro. "E a culpa é sua, maldita!" - dissera ele. "Interessante", pensava Virgínia, "em suas crises Maria Eugênia igualmente se refere a alguém que chama de ela. Quem será essa ela!"

Cansada de raciocinar, com a cabeça confusa, incapaz de entender o que existia por trás dessas palavras, mamãe pensou: "Se pelo menos eu tivesse alguém que pudesse me ajudar a decifrar esse mistério..." De súbito, ela levou a mão à cabeça.

- Pai Albino! Por que não me lembrei disso antes?

Então, decidiu que procuraria o ancião no dia seguinte.

Quem sabe ele poderia ajudá-la?

Mamãe adormeceu naquela noite sentindo-se mais serena e cheia de esperança, embora uma vaga sensação de medo a invadisse sempre que pensava em descobrir a verdade.

19 - A verdade vem à tona

Na manhã seguinte, aconteceu um fato estranho. Eu levantei e, depois de me vestir, dirigi-me à sala para tomar o café da manhã. Como mamãe sempre me esperava para fazermos essa primeira refeição juntas, estranhei a ausência dela e perguntei a Odete.

- Mamãe já se levantou?

- Sim, sinhazinha. Sinhá Virgínia tomou café faz tempo, e saiu para a lida.

- Ah! Que pressa! Pode dizer-me para onde ela foi?

- Isso eu não sei dizer, sinhazinha.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Viu que direção ela tomou?

- Não vi não, senhora.

- Está bem. Traga-me um leite quente, que este já esfriou.

Pensativa, tomei lentamente meu café. Não havia motivo para estranhar a ausência de minha mãe. Responsável pela fazenda, teria muitas coisas para fazer. Contudo, lá no fundo alguma coisa ficou me incomodando.

Acabei de tomar o café e sentei-me na sala com livro nas mãos. No entanto, não conseguia fixar-me na leitura.

Saindo DA CASA-GRANDE, mamãe pegou seu cavalo que já estava pronto como de costume, porém não se dirigiu às atividades costumeiras. Caminhando, levou o animal pela mão, indo direto para a senzala, onde se entretteve a conversar com os escravos, como vez por outra fazia, para inteirar-se de suas dificuldades, da família, se estava tudo bem. Informava-se sobre a saúde de um, interessava-se pela ferida resistente de outro, conversava com as crianças.

- Mercedes, como vai o pequeno?

- Vai bem, sinhá Virgínia. Andou meio caidinho, mas pai Albino deu um chá que foi muito bom. Joãozinho ficou bom logo.

- É Amaro? Melhorou da perna?

- Ah, sinhá! Ainda está muito inchada e vermelha. Hoje não foi nem pra lida, de tanta dor. Estou passando um unguento e, com a ajuda de Deus, vai melhorar.

- Onde ele está?

- Aqui em casa, descansando.

- Agora, na fazenda, os escravos casados tinham direito a uma moradia separada dos demais, que ficava junto da senzala. Mamãe entrou na casa e, em um canto, deitado em uma esteira, viu um homem.

- Bom dia, Amaro. Como vai essa perna?

- Sinhá, me perdoe, mas não pude ir pra roça hoje. Está doendo muito.

- Estou vendo. Realmente, a ferida está com mau aspecto - disse, examinando a perna do escravo. - Como está tratando, Mercedes?

- Sinhá Virgínia, faço como pai Albino mandou: lavo bem a ferida, depois coloco um unguento feito de folhas; em seguida, pego um pano limpo e amarro para os mosquitos não assentarem.

- Então, continue com o tratamento. Vou ver se o médico pode vir à fazenda para examinar Amaro e outros que estão precisando. Já está mesmo no tempo de ele vir. A propósito, preciso conversar com pai Albino, Mercedes. Sabe onde ele está?

Cheia de boa vontade, a escrava informou com um sorriso:

- Sei sim, sinhá Virgínia. Vi pai Albino caminhar por aquele lado. Acho que ele foi colher ervas. Quer que a acompanhe?

- Não, Mercedes, obrigada. Se ele tomou aquele rumo, sei onde encontrá-lo.

Montou no cavalo e, conduzindo-o com cuidado para não se ferir nos arbustos, ela chegou até o local onde pai Albino cultivava suas plantas medicinais.

Quando ela se aproximou, o ancião estava agachado, retirando algumas ervas daninhas que cresciam no meio da plantação. Ao vê-la, ele parou o que estava fazendo e sorriu.

- Bom dia, sinhá Virgínia. Que bons ventos a trazem por aqui hoje?

Ela sorriu ao vê-lo, amarrando o animal em um arbusto e respondeu:

- Bom dia, pai Albino. Resolvi sair para ver como está o pessoal. Sua plantação está uma beleza!

Ela sentou-se em um tronco de árvore que havia ali perto, tirou o chapéu e enxugou o suor da testa com a mão, enquanto ele dizia:

- Bondade sua, sinhá. Já estive melhor, mas a época não é

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
boa, pois a chuva tarda e as plantas se ressentem.

- É verdade. O calor está intenso e, mesmo com a presença de nuvens, a chuva não vem.

Pai Albino acocorou-se no solo, à sombra da árvore; sem pressa, tirou da algibeira uma palha de milho, um punhadinho de fumo que trazia embrulhado em um pedaço de pano e colocou na palha, enrolando com delicadeza. Depois, levantou-se e, aproximando-se da pequena fogueira que ele mantinha acesa, pegou um graveto e acendeu o pito. Em seguida, tirou algumas baforadas, sentou-se e só então perguntou:

- O que a traz aqui, sinhá Virgínia?

- Bem, estou precisando de alguns galhos de alfavaca para fazer um chá. Florência está com uma tosse danada.

Ele, pensativo, voltou a dizer:

- Mas pra isso não carecia a sinhá ter-se dado ao trabalho de vir até aqui. A Florência sabe onde encontrar as ervas de que precisa. A não ser que a sinhá precise de outras informações...

Vendo que não conseguia enganá-lo, ela explicou:

- Tem razão, pai Albino. Estão acontecendo coisas que não entendo, e necessito da sua ajuda.

- Pois pode falar, sinhá. A dúvida é muito cruel, não é mesmo?

- Sim, é verdade. Por isso, vou direto ao assunto. Pai Albino, qual a relação que existe entre a morte da Ritinha, minha filha Maria Eugênia e Miguel?

O ancião ficou pensativo, e depois respondeu com outra interrogação:

- Sinhá, essa é uma pergunta difícil de responder. Por que quer saber?

Mamãe relatou ao idoso escravo o que tinha acontecido no dia em que ela e eu saímos e encontramos Miguel no meio do mato. Contou detalhadamente o que houve aquele dia, a conversa que tivemos e a minha perturbação. Contou também o diálogo que teve comigo, quando se surpreendeu com meu medo e percebeu nitidamente que eu estava mentindo.

Depois, concluiu:

- Pai Albino, sua sabedoria é grande e sei que nada ignora do que acontece. Tem um poder que ultrapassa meu entendimento e sei também que fala com aqueles que já morreram. Então, por piedade, esclareça-me. Preciso saber o que aconteceu realmente com a Ritinha e que envolve Maria Eugênia e Miguel.

O ancião baixou a cabeça, pensou um pouco e respondeu:

- Minha filha, existem coisas que não dependem de mim. Esse segredo não me pertence. Não me obrigue a falar do que não devo nem posso.

- Então, é verdade que existe um segredo!... Pai Albino conhece a verdade, mas não pode falar. É isso?

- Sim, filha. A sinhá terá de descobrir por si mesma.

- Pai Albino pode, pelo menos, mostrar-me como agir para ajudar Maria Eugênia?

- Reze, sinhá, reze muito. Não apenas para auxiliar sua filha, mas para ajudar também os outros envolvidos.

Ela balançou a cabeça. Tinha entendido. Teria de rezar para Deus ajudar também Miguel e Ritinha. Mas por quê?

Percebendo que o ancião nada mais diria, afastou-se refletindo em tudo o que ouvira. Ela teria que descobrir o que acontecera. Mas, como?

Nesse momento, lembrou-se de Miguel. Sim, o pobre louco poderia esclarecê-la.

Saindo dali, encaminhou-se para o local onde tinha encontrado Miguel. Era um lugar chamado de Pedra Grande, porque lá havia uma imensa pedra, exatamente onde eu tinha visto Miguel. O local era evitado, pois os mais velhos afirmavam que era ali que o antigo fazendeiro, Frederico

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Figueiroa, castigava seus escravos, longe da casa-grande, para que a esposa, Heloísa, bondosa e amante da paz, não presenciasse as crueldades do marido. Defensora dos cativos, ela não aceitava que os prendessem ao tronco, nem que fossem torturados. Assim, o velho fazendeiro utilizava aquele lugar para castigar seus escravos.

Mamãe sentiu um arrepio de medo percorrer seu corpo. O local lhe dava mal-estar. Todavia, era ali que Miguel se refugiava quando desejava ficar só. Não queria assustá-lo. Então, deixou o cavalo pastando a pouca distância e caminhou até mais perto; logo o viu sentado no chão, entretido em chupar uma fruta.

Os ouvidos aguçados do jovem perceberam o abafado ruído de folhas secas sob os pés. Era alguém que se aproximava. Ele ergueu a cabeça e, ao ver a sinhá, ameaçou levantar-se para fugir. Com um gesto rápido, ela o impediu:

- Espere! Não fuja, Miguel. Preciso lhe falar.

Ele parou e voltou a sentar-se, olhando-a assustado.

- Não tenha medo, Miguel. Quero saber apenas se precisa de alguma coisa.

Ele fez um gesto negativo com a cabeça. Ela prosseguiu:

- Desejo ajudá-lo. Gostaria de saber onde você dorme, o que come... como vive...

Ele a fitou de novo, agora mais longamente, como se a examinasse para saber sua real intenção. Então, mamãe resolveu falar sobre o assunto que a interessava. Sentou-se no tronco mais próximo e perguntou:

- Miguel, ela continua a perturbá-lo? Continua a vê-la?

Ele tirou a manga da boca, assustado. Depois fez um gesto afirmativo com a cabeça. Ela exultou. Miguel tinha respondido à sua pergunta.

- Conte-me. Talvez possa ajudá-lo, mas preciso saber: o que ela quer de você?

Miguel encolheu-se ainda mais de encontro à grande pedra, escondendo a cabeça por alguns minutos. Mamãe achou até que ele não fosse responder, mas depois lentamente, em voz baixa, ele disse:

- Ela me acusa. Não tive culpa. Não tive culpa...

Encorajada pelo resultado que obteve, rainha mãe prosseguiu:

- Sim, eu sei. Claro que você não teve culpa. Acredito em você. Mas então, quem é o culpado?

Ele permaneceu calado por alguns segundos, depois respondeu:

- Sinhazinha. Ela é a culpada.

"Meu Deus! Então não entendera errado. Ela, fosse quem fosse, acusava Maria Eugênia. Mas, de quê?". Então, perguntou com medo:

- A sinhazinha é culpada de quê, Miguel?

Nisso, Miguel começou a ficar agitado, nervoso:

- Ela está aqui! Ela quer justiça! Deseja vingar-se...

Aproximando-se dele, mamãe pegou-o pelos ombros.

- Olhe para mim, Miguel. Preste atenção: Ela deseja vingar-se de quê, Miguel? Quem é ela? O que a sinhazinha fez contra ela? Com os olhos vidrados, como se estivesse longe dali, vendo outras imagens, ele respondeu:

- Pois a sinhá não sabe? Ela é Ritinha. A pobre Ritinha que morreu afogada.

"Jesus Cristo!... Então, era exatamente o que eu pensava. Todo o problema tinha relação com a morte de Rita, a filha de Dionísia."

Entretanto, mamãe ainda tentava fugir da verdade que se revelava, por ser extremamente cruel.

- Mas foi um acidente, Miguel! Não se culpe!

- Não! Não foi um acidente - respondeu ele, balançando a cabeça.

Desse ponto em diante, dava a impressão de que ele falava diretamente com alguém invisível que ali estivesse:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Vá embora! Se afaste de mim! Está morta e nada posso fazer por você, Rita. Sim, sei que sou culpado e a consciência não me concede paz. Mas Maria Eugênia é a verdadeira culpada. Foi ela que me induziu a matá-la naquele dia. Claro, ela sabia que você tinha medo de água e que não sabia nadar. Então, me convenceu a convidá-la para um passeio de barco. Rezei para que você não fosse... Mas você aceitou meu convite... Ao chegar mais no fundo, deixei cair o remo e fiz o barco se desequilibrar... e você caiu no lago. Mas você lutou e fui obrigado a empurrá-la para baixo até que não voltasse mais. Por que não me deixa em paz? Vá embora!

Minha mãe ouvia as palavras do infeliz Miguel em lágrimas. Embora sentisse necessidade de ouvir a verdade, contraditoriamente tapava os ouvidos para não escutar as barbaridades que ele relatava sobre a morte de Ritinha.

Ele prosseguia:

- Depois, você não mais me deu paz. Perdoe-me, Rita. Perdoe-me. Estou arrependido do que fiz. Não me maltrate assim... Veja! Eles chegaram! As almas penadas do antigo fazendeiro. Não me castiguem! Não me castiguem, por piedade! Misericórdia!... Misericórdia!...

Sem poder ouvir mais nada, mamãe afastou-se do local em choro convulsivo. Não sabia para onde ir. Não desejava voltar para casa, onde encontraria a filha. Não se sentia em condições de enfrentar Maria Eugênia, a filha querida que ela nunca acreditara capaz de tamanha atrocidade.

Correu pelo mato, gritando e chorando até cair de cansaço perto de uma árvore, em cujo tronco se acomodou. Seu fiel cavalo a acompanhou, sem que ela desse pela presença dele. Ficou ali chorando, enquanto as palavras do infeliz Miguel ressoavam ainda em sua mente, repetindo vezes sem conta os fatos que comprometiam sua filha.

Aos poucos, acalmou-se, depois de muito orar e pedir a ajuda de Jesus Cristo. De olhos fechados, ali permaneceu por algum tempo. De repente, sentiu a presença de alguém. Abriu os olhos e encolheu-se, assustada.

- Não tema, sinhá Virgínia. Sou eu.

- Ah!... Pai Albino! Que sofrimento, meu Deus! Tenho a alma em frangalhos e não sei o que fazer, meu pai. Agora compreendo porque não pôde dizer-me a verdade.

- Tenha calma, minha filha. Deus é Pai e não nos abandona. Para tudo há um jeito e uma solução.

- Estou estarecida! Não posso acreditar, pai Albino. Maria Eugênia sempre foi tão dócil, tão boa... O que pode tê-la induzido a praticar um ato tão monstruoso?

- Quem sabe, filha? Pense e encontrará a resposta para todas as suas dúvidas. Agora, regresse ao lar. A sinhá é aguardada com ansiedade. Há muitas horas que de lá saiu e todos estão preocupados. Procuram a sinhá por todo lado. Vá, filha, porém evite tocar nesse assunto com quem quer que seja.

- Eu sei, pai Albino. Especialmente com minha filha, cujo equilíbrio é tão frágil. Agora entendo o sofrimento dela nesses anos todos. Ela também está percebendo a presença de Ritinha, que a persegue e a tortura.

- Sim, filha. Todavia, eu lhe asseguro: para ajudar a sinhazinha Maria Eugênia, é preciso ajudar Miguel e, especialmente, Rita. Depois falaremos sobre isso. Vá agora, e que Deus a acompanhe.

Mamãe levantou-se, ajeitou as roupas amarfanhadas, passou a mão pelos cabelos, pelo rosto, retirando os vestígios de lágrimas; depois, respirou fundo, enchendo-se de coragem. A verdade era difícil de suportar. No entanto, ainda não estava de posse de toda a verdade. Precisava saber mais. Com o coração apertado, ela ainda procurava encontrar a resposta para uma pergunta crucial: "Por quê? Por que Maria Eugênia planejou a morte de Rita, especialmente Ritinha que

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
sempre fora sua amiga? Ou não? O que teria acontecido entre ambas para redundar nesse trágico drama?". Cansada de refletir, montou no cavalo e iniciou o trajeto de volta para casa. Ao chegar, encontrou-me na varanda, à sua espera.

- O que houve, mamãe? Demorou tanto!

- Não aconteceu nada, minha filha. Tive problemas para resolver no engenho.

- Mas está toda suja, a roupa amassada, os cabelos em desalinho. O que sucedeu?

Ela procurou rápida uma desculpa plausível:

- Distraída, ao passar debaixo de uma árvore, bati em um galho velho e caí do cavalo, batendo a cabeça em uma pedra; devo ter ficado desacordada por algum tempo. Mas agora estou bem, não se preocupe.

- Mamãe! Precisa ter mais cuidado. Não deve sair sozinha, ainda mais tão longe, para as lavouras ou o engenho. Com tantos empregados!

- Foi um incidente apenas, filha. Distração minha, não se aflija. Como disse, estou bem. Agora vou subir. Estou cansada, preciso tomar um banho e descansar um pouco antes da refeição.

Depois que ela se afastou, entrando em casa, fiquei pensando. O que teria acontecido? Ela me parecia muito estranha. Eu não a vira desde cedo, mas algo me incomodava de forma especial, e não conseguia entender o que era.

Afinal, depois de muito pensar, acabei por descobrir: mamãe não me olhara nos olhos, como sempre fazia. Seu olhar fugia do meu! O que estaria acontecendo?

20 - Dúvidas

No dia seguinte, pela manhã, inesperadamente Guilherme chegou a nossa casa.

De quando em vez, ele aparecia na fazenda para nos visitar. Nutria especial carinho por minha mãe, com quem gostava de conversar. Apesar de estarmos separados, preocupava-se conosco, especialmente após o falecimento de meu pai.

Da janela do meu quarto, no primeiro andar, pude vê-lo na estrada se aproximando. Desci rapidamente e fiquei escondida, observando. Ele apeou do cavalo e entregou-o ao escravo que estava ali por perto.

- Tome, cuide dele. Não deixe que lhe falte água.

- Sim, sinhô Guilherme. Pode ficar descansado.

Depois, caminhando para a entrada, tirou o chapéu, pegou o lenço na algibeira e enxugou a testa. Mamãe o viu aproximar-se e, passando por mim sem notar minha presença, foi ao encontro dele.

- Guilherme! Que surpresa! Bom dia! Bem-vindo à nossa casa.

Inclinando-se elegantemente com reverência, ele beijou a mão que ela lhe estendera e disse:

- Bom dia, senhora Virgínia! Precisei ver umas terras por estas bandas e não resisti ao desejo de saber notícias suas e de Maria Eugênia.

- Então, entremos. O sol está forte e o calor é intenso. Mandarei que nos sirvam um refresco, enquanto conversamos.

Sentaram-se na sala de visitas, e ele perguntou:

- Como vão os negócios, senhora Virgínia?

- Não muito bem, Guilherme. Mas, por certo, conhece o problema, uma vez que também é fazendeiro. Atualmente, os prejuízos são grandes com a lavoura, que sofre pela estiagem

demorada. O engenho está parado; há uma peça quebrada. E os animais, estando o pasto seco, perdem peso a cada dia. Vamos ver até onde podemos agüentar.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Ele concordou, pegando o copo de refresco que Odete servira:

- Também em nossa fazenda as coisas estão difíceis. Os problemas são semelhantes. Mas esperamos que a chuva não tarde. Como está Maria Eugênia? - perguntou, tomando um gole do refresco.

O meu relacionamento com Guilherme não era o que se poderia chamar de tranqüilo, e exatamente por isso ele se afastara, indo morar com os pais. Nas vezes em que ele viera nos visitar, eu evitava aparecer e, quando o fazia, o encontro acabava em brigas e recriminações. Portanto, a pergunta dele nesse momento fez com que minha mãe se lembrasse de tudo o que já acontecera. Respirou fundo e respondeu simplesmente:

- Ela está bem, obrigada.

Guilherme continuou olhando-a firme, como se analisasse suas reações:

- Está bem mesmo? - insistiu. - Perdoe-me, senhora Virgínia, mas da última vez em que estive aqui achei Maria Eugênia muito nervosa.

- É verdade, Guilherme. Mas agora ela está bem melhor. Fique para almoçar conosco.

- Infelizmente, hoje não posso, cara senhora Virgínia, Nada me daria mais prazer do que provar a comida da Florência. Todavia, tenho coisas importantes para resolver.

Como é do seu conhecimento, meu pai não está bem de saúde e tenho estado à frente dos negócios desde que cheguei.

- Por isso fiquei surpresa ao vê-lo hoje! Não sabia que tinha voltado da Europa.

- Não tive alternativa, tendo em vista a gravidade do caso. Quando meu pai piorou, eu estava em viagem e fui chamado às pressas. Assim, procuro adaptar-me à nova situação, tentando fazer o melhor, mas sinto falta de viajar, o que, na atual circunstância, é impossível. Pelo menos, enquanto ele não apresentar melhoras.

- E como está agora o senhor Cerqueira?

- Sofre muito com a dor nos ossos. Por falar nisso, devo ir-me. Meu pai não pode andar, mas continua comandando tudo da sua cadeira.

- É pena que não possa ficar, Guilherme. Transmita a ele os nossos cumprimentos e votos de pronta recuperação, e um abraço à querida Leonora. Diga-lhe que sinto falta dos nossos

encontros. Ou melhor, diga que a espero um dia desses para tomarmos chá e passarmos algumas horas agradáveis para colocar os assuntos em dia.

- Transmitirei, sem dúvida. Até mais ver. Aceite meus cumprimentos, senhora, extensivos à Maria Eugênia.

Mamãe levou-o até a porta. Depois, parecendo querer falar-lhe a sós, acompanhou-o até o cavalo, o que não era usual. E antes que ele se fosse, ela perguntou, baixando a voz:

- Posso fazer-lhe uma pergunta?

- Sem dúvida, senhora Virgínia - respondeu surpreso.

- Guilherme, durante o tempo em que você morou nesta casa, notou algo estranho entre Maria Eugênia e Rita?

A expressão dele mudou, e pareceu-me que seus lábios tremiam quase imperceptivelmente ao responder:

- Como assim, senhora Virgínia?

- Presenciei algum desentendimento, ou teve conhecimento de alguma discussão, uma briga entre elas?

Guilherme permaneceu calado por alguns segundos, como se pensando no que ia dizer. Depois respondeu lentamente:

- Absolutamente não. Mas, por que pergunta? Aconteceu alguma coisa?

- Não, não aconteceu nada, Guilherme. Bobagem minha, esqueça. Adeus.

Notei que ele titubeou, como se desejasse falar, mas ficou

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
indeciso se deveria ou não fazê-lo. Depois, colocou o chapéu na cabeça e afastou-se a galope.

Mamãe retomou para dentro pensativa. Saiu do meu esconderijo, cruzei-lhe a frente. Ela deu um grito:

- Ah! Que susto! É você, Maria Eugênia! Não perde o hábito de escutar atrás das portas?

- O que ele queria? - indaguei curiosa e irritada.

- Apenas saber notícias nossas, minha filha.

- Não acredito. Guilherme sempre tem algo por trás de suas atitudes.

Tentando contornar a situação, que poderia se complicar, mamãe respondeu:

- Pois Guilherme me pareceu bem. Está até trabalhando! Assumiu a administração da fazenda agora que o pai está quase entrevado.

Dei uma gargalhada, comentando com ironia:

- Gostaria de ver meu querido esposo trabalhando! Tudo isso deve atrapalhar-lhe as viagens, pobrezinho!

- Realmente. Segundo afirmou, não pode mais viajar. Pelo menos por enquanto. Bem, vou cuidar de minhas obrigações - respondeu mamãe, colocando um ponto final no assunto.

Joguei-me em uma poltrona, refletindo em tudo o que ouvira. Primeiro, desgostara-me bastante Guilherme perguntar sobre mim, pois não tínhamos mais nada em comum; em segundo lugar, achei estranho que minha mãe o acompanhasse até o jardim e que eles ficassem conversando em voz baixa. Por quê? Apesar do cuidado deles e da distância, eu tinha conseguido ouvir alguma coisa. Notei a perturbação de Guilherme e a preocupação de minha mãe. Pareceu-me escutar o nome da Ritinha aliado ao meu. Seria possível? Qual a razão? Saber a mamãe mais do que deveria saber sobre esse assunto? Fiquei intrigada. Teria de ficar atenta desse dia em diante.

Levantei-me e fui para a cozinha, onde mamãe dava algumas ordens para Florência. Peguei um copo de refresco, sentei-me e fiquei observando as duas. Mamãe olhava-me vez por outra com expressão diferente, como se estivesse me analisando. De repente, sentindo um misto de ciúme e raiva, com voz autoritária, eu lhe disse:

- É preciso separar o bezerro da Malhada ainda hoje. Já passou do tempo de desmamá-lo. E também vi que a cerca está quebrada. Mande consertá-la.

Estranhando o tom com que eu me dirigira a ela, como se estivesse lhe dando ordens, ela indagou-me surpresa:

- E desde quando se interessa por esses assuntos, Maria Eugênia?

- Desde sempre.

Levantei-me e saí pisando duro. Florência, de olhos arregalados, me observava, e quando saí ainda pude vê-la se benzer. Mamãe, igualmente surpresa, não sabia o que pensar.

Você notou, Florência, o comportamento de Maria Eugênia? Não entendo! O que é isso? Tive uma sensação estranha! Juro-lhe que me pareceu estar diante de meu falecido marido! A mesma maneira de falar, o mesmo olhar, a mesma arrogância.

A escrava benzeu-se novamente:

- Socorra-nos, Nosso Senhor Jesus Cristo! Também senti a mesma coisa, sinhá Virgínia. Cruz-credo! A alma do sinhô Figueiroa não tem paz, sinhá.

Mamãe permaneceu calada por alguns minutos, pensando.

Depois disse:

- Já sei o que fazer, Florência. Vou avisar padre Antônio para vir rezar uma missa aqui na fazenda em intenção da alma de meu falecido marido.

- Pois faça isso, sinhá. Faça isso.

MAIS TARDE, QUANDO O SOL baixou um pouco, vi minha

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

mãe saindo de casa sem dizer nada. Resolvi segui-la. Ela tomou o rumo da senzala, e fiquei pensando o que iria fazer lá. Minha curiosidade foi logo satisfeita. Ah! Ela foi procurar pai Albino! Como não pensei nisso antes?

- Eles trocaram algumas palavras e puseram-se a caminhar. Lentamente dirigiram-se para um campo aberto, local onde poderiam estar sozinhos sem que ninguém os pudesse ouvir. Inclusive eu. Fiquei irritada. Sentaram-se debaixo de uma árvore e ali ficaram conversando. A distância, embora os visse, não conseguia escutar o teor do diálogo. Somente muito mais tarde, fiquei sabendo. Era mais ou menos isto o que conversavam. Dizia minha mãe:

- Pai Albino, perdoe-me trazer o senhor para o meio deste pasto, porém estou assustada! Sinto que Maria Eugênia me vigia em todos os momentos. Normalmente, ela tem estado estranha, perturbada e cheia de medo. Hoje, no entanto, seu comportamento foi sem dúvida diferente. Suas atitudes mudaram, seu jeito está diferente, seus olhos têm outra expressão. Mostrou-se forte, autoritária, observava-me com ciúme e raiva. Pareceu-me que, depois de tanto tempo, eu estava na presença de meu falecido esposo. Senti-me apavorada. Estarei ficando louca?

Pai Albino a ouviu, sereno. Depois, explicou-lhe:

- Sinhá Virgínia não está ficando louca, tranquilize-se. Acontece que em alguns casos, como esse, as almas dos que se foram continuam aqui conosco, tanto se sente afeto quanto ódio. Assim como Ritinha, o sinhô Figueiroa também sofre e precisa de ajuda. Ele não sabe que já morreu e continua na casa-grande.

- Meu Deus! Então é verdade?!... Pai Albino, o que faço? Vou mandar padre Antônio rezar uma missa pela alma dele. Será que vai resolver?

- Vai ajudar, filha. Tudo ajuda. Mas resolver não vai.

- Por que, pai Albino?

- Porque sinhô Figueiroa tem de mudar o coração, aqui dentro - disse, batendo a mão no peito. - É preciso muita oração pela alma dele e de Ritinha. E também pela alma do pai dele, o sinhô Frederico, que ainda não encontrou paz por causa das maldades que fez.

- O senhor os vê, pai Albino? - indagou perplexa, arregalando os olhos.

- Vejo sim, com estes olhos. Porém eles não me atendem, não me escutam.

- Ah!... Pai Albino, quando estive com Miguel, ele se referiu "às almas penadas do antigo fazendeiro". Entendi que ele se referia a meu sogro, Frederico Figueiroa. É possível?

- Não só é possível, como é verdade, minha filha. Seu sogro continua preso a estas terras e continua comandando aqueles que executavam suas ordens.

- Meu Deus!... Estou horrorizada, pai Albino. E quanto ao meu marido, o que posso fazer?

- O que já lhe afirmei, sinhá. Faça muita oração por ele.

- Só isso?

- Por enquanto, é suficiente. Vou ver se consigo ajudá-lo.

- Está bem, pai Albino. E Maria Eugênia? O que faço quando ela ficar estranha como ficou hoje?

- Mande alguém me avisar, sinhá.

- Está bem. Obrigada, pai Albino.

- Não tem de que, filha. Que Deus a acompanhe!

Percebi que a conversa terminara e apressei-me em fugir dali. Não queria que me encontrassem, ainda mais bisbilhotando. Dei a volta, tomando outro rumo, a caminho do lago. Sentei-me em um banco por alguns minutos, dando o tempo necessário para minha mãe chegar ao casarão. Aquele lugar, porém, não me trazia boas lembranças. Logo a imagem de Miguel, desesperado, gritando por socorro,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
voltou-me à mente. Em seguida, vi os escravos que retiravam o corpo de Rita de dentro do lago, colocando-o na grama.

Um mal-estar terrível tomou conta de mim. Senti-me angustiada, sufocada, como se alguém me apertasse a garganta.

Com medo, saí correndo. Cheguei ao casarão sem fôlego. Ao me aproximar da varanda, respirei fundo tentando voltar à normalidade. Mamãe, vendo-me afogueada, perguntou:

- O que houve, filha? Parece assustada!

- Não aconteceu nada, mamãe. Resolvi ir até o lago e fiquei sentada observando a paisagem. Todavia, aquele lugar não me traz boas lembranças...

- Compreendo, minha filha. Mas se você sabe que não lhe faz bem ir até lá, é melhor evitar.

- Eu sei, mamãe. Mas, como já faz tanto tempo, julguei que nada iria acontecer. E a senhora, foi passear também?

- Não, filha. Fui conversar com pai Albino sobre uns problemas que andam acontecendo na senzala. Nada grave, não se preocupe.

- Ah!... Posso saber que problemas são esses?

- Não vale a pena, filha. São coisas que eu mesma vou ter de resolver. Não quero encher sua cabecinha com assuntos sem importância.

- Está bem, mamãe.

Notei a perturbação de minha mãe, que, se eu insistisse, ficaria em dificuldades para esclarecer o assunto, e teria até de mentir. Nesse momento, Tome veio avisar que padre Antônio estava chegando, e mamãe ficou toda feliz e aliviada.

- Ah, que bom! Há tempos que padre Antônio não aparece aqui na fazenda. Vamos recebê-lo?

O sacerdote descia de sua charrete quando chegamos à porta principal. Aproximou-se de nós todo vermelho.

- Bom dia, padre Antônio! Sua bênção. Bem-vindo à nossa casa!

- Bons dias, minhas senhoras! Tive de vir por estes lados e aproveitei para fazer-lhes uma visita.

- Chegou em boa hora, padre. Almoçará conosco. Vamos entrando.

Já na sala, o idoso padre entregou o chapéu a Odete e despencou em uma cadeira. Depois, enfiando a mão na algibeira, retirou um lenço todo amassado e enxugou a transpiração abundante da testa, enquanto perguntava:

- Como estão as coisas, senhora Virgínia? Por aí, nas outras propriedades, só se ouve reclamação. Espero que por aqui esteja melhor.

- Infelizmente não, padre Antônio. A falta de chuva tem castigado toda a região, e aqui não é diferente. A água está escassa, e os níveis do riacho e do lago baixaram bastante.

Mas o que o senhor nos conta de novo? Ficamos aqui encerradas na fazenda e nada sabemos sobre o que acontece em Cruzeiro da Mata e na região.

- Pois vou lhes contar tudo e depois não digam que falo demais! Senhora Virgínia, a Matilde ganhou um novo bebê.

- Não diga, padre Antônio! Que maravilha! Fazia muitos anos que ela desejava ter mais um filho e não conseguia. Preciso ir visitá-la.

- A sua amiga Esmeralda vai casar-se, sinhazinha Maria Eugênia.

- Quem é o noivo, padre?

- O José Bitela.

Caí na risada, sem poder acreditar.

- Mas justamente ele, padre Antônio? Ela não suportava a presença dele!

- As coisas mudam, minha filha!

- Estávamos assim conversando, despreocupadamente, quando Odete veio avisar que o almoço estava pronto. Dirigimo-nos para a sala de refeições, serenos e bem-

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt humorados.

21 - Novos desatinos

Desde a vinda de Guilherme à nossa fazenda, eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse o segredo que trazia guardado dentro de mim. O temor de que tudo viesse à tona deixava-me insegura e angustiada.

Todavia, a presença de padre Antônio em nossa casa fez-me espalhar um pouco as idéias. Ele era um homem que gostava de conversar e, para nós, que quase não saíamos da fazenda, uma fonte perene de novidades, pois suas vindas tinham o dom de nos colocar a par do que estava acontecendo fora dos limites da nossa propriedade. Sentados à mesa, conversávamos descontraídos.

- Aceita mais um pouquinho do guisado, padre? - perguntou gentilmente minha mãe.

Entre uma garfada e outra, padre Antônio disse:

- Florência é a melhor cozinheira da região! Estes quitutes estão divinos, sinhá Virgínia! Tudo está perfeito. Porém, o assado com farofa, o meu prato predileto, está supimpa!

Ele fez uma pausa, limpou a boca com o guardanapo e declinou com um sorriso, enquanto, de mãos postas, olhava para o alto:

- Agradeço-lhe, mas não devo aceitar mais nada, sinhá Virgínia. Estou satisfeito. Não devo entregar-me ao pecado da gula, ainda mais quando sei que as sobremesas aqui são sempre tentadoras.

Mamãe também sorriu.

- De vez em quando não tem importância, padre. O senhor vem tão poucas vezes nos visitar! Mas, se realmente está satisfeito...

Com um gesto, mamãe deu ordem a Odete para tirar a mesa. Em seguida, vieram as sobremesas: compotas frutas, doces e doce de leite cremoso; como acompanhamento, queijo branco. Ao ver os doces, o religioso arregalou os olhos e novamente elevou as mãos postas com olhar súplice, como que pedindo antecipado perdão a Deus pelo pecado que ia cometer. Quando a escrava se aproximou para servi-lo, ele pediu:

- Odete, minha filha, sirva-me só um pouquinho. Pretendo experimentar todos eles. E que o Senhor me perdoe! Depois, terei de fazer penitência.

E mergulhou nos saborosos doces que ali estavam na mesa. Logo depois nos levantamos e passamos para a sala de visitas, onde seria servido o café, que o velho pároco não dispensava. Com a xícara na mão, o religioso saboreava o café. Ao terminar, ele comentou:

- Encontrei-me com Guilherme outro dia na cidade e ele contou-me que irão receber visitas na fazenda Santa Clara!

- Ah, sim? E que visitas são essas, padre? - indagou minha mãe.

- Um casal de amigos que mora na França.

- O nome deles seria Marie e Pierre Légrand, padre Antônio? - sugeri.

- Exatamente, minha filha! Você os conhece?

- Sim, padre. Quando viajei com Guilherme em lua de mel, fiquei conhecendo esse casal. São pessoas muito agradáveis e simpáticas.

- Estranho Guilherme não ter me falado sobre isso quando aqui esteve - murmurou minha mãe, pensativa.

- Com certeza deve ter se esquecido. Bem, não posso demorar-me. Tenho outras propriedades para visitar,

- Descanse um pouquinho, padre. O sol está tão quente!

- Ah, minha filha! Não sabe como gostaria de cochilar um pouco na rede da varanda. Contudo, meu tempo hoje é realmente curto.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Bem, se é assim... não o prendo por mais tempo. Todavia, espero que venha outro dia, padre Antônio. Preciso que reze uma missa pela alma de meu falecido marido, e com tempo para visitar a senzala, abençoar casamentos e batizar as crianças que nasceram.

- Com muito gosto, sinhá Virgínia. Virei no primeiro domingo do próximo mês, sem falta. Pode preparar tudo.

- Excelente, padre Antônio. Será um dia especial para todos nós aqui da fazenda. Faremos uma grande festa. Nesse momento, mamãe fez um leve sinal para Odete, que entendeu perfeitamente. Como de hábito, sempre que o religioso vinha à fazenda, retornava levando sacos de alimentos e uma quantia em dinheiro para as despesas da igreja.

Quando saía da casa-grande, Florência, Odete e os outros escravos se aproximaram para despedir-se do padre. Com a charrete devidamente carregada, ele partiu abençoando a todos.

QUANDO A CHARRETE DO PADRE desapareceu na curva da estrada, entrei em casa, voltando a lembrar do meu problema, ainda mais que ele contou sobre seu encontro com Guilherme. Então Marie e Pierre viriam ao Brasil! Mais do que nunca me sentia insegura e angustiada. Marie tinha dons estranhos. E se ela descobrisse meu segredo e o contasse a Guilherme?

Refleti bastante e decidi: precisava destruir as provas do meu crime. E a única pessoa que poderia denunciar-me era Miguel. Assim, não tinha saída. Imprescindível dar um jeito no meu cúmplice. Mas, como?

Durante horas não fiz outra coisa senão pensar. Até que tive uma idéia. Havia um escravo na fazenda chamado Josias, o cocheiro que nos levava até o porto, no Rio de Janeiro. Algum tempo depois, ele passara a beber e adquirira péssima reputação. Ele bebia, brigava com os outros escravos e criava caso com todo mundo. Em virtude disso, ele perdera o posto de cocheiro para Tome, que inspirava mais confiança. Depois disso, passara a beber ainda mais, degradando-se a cada dia.

Sim! Josias! Por que não? Certamente ele não se negaria a prestar-me um favor em troca de um pouco de dinheiro.

Depois... depois eu daria um sumiço nele.

Tendo decidido o que fazer, mandei um garoto chamá-lo para conversar comigo no caramanchão de rosas. Josias chegou todo sem jeito.

- Sinhazinha Maria Eugênia mandou-me chamar?

- Sim, Josias. Gostaria de ganhar uma boa soma em dinheiro?

Os olhos do servo brilharam de cobiça, e ele respondeu sem demora:

- Sim, sinhazinha. O que preciso fazer? A sinhá manda e eu obedeço.

- Estaria disposto a fazer qualquer coisa?

- Sim, sinhá.

- Então, preciso que acabe com Miguel.

Ele fitou-me em dúvida sobre o que acreditava ter ouvido. Depois perguntou:

- Não sei se entendi bem, sinhá.

- Entendeu muito bem, Josias. Quero que mate Miguel.

- Mas por que, sinhá? O pobre coitado está doido e não faz mal a ninguém...

- Por isso mesmo. Se ele está louco, para que viver? A vida deve ser-lhe um fardo demasiadamente pesado. Afinal, aceita ou não a incumbência? Se não aceitar, outro o fará e você perderá um bom dinheiro.

Ele baixou a cabeça, resignado, diante das vantagens que teria.

- Se é assim... aceito, sinhá. O que devo fazer?

- Isso é com você. Mas preste atenção! Quero que pareça

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
natural, um acidente talvez. Quem sabe poderia usar um chá? Com tantas ervas venenosas pelo campo, não seria difícil que ele morresse envenenado.

- Muito bem, sinhá. E quando receberei a recompensa?

- Após a execução do serviço. Voltaremos a nos encontrar aqui e receberá o que lhe prometi. Só uma coisa eu exijo.

- O que, sinhá?

- Que você desapareça no mundo. O dinheiro fatalmente despertará suspeita nos demais escravos. Assim, o melhor que tem a fazer é fugir e procurar abrigo longe daqui. Josias vibrou de alegria e entusiasmo. Seus olhos umedeceram-se.

- Sinhazinha Maria Eugênia está me dando a liberdade?

- Não serei caçado? É verdade que serei livre?

- Sim, Josias, desde que cumpra sua parte no combinado.

Mantenha segredo. E se alguém ficar sabendo sobre esse nosso acordo, se você contar isso a quem quer que seja, sua vida não valerá nada. Mandarei caçá-lo como a um animal. Ouviu bem?

- Sim, sinhá Maria Eugênia. Fique tranqüila. Farei o serviço de modo a não despertar suspeitas. Ninguém ficará sabendo.

- Ótimo. Agora vá. Irei em seguida. Não quero que nos vejam juntos.

O negro agradeceu e saiu do caramanchão, não sem antes examinar se alguém estaria nas imediações. Permaneci mais um tempo, saboreando minha decisão e a maneira como resolveria o assunto. Depois, saí também, abrindo a sombrinha e caminhando lentamente de volta para casa. Ninguém nos vira. Aquele recanto do jardim era pouco freqüentado e por isso mesmo eu o escolhera.

Olhei para o alto. O sol intenso ainda brilhava no céu, mas pesadas nuvens se adensavam ao longe. O vento começou a soprar e nuvens negras aproximavam-se, rápidas. Apressei meu passo, e em breve tudo escureceu. Ao chegar à casa-grande, a ventania arrancou a sombrinha de minhas mãos, arrastando-a para longe. Corri para dentro, buscando abrigo seguro, enquanto as escravas fechavam as janelas e corriam o ferrolo nas portas.

- Graças a Deus, filha, que chegou. O dia escureceu e, como tardava, fiquei preocupada com você.

- Estava no caramanchão, mamãe, e não percebi que o tempo havia mudado.

- Após uma estiagem demorada, são comuns grandes tempestades. Que o Senhor nos ajude!

Ainda era dia, mas as luzes foram acesas. Em breve, uma faísca cortou os ares, seguida do estrondo do trovão.

Abraçadas, permanecemos rezando para que nada de mal acontecesse a todos nós. Os escravos que trabalhavam dentro de casa também se aproximaram temerosos,

permanecendo no chão, a nosso lado, como se nossa presença pudesse protegê-los da fúria da tempestade.

Na verdade, eu estava apavorada e não poderia proteger ninguém. O medo que eu sentia era muito maior do que se poderia imaginar. Era a consciência culpada que não me dava paz. Sentia como se Deus soubesse o que eu havia feito e estivesse me castigando.

Algumas horas depois, o temporal diminuiu, transformando-se em uma chuva pesada, mas sem ventos, e todos relaxaram, voltando para suas atividades.

Na manhã seguinte, o céu continuava nublado, mas havia parado de chover. Tudo estava molhado e as poças se acumulavam aqui e ali. Roque veio dar contas à minha mãe dos estragos ocorridos na noite anterior.

- Sinhá Virgínia, uma parte da cerca foi derrubada; o paiol foi destelhado e molhou tudo o que estava dentro. Três árvores, das mais velhas, caíram e existe muita sujeira pra todo

lado. Ah, e uma carroça ficou emborcada. Por enquanto é

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
isso o que pude verificar. Se souber de mais alguma coisa,
comunicarei à senhora.

- Com os animais, tudo bem?

- Sim, sem problemas.

- Então, Roque, trate de reparar ainda hoje os estragos,
com a maior rapidez. Como nada poderão fazer na lavoura,
convoque todos os escravos disponíveis. As nuvens

carregadas
indicam que ainda poderá chover - concluiu olhando para o
céu, preocupada.

- Sim, sinhá. Farei isso, pode ficar descansada.

- Outra coisa, Roque. Procure saber se Miguel está bem.
Pode ter acontecido alguma coisa com ele, vivendo assim ao
relento.

- Sim, sinhá.

Naquele momento, uma idéia me surgiu na mente deseque-
librada. Sabia onde Josias costumava trabalhar. Era no galpão,
empilhando os sacos de açúcar que vinham do engenho.
Ligeira, corri até lá e falei a Josias, em voz baixa para que só
ele pudesse escutar:

- Não podemos perder essa oportunidade que se nos
apresenta. A tempestade fez muitos estragos, e não seria
difícil que ele tivesse sido atingido. Vá, agora mesmo! Corra
e faça o

que lhe compete.

- Mas sinhazinha, e se o feitor der pela minha falta? Ele vai
colocar-me no tronco!

- Obedeça às minhas ordens. Deixe que do feitor, eu cuido.

- Sim, sinhazinha. Estou indo. Só voltarei com o serviço
terminado.

- E aí de você se não fizer o que combinamos!

Ele saiu rápido como uma flecha. Mais tarde, mamãe e eu
estávamos sentadas na sala, quando se aproximou Roque, o
capataz, revirando o chapéu nas mãos.

- O que houve, Roque? - quis saber minha mãe.

- Sinhá Virgínia, seus temores tinham fundamento. Como
a senhora ordenou, fui até a gruta onde Miguel costuma se
abrigar, e ele lá não estava. Procurei em torno sem descanso.
Nada; sem resultado. Até que, de repente, o encontrei caído
no meio do mato. Estava com uma ferida aberta na cabeça,
provavelmente feita por um galho de árvore derrubado
durante a tempestade.

- E como está ele? - indagou minha mãe.

- Morto, sinhá.

O semblante de minha mãe nublou-se de dor.

- Ah, pobre Miguel! Que infelicidade. Os demais já sabem?

- Não, sinhá. Quis dar-lhe a notícia em primeira mão.

Agora vou até a senzala contar para os outros escravos o que
aconteceu.

- Providencie tudo para o velório e o sepultamento, Roque.

- Sim, sinhá. Pode deixar por minha conta. Mais alguma
coisa?

- Não, Roque. Pode ir.

Somente então minha mãe se deu conta da minha
presença.

- Você ouviu, filha? Miguel está morto!

- Sim, mamãe. Todavia, não se perde grande coisa. Ele não
estava bem mesmo.

- Não fale assim, Maria Eugênia! Miguel sempre foi um
rapaz bom, digno e trabalhador.

- Eu sei, mamãe, mas estava completamente louco. Vale a
pena viver assim?

- Cale-se, filha! Que Deus não a ouça! Só o Criador tem o
direito de decidir se devemos viver ou não.

- Exatamente, mamãe. Foi um acidente causado pela
tempestade. Isso não mostra que o Senhor achou melhor
que ele morresse?

- É. Talvez você tenha razão.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Acha que devemos rezar por ele, mamãe?

- Claro, filha.

- Escravo tem alma?

- Que pergunta! É claro que tem alma, Maria Eugênia.

- Não sei. Há pessoas que não acreditam que eles tenham alma.

- E por que não? Eles são seres humanos como nós.

- Bem, isso agora não importa. Vou até a capela rezar pela alma dele.

- Faça isso, minha querida. Faça isso.

Deixei a sala, encaminhando-me para o local da casa onde tínhamos um altar e onde costumávamos rezar. Na verdade, eu não queria que alguém percebesse que eu estava contente com a morte de Miguel. Ajoelhei-me e, de mãos postas, rezei, não pela alma do escravo morto, mas em agradecimento a Deus por ter resolvido o meu problema. Na minha inconsciência, julgava que aprovera a Deus proteger-me dos meus desatinos, retirando a presença de Miguel que tanto mal poderia me fazer, se alguém ficasse sabendo dos meus erros. Julgava, na minha insanidade, ser infinitamente superior às outras pessoas, especialmente a um cativo como Miguel, e, desse modo, não tinha dúvidas de que o Senhor, entre um escravo e mim, certamente agiria a meu favor.

Ainda e sempre vigorava em mim o orgulho e o egoísmo, que me levaram a cometer tanto mal no passado, por julgar-me acima das outras pessoas.

Alguns dias depois, enquanto passeava pelo jardim, fui abordada por Josias, que me cruzou a frente, impedindo-me de prosseguir. Estranhei o comportamento dele.

- O que deseja, Josias?

- Sinhazinha não está esquecendo de algo?

- Esquecendo de quê?

- Do nosso acordo. Não se lembra de que eu receberia certa importância depois de executar suas ordens?

- Ah! Isso!

- Exatamente, sinhá. Preciso partir, mas não antes de receber o que fiz por merecer.

- Está bem. Espere-me à noite perto da figueira. Apesar de bem próximo da casa-grande, é local deserto e poderemos conversar sem testemunhas.

- Estarei lá. Não esqueça meu dinheiro, sinhá. Ou...

- Insolente! Está me ameaçando?

- Não, sinhá. Lembrando, apenas.

Fiz meia-volta e retornei por onde tinha vindo. Não gostara do jeito dele, do seu atrevimento. Melhor seria mesmo que ele desaparecesse de uma vez por todas.

Mais tarde, depois que o céu escurecera por completo e tudo era silêncio na fazenda, ainda dei um tempo para que todos dormissem. Depois, coloquei um manto sobre a camisola, calcei os chinelos e esgueirei-me para fora do meu quarto. Desci as escadas e entrei na sala, que era o escritório de meu pai quando ainda vivo. Em seguida, dirigi-me até uma parede, atrás da mesa, onde havia um belo quadro a óleo com a imagem de meu pai no vigor da idade, em uma moldura primorosa. Procurando não fazer barulho, retirei o quadro da parede, colocando-o no chão; atrás do quadro, havia um nicho com uma portinhola. Abri a gaveta da grande mesa e, de um fundo falso, retirei uma chave que abriu a portinhola do cofre. Ali havia muitos documentos importantes, moedas de ouro em uma caixa e jóias em outra. Peguei um pouco de moedas, despejei em um pequeno saco e fechei cuidadosamente a abertura, depositando a chave no mesmo lugar. Recoloquei o quadro na parede e saí do escritório. Em seguida, com cuidado, abri uma porta que dava para o lado do pomar. Olhei em torno. Tudo estava tranquilo. Caminhei até a figueira, quase encostada na parede do casarão.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Mesmo no escuro, pude vê-lo. Esperava-me. Entreguei-lhe o saco de moedas e vi que seus olhos brilharam de cobiça ao ver seu tesouro.
Mostrei-lhe outro saco maior que preparara com antecedência e deixara escondido entre as raízes da figueira.
- Já que pela sua condição de escravo não poderá andar por lugares movimentados com o risco de ser preso, preparei alguns alimentos para você levar.
- Mas a sinhá disse que eu não seria caçado...
- E não será. Nada farei para lhe impedir a viagem. Todavia, se alguém o encontrar, poderá julgar que é um fugitivo e criar-lhe problemas. Assim, viaje à noite e esconda-se durante o dia.
- Obrigado. Adeus, sinhá Maria Eugênia.
- Nunca mais apareça por aqui. Estamos quites.
Dei meia-volta e retornei sobre meus passos, mas ainda pude ouvir o ruído que ele fez caminhando até o cavalo. Montou e escutei, com alívio, os passos do animal que se afastava. Respirei profundamente, satisfeita. Sentia-me segura e livre de preocupações. Agora, ninguém mais conhecia meu segredo.

22 - Reencontrando amigos

Entrei em casa sorrateiramente e dirigi-me até a cozinha. Estava satisfeita. Meus planos corriam bem. Ninguém mais poderia acusar-me de nada. Nisso, ouvi uma voz na penumbra do corredor.
- O que a sinhazinha está fazendo aqui em uma hora dessas?
Dei um pulo e quase caí sobre uma cadeira.
- Ai, Dinha! Quase me mata de susto! - gritei, levando a mão ao peito, onde o coração batia acelerado.
- Perdão, Maria Eugênia. Estava com dificuldade para dormir e, como ouvi passos, vim verificar quem era.
- Também eu não consegui dormir. Assim, desci para tomar uma caneca de leite.
- Vou esquentá-lo para a sinhazinha. O fogão ainda tem brasas.
Dinha esquentou o leite e serviu-me um pedaço de bolo de fubá.
- Coma também, Dinha. O bolo da Florência está ótimo. A ama serviu-se de bolo, pegou um pouco de leite e sentamo-nos, ficando a conversar por um quarto de hora. Depois, comecei a bocejar e ela me disse:
- Melhor se recolher, sinhazinha, que o sono está chegando.
Acompanhou-me até o quarto e só se afastou quando me viu no leito.
- Boa noite, Maria Eugênia.
- Boa noite, Dinha.
A ama estava quase saindo do quarto, quando perguntei:
- Dinha, você está sempre muito triste. Ainda sente falta da Ritinha?
Ela voltou-se surpresa, e vi que seus olhos se encheram de lágrimas, que não chegaram a cair.
- Estou triste sim, sinhazinha. Não é fácil perder uma filha, a única que o Senhor me concedeu. Agora, só tenho a você, que considero minha filha pelo coração.
Naquele momento, percebi a enormidade da minha infâmia, destruindo a felicidade daquela mulher que, durante toda a vida, só me fizera o bem.
- Boa noite, Dinha - murmurei com voz sumida.
Após ficar só, na penumbra do quarto, pus-me a pensar, e a pouca consciência que me brilhara na mente desapareceu, substituída pelo velho orgulho que se contrapunha: "mas não faz mais do que sua obrigação tratando-me bem e amando-me. Afinal, é escrava, e essa é sua função!"

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Virei para o lado, puxei as cobertas até a cabeça e fechei os olhos. Não queria mais pensar em nada.

COMO SUPUNHA QUE NINGUÉM mais poderia me acusar, julgava-me livre e a salvo de qualquer problema futuro. Entretanto, as sementes que plantamos brotam e frutificam, sejam elas boas ou más. Chegando a hora da colheita, somos obrigados a encarar o produto das nossas ações, gostando ou não.

Alguns dias depois, vi ao longe, na estrada, um cavaleiro que se aproximava. Era um escravo, portador de uma carta-convite de Leonora Cerqueira, mãe de Guilherme.

Mamãe abriu o envelope e um delicado perfume a envolveu. Tirando a folha, não pôde deixar de admirar a letra inclinada, firme e bonita. Leu em voz alta:

"A SENHORA

VIRGÍNIA DE ALBUQUERQUE FIGUEIROA. QUERIDA AMIGA, TEMOS O PRAZER DE CONVIDÁ-LA, E

À NOSSA MARIA EUGÊNIA, PARA PASSAR O PRÓXIMO DOMINGO NA FAZENDA SANTA CLARA. HÁ ALGUNS DIAS, RECEBEMOS HÓSPEDES DA FRANÇA E FAREMOS MUITO GOSTO COM SUA PRESENÇA. NESSA OPORTUNIDADE, TERÁ A SATISFAÇÃO DE CONHECER O DISTINTO CASAL LEGRAND, E SUA FILHA MARIA EUGÊNIA, DE REVER AMIGOS FRANCESES.

ROGO-LHE QUE VENHA O MAIS CEDO QUE PUDER, PARA GOZARMOS O PRAZER DA SUA COMPANHIA POR MAIS TEMPO. ATENCIOSAMENTE, LEONORA ALVES CERQUEIRA"

Após ler o convite, surpresa e animada, mamãe se pôs a fazer mil planos, enquanto eu, calada, pensava: "Então, Marie e Pierre haviam chegado!"

- Quem são esses hóspedes, que ela afirma serem seus amigos, filha?

- Marie e Pierre, mamãe. São amigos de Guilherme desde a época em que ele estudava na França - respondi, entediada.

- E como são eles?

- Simpáticos e alegres. Boas pessoas. A senhora vai gostar deles.

Mamãe saiu da sala toda entusiasmada. Era natural. Nossa vida tornara-se monótona, sem atrativos, pois raramente saíamos da fazenda Santa Genoveva. Fora-se o tempo em que abríamos nossas portas para receber os amigos em festas, saraus ou banquetes, ocasiões em que a casa-grande se enchia de luzes e movimento. Desse modo, qualquer mudança era bem-vinda.

Quanto a mim, de pronto pensei em não ir. Sabia que Leonora não morria de amores por mim e incluía-me no convite apenas porque não o poderia evitar. Seria uma falta de delicadeza imperdoável, já que nossa família resumia-se a nós duas. Por outro lado, eu sentia apreço por Pierre, mas não ficaria à vontade na presença de Marie. De qualquer forma, se eu não fosse, poderia parecer descortesia e talvez provocar mais comentários sobre minha pessoa. Assim, após muito refletir, decidi comparecer. E tendo decidido, faria questão de estar com a melhor das aparências, alegre, sorridente e esbanjando simpatia.

A reunião seria no domingo. Era uma quarta-feira. Assim, teríamos três dias inteiros para os preparativos.

Foi um período de muita agitação. No dia aprazado, coloquei um vestido novo, branco com detalhes em azul, que chegara havia pouco da modista. Para finalizar a toailete, Dinha colocou-me no pescoço uma correntinha de ouro da qual pendia um camafeu, e brincos iguais. Nos pés, delicadas botinas de couro brancas, presas na lateral por uma fieira de botões.

A ama penteou meus cabelos com capricho. Coloquei um chapéu de palha branca trançada, preso ao pescoço com uma fita azul.

- Está realmente muito bela, Maria Eugênia!

Mirei-me no espelho examinando-me com olhos críticos.

- Acha mesmo? Estou muito pálida!

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Colori os lábios com uma pasta carmina e depois levei os dedos indicador e médio à boca, e, em seguida, delicadamente bati com eles nas bochechas, o que colocou um leve colorido em minhas faces.

- Ah, melhorou! Mamãe está pronta, Dinha?

- Creio que sim, sinhazinha.

- Muito bem. Então vamos!

Desci as escadarias. Minha mãe já aguardava na sala. Sorriu ao ver-me.

- Está encantadora, filha!

- A senhora também, mamãe.

Minha mãe colocara um vestido verde-musgo, discreto e elegante, como convinha a uma viúva. No pescoço, um colar de pérolas e nas orelhas brincos iguais. Seus cabelos, penteados com capricho, escondiam-se sob um chapéu de abas largas na cor do vestido. Estava radiante.

Tomamos assento no coche que já nos esperava à porta. O escravo Tome, que nos conduziria até a Fazenda Santa Clara, estava a postos, todo orgulhoso no seu traje novo, composto de calças pretas, camisa branca, colete vermelho e um chapéu na cabeça.

O veículo alegremente rodou pela estrada rumo à fazenda de meus ex-sogros.

Uma hora depois nos aproximamos da entrada da propriedade, marcada por um grande portão de madeira, encimado por trepadeiras floridas. No meio das flores, havia uma placa também de madeira, onde se lia: "Fazenda Santa Clara".

Rodamos por um caminho ladeado de árvores até a sede da fazenda, onde Guilherme e sua mãe nos aguardavam à entrada da casa-grande. Minha mãe e a senhora Leonora se cumprimentaram com carinho, satisfeitas de estarem juntas. Guilherme e eu nos cumprimentamos de maneira civilizada. Sentia-me um tanto constrangida, pois um dia, na época da nossa separação, havia jurado nunca mais colocar os pés naquela fazenda. Assim, não pude deixar de notar seu sorriso irônico ao me receber, como se dissesse: "Afim! Está aqui, mesmo contra sua vontade". Ao que eu, ao lhe estender a mão, de cabeça erguida, com um lindo sorriso no rosto, escorada no meu orgulho, parecia responder: "Estou aqui sim, mas muito melhor do que quando parti. Sinto-me ótima. Veja como estou bela!"

Tudo isso, porém, passou despercebido aos demais. Um pouco recuados, estavam Pierre e Marie Legrand. O tempo parecia não ter passado para eles. Estavam exatamente como eu os conhecera. Leonora apresentou-os à mamãe:

- Querida Virgínia, estes são Pierre e Marie Legrand, amigos de Guilherme há muitos anos, e de Maria Eugênia também, pois se conheceram na França.

Mamãe abriu seu melhor sorriso, estendendo-lhes a mão.

- Imenso prazer em conhecê-los pessoalmente, uma vez que já os conhecia de nome. Minha filha fez muitas referências a ambos.

- Boas, eu espero! - brincou Marie bem-humorada.

- Sem dúvida! Sem dúvida!

Adiantei-me, cumprimentando-os:

- Prazer em revê-los, queridos amigos! Que bons ventos os trazem à nossa terra? - indaguei com interesse.

Foi a vez de Pierre responder:

- Estávamos planejando viajar um pouco, quando recebi justamente uma carta de Guilherme convidando-nos para visitá-lo. Não resistimos e cá estamos. Nosso amigo Maurice manda-lhe lembranças.

- Ah, obrigada! - respondi com um sorriso, embora a recordação daqueles dias passados em Paris não me fosse particularmente agradável.

- E o que estão achando da nossa terra? - indagou minha mãe.

- Maravilhosa! É um belo país - disse Marie, entusiasmada.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Noto que domina muito bem a nossa língua, senhor Pierre - comentou mamãe.

Ele sorriu, explicando:

- Senhora Virgínia, na verdade sou brasileiro, nascido em Pernambuco, descendente de uma tradicional família holandesa, que desembarcou no Brasil na época da colonização, no século 17.

- Ah! Então tudo se explica.

- Minha família criou raízes nesta bela terra, e aqui permaneceu, não retornando à pátria de origem, como fizeram outras famílias. Posteriormente, minha bisavó casou-se com um francês, o que justifica o sobrenome Legrand. Assim, cresci aqui, porém ainda muito jovem meus pais acharam por bem mandar-me estudar em Paris, onde me adaptei e estou até hoje. Guilherme e eu fomos colegas de faculdade e nos tornamos amigos, jamais deixando de nos corresponder.

- E sua família reside onde?

- Em uma pequena cidade próxima de Recife. Daqui, iremos visitar minha terra natal e rever minha família. Aliás, eles ainda não conhecem minha esposa.

- Devem estar com saudades. E a senhora, Marie? - tornou minha mãe.

- Sou francesa, nascida em uma pequena cidade do interior. Em busca de trabalho, meus pais se mudaram para Paris, onde cresci e, mais tarde, conheci Pierre, por quem me apaixonei.

Sentamo-nos e continuamos a conversar. Eles nos colocaram a par do que estava acontecendo pela Europa e ficaram informados das notícias daqui, inclusive das idéias abolicionistas que se espalhavam por todo o país. Deixando Guilherme e eu conversando com nossos amigos visitantes, mamãe afastou-se com Leonora em direção ao jardim de inverno, onde se sentaram em confortáveis bancos de madeira. O local era uma espécie de terraço ornamentado por plantas diversas, florido e extremamente agradável. Após se acomodarem, Virgínia perguntou:

- Leonora, como está o senhor Cerqueira?

A anfitriã respirou fundo e seus olhos marejaram-se ao responder:

- Nada bem, minha amiga. Apesar do tratamento, seu organismo não tem reagido como o médico esperava. Valentim sofre muito; as dores são intensas, o tempo todo.

- Pobrezinho! E os remédios? Certamente, ele toma medicamentos?

- Sim. Não obstante, pouco efeito eles produzem. Acalmam as dores por algum tempo, mas elas retornam com força total.

- Tenha fé em Deus, Leonora. Tudo há de melhorar. A dona da casa balançou a cabeça, concordando.

- Sim, Virgínia. Tenho confiança em que meu querido Valentim há de sarar. Essa é uma das razões que levou meu filho Guilherme a convidar Marie e Pierre para vir nos visitar. Marie tem alguns conhecimentos diferentes e faz um tratamento nada convencional. Não sei bem de que se trata, mas Guilherme acredita que poderá ajudar o pai em sua recuperação.

- Estou curiosa! Que tratamento será esse? - indagou minha mãe, surpresa.

- Também não sei, mas poderemos conversar sobre isso com Marie. Ela é uma pessoa simpática, sensível e agradável. Valentim gostou dela, o que é fundamental. Como você não ignora, meu esposo tem temperamento difícil.

- O que depõe a favor de sua hóspede.

- Também penso assim, Virgínia. Mais tarde, podemos

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
tocar no assunto e pedir que Marie nos esclareça melhor. A propósito, terá ocasião de encontrar Valentim à hora do almoço.

Conversaram mais um pouco, até que uma escrava veio avisar que a refeição estava pronta.

- Pode mandar servir, Luzia. Avise também os moços.

Ergueram-se e dirigiram-se à sala de jantar, para onde nós, os jovens, também nos encaminhamos.

Como a anfitriã não nos convidou para tomar assento, permanecemos de pé por alguns minutos. Entendi a razão ao ver, logo em seguida, dar entrada no salão o dono da casa, apoiado em um escravo. Ele foi conduzido até seu lugar, na cabeceira da mesa, cumprimentando a todos de maneira geral,

- Boa tarde. Desculpem-me não poder recebê-los como deveria. Minhas condições não o permitem. Sejam bem-vindos ao nosso lar.

Mamãe dirigiu-se a ele, cumprimentando-o sorridente:

- Prazer em vê-lo, senhor Cerqueira. Está com ótima aparência.

- Bondade sua, minha cara senhora Virgínia. Estou lutando para vencer.

Iguamente cumprimentei o fazendeiro:

- Como está, senhor Cerqueira? Tenho muito gosto em vê-lo.

- Obrigado, Maria Eugênia. Seja bem-vinda. Mas, por favor, sentem-se. Vamos almoçar.

Todos se acomodaram em torno da mesa e os escravos começaram a trazer as travessas com as iguarias.

A refeição foi muito agradável. Os pratos estavam ótimos e a conversa descontraída. O dono da casa comeu rapidamente e retirou-se, apresentando suas desculpas:

- Infelizmente, não posso ficar muito tempo fora do leito.

As dores não me permitem. Mas, por favor, fiquem à vontade e aproveitem o dia - justificou-se.

- Não vai provar a sobremesa, querido? - lembrou Leonora.

- Obrigado. Estou satisfeito.

O escravo que o trouxera aproximou-se e o levou para seus aposentos. Após sua saída, a conversa girou em torno das condições de saúde do dono da casa.

Leonora, tirando um lençinho da algibeira, enxugou disfarçadamente uma lágrima que ameaçava cair, e comentou:

- Como podem ver, meu esposo não é mais o homem que era até há pouco tempo. Dinâmico, trabalhador, cheio de energia. Agora, raramente sai do leito. Hoje o fez em homenagem às visitas.

- No entanto, Leonora, a aparência dele está ótima.

Esperava encontrá-lo mais abatido - comentou minha mãe.

Guilherme limpou os lábios com o guardanapo de linho e comentou:

- Não se engane, cara senhora Virgínia. Manter a aparência custou-lhe intenso esforço. Quem o conhece bem percebe que meu pai estava com dores intensas. Normalmente, só se locomove na cadeira de rodas. Mas hoje...

Todos nós entendemos, penalizados, a situação do dono da casa, que não quis aparecer diante de seus convidados como um paralítico.

- E existe tratamento para esse mal, Guilherme? - indaguei.

- Infelizmente, Maria Eugênia, pouco se pode fazer. A doença é traiçoeira e resistente aos tratamentos médicos.

- Lamento - murmurou mamãe, compadecida.

Notando que o ambiente desandava para a tristeza, Leonora reagiu:

- Não se preocupem, tudo está sendo feito e tenho grandes

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
esperanças que Valentim se recupere. Agora, nada de tristezas! Estamos juntos e este é um momento feliz. Se todos já terminaram, vou mandar servir as sobremesas. Isso devolveu a alegria dos convidados, que sorriram satisfeitos, voltando a conversar entre si. As escravas trouxeram as sobremesas; frutas cristalizadas, compotas, além de doces cremosos; e, para acompanhar, queijo e creme de baunilha. Marie reclamou, bem-humorada:

- Se eu soubesse que a sobremesa seria tão farta e irresistível, não teria almoçado tanto!

Todos riram. Em seguida, Leonora convidou-os para tomarem o café na sala de visitas, após o que, como os convivas estivessem satisfeitos, gentilmente colocou à disposição os quartos da casa, preparados para aqueles que desejassem repousar um pouco.

Pierre e Guilherme não resistiram e, pedindo licença, dirigiram-se para seus aposentos, enquanto continuamos conversando. Leonora ainda insistiu:

- Virgínia, não gostaria de descansar um pouco? Deve estar cansada, por conta da viagem. Você também Maria Eugênia, quer descansar?

- Agradeço-lhe, Leonora, mas prefiro aproveitar o tempo para conversar. Afinal, são tão raras as ocasiões em que podemos fazê-lo! - afirmou minha mãe.

- Também não desejo deitar-me. Estou bem, obrigada - considerei.

No fundo, o que eu não queria era deixar as senhoras a sós com Marie. Temia que a francesinha comentasse os fatos ocorridos em Paris, sobre os quais minha mãe não tinha conhecimento. Quanto a Leonora, ignorava se Guilherme havia-lhe contado. Assim, o mais prudente seria ficar por perto, e alerta.

23 - Na fazenda Santa Clara

Dirigimo-nos para o jardim, conversando animadamente. A senhora Leonora conduziu-nos para aprazível recanto, localizado do lado direito da construção, onde havia uma pérgula à qual chegamos por um caminho de pedras em meio ao gramado. Entremeadas de tufos de folhagens e flores silvestres, trepadeiras graciosas enrodilhavam-se e subiam pelos pilares de madeira. O fundo da pérgula se constituía da parede do casarão totalmente recoberta pela hera. Para completar, três confortáveis bancos também de madeira, colocados em formato de meia-lua, representavam um atraente convite para o repouso. Tudo muito agradável e tranquilo. Pássaros gorjeavam nas árvores mais próximas e borboletas multicores voavam de flor em flor.

- Lindo! Ainda não conhecia este lugar! - exclamou Marie. Leonora sorriu, concordando:

- É meu local predileto. Venho para cá sempre que preciso pensar, tomar alguma decisão ou simplesmente descansar. Nessa hora do dia, especialmente, quando a sombra o torna mais fresco e agradável, utilizo-o para minhas leituras.

- Eu permaneceria aqui por muitas horas sem me cansar. Este lugar transmite uma sensação de paz, de bem-estar, que eu não saberia explicar - comentou minha mãe.

- Sinto a mesma coisa. Por isso, também é aqui que, aproveitando a paz da natureza, penso em Deus e rezo - considerou Leonora.

Marie ponderou com leve sorriso:

- Faz sentido. Talvez seja essa a razão de ser um ambiente tão agradável. Tenho notado, através do tempo, que nossos pensamentos influenciara a nós e ao ambiente em que vivemos.

Ao ouvir aquelas palavras, voltamo-nos para ela, surpresas. Permanecemos pensativas por alguns minutos; eu

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
particularmente - que conhecia aquela pérgula e nunca vira nada de especial nela -, sem entender a relação existente entre as duas coisas, até que a dona da casa, quebrando o silêncio, perguntou:

- Cara Marie! Posso fazer-lhe uma pergunta?

- Sem dúvida, querida Leonora. Se puder responder...

- Fui informada, por meu filho Guilherme, que você conhece um tratamento que poderia ajudar meu marido Valentim. Isso é verdade?

Com serenidade, Marie respondeu:

- Durante vários anos da minha vida, tenho buscado e estudado assuntos diferentes, para entender o que se passa conosco, seres humanos.

- Como assim? Poderia se explicar melhor, Marie?

A francesinha pensou um pouco e seus olhos azuis focalizaram um ponto ao longe, como se buscasse na memória a melhor maneira para expor suas idéias. Depois, começou a falar:

- Desde criança, sempre me preocupou a diferença que existe entre as pessoas. Por que aquele homem sofre tanto, enquanto outros estão bem? Por que existem pessoas boas e outras más? Por

que algumas nascem na riqueza e outras na miséria? Eu pensava nessas coisas e interrogava meus pais e mestres, mas ninguém conseguia responder aos meus questionamentos.

Conforme fui crescendo, essas dúvidas me acompanhavam e continuavam sem respostas; então, passei a refletir com mais profundidade buscando entender as razões da própria vida: O que estou fazendo aqui? De onde eu vim? E após a morte, para onde vou? E as outras pessoas? E, a mais importante de todas: quem sou eu?

Acompanhávamos sua narrativa, interessadas. Ela afastou uma mecha dos cabelos de fogo que caíra sobre a testa e prosseguiu:

- Certa ocasião, papai levou-me para visitar um velho amigo seu. Diante da moradia fiquei impressionada. Era uma construção senhorial, enorme, imponente, que devia ter sido muito bonita e luxuosa, mas que apresentava sinais inegáveis de decadência. O criado introduziu-nos em uma sala ampla e bem decorada, com janelas altas recobertas por cortinas de veludo carmesim, tapetes fofos e macios, que já deviam ter conhecido tempos melhores. Alguns minutos depois, o dono da casa surgiu. Era um cavalheiro de estatura mediana, cabelos brancos curtos e olhos verdes muito vivos. Cheirava a lavanda. Gostei dele assim que o vi. Era simpático e agradável. Ao ficar sabendo que eu apreciava leituras, gentilmente ele me pegou pela mão e levou-me até uma grande porta, que abriu. Era a sua biblioteca. Fiquei encantada! A sala era grande e não se viam as paredes, totalmente recobertas por estantes de madeira que iam do chão ao teto. Curiosa, indaguei como fazer para alcançar os livros lá no alto, e ele, sorrindo, mostrou-me uma escada que eu não havia notado, e que corria suavemente sobre trilhos. Em cada lado da sala havia uma dessas escadas. A emoção da lembrança fez os olhos de Marie cintilarem, como se a cena estivesse acontecendo naquele instante, e ela exclamou:

- Magnífica! Verdadeiramente magnífica aquela biblioteca! Depois, enxugando discretamente os olhos úmidos, ela prosseguiu:

- Então, graças à gentileza de Monsieur Alphonse, que me permitiu livre acesso aos seus tesouros, tive a oportunidade de buscar nos livros as respostas para meus questionamentos.

Conquanto as pessoas afirmassem que tudo isso era bobagem, que eu deveria me preocupar mais com coisas femininas, tais como preparar-me para o casamento, aprender a cuidar de uma casa, a cozinhar, a costurar, a

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
bordar, entre outras.

Marie deu uma risada, que nós acompanhamos, e seu rosto sardento se iluminou. Ela ajeitou-se melhor no banco, tentando avaliar nosso interesse, depois continuou:

- No entanto, deparei-me com uma extraordinária surpresa. Fiquei sabendo que os homens sempre se preocuparam com essas questões!

- Verdade?... - indaguei perplexa.

- Sim! Dei-me conta de que a Filosofia surgiu exatamente para esclarecer a existência da Divindade e da alma, e para responder a esses questionamentos! Então, mergulhei no estudo dos filósofos e de suas idéias, o que me foi de grande valia.

- E obteve resposta para suas dúvidas? - perguntou minha mãe, inclinando-se para frente, sumamente interessada. Marie respirou fundo, balançou a cabeça afirmativamente e sorriu:

- Aprendi que para tudo existe uma resposta. Dei-me conta de que os povos mais antigos já tinham a crença na existência de um Ser Superior que governa tudo, a quem chamamos Deus, mas que pode receber várias denominações diferentes, através do tempo, dependendo da época, da localização geográfica e da cultura dos povos. Que acreditavam na reencarnação, ou existências sucessivas; tinham a consciência de que todos somos almas ou espíritos imortais, que habitamos muitos corpos para aprender e progredir. Sócrates e Platão falavam sobre esses assuntos. - Mas isso é uma heresia!... A nossa Igreja não admite tais coisas, que considera coisas do demônio! - retruquei indignada.

Marie sorriu tranqüila e depois respondeu:

- Maria Eugênia, estou me referindo a conhecimentos que existem há milênios, antes da vinda de Jesus Cristo ao mundo, e evidentemente muito antes que surgisse a Igreja Católica. Portanto, são conhecimentos que não podem nem devem ser ignorados.

Incomodada pelo rumo que a conversa tomara, voltei a atacar:

- Sabe que muitas pessoas já foram queimadas nas fogueiras da Santa Inquisição, acusadas de bruxaria, por heresias como essas?

- Maria Eugênia! Contenha-se! - exclamou minha mãe, em voz baixa, tomando o partido da francesa.

Marie respirou profundamente e seus olhos se nublaram, mostrando certa tristeza.

- Sim, sei de tudo isso, Maria Eugênia, o que lamento, uma vez que apenas demonstra a ignorância e o fanatismo da Igreja. Além disso, eu apenas respondia a uma pergunta feita pela nossa anfitriã, Leonora, acreditando estar em um grupo seletivo de pessoas inteligentes e abertas ao conhecimento. Porém, você reage como grande parte das pessoas, supersticiosas e conservadoras.

No fundo, aquele tema me dava medo. Sofrendo pressões do mundo espiritual, arrepiava-me diante do assunto que me constrangia, como se todas as pessoas soubessem das minhas dificuldades. Assim, incapaz de me controlar por mais tempo, levantei-me, irritada.

- Com licença! A ouvir balelas, prefiro passear pelos jardins.

O ambiente tornara-se pesado e desconfortável. Após minha saída intempestiva, mamãe sentiu-se na obrigação de dizer alguma coisa, embora tivesse um nó na garganta:

- Querida Marie, nem sei como desculpar-me pela atitude de Maria Eugênia. Peço-lhe perdão, e também à querida Leonora. Sinto-me envergonhada. Sem desejar justificar o comportamento de minha filha, todavia não posso deixar de explicar que ela realmente não está bem.

- Não se preocupe, querida Virgínia. As palavras de Maria

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Eugênia não me abalaram. Entendo o problema dela e sei de suas preocupações - considerou Marie, serena.

- Sabe?!... - tornou minha mãe, surpresa.
Marie justificou-se, entendendo que falara mais do que devia:

- Não me leve a mal, Virgínia. Sabe que Pierre e eu convivemos com sua filha na França e...

- Aconteceu algo por lá que eu não saiba? Por favor, diga-me! - interrompeu-a, intrigada.

Constrangida, Marie notou que mamãe ignorava os fatos ocorridos em Paris. Então, com delicadeza, em virtude da presença da dona da casa, que ela também não sabia até que ponto estava a par dos acontecimentos, preferiu desconversar:

- Virgínia, talvez este não seja o momento ideal para falarmos sobre tais assuntos. Quem sabe em outra oportunidade?

Minha mãe entendeu. Discreta, Marie desejava preservar a imagem de sua filha. Leonora, que conhecia uma parte dos acontecimentos por meio de Guilherme, gentilmente disse:

- Vou retirar-me. Preciso dar algumas ordens e verificar como está Valentim. Assim, as deixarei mais à vontade.

E já se levantava para sair, quando mamãe a impediu:

- Não, minha amiga. De jeito nenhum. Viemos aqui para estar com você, e podemos dialogar sobre esse assunto em outra hora. Mas, de que falávamos mesmo? - disse, tentando modificar o rumo da conversa.

Ninguém se lembrava, e riram. Conversando, não haviam percebido que pesadas nuvens avançavam, ameaçando chuva. Nesse momento, alguns pingos começaram a cair e elas foram obrigadas a deixar apressadamente a pérgula rumo ao interior da casa, achando graça da situação. Entraram no casarão, alegres, já esquecidas do mal-estar de pouco antes.

Os cavalheiros estavam reunidos em uma mesa, na sala ao lado, a jogar gamão, enquanto eu folheava um livro que encontrara na biblioteca. Na sala de visitas, as senhoras puseram-se a conversar, comentando as últimas novidades da corte, inclusive dos escândalos do imperador. Depois, Leonora pediu a mamãe que tocasse alguma coisa.

Atendendo ao pedido da anfitriã, gentilmente ela levantou-se, sentando-se com elegância ao piano.

Aos poucos, os acordes musicais tomaram conta do ambiente, enquanto as mãos delicadas dedilhavam o teclado. A pianista executou peças clássicas de compositores famosos, como Mozart, Beethoven, Chopin. Depois passou para as modinhas em voga, acompanhada pelos presentes, inclusive os cavalheiros que, deixando a mesa de jogo, se reuniram a elas, divertindo-se a valer cantando as letras conhecidas. As horas passaram de forma agradável e alegre. Leonora mandou servir refrescos para as senhoras e para os cavalheiros.

Entretidos a conversar, levaram um susto quando uma faísca cortou o céu, caindo não muito longe, e o ruído de um grande trovão soou com estrondo no ar, assustando a todos. O céu se fechara completamente, coberto por pesadas e escuras nuvens. Os criados se apressaram a fechar as janelas, com exceção das janelas da sala, que se abriam para a varanda, e a acender as luzes, enquanto raios e trovões prosseguiram ameaçadores.

Não demorou muito, a chuva caiu forte. Mamãe olhava para fora, preocupada com o temporal. Leonora, percebendo seu olhar, afirmou categórica:

- Virgínia, vocês terão de pernoitar aqui.

- Será? Ainda tenho esperança de que a tempestade diminua logo...

- Mesmo que isso aconteça, minha querida, você conhece o problema: a estrada estará intransitável. Não permitirei que saia daqui com sua filha, nessas condições.

- Tem razão, Leonora. Agradeço-lhe a hospitalidade.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Ficaremos.

A dona da casa mostrava-se alegre e jovial.

- Não posso dizer que lamento esse incidente. O período de seca já durava por tempo excessivamente longo, e esta chuva, como aquela que caiu há alguns dias, é providencial. Nossas lavouras estavam morrendo e os animais emagreciam, sem pasto e sem água. Além disso, teremos mais tempo para conversar. Mandarei aprontar os quartos. Agora, dêem-me licença. Preciso ver como está Valentim e dar algumas ordens na cozinha. Voltarei breve.

Quando Leonora retornou, vinha mais tranqüila.

- Meu marido tomou seus remédios e já adormeceu. Peça-lhes desculpas pela ausência dele à mesa. Convido-os para nos dirigirmos à sala, onde o jantar será servido. Sentamo-nos e os pratos se sucederam, com finura e delicadeza. Após a sobremesa, Leonora nos levou para a sala ao lado, onde seria servido o café.

Não demorou muito, cansados, os hóspedes estavam sonolentos. Pierre foi o primeiro a se retirar, logo acompanhado por Guilherme. Sentia-me também sonolenta e, da mesma forma, após desejar boa-noite aos demais, recolhi-me aos aposentos que me foram designados.

Ficando a sós, as três senhoras conversaram ainda por algum tempo. A dona da casa, com um sorriso, propôs:

- Que tal continuarmos nossa conversa da tarde, interrompida? Estou curiosa.

- Bem lembrado, Leonora. Também tenho o maior interesse em saber em que os estudos de Marie podem auxiliar no tratamento do senhor Cerqueira - concordou minha mãe.

Assim requisitada, Marie não se fez de rogada:

- Têm tudo a ver, minhas caras amigas. Se considerarmos que a alma é imortal e que a reencarnação é um fato, e analisando a lição da natureza que mostra que cada um de nós colhe aquilo que semeia, chegaremos à conclusão de que a ventura ou a desventura são causadas pela própria alma. Se nós temos uma doença, em nosso pensamento está radicada a cura ou a enfermidade.

Leonora e mamãe arregalaram os olhos de espanto.

- Aprendeu isso com os filósofos? - indagou Leonora.

Marie titubeou um instante, como se cogitando da conveniência do que iria dizer.

- Não propriamente. Aprendi com os anjos de luz que me aparecem e que me orientam. Eles afirmam, porém, que não está longe o tempo em que essas verdades serão divulgadas e conhecidas por todas as pessoas.

As outras duas estavam pasmas e sem ter o que dizer.

- Extraordinário! - disse Leonora.

- Incrível! - exclamou minha mãe, considerando: - Se isso é verdade, como agir para estarmos sempre bem?

- Cultivando o bem e mantendo o pensamento puro. Esses anjos me informam que a resposta está no Evangelho de Jesus.

- Como assim, Marte? Somos católicos, meu marido sempre foi religioso e todas as semanas ele ia à igreja, assistia a missas, comungava e confessava. No entanto, por que está tão gravemente doente? - interrogou a dona da casa.

- Não posso lhe afirmar com certeza, Leonora. O problema dele pode ser causado por erros cometidos há muito tempo, em outras vidas, ou causado pela maneira de pensar e agir na existência atual.

- Não entendo, Marie. Mas o fato de meu marido ser um católico devoto não pesa a favor dele?

- Leonora, Cristo diz que "a cada um será dado segundo suas obras". Então, se a pessoa sofre, é porque praticou o mal. Também afirma Jesus que a pureza está no íntimo de cada um e não nos atos exteriores que praticamos.

- Você quer dizer então que Valentim agia errado? - indagou Leonora.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Quero dizer que, muitas vezes, damos mais atenção aos atos exteriores, quando o importante é como estamos nos sentindo. Podemos rezar apenas com os lábios, sem que o pensamento e o sentimento participem do verdadeiro desejo de orar, que é elevar o pensamento a Deus.

- É interessante o que está dizendo. No entanto, nunca os padres nos falaram sobre a importância de rezar dessa forma - considerou mamãe.

- De fato. E é por isso que, às vezes, rezamos e não obtemos resposta às nossas orações. Mas, volto a afirmar: a resposta está nos ensinamentos de Jesus.

As três mantiveram-se caladas durante alguns minutos, cada uma entregue aos próprios pensamentos. De repente, Leonora voltou a perguntar:

- Marie, se é assim, o que têm a ver nossos pensamentos com a doença ou a cura?

- Tudo, minha amiga. Se mantivermos pensamentos bons, nosso corpo acusará bem-estar e melhora. Ao contrário, se só pensarmos o mal, nosso organismo mostrará o mal-estar interior

em forma de mal-estar físico.

- Faz sentido - disse minha mãe, perplexa diante da novidade da informação.

Leonora, que permanecia pensativa, balançou a cabeça concordando. Naquele momento, repassava na memória o modo como o marido agia nas mais diferentes situações, e acabou por concordar com Marie. Apesar de religioso, ele era inflexível com as pessoas, especialmente com os subordinados e os escravos da fazenda; estes, por qualquer motivo iam para o tronco, sofrendo horrores sob a chibata, não raro, a própria morte.

Não perdoava qualquer ofensa, e o orgulho de sua classe social fazia com que sempre desejasse levar a melhor, em qualquer situação. Não admitia ser contrariado e, por um nada, indispunha-se com familiares ou amigos.

- Agora entendo melhor o que você acabou de explicar, Marie.

Minha mãe olhou para os lados. Tudo estava quieto. Notou uma escrava que, acocorada em um canto da sala, cochilava, esperando que elas se recolhessem.

- Bem, parece-me que só ficamos nós, e deve ser tarde. Que tal também nos recolhermos? Amanhã será outro dia.

Esperemos que a chuva dê uma trégua. Maria Eugênia e eu precisamos retornar para a Santa Genoveva.

As outras duas concordaram. Leonora perguntou delicadamente se desejavam um chá antes de dormir, mas as hóspedes recusaram. Então, Marie, Leonora e mamãe subiram as escadarias. O primeiro quarto era o da dona da casa. Depois, em seqüência, o de minha mãe e o de Marie. Diante dos aposentos da anfitriã, as visitas deram-lhe boa-noite, agradecendo mais uma vez pela hospitalidade e pelo dia tão agradável. Ao ficarem a sós no corredor, Marie e mamãe trocaram um olhar.

- Está com sono, Virgínia?

- Não. E você?

- Também não. Que tal se aproveitássemos o ensejo para ter aquela conversa que ficou pendente hoje à tarde? - sugeriu Marie.

- Ótima idéia. Pensei a mesma coisa. Dificilmente teremos outra ocasião para estarmos a sós - disse a outra.

- Bem, Então, vamos aos seus aposentos. No meu quarto, Pierre deve estar dormindo a sono solto.

- Sem dúvida. Então, vamos.

24 - Novas Descobertas

Mamãe abriu a porta do quarto e convidou a amiga para entrar. O aposento, amplo e agradável. Nas janelas, as cortinas impediam que se vissem os relâmpagos. O

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

mobiliário compunha-se de um grande roupeiro, uma cômoda e um leito de mogno; ao lado do leito, uma mesa de cabeceira com uma candeia acesa; uma poltrona, também de veludo da mesma cor das cortinas, ficava do outro lado da mesa. Sobre a colcha, estava uma toalha de banho e uma camisola, gentileza de Leonora.

Mamãe indicou a poltrona para Marie sentar-se, enquanto ela mesma se acomodou no leito. Olharam-se, e à luz da candeia que iluminava seus rostos, ela começou a falar, em voz baixa:

- Marie, hoje à tarde fiquei com a impressão de que você sabe coisas que ignoro a respeito de minha filha, Maria Eugênia. É verdade?

- Diga-me primeiro o que você sabe, Virgínia.

- Esse é o ponto. Sobre o quê, Marie?

Com olhar indagativo, a francesa murmurou:

- A respeito do que aconteceu em Paris.

Concordando com a cabeça, a outra respondeu:

- Ah! Então realmente aconteceu alguma coisa enquanto eles estavam em Paris? Nada sei sobre isso! Confesso-lhe que meu marido e eu estranhamos a volta inesperada do casal, cujo retorno foi antecipado em dois meses, Mas é só! - informou minha mãe, surpresa.

Marie pensou um pouco e lentamente, pesando bem as palavras, começou a falar em voz baixa, mas audível:

- Virgínia, não me creia uma bisbilhoteira. Longe de mim querer parecer uma intrigante. Todavia, desde que a conheci, tomei-me de viva simpatia por você, em quem reconheço uma dama sensível, inteligente e de espírito aberto, mas em cujo olhar noto tristeza e preocupação. Por isso, ousaria perguntar: Maria Eugênia apresentava problemas antes do casamento?

- A que tipo de problemas você se refere, Marie?

- Medos, visões, idéias de perseguição... esse tipo de coisa.

- Bem. Minha filha às vezes tinha medo de dormir sozinha. Mas por que pergunta?

Por alguns segundos, a francesa manteve-se calada, pensativa, como se analisando a conveniência de abordar o assunto. Depois, resolvendo, disse:

- Virgínia, não sou mãe. Deus não me deu ainda a bênção de ter filhos. Não tenho uma filha. Mas, se eu fosse mãe, não gostaria de ignorar o que estivesse acontecendo com ela. Por isso, vou lhe relatar o que sei, até para que tenha melhor condição de entender o que se passa com sua filha e poder ajudá-la. Foi assim...

E Marie, pesando bem as palavras, passou a narrar os fatos de que tinha conhecimento, tanto dos que participara quanto dos que soube na época por Guilherme. Evidentemente, omitiu as confidências de Guilherme sobre seu relacionamento com Rita e a idéia dele de que as visões da esposa tinham estreita relação com a escrava.

Minha mãe a ouvia com assombro, mas em nenhum momento a interrompeu. Terminando de falar, Marie concluiu:

- É tudo o que sei, ma chérie. Os fatos são esses, rigorosamente exatos.

Mamãe estava paralisada, pálida, sem condições de falar. Depois de alguns minutos, murmurou:

- E quem seria essa mulher que minha filha dizia ver?

Marie olhou fixamente para ela, depois lentamente murmurou:

- Esperava que você pudesse me dizer.

Diante dessas palavras, minha mãe se pôs a pensar. "Marie julga que eu deva conhecer a mulher. Mas, quem? Por mais que eu pense, não consigo atinar quem ela seja. Sei do problema acontecido com a Ritinha, que me custou muitas lágrimas e bastante preocupação, mas isso foi depois que eles voltaram da Europa. Antes não havia nada, elas se davam bem, eram amigas!" Então, finalmente murmurou,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
desalentada:

- Por mais que eu tente, Marie, não consigo encontrar a resposta para essa pergunta.

- Pense bem. Segundo o que Guilherme nos passou, Maria Eugênia mostrava saber quem era essa mulher.

- Não sei. Não sei. Quem poderá ser essa mulher...?

A francesa baixou a cabeça diante desse obstáculo. Tomou nas suas as mãos da amiga e propôs:

- Ambas estamos cansadas. Vamos repousar. A noite é boa conselheira. Pense bem e acabará encontrando a peça que falta para solucionar essa questão. Boa noite!

- Boa noite, Marie!

Após a saída da francesa, mamãe notou uma jovem escrava que, afastada das luzes, cochilava em uma esteira a um canto do aposento; saindo da penumbra, mostrou que aguardava para ajudá-la a trocar de roupa para dormir. Calada, ela deixou que a jovem tirasse suas roupas e lhe vestisse a camisola emprestada de Leonora. Depois de lavar o rosto e pentear os longos cabelos, enfiou-se debaixo das cobertas. A temperatura estava caindo e sentiu frio. Finalmente, a escrava apagou as velas, deixando acesa apenas a pequena candeia na mesinha ao lado do leito. Desejando-lhe boa-noite, deixou o aposento, para alívio de minha mãe, que desejava ficar só para pensar.

Na penumbra, de olhos abertos, por mais que refletisse, ela não conseguia encontrar a resposta. Quem seria aquela mulher? Sua filha nunca lhe dissera nada, mesmo sem querer.

No entanto, o curioso é que a imagem da falecida Rita vinha-lhe sempre à memória. Murmurou para si mesma:

- Por que a imagem da Ritinha não me sai da cabeça? Não, certamente não era ela a mulher que minha filha vira no hotel, em Paris. Enquanto Guilherme e Maria Eugênia estavam na França, Rita estava na fazenda! Não, é impossível! Minha filha cometeu erro gravíssimo, como a morte de Rita, mas esse fato não tem relação com os acontecimentos de Paris. Mesmo porque o trágico falecimento de Rita só ocorreu depois que Guilherme e Maria Eugênia retornaram ao Brasil.

Ela virou-se no leito, bocejou, fechou os olhos e depois se lembrou de um fato que tinha achado estranho na ocasião.

Na última vez que Guilherme fora à fazenda para visitá-la, conversaram e, nas despedidas, ao acompanhar o genro até o jardim, perguntou-lhe se, durante o tempo em que ele morara naquela casa, soubera de alguma discussão ou desavença ocorrida entre sua filha e a escrava Rita. A expressão dele havia mudado, mostrando surpresa e susto a princípio, depois perturbação. Notou que seus lábios tremiam e ele, gaguejando, respondeu que nada sabia.

Que estranho! Por que tal reação? A não ser que ele soubesse de alguma coisa e não quisesse lhe contar!

De repente, ela arregalou os olhos no escuro. Uma idéia lhe aflorou na mente. E se Guilherme teve alguma coisa com a Rita? Sim, porque sua reação foi, no mínimo, estranha, como se tivesse sido pega desprevenido, em flagrante. Ao pensar em Rita, a imagem da escrava surgiu na sua tela da memória. Sim, lembrava-se bem dela. Era jovem, danada de bonita e os rapazes da fazenda viviam atrás dela. E não era difícil um fazendeiro se interessar por uma escrava; ao contrário, era bastante comum. Lembrava-se até de um amigo de seu falecido marido que, certa ocasião, visitando a Santa Genoveva, ao ver a jovem, ficou encantado e quis comprá-la, oferecendo grande soma por ela. Felipe rejeitou, considerando que Rita era criada de sua filha, Maria Eugênia, que jamais aceitaria abrir mão da escrava, por quem tinha grande apreço.

Minha mãe prendeu a respiração a esse pensamento.

"Sim! E se tivesse acontecido exatamente isso: um

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
relacionamento entre patrão e escrava? Não justificaria a
atitude criminosa de Maria Eugênia, mas poderia explicar seu
ódio por Rita, que sempre fora sua amiga."
Refletiu por mais alguns segundos, depois rejeitou esse
pensamento.

"Não. Não é por aí. Mesmo porque Rita só morreu depois
que o jovem casal retornou ao Brasil, e Maria Eugênia via
essa 'alma penada de mulher' na França. Preciso pensar,
encontrar uma resposta."

Com a cabeça em fogo, ela não conseguia dormir. Saiu das
cobertas e, ajoelhando-se ao lado do leito com seu rosário
nas mãos, rezou suplicando o amparo de Deus para a vida
delas e ajuda para desvendar esse mistério. Mesmo assim, o
sono tardava. As primeiras luzes da aurora já começavam a
surgir quando ela conseguiu cochilar um pouco.

NAQUELA MANHÃ, TODOS SE Levantaram um pouco mais
tarde, aproveitando o barulho da chuva que caía. Lá pelas
dez horas desceram, menos Maria Eugênia, que continuava
dormindo.

Tomaram café e reuniram-se na sala para conversar. Pierre,
após pegar um livro, optou por ler na sala íntima. Guilherme
e Leonora, pedindo licença às hóspedes, foram reunir-se na
biblioteca com o capataz, que lhes fazia um relatório dos
estragos havidos na fazenda: telhados destruídos, árvores
arrancadas e animais machucados.

Ao ficar sabendo dos prejuízos que a tempestade causara na
Santa Clara, mamãe ficou preocupada. O que teria
acontecido na Santa Genoveva? Todavia, como não podia
ainda pegar a estrada, ficou com Marie a conversar na ampla
varanda da frente, observando a chuva que caía calma, mas
pesada. Algum tempo depois, os pingos diminuíram e, não
demorou muito, uma nesga de céu azul surgiu, alegrando e
dando esperança.

Minha mãe, a sós com Marie, aproveitou para comentar:

- Demorei para dormir esta noite, pensando naquilo que
conversamos. Confesso-lhe que não descobri ninguém que
tivesse morrido e que pudesse ter ido assombrar minha filha
em Paris.

Marie, depois de pensar um pouco, considerou:

- Não precisa necessariamente ser alguém que esteja
morto, Virginia.

- Como assim?

A francesa explicou-lhe que qualquer pessoa poderia ter-me
visitado no hotel. Que, quando dormimos, a alma se liberta e
vai para onde quiser, geralmente onde estão seus interesses.

- Verdade, Marie?... Tem certeza?...

- Absoluta.

Mamãe pareceu pensar por alguns instantes, depois
comentou:

- O curioso é que, à noite, toda vez que eu pensava no
assunto procurando uma resposta, vinha-me à memória a
figura de uma jovem escrava chamada Rita, criada de minha
filha, que

estava viva durante a viagem de Maria Eugênia e Guilherme.

Ambas sempre foram muito amigas e, de repente, não sei
por que, a amizade terminou.

- Interessante. Você disse que ela estava viva àquela época.

Por que, morreu?

- Sim. Logo em seguida ao retorno do casal. Foi um choque para
todos nós.

- Ah!... E essa Rita morreu de quê?

- Foi muito triste, Marie. Ritinha morreu afogada no lago
da fazenda. Maria Eugênia ficou muito abalada com a morte
dela. Depois, afirmava que a via por todo lado.

- Aconteceu alguma coisa entre elas? Um
desentendimento?

- Não que eu saiba. Inclusive, certa ocasião, perguntei a
Guilherme se tinha ciência de alguma briga entre as duas, e

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
ele respondeu que não.

- E você... ficou convencida disso?

- Não sei. A reação dele foi muito estranha. Ficou trêmulo e me pareceu nervoso e abalado. Nunca mais voltamos ao assunto.

- Por que não volta a falar com ele? - insistiu Marie, com expressão grave.

- Você acha que ele sabe de alguma coisa? - indagou mamãe, intrigada.

Marie baixou a cabeça e continuou calada. Virgínia estranhou a reação dela, lembrando que a francesa, em Paris, teve muitas ocasiões de conversar com Guilherme, e insistiu, voltando a perguntar:

- Você sabe de algo, Marie? Guilherme lhe contou alguma coisa? Se for isso, por favor, me diga! Eu preciso saber!

Marie respirou profundamente, e respondeu com voz pausada:

- Somente ele poderá lhe responder a essa pergunta, amiga.

Nesse momento, o diálogo foi interrompido. Leonora se aproximou, satisfeita. Os estragos tinham sido menores do que supunha. Havia parado de chover e o sol surgira, possibilitando a reparação dos danos. Depois, comentou:

- Virgínia, meu filho mandou dois escravos verificarem o estado da estrada. Se a pequena ponte que separa nossas propriedades não caiu, lá pelo fim da tarde a estrada estará em condições de passagem.

- Boa notícia, Leonora. Agradeço-lhe. Realmente, além de tomar ciência sobre possíveis estragos que a tempestade causou, tenho assuntos urgentes a resolver na Santa Genoveva, e preciso voltar o quanto antes.

- Não se preocupe, Virgínia. Pela direção que veio a tempestade, deve ter passado na sua fazenda sem tanta violência. A propósito, minhas amigas, os cavalheiros desejam aproveitar o lindo sol para cavalgar um pouco. O que acham? Vamos?

Marie e mamãe trocaram um olhar, sorridentes.

- Sim, vamos! - concordou Marie, desejando aproveitar ao máximo os dias que passaria na fazenda.

- Sim, gostaria muito. Mas, não tenho traje apropriado! - justificou-se Virgínia.

- Ora essa! Isso não é problema! Providenciarei um traje para você. Então vamos nos arrumar. Já dei ordem para prepararem os cavalos - informou Leonora, satisfeita de proporcionar uma atividade agradável aos hóspedes.

As senhoras subiram as escadarias, eufóricas. Minha mãe até esqueceu da conversa que tivera com Marie pouco antes e que tanto a preocupava. Não demorou muito, o grupo alegre saiu para andar a cavalo. Convidada, preferi ficar, entretida com a leitura de um livro.

Os homens iam à frente e as mulheres um pouco atrás, conversando animadamente. Aos poucos, a água empoçada foi desaparecendo do solo e dos pastos, até ficarem secos.

Na volta, em dado momento acabaram se separando, e mamãe alcançou o cavalo de Guilherme, que apresentou um problema em uma das patas e tinha ficado para trás, afastando-se dos demais. Como os outros estavam bem à frente, fizeram o resto do trajeto lado a lado.

Nesse momento, ela lembrou-se do diálogo com Marie no início da manhã, e aproveitou a ocasião para perguntar:

- Guilherme, lembra-se da última vez que esteve em casa? Aliás, você estava com muita pressa!

- Claro que me lembro. Ia ver umas terras que estavam à venda e, depois, tinha que ir à cidade encomendar alguns produtos.

- Isso mesmo. E as terras, você as comprou?

- Não. O preço era muito alto e não valia a pena.

- Ah! Lamento!... Você pareceu-me bastante interessado.

A propósito, nesse dia recorde-me de que lhe fiz uma

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
pergunta. Lembra-se?

Na sela, Guilherme ficou tenso. Suas mãos se contraíram, segurando as rédeas com firmeza.

- Não. Não me lembro.

- Não? Ah!... Perguntei se você sabia de algum desentendimento ou briga entre Maria Eugênia e Ritinha.

- Ah, sim. Lembrei-me agora. Mas, o que tem isso?

- Sua resposta continua a mesma? Não se recordou de nada?

- Não. Não me recordo de nada.

Sem perdê-lo de vista, mamãe observava-o cuidadosamente e notou que ele começou a suar e que seus lábios tremiam. Estava evidentemente nervoso. Por quê?

- Estranho seu interesse nisso, senhora Virgínia. Em que isso pode importar agora? Rita está morta há tanto tempo. Ele havia parado debaixo de uma árvore para fitá-la, e apertara tanto as rédeas que o cavalo empinou, levantando as pernas dianteiras e quase o lançando ao chão. Notando esse detalhe, ela concordou:

- Tem razão, Guilherme, bobagem minha. Nada mais importa agora.

Retornaram em silêncio para a sede da fazenda, ao encontro dos demais. No entanto, ela agora tinha certeza de que algo acontecera e que ela ignorava. Naquele instante decidiu que, custasse o que custasse, iria desvendar o mistério.

25 - Diva

Fatos novos viriam complicar ainda mais a situação na fazenda Santa Genoveva.

Após a morte de Miguel, Diva, uma das escravas da fazenda, sentia-se infeliz. Desde criança, sempre fora muito afeiçoada a Miguel. Com o tempo, a amizade transformou-se em amor.

Ela tornou-se uma mocinha bonita, faceira, e tentava de todas as maneiras atrair a atenção do rapaz, sem sucesso.

Mantinhm um bom relacionamento, conversavam e,

quando havia festa na fazenda, eles até dançavam juntos.

Mas era só isso. Miguel nunca revelara seus sentimentos.

Diva não se conformava com a indiferença do rapaz.

Tentava provocar-lhe ciúmes, utilizando-se de todos aqueles

recursos que as mulheres costumam usar. Afirmara estar

apaixonada por Amaro, o melhor amigo de Miguel, sem

qualquer resultado. Ele nem lhe dava atenção!

Inconformada e frustrada em seus mais caros sentimentos,

Diva tentou descobrir o que se passava no coração dele, pois

sentia que, lá no fundo, ele sofria por alguém. Notava-lhe o

ar distante, o olhar perdido no vazio e uma certa tristeza que

não saía de seu rosto. Mas, quem? Qualquer uma das jovens

escravas ficaria feliz se fosse escolhida por ele, mas Miguel

parecia ignorá-las, como ignorava a ela, Diva.

No dia do casamento da sinhazinha, ele estava muito

estranho, mais arredio do que de costume.

A senzala estava em festa, pois também havia comemoração

para os escravos, que estavam eufóricos; havia fartura de

comida, de bebida, música e dança ao redor de uma grande

fogueira; alegres, aproveitavam para se divertir, pois raro era

o dia que o sinhô Figueiroa oferecia fartura para os escravos.

Só em ocasiões especiais. Como no dia seguinte o sinhô

concedera folga para todos e ninguém iria para a lida,

aproveitaram para comer, beber e dançar, o que só

terminaria lá pela madrugada.

Diva - que não tirava os olhos de Miguel - percebeu que,

amado em um canto, só ele não participava da festa. Ela

pegou um prato de comida, uma caneca, uma jarra de barro

com bebida e dirigiu-se até onde ele estava.

Toda faceira, aproximou-se lentamente e entregou-lhe o

prato e a caneca.

- Trouxe para você, Miguel. Notei que ainda não comeu

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
nem bebeu nada esta noite. Aproveite, homem! Não é todo dia que temos fartura!

Sentou-se perto dele, mostrando intenção de fazer-lhe companhia. Incomodado e um tanto descontente, ele disse:

- Agradeço-lhe a preocupação comigo, mas não carecia tanta atenção, Diva. Você é jovem e bela, cheia de vida. Vá para junto dos outros, participe das diversões. Não serei uma boa companhia para você. Estou em um dia péssimo.

Ela mordeu os lábios, diante da rejeição dele, mas sem se dar por achada respondeu:

- Também não estou para festa, Miguel. Prefiro permanecer aqui, ao seu lado, longe da confusão e do barulho. Isto é, se você permitir.

Não tendo como recusar, conformado, ele concordou:

- Se é o que deseja...

Depois, sem sequer endereçar-lhe um olhar, ele permaneceu calado, ignorando-a. Diva, a seu lado, pensava:

"Pois sim! Ele está muito enganado se pensa que pode me dispensar dessa maneira! Não saio daqui de jeito nenhum!". Assim, ficaram os dois, lado a lado, sem trocar uma palavra, observando a festa que corria solta: os escravos cantando e dançando ao som dos atabaques. Observando-o

discretamente, Diva percebeu que Miguel estava mais triste que de costume, parecendo desgostoso da vida, e que, aos poucos, ia entornando todo o conteúdo da jarra que

trouxera. Ela notou também que seus olhos ficaram diferentes, nublados, e ele, mesmo sentado, começara a cambalear. Até que, em certo momento, Miguel começou a resmungar, com a cabeça confusa, já sem saber direito o que dizia, mas ela não perdera uma palavra do que ele tinha dito:

- Ela vai para longe... nos braços dele.

- O que disse, Miguel? - indagou interessada.

- Nada... nada... Tudo vai mudar. Ah, se vai! Na volta tudo será diferente - disse ele com um meio sorriso.

Apesar de esperta e atenta, Diva sentia dificuldade em compreender o que ele dizia com a voz enrolada, porém entendeu perfeitamente que tinha a ver com os noivos.

Quem "iria para longe nos braços dele" era a sinhazinha Maria Eugênia. Depois ele dissera: "Tudo vai mudar... Na volta tudo será diferente". "Só pode estar se referindo aos noivos, que irão viajar, mas que voltarão. Isso estava muito claro!"

Depois, a conversa mudou. Ele começou a dizer: "Vou acabar com aquela miserável. Traição não se perdoa. Não se perdoa." "De que traição ele está falando? A quem se refere?"

Diva tentou fazê-lo falar mais:

- O que disse, Miguel? Com quem vai acabar?

- Psssiuu!... Isso é segredo. Ninguém pode saber! - falou, colocando o dedo na boca e pedindo silêncio com voz enrolada.

Tentando saber mais, ela o imitou, baixando o tom de voz, enquanto tornava a encher-lhe a caneca:

- Concordo com você. Traição não merece perdão. Mas, quem o traiu? A sinhazinha?

- Não... Ela não... Ela é um anjo!

Anjo?... Pois sim! Diva não acreditava nisso. Nesse momento, nos olhos dele surgiu um lampejo de consciência e, temendo ter falado demais, Miguel levantou-se, cambaleando, e correu para o meio do mato, tão rápido quanto suas trôpegas pernas permitiam.

- Não, Miguel! Volta! - gritou ela, ainda tentando fazê-lo retornar. Miguel, no entanto, ágil como um felino, já se enfiara no mato. A noite estava escura, como breu; Diva tentou alcançá-lo, mas não conseguiu.

Cheia de despeito, além de sentir-se rejeitada, estava decepcionada por ter perdido a oportunidade de ouvi-lo falar mais. Voltou para junto dos demais escravos, e o resto da noite não pensou em outra coisa. "Vou descobrir a verdade,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
custe o que custar, ou não mais me chamarei Diva".
Depois desse dia, Miguel tornara-se outro homem; alguém calado, introvertido, que não brincava mais e que quase não conversava com os amigos da senzala.
Diva tentava entender o que estava acontecendo com ele, mas deparou-se com um obstáculo intransponível. Ninguém sabia nada, um verdadeiro mistério. Certa ocasião, ficando a sós com Amaro, tentou obter alguma informação:
- Amaro, você sabe do carinho que sinto por Miguel. Tenho notado que ele está muito estranho, arredio, e estou preocupada. Você, que é um grande amigo dele, sabe me dizer o que está acontecendo?
Com expressão pensativa e grave, ele respondeu:
- Também não sei, Diva.
- Ele mudou muito, Amaro! Deve ter acontecido alguma coisa!
- Se aconteceu, Miguel não me contou.
Diante das evasivas dele, Diva afastou-se, entendendo que Amaro provavelmente não sabia a razão da mudança de Miguel e, mesmo que soubesse, não lhe diria por fidelidade ao amigo.
A vida seguiu seu curso. Quatro meses depois, os recém-casados voltaram inesperadamente da viagem de núpcias. Na senzala, ao ouvir a notícia, Miguel passou a demonstrar uma ansiedade que a esperta Diva registrou.
Logo em seguida, aconteceu a tragédia no lago. Inexplicavelmente, Ritinha foi com Miguel passear no lago e se afogou, perdendo a vida. Todos os escravos ficaram consternados. Causou perplexidade geral saber que Rita encontrara a morte no lago, uma vez que, por medo, nunca se aproximava da água.
Era notório o pavor que ela tinha do lago! Diva, ao saber que ela aceitara um convite de Miguel para andar de barco, ficou mais impressionada ainda.
Refletindo sobre o assunto, Diva não conseguia entender o que tinha acontecido. Não era ciúme. Claro que ela sentia ciúme sempre que ele se aproximava de uma das moças, porém, nesse caso, alguma coisa estava errada. Por que Miguel - justamente Miguel, que nunca dava atenção a nenhuma das moças da senzala, muito menos à Rita! - a teria convidado para passear no lago?..
Cada vez mais Diva se convenciu de que havia algo de muito errado em tudo isso. Não dava para entender.
No velório, acorçada em um canto da senzala, a escrava buscava uma resposta para essas questões. De repente, ela viu Miguel que entrara, cambaleando, como se estivesse embriagado. Seus passos eram trôpegos, inseguros e ele tinha uma expressão de medo, ao mover-se lentamente pelo barracão. Penalizada, Diva foi para perto dele, procurando consolá-lo. Percebeu logo que ele não estava bem; tremia da cabeça aos pés e estava gelado. Ele balançou, perdendo o equilíbrio e Diva segurou-o pelo braço, ajudando-o a sentar-se no chão para não cair.
"Pobre Miguel! Eu não gostaria de estar na situação dele! Deve sentir-se terrivelmente culpado pela morte da Ritinha", pensou Diva.
Tentou falar com ele, mas Miguel não respondia, parecendo completamente perturbado. Seu olhar estava vazio, distante e com expressão temerosa.
Rita foi enterrada no dia seguinte e, daí em diante, Miguel deixou de ser aquele homem seguro e resoluto, com porte de guerreiro, que todos admiravam. Encolheu-se, afastando-se de todos e tornando-se uma sombra do que fora. Passou a esconder-se no mato e raramente era visto; falava coisas sem sentido e julgava-se sempre perseguido por alguém.
Diva, que o amava profundamente, também se tornou uma mulher triste e sozinha, perdendo toda a esperança de conquistá-lo e de ser feliz com ele algum dia. Às vezes, ela

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt internava-se no mato para vê-lo, cheia de saudade, levando-lhe alimentos e até agasalho, nos dias mais frios. Nessas ocasiões, tentava conversar com ele, mas o pobre louco - como agora era considerado - respondia-lhe falando de alguém que o perseguia, que o acusava por alguma coisa. Certo dia, ela percebeu que era de Rita que Miguel falava, e entendeu seu medo: a alma penada de Rita o culpava pela sua morte.

De resto, outras pessoas na senzala também começaram a notar a presença da pobre Rita, que, em espírito, vagava sem descanso e sem paz no outro mundo. Virou um hábito, quando os escravos se reuniam à noite em torno da fogueira para prostrar-se, falarem sobre as aparições da morta. Diva se arrepiava toda quando tocavam nesse assunto, e saía de perto. Não gostava de falar nem sobre morte nem sobre pessoas que já tinham morrido.

Por essa época, também começou a correr pela fazenda a notícia de que a sinhazinha Maria Eugênia estava doente dos nervos. Pai Albino rezava por ela na senzala, e era comum o médico vir à Santa Genoveva para ser consultado. Porém as escravas que serviam na casa-grande - especialmente Florência e Odete, pois Dionísia mantinha-se calada - diziam à boca pequena que a sinhazinha era atormentada pela alma da infeliz Ritinha, que não lhe dava paz, desejando vingar-se dela.

Ao saber disso, Diva estranhou, pensando. "Por que desejaria vingar-se? A sinhazinha não tivera nada com a morte dela! O mesmo não se poderia dizer de Miguel que, mesmo involuntariamente, fora o responsável por sua morte, o que justificava a raiva de Rita".

Todos esses fatos mexiam com a cabeça de Diva. Certo dia, conversando com o escravo Ramiro, lembraram da morte da Ritinha, e ela disse o que pensava a respeito do assunto: - Acho estranho que a alma da Ritinha esteja atormentando a sinhazinha Maria Eugênia; pelo menos, é o que dizem. O Miguel a gente pode até entender, porque foi ele que a levou para o lago, mas a sinhazinha não tem nada com isso! O que você acha, Ramiro?

O escravo baixou a cabeça, pensou um pouco, e depois respondeu com outra pergunta:

- Será que não tem mesmo, Diva?

- Por quê? Você acha que tem, Ramiro?

Ele permaneceu calado por alguns segundos, cocou a cabeça como se estivesse em dúvida, depois considerou:

- Pode ser que não. No entanto, meu filho contou, à época dos fatos, que, pelo menos duas vezes, levou recado da sinhazinha para Miguel ir encontrar-se com ela no caramanchão de rosas, aquele no fundo do jardim.

- É verdade isso?! - indagou perplexa.

- Meu filho não tem o hábito de mentir, Diva. Um dia ele apareceu em casa com duas moedas. Preocupado, julgando que poderia ter roubado de alguém, perguntei onde ele conseguira aquelas moedas, e meu filho afirmou ser um presente da sinhazinha por ter-lhe prestado um favor. Que favor era esse, meu filho? - perguntei. Ele respondeu: avisar Miguel que ela o esperava no caramanchão de rosas.

- Quando foi isso, Ramiro?

- Logo depois que ela chegou de viagem... e antes da tragédia do lago.

- Não é possível! Você acha então...

- Não acho nada, Diva. Só achei estranho esse interesse da sinhazinha em conversar com Miguel.

- É verdade. No entanto, ela poderia querer dar-lhe uma ordem qualquer, ou incumbi-lo de um serviço...

- Se era esse o motivo, por que razão precisaria falar com Miguel longe de todos, em um lugar isolado e que ninguém iria vê-los? E tem mais: recomendando a meu filho que nada contasse a ninguém?

Diva estava surpresa.

- Seu filho disse isso, Ramiro?

- Sim, com todas as letras. Ninguém poderia ficar sabendo do encontro dela com Miguel.

"Ramiro tem razão. Por que escolher um lugar tão isolado, quando ela tinha todo o direito de lhe dar uma ordem? E fazer disso um segredo?"

Nesse momento, ouviram risos e viram que outras pessoas estavam se aproximando. Ele murmurou:

- Diva, o que eu lhe contei morre aqui. Ninguém pode saber sobre o que conversamos.

- Fique sossegado. Ninguém saberá.

Os amigos chegaram e eles mudaram de assunto. Diva, porém, não conseguia parar de pensar naquilo que ficara sabendo. Tinha de tirar a limpo a questão. Pensou bastante e resolveu que só havia alguém que poderia esclarecer esse enigma: Miguel. Assim, decidiu que iria procurá-lo para tentar descobrir a verdade.

No dia seguinte, em um intervalo entre suas obrigações, encaminhou-se para o lado da Pedra Grande. Levava um pequeno recipiente com bebida, um bom naco de carne assada, um pedaço de pão fresco que Florência fizera e alguns biscoitos. Tudo muito bem acondicionado em um saco.

Aproximou-se do local sem fazer ruído para não afugentar Miguel. Sentado ao lado da grande pedra, ele tinha nas mãos um pequeno coelho assustado.

- Que bonito coelho, Miguel - disse, em voz baixa e calma.

Ainda assim, espantado com a presença de alguém, ele tentou erguer-se para fugir.

- Não, Miguel! Não fuja! Sou eu, sua amiga Diva, lembra-se?

Ele ergueu os olhos para ela e pareceu acalmar-se. Sentou-se, deixando o coelho escapar de suas mãos.

- Olhe! O coelhinho está fugindo!

- Não faz mal. Por que veio aqui? - perguntou ele, mostrando lucidez.

Diva abriu o saco e mostrou-lhe o que havia dentro:

- Trouxe-lhe algumas coisas para comer. Tome. São para você.

Miguel pegou o saco, ainda temeroso, Depois, abriu-o e retirou o pedaço de pão, levando-o à boca e dando uma mordida. Parecia faminto. Enquanto ele comia, Diva aproximou-se mais e acomodou-se ao lado dele no chão.

- O que deseja? - indagou Miguel sem olhar para ela.

- Nada. Apenas vê-lo. Conversar com você. Sinto saudade.

- Por quê?

- Gosto de você, Miguel. Sinto sua falta, De repente, ele virou-se para ela e Diva percebeu que seus olhos estavam diferentes, como se fossem de outra pessoa.

- Estão me dizendo que veio aqui para me fazer perguntas.

Assustada, Diva tentou justificar-se:

- É verdade que tudo o que aconteceu mexe comigo, Miguel. Vê-lo assim, vivendo no mato como um bicho, não me agrada, e fico pensando o que aconteceu realmente para deixá-lo

nessa situação.

O escravo olhou-a e Diva notou que estava lúcido, entendeu o que ela tinha dito e seus olhos ficaram úmidos.

Depois, de repente, ele levou as mãos à cabeça, como que atormentado, gritando e gemendo, a bater na cabeça vigorosamente.

- Não me atormente! Chega! Não suporto mais! Não queria matar você, Rita. Ela me obrigou! Não! Não me bata! Chega!

Com o coração acelerado e a respiração ofegante, Diva ouvia-lhe as palavras sem entender direito. Daí,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Miguel, virando-se para ela, gritou:

- Você pode vê-la? Esse demônio não me dá paz. Veja o que ela faz comigo!

E ele mostrou o braço, onde, inacreditavelmente, surgira um grande vergão vermelho como sangue, como se ele tivesse sido açoitado.

Incapaz de prosseguir ali, Diva ergueu-se e correu pela mata, fugindo daquela cena terrível. Em território conhecido, mais perto de casa, agora mais tranqüila, ela parou e sentou-se em um tronco de árvore para descansar.

Aos poucos sua respiração foi voltando ao normal e as pernas pararam de tremer. Então, mais calma, ela ergueu-se e retornou para a senzala, local onde se sentia segura.

Deitou-se na esteira e, encolhida, ali permaneceu até que alguém, voltando do serviço, deu por sua presença.

- Diva deitada a esta hora? O que pode ter acontecido? Será que está doente?

Chegando perto e colocando a mão na cabeça dela,

Assunta disse:

- A pobre está ardendo em febre! Alguém chame pai Albino. Ela precisa de socorro urgente.

Não demorou muito, pai Albino chegou, examinou-a e, sem dizer nada, saiu da senzala. Logo depois, ele voltou com uma beberagem que lhe deu para tomar. Diva batia os dentes de frio. Assunta agasalhou-a e ficou ao lado dela até que apresentasse alguma melhora.

- Que será que ela tem, pai Albino? - indagou-lhe.

- Não é nada. Cuide dela, Assunta. Faça-lhe compressas com água fria na cabeça. Se a febre não melhorar, mande alguém me chamar.

- Sim, meu pai. Pode ficar descansado. Farei tudo como mandou.

Durante toda aquela noite, Diva delirou. Na manhã seguinte, a febre havia baixado e ela pôde dormir tranqüila.

Da casa-grande, Florência tinha vindo saber notícias de Diva, que deixara o serviço sem terminar. Informado do estado da escrava, o capataz escalou outra escrava para a lavagem das roupas.

26 - O escravo Josias é capturado

Dois dias depois, Diva estava recuperada, retomando suas tarefas na casa-grande. Expressão de imensa tristeza, todavia, se fixara em seu rosto, denotando que uma grande dor a dominava; sempre pensativa, quase não falava, cumprindo suas obrigações em silêncio.

As outras escravas, suas amigas, estranharam o seu comportamento, pois Diva sempre fora alegre e falante.

Agora, uma palidez marmórea cobria-lhe o semblante, e quando alguém perguntava o que estava acontecendo, invariavelmente ela respondia:

- Nada. Não está acontecendo nada.

À noite, ao recolher-se na senzala, deitava-se na esteira e não conseguia conciliar o sono. As palavras de Miguel ficavam martelando em sua cabeça: "Não queria matar você, Rita. Ela me obrigou". Perplexa, Diva entendeu perfeitamente que ele havia matado Rita, mas que a mandante do crime fora Maria Eugênia.

Por mais que pensasse, porém, não conseguia decidir qual a melhor atitude a tomar diante do problema. "O que fazer? Tinha vontade de agarrar a sinhazinha e levá-la até sinhá Virginia, colocando a par da situação. No entanto, não poderia acusar a sinhazinha, pois seria a palavra dela contra a de Maria Eugênia, que certamente iria negar até o fim as acusações. Além disso, sua única prova era a palavra de Miguel. E quem iria acreditar em alguém tido como louco? Ramiro, que também conhecia a verdade, não abriria a boca".

Diva sentia-se de mãos e pés atados.

Depois, certo dia, Miguel aparecera morto. Fora encontrado pelo capataz caído no meio do mato, com uma grande ferida na cabeça, e Roque, analisando o local, chegara à conclusão de que ele teria morrido em consequência de um galho que lhe caíra sobre a cabeça durante a tempestade que atingira a região no dia anterior.

Assim, à dor de saber que seu querido Miguel, a criatura que mais amava na vida, não mais existia, acrescentava-se a dúvida quanto à sua morte.

Outro fato estranho aconteceu: Josias, um dos escravos, desaparecera inesperadamente. A notícia que corria é que ele fugira da fazenda. Mas, fugira por quê? Josias não tinha motivos para fugir da Santa Genoveva. Ele tinha alguns problemas, mas nada que não pudesse ser solucionado. Ele gozava de péssima reputação, é verdade: bebia, criava caso com todo mundo, brigava com outros escravos e não cumpria suas obrigações como deveria. Apesar disso, sinhá Virgínia, generosa, tinha muita paciência com ele; entendia que o problema de Josias era a bebida, vendo tudo o mais como consequência do vício, e até tentara ajudá-lo a parar de beber, pois ele tinha sido excelente cocheiro e só perdera o cargo em virtude dessa fraqueza.

E uma dúvida se instalou na mente de Diva: "Será que Josias realmente fugiu? Mesmo que tenha fugido, sem recursos não irá longe. Será fatalmente apanhado por um capitão do mato, como acontece com todos os outros que sonham com a liberdade!", pensava ela.

Diva virou-se na esteira e contemplou o céu estrelado através das barras da janela. Tudo estava em silêncio; todos dormiam tranquilamente após o dia de serviço. Só lhes ouvia o ressonar, o que dificultava ainda mais seu sono, e, lá fora, o latido dos cães e o pio de uma ou outra ave noturna. De olhos arregalados, uma outra dúvida se traduziu em séria reflexão íntima: "A não ser que alguém tivesse encomendado a morte de Miguel. Afinal, para Maria Eugênia seria muito conveniente a morte do escravo, pois ele constituía sempre um perigo para a sinhazinha. Sim, será que ela não providenciou para que ele se calasse para sempre?"

A esse pensamento, lágrimas ardentes jorraram de seus olhos. Não mais veria seu amado Miguel, e o sofrimento de tê-lo perdido a atingia fundo, com uma dor quase física. Cansada de pensar e de chorar, acabou por adormecer. Teve sono agitado e confuso.

Os dias eram sempre iguais, sem alegria e sem esperança.

Mamãe e eu estávamos em visita à Fazenda Santa Clara quando, naquela tarde, apareceu o capitão do mato trazendo amarrado ao seu cavalo o escravo fujão. Sujo, ferido e exausto, Josias se arrastava. Todos se aproximaram, penalizados, cercando o capitão do mato, que colocara Josias no tronco. O capataz Roque chegou logo em seguida. O capitão do mato, orgulhoso da sua presa, fitava a todos, arrogante, como a dizer: Vejam! Inútil fugir, porque serão apanhados. Olhem o estado desta criatura!

Roque, vendo o escravo no tronco, indagou:

– Onde o encontrou, Lupércio?

– A algumas léguas daqui, em uma gruta.

Muito bem. Sinhá Virgínia é contra colocar escravo no tronco, mas creio que, diante das circunstâncias, não há outro jeito. Quando ela chegar à fazenda, tomará as providências que quiser. Venha, capitão, vamos conversar. Deve estar cansado.

– É verdade. Preciso tomar alguma coisa forte.

Afastaram-se, enquanto os demais continuaram ali, incapazes de acreditar que alguém estava no tronco, prática abolida pela sinhá desde a morte do marido.

Sentados no quarto do capataz, conversavam:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Pois é como lhe digo, Roque. Encontrei o infeliz em uma gruta, nas montanhas. Eu estava voltando de uma propriedade onde fui entregar outro fujão, quando o céu se fechou.

Percebendo que a tempestade não tardava, eu procurava um lugar para me abrigar, quando ela desabou. Achei uma gruta, entrei nela para me abrigar e, para minha surpresa, encontrei um escravo lá dentro. Logo vi que era um fugitivo. Olhando-o bem, eu o reconheci, e ele tentou escapar; lutamos, e acabei por prendê-lo. O resto você já sabe. Vim debaixo de chuva para entregar o fujão o mais rápido possível.

- No que fez muito bem, Lupércio. Vamos esperar o retorno da sinhá Virgínia. A patroa saberá recompensá-lo pelo serviço prestado.

Antes do anoitecer, nova tempestade se formou e Roque achou melhor retirar Josias do tronco, levando-o para um cômodo bem protegido - que no tempo do sinhô Figueiroa, em caso de necessidade, era usado como prisão -, até a chegada da sinhá. Lupércio ajeitou-se em um canto e dormiu na fazenda.

Em virtude do aguaceiro que caíra na região, ficamos retidas na fazenda Santa Clara, aguardando que a chuva parasse e a estrada permitisse passagem.

Na manhã seguinte, o tempo começou a melhorar e logo o sol surgiu. No final do dia, a carruagem apareceu na estrada e, dentro em pouco, Tome, todo orgulhoso em sua vestimenta nova, para o veículo à entrada da casa-grande. O cocheiro pulou da boleia e rapidamente ajudou-nos a descer. Logo era seguida, Roque aproximou-se.

- Boa tarde, sinhá Virgínia. Tenho urgência em falar com a senhora.

Irritada, já me encaminhando para dentro, reclamei com arrogância:

- Mal chegamos e já quer incomodar minha mãe, Roque? Não pode deixar para depois?

Ela, entretanto, notando pela expressão do capataz que algo grave tinha acontecido, indagou-lhe:

- Algum problema, Roque?

- Sim, sinhá.

- Tem a ver com o temporal? Deve ter causado estragos.

- Não, sinhá. O temporal passou de raspão e não causou estragos. É sobre Josias.

Ao ouvi-lo se referir a Josias, estaquei. Virei-me para trás e fiquei à escuta.

- Ah!... Vamos conversar no escritório, Roque.

Minha mãe tirou o chapéu, colocando-o no cabide, ajeitou os cabelos e, sentando-se na sua cadeira de espaldar alto, dispôs-se a ouvi-lo:

- Pode falar, Roque. Tem notícias de Josias?

Revirando o chapéu nas mãos, ele informou:

- Sim, sinhá Virgínia. Ontem à tarde, Lupércio, o capitão do mato, que já prestou serviços ao sinhô Figueiroa, trouxe Josias e o coloquei na cela.

- Ele falou sobre os motivos que o levaram a fugir?

- Não, sinhá. Na verdade, não perguntei. Achei melhor esperar pela sinhá.

- Fez bem. Preciso me refazer da viagem. Dê-me algum tempo...

Nisso, entrei intempestivamente na sala.

- Mamãe, a senhora ainda vai dar oportunidade a esse miserável Josias, um mero escravo fujão, para se justificar? Ele merece é o tronco e a chibata.

- Minha filha, estava escutando nossa conversa? - retrucou surpresa.

Desconcertada, desculpei-me:

- Perdoe-me, mamãe, mas também fiquei preocupada e aflita para saber o que houve em nossa ausência. Considero,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
porém, um verdadeiro absurdo a senhora querer ainda falar com ele. No tempo de papai...

Sem deixar que eu concluísse, argumentou firme:

- O tempo de seu pai era outro, minha filha. Não penso como seu pai nem ajo como ele. Acredito já ter deixado isso bem claro em outras oportunidades.

Depois, virando-se para o capataz, ordenou:

- Pode ir agora, Roque. Quando estiver pronta, mandarei avisar.

- Sim, senhá, com. sua licença.

Mamãe olhou para mim e percebeu que eu estava extremamente nervosa, agitada, esfregava as mãos, enquanto o olhar mostrava certo receio. Inquieta pela minha atitude, que sugeria uma crise iminente, ela me convidou para irmos aos nossos aposentos trocar os trajes por outros mais confortáveis e descansar um pouco, o que aceitei sem retrucar.

Antes de entrar em meu quarto, fiz-lhe um pedido:

- Mamãe, quero estar com a senhora quando receber Josias. Posso?

- Não acho conveniente, minha filha. Você não está bem, parece-me aflita, nervosa e tensa, e temo que a conversa com Josias possa piorar seu estado. Procure descansar um pouco,

Maria Eugênia. Nossa visita à fazenda Santa Clara foi agradável, mas cansativa, por fugir de nossos hábitos. Tome um calmante e tente dormir, está bem?

Concordei com um gesto de cabeça. No íntimo, porém, pensava: "Pois sim! Se ela pensa que me deixará de fora está muito enganada. Não posso deixar de ouvir essa conversa de jeito nenhum. É bom mesmo que minha mãe pense que estou dormindo, assim ficarei livre para agir".

Minha mãe deu-me um beijo na testa e dirigiu-se a seus aposentos. Contudo, algo não estava bem. No ar havia uma estranha sensação de perigo, que a deixou tensa, como se algo fosse acontecer.

A criada ajudou-a a trocar de roupa. Deitou-se, procurando repousar um pouco. Fechando os olhos, parecia-lhe ainda sentir o sacolejar da carruagem. O sol da tarde estava quente e o trajeto, embora não tão longo, foi cansativo.

Após descansar por uns quarenta minutos, ela desceu. Tinha pressa de falar com Josias. Era o primeiro escravo que fugia da fazenda desde que ela assumira o comando, e isso de certo modo a decepcionou, uma vez que julgava estar dando a eles uma vida muito melhor que antes.

Dirigiu-se ao escritório e, cruzando com Odete, ordenou:

- Avise o capataz que traga Josias.

- Sim, senhá, agorinha mesmo.

Poucos minutos depois, eles deram entrada no seu gabinete.

Minha mãe ficou penalizada ao ver o estado do escravo. Extremamente sujo, roupas rasgadas e ferimentos na cabeça, nos braços e nas pernas, ele não teve coragem de fitá-la.

- Josias, levante a cabeça. Olhe para mim! Por que fugiu?

Alguém aqui o maltratou?

O escravo, mantendo os olhos baixos, meneou negativamente a cabeça.

- Então, por que fugiu?

O escravo não respondeu. Roque aproximou-se dele com o chicote nas mãos, com intenção de obrigá-lo a falar. Virgínia fez um gesto, impedindo-o, e prosseguiu:

- Desde que assumi o controle da fazenda, após o falecimento de meu marido, procurei fazer tudo para melhorar a vida dos escravos. Mandeí construir casas separadas para as famílias;

melhorei a alimentação e permiti que todos colham frutas à vontade; o tronco permaneceu no pátio apenas como uma triste lembrança, pois nunca mais ninguém foi torturado; todo mês o médico da cidade vem para atender os doentes..,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
enfim, tenho procurado agir da melhor maneira possível.
Até com você, Josias, que me criou problemas em virtude da
bebida, procuro sempre compreender e ajudar. No entanto,
você fugiu...
Baixando a cabeça, ele começou a chorar:
- Eu não queria, sinhá, mas fui obrigado - murmurou em
voz baixa.
- Foi obrigado?... Por quem?... Quero saber de tudo, Josias.
- Não posso, sinhá. Não posso.
Notando que ele estava com medo e que devia haver alguma
coisa mais grave por detrás da sua fuga, minha mãe ordenou:
- Roque, saia e feche a porta. Não quero ser interrompida.
Vou conversar a sós com ele. Aguarde lá fora e não deixe
ninguém entrar.
- Sim, sinhá.
Após a saída do capataz, ela voltou a perguntar:
- Agora você já pode falar, Josias. Prometo escutar tudo o
que tem a me dizer. Não tenha medo.
Ainda temeroso, ele continuou a afirmar:
- Não posso, sinhá. Se falar, estou perdido.
- Quer dizer que há alguém por trás de sua fuga? Quem o
está ameaçando? Será Roque?
- Não, não!
- Algum dos escravos, então? Você está sempre metido em
brigas!
- Não, sinhá.
- Mas então, quem pode ser?
- Não posso falar, sinhá. Eu juro por tudo quanto é mais
sagrado que não posso abrir a boca.
O medo dele raiava ao terror, ele estava apavorado. Per-
cebendo a gravidade da situação, ela levantou-se e falou com
autoridade:
- Pois agora você vai falar. Ordeno que me conte tudo ou
vou fazê-lo falar no tronco diante de todos.
Diante dessa ameaça, Josias não teve outro jeito.
- Está bem, sinhá. Vou falar.
E, em voz baixa, lentamente, contou que foi procurado por
alguém que lhe pediu que matasse Miguel, Em troca,
receberia recursos para fugir e recomeçar a vida longe dali. E
foi o que fez. Depois, concluiu:
- Como caíra uma tempestade, causando estragos, bati com
um galho na cabeça dele, de modo que parecesse um aci-
dente, o que realmente se pensou. Recebi o combinado e
fugi.
Mas dei azar. O capitão do mato, que me conhecia, me
encontrou e me trouxe de volta. O resto a sinhá já sabe.
- Se você tinha recursos, porque não foi para longe de uma
vez?
- Tentei, mas estava difícil. Outros escravos fugiram de
uma fazenda não muito distante daqui, e as estradas estavam
vigiadas.
- E o que fez do dinheiro que lhe deram?
- Está aqui, sinhá. Veja! Debaixo da minha roupa, amarrada
na cintura tem uma faixa onde guardei meu tesouro. Ainda
bem que o capitão do mato não viu, senão me roubaria todas
as moedas.
Ela se aproximava para tocar a faixa e confirmar a veracidade
do que ele dizia, quando a porta se abriu violentamente.
A mão dela parou no ar, e ela olhou para a porta, assustada.
A entrada da sala, eu, completamente descontrolada,
cabeleira em desalinho, portando uma faca, apontou para o
negro. Josias, de olhos arregalados, apavorado, gritou:
- Não, sinhazinha! Não tive culpa!...
- O que é isso, minha filha? Abaixei essa arma!
Rapidamente, porém, parti para cima de Josias para
atingi-lo, ao mesmo tempo que gritava:
- Não acredite nele, mamãe! Este homem é um miserável!
Merece morrer!

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Nisso, Roque, que entrara na sala logo em seguida, tentando conter-me, correu e tentou segurar-me a mão, mas não a tempo de impedir-me de atingir o escravo. Josias, percebendo minha intenção, instintivamente levou a mão para proteger-se e arrancou a faixa de tecido que se soltou, e as tilintantes moedas se espalharam pelo chão.

A cena era terrível: Josias desaba no assoalho, que fica vermelho do sangue que jorra da ferida aberta.

E eu, agora com as mãos atadas pelo capataz, enlouquecida, comecei a falar sem parar:

- Mamãe, não acredite nele! É tudo mentira! Ele não pode me acusar de nada...

Com a respiração ofegante, o coração acelerado, a mãe finalmente compreendeu a razão de todo o medo de Josias. Olhando para mim, com infinita tristeza, ela sussurra:

- Ele não acusou ninguém, minha filha.

Em choque, percebo, tardiamente, que falei demais. Agora tudo tinha sido descoberto. Não havia mais como me esconder. Senti-me perdida. Tudo o que fizera para encobrir meus atos criminosos tinha sido inútil.

Em crise, aos gritos, me debati nos braços de Roque, que me segurou com firmeza, até que desmaiei. Pegando-me no colo, ele me levou para meus aposentos, enquanto Tome montou o primeiro cavalo que encontrou e correu para a cidade em busca do médico.

Mamãe, caída em uma cadeira, estava trespassada de dor. A verdade atingira-a muito duramente. Pálida e desfeita, com os olhos fixos no vazio, sem mover um músculo, permanecia calada.

Os escravos, ouvindo o tumulto e o vozerio inusitado no caseirão, correram para o escritório e se depararam com a trágica cena. De um lado, eu, contida à força por Roque, gritava sem parar; de outro, mamãe, largada em uma cadeira, em choque; e no assoalho, o pobre Josias, inconsciente, com a barriga aberta, enquanto o sangue se esvaía pela ferida. Também paralisados de horror, os escravos choravam e se lamentavam diante daquele quadro incomum. Amaro, mais prático, percebendo que Josias não estava morto, levou-o para a senzala, pedindo a alguém que chamasse pai Albino. Não demorou muito, o doutor Teófilo chegou. Informado por Tome sobre a tragédia, rapidamente medicou mãe e filha e, em seguida, correu para a senzala para ver o escravo. Pai Albino já estava ao lado dele, sem poder fazer nada. Apenas colocou um chumaço de pano na ferida para controlar a hemorragia.

Examinando-o, o médico pediu que trouxessem água quente e panos. Preparou tudo, deu-lhe uma boa dose de bebida e, após costurar-lhe o ventre, deu-lhe de beber algumas gotas. Depois, lavou as mãos e enxugou-as, respirando mais tranqüilo.

Vendo que os companheiros de Josias, preocupados com o amigo, se acotovelavam nas janelas pelo lado de fora da senzala, acompanhando seu trabalho, disse em voz alta a Amaro:

- Se tudo correr bem, ele vai sarar. O corte não atingiu nenhum órgão. Pai Albino, dê a ele algumas gotas deste remédio sempre que ele estiver com dor. Voltarei amanhã. Em seguida, dirigiu-se à casa-grande para ver como estava mamãe. Encontrou-a melhor, com a cabeça recostada no espaldar da cadeira, mas no mesmo lugar.

- Senhora Virgínia, precisa repousar. As gotas calmantes que lhe ministrei a ajudarão a descansar. Vou pedir à Dinha que a leve até o quarto. Tudo está sob controle agora. Parecendo sair daquele torpor, ela perguntou:

- Josias... morreu?

- Não, senhora Virgínia. O ferimento não foi fatal, graças a Deus. Ele vai sarar, se tudo correr como espero.

- E minha filha?

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Está medicada e vai dormir até amanhã. Fique tranqüila. Parecendo que só naquele momento soltava o ar preso no peito, ela murmurou:
- Obrigada, doutor.
- Então, agora vá descansar um pouco. Tudo está bem. Eu a verei amanhã cedo. Não se preocupe com nada. Aproximando-se, Dionísia ajudou-a a levantar-se, conduziu-a pelas escadarias e a levou até seus aposentos, colocando-a no leito. Respirando fundo, sentou-se em uma esteira e ficou cuidando da sua sinhá. Só deixou o quarto quando notou que mamãe dormia a sono solto.

27 - Teófilo

Na manhã seguinte, quando o doutor Teófilo chegou, tudo era silêncio no casarão. Os serviçais se movimentavam procurando não fazer o menor ruído; temiam incomodarnos, eu, mantida sob o efeito de medicação, e minha mãe, que também dormia, recuperando-se dos trágicos acontecimentos da véspera. Todos estavam com a atenção em suspenso e cochichavam pelos cantos, tentando encontrar o motivo para a terrível cena que presenciaram. O médico ministrou-me uma nova dose de medicamento, recomendando:

- Dionísia, dê a ela estas gotas duas vezes ao dia, pela manhã e à noite.

- Por quanto tempo, doutor? - indagou atenta.

- Até que Maria Eugênia saia desta crise. Mas não se preocupe. Virei todos os dias visitá-la, acompanhando-lhe o tratamento. Agora vamos até os aposentos da senhora Virgínia.

Entrando no quarto em penumbra, o médico caminhou sem fazer ruído. Aproximou-se do leito e verificou que a dona da casa ainda dormia.

- A sinhá também deverá tomar o remédio?

- Somente se não estiver bem. Vou deixar o vidro, mas dê-lhe só em caso de necessidade sim, sinhô doutor.

- Muito bem, Dionísia. Está tudo sob controle aqui tia casa-grande. Vou até a senzala ver como está Josias - disse ele, fechando a maleta e encaminhando-se para a porta.

- Sim, sinhô. Pode ficar descansado que tomarei conta das sinhás.

O médico lançou ainda um olhar para Virgínia e saiu do quarto. Desceu as escadarias e atravessava a sala encaminhando-se para a porta de saída, quando encontrou Odete que o aguardava.

- O doutor aceita um cafezinho? Foi feito ainda agorinha.

- Aceito com prazer, Odete. Como vão as crianças?

- Muito bem, doutor - respondeu ela com um sorriso, enquanto colocava o café na xícara, entregando-a ao médico.

Ele tomou a bebida fumegante e agradeceu com um sorriso:

- Está ótimo. Bem ao meu gosto, Odete. Obrigado. Agora vou à senzala ver o Josias e voltarei em seguida.

Saiu para o jardim, deu a volta e tomou o rumo do grande barracão. Encontrou Josias acordado, embora enfraquecido pela perda de sangue; ao lado dele, pai Albino, que, pelo jeito, tinha passado a noite ali velando. Examinou o ferido cuidadosamente.

- Como estou, doutor? - indagou com voz sumida.

- Muito melhor do que eu esperava - afirmou o médico, surpreso.

Depois, virando-se para o ancião, perguntou:

- O que fez, pai Albino, para que Josias tivesse uma melhora tão rápida?

O ancião sorriu mansamente e respondeu:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Apenas o que sei fazer, doutor: orei por ele.

- Pois então, sua oração faz milagres!

- Deus faz milagres, doutor.

O médico orientou-o para que continuasse a dar a medicação. Voltou-se para Assunta, que estava ali perto, e ordenou:

- Providencie retalhos de pano bem limpos para os curativos, Assunta.

Depois, dirigindo-se para pai Albino, deu-lhe a incumbência de trocar todos os dias o curativo; em seguida despediu-se, prometendo retornar no dia seguinte.

Na saída, encontrou alguns escravos que, informados da sua presença, o aguardavam, pedindo-lhe que fosse até suas casas ver seus filhos. Como sempre fazia ao vir à fazenda Santa Genoveva, ele recebeu a cada um. A todos, o médico atendia com boa vontade e carinho.

Ao terminar a ronda, voltou para o casarão. Queria saber notícias de mamãe. Como ela ainda dormisse, pegou um livro na estante, sentou-se na sala e dispôs-se a esperar.

À hora do almoço, Odete interrompeu-lhe a leitura, avisando-o de que a refeição seria servida. Ele sentou-se à mesa e comeu muito bem, lamentando apenas a falta de companhia. A escrava, que se postara um pouco atrás, pronta para servi-lo, sorria diante do apetite do médico.

- Odete, minha filha, a comida desta casa é divina!

Florência é a melhor cozinheira que conheço.

Florência, que chegara até a porta, ouviu o que ele dizia e não pôde deixar de sorrir, satisfeita e envaidecida:

- Obrigada, doutor. Padre Antônio, quando vem visitar a fazenda, diz a mesma coisa. - Depois, sem conseguir esquecer a cena que tinha presenciado no dia anterior, ela levou o avental aos olhos para enxugar uma lágrima e completou: - Só lamento o que ocorreu ontem, doutor. Como está sinhá Virgínia?

- Todos nós lamentamos o ocorrido, minha boa Florência.

Mas dos males o menor: as senhoras estão bem e Josias se recupera do ferimento.

- Ainda bem. Mas é tudo muito triste, doutor. Ver a fazenda com esses problemas, coisa que nunca aconteceu antes. É muito triste... - comentou, voltando para a cozinha com a cabeça baixa e o avental no rosto para chorar à vontade.

Tentando melhorar o ambiente, ao ver que o médico havia interrompido a refeição, Odete sugeriu:

- Aceita mais um bocadinho de leitão assado, doutor?

- Não, Odete. Estou satisfeito.

- Sobremesa, talvez? O sinhô gosta tanto!

- Não, obrigado. Apenas um cafezinho como aquele que me serviu antes.

- Sim, sinhô doutor. É pra já. Quer tomá-lo na outra sala?

- Sim, obrigado.

Teófilo deixou o ambiente de refeições e acomodou-se na pequena sala; minutos depois, Odete entrou com a bandeja, servindo-lhe o café que Florência acabara de coar, e cujo aroma a precedera. O médico pegou a xícara e começou a mexer o café lentamente, pensativo. Depois perguntou:

- Odete, você sabe me dizer a razão do trágico acontecimento ocorrido aqui ontem?

- Não sei não, sinhô. Mas na senzala só se fala nisso. Parece que tem muita coisa envolvida...

- Ah! E que coisas são essas?

- Ouvi dizer que tem gente que sabe, mas não fala não sinhô.

- Alguém aqui da casa sabe? Talvez a Florência? A Dionísia?

- Não sei não, sinhô. Mas, pensando bem, se tem alguém que sabe de tudo é o Tomé. Eta moleque safado!

- Pois então, mande chamá-lo. Diga-lhe que preciso falar com ele.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Não demorou muito, o escravo chegou. O médico dispensou Odete, que saiu, deixando-os a sós.

- O sinhô doutor quer falar comigo?

- Sim, Tome. É verdade que você está sempre a par do que acontece na fazenda?

- O que posso fazer, doutor, se as pessoas vêm me contar? - disse ele com um sorriso maroto, rodando o chapéu nas mãos, um tanto envaidecido.

- Então, deve saber o motivo daquela confusão que aconteceu aqui, ontem.

- Doutor, isso eu não sei, não.

- Mas me disseram que você é muito bem informado!

- Pois é. Costumo observar as pessoas, como elas agem, para onde vão, com quem conversam, e garanto ao sinhô que tem muita coisa estranha por aí. A Diva, por exemplo, mudou muito. Ela e o Ramiro se encontram, ficam cochichando e, quando alguém chega, eles param de falar. Desconfio que ela saiba tudo o que anda acontecendo.

- "Tudo o que anda acontecendo"? Como assim, Tomé?

- Doutor, a fazenda era calma, nunca acontecia nada de diferente. Depois, parece que tudo desabou sobre nós, sem explicação: começou com a pobre da Ritinha, que morreu afogada;

depois, a sinhazinha Maria Eugênia ficou doente da cabeça, assim como o Miguel, que também ficou louco; não demorou muito, ele morreu; alguns dias depois, o Josias fugiu. E daí, ontem, eu ouvi gritos e corri para saber o que estava acontecendo, e vi uma cena horrível: a sinhazinha com uma faca na mão, gritando como louca, e o pobre do Josias, coberto de sangue, estirado no chão, enquanto Roque a segurava. Não acha tudo isso estranho? Por que a sinhazinha iria querer matar o Josias?

O médico respirou fundo, tomou o último gole de café e concordou:

- Tem toda razão, Tomé. É tudo muito estranho. Acha, então, que quem quiser saber a verdade deve falar com a Diva?

- Acho que deve ir à senzala e conversar com o pessoal - sugeri em tom grave, generalizando para não se comprometer.

- Obrigado, Tomé. Pode voltar às suas tarefas.

Pensativo, Teófilo colocou a xícara na bandeja que Odete tinha deixado na mesinha ao lado. Nisso, ouviu um leve ruído de passos e virou-se. Era a dona da casa. Ele levantou-se rápido e a cumprimentou, fazendo uma mesura e beijando-lhe a mão, delicadamente.

- Boa tarde, senhora Virgínia. Não deveria ter-se levantado. Eu terminava de tomar o meu café e, em seguida, iria vê-la.

- Não se preocupe comigo, doutor Teófilo. Estou bem.

O médico fitou-a com olhar clínico e notou-a excessivamente pálida, enfraquecida e algo trêmula. Pediu que ela se sentasse e examinou-a com cuidado; ao terminar, perguntou:

- A senhora já se alimentou hoje?

- Tomei um chá com torradas.

- Por ora, está bom. Logo, porém, deve comer algo mais substancial. Está fraca e precisa de sustentação. Ela concordou com a cabeça e sorriu tristemente:

- Não consigo, doutor. Parece que tenho um nó na garganta. Como está minha filha? E o Josias?

- Eles estão bem. Maria Eugênia dorme sob o efeito da medicação, que é o melhor para ela nestas circunstâncias, e Josias recupera-se de forma bastante animadora. Melhor do que eu poderia imaginar. Confesso-lhe que fiquei admirado!

- Antes assim, doutor. Sinto-me profundamente aliviada. O senhor já pensou se minha filha tivesse conseguido.... enfim,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
o que seria dela... de nós?

Ela estava com os olhos enxutos, mas seu rosto mostrava uma grande dor. Da noite para o dia, parecia ter envelhecido dez anos.

O médico aproximou-se mais e, tomando a mão dela nas suas, confortou-a:

- Minha amiga, não se aborreça tanto. A menina está se recuperando e Josias ficará bom logo. Tudo está bem. Tudo passa e essa fase ruim logo vai passar também, como o dia que sucede a noite, trazendo luz, calor e alegria. Ela sorriu e seus olhos se umedeceram.

- Agradeço-lhe, meu bom amigo. Sua presença é um conforto para mim. Conhecemo-nos há tantos anos e durante esse tempo tem-nos ajudado bastante, sempre presente quando mais precisamos. Desde que me casei e vim para a Santa Genoveva, em todos os momentos difíceis pudemos contar com seu valioso auxílio. Sou-lhe muito grata. Todavia, acordei com um grande aperto no coração, como prenuncio de novas desgraças.

Ela parou de falar, retirou um lençinho perfumado do bolso da saia e enxugou os olhos lacrimejantes. O médico sentiu desejo de abraçá-la, de confortá-la, mas manteve-se em seu lugar, sem saber o que dizer.

Readquirindo o controle, ela prosseguiu:

- Ao chegar, não pude deixar de ouvir o final da sua conversa com Tomé, doutor. Desculpe-me, não tive a intenção de ser indiscreta. Porém, foi importante, porque pude perceber a que ponto os últimos acontecimentos estão mexendo com todos da fazenda.

Balançando a cabeça negativamente, o médico respondeu enérgico:

- Cara senhora Virgínia, os fatos não são tão graves assim. Apenas uma maré de má sorte. Só isso. Quanto à Maria Eugênia, há anos sabemos que ela é doente dos nervos, e que esses problemas precisam ser tratados, para que ela tenha uma vida normal.

Enquanto ele falava, mamãe olhava-o pensativa, depois considerou:

- Creio que o senhor tem o direito de saber o que realmente se passa aqui nesta casa.

Diante da surpresa do médico, que a observava sem entender, tocou a sineta. Quando a escrava apareceu à porta, ordenou-lhe que levasse café no escritório.

Ela conduziu o médico até seu gabinete de trabalho, onde se acomodaram. A escrava voltou pouco depois com o café.

- Pode deixar a bandeja, Odete. Eu mesma sirvo. Preciso conversar com o doutor Teófilo e não quero ser interrompida. Cuide para que ninguém se aproxime.

Ninguém.

Entendeu?

- Sim, sinhá Virgínia. Mas, e se a sinhazinha...

- Ninguém, Odete. Nem minha filha. Agora vá, e feche a porta depois de sair.

A sós, serviu o médico. Calado, ele a observava, e não pôde deixar de notar-lhe os gestos elegantes e as mãos ligeiramente trêmulas, embora procurasse aparentar tranqüilidade. Depois, ela também se serviu e, acomodando-se melhor na poltrona, tomou um gole. Em seguida, fitando o seu acompanhante, que aguardava calado, começou a falar:

- Creio que o senhor, nosso médico e amigo, tem o direito de saber toda a verdade; ou, pelo menos, o que eu descobri a respeito dos dolorosos acontecimentos que ocorreram nesta

fazenda, até para que tenha condição de nos ajudar na solução dos problemas.

- Pode falar, minha amiga. Confie em mim.

- Eu confio, doutor Teófilo. Caso contrário, não estaria aqui me preparando para contar-lhe tudo o que sei.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Pensou um pouco, como se procurando a melhor maneira de relatar o que sabia. Depois, em voz baixa, começou a falar, expondo os fatos de que tinha conhecimento:

- Acho que tudo começou com a morte da Rita. Por mais absurdo que possa parecer, tenho motivos para acreditar que minha filha seja a responsável pela morte da escrava.

- Como assim, senhora Virgínia? Pelo que me lembro, era Miguel quem estava com ela no barco!

- Sim, é verdade. No entanto, tenho razões para crer que minha filha seja a mandante do crime.

- Crime? A senhora falou em crime?!

- Exato. E ambos, tanto Miguel quanto Maria Eugênia, ficaram com problemas na cabeça após esse trágico episódio.

- Supondo-se que isso seja verdade, eles podem ter ficado com sentimento de culpa pelo ato praticado, o que explica os problemas mentais. Mas... por que teriam resolvido acabar com a Rita?

- Esse o ponto da questão, que ainda é um mistério. Não posso afirmar com certeza, por não ter provas, porém creio que, como tantos outros fazendeiros, Guilherme pode ter-se interessado por Rita e passado a manter um relacionamento com ela. Julgo que minha filha ficou sabendo e não suportou a traição de ambos. Mas, deixe-me contar-lhe tudo.

Então, contou de todos os detalhes que sabia e descobrira a respeito do casamento da filha, a viagem de lua de mel e o retorno antecipado para o Brasil e seus desdobramentos.

- Lembro-me de que os problemas nervosos de Maria Eugênia começaram depois que ela voltou: alterações no comportamento, medo, visões e atitudes estranhas - confirmou o doutor.

- Exatamente. Inclusive, em Paris, Guilherme procurou um médico, que lhe prescreveu medicamentos para que ela pudesse dormir. Só que percebi que as perturbações de minha filha tinham a ver com a escrava morta. Julguei que fosse porque elas eram muito ligadas desde crianças. Entretanto, notei que os sentimentos dela não eram de saudade, que poderiam ser, em vista da amizade que as unia, e Maria Eugênia poderia estar realmente sentindo falta da companheira de infância. Não! O estranho é que notei que as sensações de minha filha eram de medo; ela falava sozinha e reclamava da perseguição de Rita, das acusações que a morta lhe fazia. E eu não conseguia entender. Até que, há alguns dias, visitamos a fazenda Santa Clara e fiquei conhecendo Pierre e Marie, um casal de amigos de Guilherme, vindos da França para visitá-lo. Conversando com Marie, fui informada das alucinações que minha filha teve em Paris, ocasiões em que ela via uma mulher no quarto de hotel.

- Vamos com calma! A senhora está querendo afirmar que...

Com expressão grave, circunspeta, o médico questionou:

- A senhora sabe que a menina tem problemas nervosos e que é dada a visões, alucinações, que podem ter relação com as pessoas com as quais convive. Supondo-se que ela tivesse visto essa estranha mulher, ou fantasma, quem poderia ser?

- Não tenho certeza, mas tudo leva a crer que seja a alma da Rita.

- Pois muito bem. Inúmeras vezes já ouvi falar de casos como esses durante meus trinta anos de profissão. Mas, como poderia ela estar lá - na suposição de que seja realmente ela -, se ainda estava viva e gozando de perfeita saúde no Brasil?

- Não estou querendo afirmar nada, meu caro doutor Teófilo. Apenas acho estranho que minha filha tenha tido essas alucinações durante a viagem. Marie, que investiga há tempos esses assuntos, afirma que nada impede que alguém possa, durante o sono físico, ir em espírito para outros lugares, se assim o desejar.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

O médico sorriu, com expressão cética.

- Aí já estaremos entrando em terreno escorregadio e que depende de comprovação, não lhe parece Virgínia?

Ela concordou, pensativa, e exclamou:

- Tem toda a razão, doutor Teófilo. Todavia, para mim é a única explicação que faz sentido.

Alisando os bigodes bem aparados, o médico indagou-lhe:

- Tudo bem. Apenas para raciocinar, suponhamos que tenha sido a alma da Rita a aparecer no hotel, em Paris. Ela realmente teve um relacionamento com Guilherme?

- Tudo leva a crer que sim. É a única coisa que faz sentido.

Não posso afirmar com certeza, mas quando toquei no assunto, por duas vezes, perguntando se ele sabia de algum desentendimento entre minha filha e Rita, Guilherme mostrou-se tenso, trêmulo e inquieto, fugindo de mim. Da última vez, quase caiu do cavalo!

- Muito bem. Então, acreditando-se que isso seja verdade, a traição provocou a ira de Maria Eugênia, que teria contratado Miguel para fazer o serviço, por ciúmes da escrava. Existe alguma prova quanto a isso?

- Sim, o próprio Miguel, em seu desequilíbrio, falou em minha presença como teria acontecido o afogamento de Ritinha.

- Então é verdade mesmo! E, em consequência, Miguel teria morrido para esconder o crime. É isso, Virgínia?

- Pensei nessa possibilidade, doutor. O fato é que o escravo apareceu morto, após uma grande tempestade, com uma ferida na cabeça, que meu capataz afirmou ter sido produzida por um galho que - tudo leva a crer - teria caído de uma árvore.

- Pode ser verdade. Porém, não lhe parece muito conveniente o sumiço da única testemunha que poderia acusar a menina?

- Também penso assim. Além disso, a fuga, estranha e imprevisível, de Josias, pois ele gostava de viver na fazenda. Depois, foi encontrado pelo capitão do mato, que o conhecia, e

trazido de volta. E, finalmente, a agressão de minha filha contra Josias, que nada explica.

- Precisamos investigar, Virgínia. Se me permite, pretendo falar com Diva, Ramiro e Josias.

- Tem minha permissão, caro amigo. Agradeço-lhe tudo o que puder fazer para nos ajudar a esclarecer os fatos. Quanto a Josias acho importante, mas... o que têm Diva e Ramiro com

essa história?...

- Ainda não sei. Mas Tomé afirmou que Diva anda estranha e conversa muito com Ramiro. O rapaz acha que eles sabem de muita coisa.

Nesse momento, batem na porta. É Odete.

- Pode entrar, Odete.

- Sinhá Virgínia, lamento interromper! A sinhá avisou que não queria ser perturbada...

- Não se preocupe. Pode falar, Odete.

- É que a sinhazinha acordou, e o doutor deixou ordem com a Dinha para avisá-lo imediatamente quando ela acordasse.

- Fez muito bem, Odete - disse a dona da casa.

- É verdade. Obrigado, Odete, irei imediatamente - agradeceu o médico.

Deixando a conversa para depois, mamãe e Teófilo dirigem-se para os meus aposentos.

28 - Complicações

Após verificar o estado de sua paciente, o médico saiu a caminhar sem rumo pelas imediações da casa-grande. Passou pelo local onde as escravas lavavam as roupas e, ao ver Diva, que ele conhecia, parou para conversar com ela:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Como vai, Diva? - cumprimentou.

- Como Deus quer, doutor - ela respondeu, desanimada.

- Diva, eu preciso de umas ervas. Pode levar-me até o local onde estão as plantas medicinais?

- Não entendo de plantas, doutor. Melhor falar com pai Albino; ele, sim, conhece tudo.

- Pai Albino está cuidando de Josias, conforme lhe pedi, e não pode deixar seu posto. Por outro lado, eu conheço plantas. Só necessito que me leve até o lugar.

- Então, está bem, doutor - concordou ela.

Deixando a roupa na tina, enxugou as mãos no avental e mostrou-lhe o caminho: - É por aqui, doutor.

Saíram caminhando sem pressa e o médico tentava conversar com ela:

- Você não me parece muito bem, Diva. Está com algum problema?

- Não estou nada bem, doutor. Perdi alguém que amava muito, e nada mais importa pra mim.

- Ah!... É muito triste mesmo perder alguém que se ama. Passei por essa experiência quando minha esposa faleceu logo depois que nos casamos. Se pelo menos ela tivesse me deixado um filho...

- O doutor é viúvo, então? Por que não se casou de novo?

- Nunca encontrei a mulher certa, Diva. Por isso, resolvi ficar sozinho e preencher meu tempo com o consultório, dedicando-me a meus pacientes.

- Deve ter sofrido muito mesmo, porém conviveu com sua esposa durante algum tempo, amava e sabia que era amado. Quanto a mim, doutor, aquele a quem eu amava acima de tudo sempre me rejeitou, jamais quis meu amor.

- Por que diz que ele a rejeitava? - perguntou o médico, penalizado.

- Amava outra mulher, eu acho. Agora está morto.

- Será que eu o conheci? Para ser amado assim por você deve ser alguém muito especial.

- E era, doutor. O sinhô o conheceu, sim. Era o Miguel.

- Miguel! Sim, eu o conheci bem. Lamento muito, Diva, o que aconteceu com ele. Primeiro a loucura, depois a trágica morte no meio do mato. Agora posso entender melhor por que você está tão triste e desanimada.

Ela virou-se para ele, surpresa:

- É tão evidente assim, doutor? Tento não demonstrar meus sentimentos.

- Não me leve a mal, Diva. Como médico, estou acostumado a notar a reação das pessoas, faz parte da minha profissão - justificou-se.

Logo em seguida, ela apontou para um recanto em meio à vegetação e disse:

- Chegamos, doutor. É logo ali.

- Obrigado, Diva. Ajuda-me a apanhar as ervas de que preciso?

- Claro, doutor.

Ele mostrou a ela quais as plantas de que precisava e, enquanto cortavam os galhos, continuaram conversando.

- Diva, eu apreciava Miguel, e confesso-lhe que não entendi por que ele ficou doente da cabeça. Sempre foi equilibrado, seguro. O que pode ter acontecido que mexeu com ele dessa maneira?

A escrava parou o que estava fazendo e seu rosto mostrava revolta e indignação:

- Eu odeio aquela mulher! Odeio! Se pudesse, eu acabaria com ela.

Diva estava parada, de pé, com os olhos vítreos, toda trêmula. Teófilo, que não a perdia de vista, observando-lhe as reações, aproximou-se dela e, segurando-a pelo braço, levou-a até a sombra de uma árvore. Colocou-a sentada nas grossas raízes e depois se acomodou perto dela.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Acalme-se, Diva! De quem está falando?

- Daquela mulher horrorosa: a sinhazinha Maria Eugênia.

Teófilo percebeu que havia chegado a hora de saber a verdade.

- O que tem Maria Eugênia com isso?

- Tudo, doutor. Tudo! Vou lhe contar. Estou com essa história entalada na garganta e não agüento mais. Miguel era apaixonado pela sinhazinha. De alguma forma, ela ficou sabendo e aproveitou-se disso para convencê-lo a matar Rita.

- Diva, essa é uma afirmação muito séria. Tem certeza do que está dizendo?

- Tenho certeza, doutor. Ouvi do próprio Miguel, a quem eu visitava às vezes na Pedra Grande, onde se abrigava. Ele ficou louco por ser perseguido por Ritinha, que não lhe concedia perdão e o acusava pela sua morte.

- Não é possível! - exclamou ele para si mesmo.

- É possível, sim, doutor. A alma da pobre Rita sofre e está sempre por aí. Na senzala mesmo, muitos sentem a presença dela, ouvem seus lamentos, seus gritos, seu choro desesperado. Tem noite que ninguém consegue dormir.

- Meu Deus! E como ele morreu? Será que a Ritinha...

- Não! - respondeu ela discordando com a cabeça -, a Rita está morta, não teria condições para isso. Foi coisa de gente viva, e malvada mesmo.

- Como assim, Diva?

- Dizem que ele morreu ferido por um galho que lhe caiu na cabeça durante uma tempestade. Não acredito nisso, doutor!

- Então, o que acha que realmente aconteceu?

- Não posso acusar ninguém, mas a verdade está vindo à tona.

- Diga-me o que pensa, Diva. Quem sabe eu posso ajudar para que tudo se esclareça?

- O doutor vai proteger às sinhás - disse ela com expressão de dúvida.

- Não, Diva. Sou pela justiça e sempre mostrei que sou amigo de vocês. Quero o melhor para todos os envolvidos.

- Está bem, doutor, tem razão. Então vou lhe contar. Julgo que tem a ver com o sumiço do Josias. Ele deve ter feito um "serviço" para alguém. Pois o sinhô não sabe que ele tinha um

monte de moedas escondidas em uma faixa, na cintura?

- Moedas?... Não sabia desse detalhe, Diva!... - exclamou o médico, perplexo.

- Pois é verdade, doutor. Quando ele foi ferido e caiu no chão, a faixa se rompeu e as moedas se espalharam pelo assoalho. Todos viram.

Ele a olhava sumamente admirado. Ela sorriu ironicamente, colocou as mãos na cintura e perguntou:

- Quem o doutor acha que deu a ele aquelas moedas?

Respirando fundo, pensativo e admirado, o médico deixou a pergunta vibrando no ar.

- Diva, já é tarde. Precisamos voltar.

A escrava pegou os galhos de plantas e, juntando-os, colocou o feixe debaixo do braço e pôs-se a caminhar, apressada, seguida pelo médico. Ao chegar perto do casarão, ela parou, virando-se para ele.

- Doutor Teófilo, não conte a ninguém o que eu lhe disse.

- Não posso prometer-lhe isso, Diva. O assunto é muito grave. Contudo, prometo-lhe que usarei da melhor maneira o que me contou, para que a verdade seja restabelecida e a paz possa

voltar à fazenda Santa Genoveva. Não é isso o que você deseja?

- Está certo, doutor. Faça o que for melhor. Agora, o sinhô pode entrar; depois levo as ervas.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Ele agradeceu e entrou na casa-grande. Estava cansado e cheio de questionamentos íntimos. Vendo-o, minha mãe foi ao seu encontro.
- E então, meu amigo?
- Vamos conversar em lugar mais reservado? - respondeu ele, tirando o chapéu da cabeça e enxugando o suor. Ela o conduziu até seu gabinete, onde ele contou o que acabara de saber, inclusive sobre as moedas.
- É verdade! Minha cabeça estava tão confusa que me esqueci das moedas. Creio que Odete deve saber onde elas estão.
Tocou a sineta e, em seguida, a escrava apareceu.
- Odete, sabe onde estão as moedas que estavam com Josias e caíram no chão, ontem?
- Sim, sinhá Virgínia. Eu as recolhi e guardei. Como a sinhá não estava bem, coloquei-as em lugar seguro. Vou buscá-las. Com sua licença.
Ela saiu e voltou pouco depois com um embrulho.
- Aqui estão elas, sinhá.
- Obrigada, Ode te. Pode ir agora.
Assim que a serva saiu, mamãe abriu o pano, desembrulhando o conteúdo. O médico ficou extremamente admirado.
- Virgínia! Mas é um verdadeiro tesouro! Estas moedas de ouro são muito valiosas.
- Exato, meu amigo. Elas caíram exatamente no momento em que minha filha entrou e partiu para cima de Josias, que, para se defender, tentou erguer as mãos amarradas e bateu na faixa que lhe contornava a cintura; ela se soltou e as moedas espalharam-se pelo assoalho. Sob o impacto da trágica situação, fiquei em estado de choque e nem me lembrava mais delas.
Ela pegou uma moeda na mão, examinando-a com cuidado. Depois disse perplexa:
- Mas eu conheço estas moedas, doutor! Meu falecido esposo há muitos anos as mandou cunhar, quando foi descoberta uma mina de ouro em outra propriedade que temos. Como teriam ido parar nas mãos de Josias? A única pessoa que tem a chave do cofre sou eu! Teria sido alguém da casa? Ou a própria Maria Eugênia?
O médico olhou-a com expressão grave. Depois, segurou-lhe as mãos entre as suas e considerou:
- Virgínia, isso só Josias poderá nos informar. Creio que agora não há mais como esconder a verdade. Tenho de voltar para a vila, mas retornarei amanhã cedo. Hoje não tive tempo, mas amanhã pretendo conversar com Josias.
- Vá, então, meu amigo. O dia todo ficou preso aqui na fazenda e sei que tem outros doentes que precisam da sua presença. Ficarei o aguardando ansiosamente.
- Não se preocupe, Virgínia. Tudo acabará bem.
Ele despediu-se, inclinando-se com elegância e beijando-lhe a mão. Depois saiu, e ela continuou olhando seu cavalo que trotava pelo caminho e se afastava cada vez mais, até desaparecer na curva da estrada.
ALGUÉM FOI AVISAR MINHA MÃE de que eu queria falar-lhe. Respirando fundo, ela subiu as escadarias, preparando-se para a conversa com a filha que, tinha certeza, seria difícil. Entrou nos meus aposentos mostrando uma fisionomia serena e confiante. Sorriu, aproximando-se do leito:
- Boa tarde, minha filha, como está se sentindo?
- Mamãe! Que bom que chegou. Passei muito mal e tive sonhos horríveis. Preciso conversar com a senhora.
Ela sentou-se no leito e fez um gesto de concordância com as mãos:
- Pois muito bem, aqui estou.
Procurou esquadrihar-me o semblante para ver o que estava passando pela minha cabeça.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Mamãe, não acreditou no que aquele escravo horroroso disse contra mim, não é?

- Maria Eugênia, o Josias não falou nada contra você. Por que insiste nisso?

- Aquele escravo me odiava, mamãe! Mas agora ele está morto, não é?

Minha mãe encheu os pulmões de ar, como que procurando ganhar tempo, depois afirmou lentamente:

- Não, Maria Eugênia. Josias está se recuperando, segundo o doutor Teófilo.

Naquele momento, um medo terrível passou a tomar conta de mim. Em pânico, completamente desequilibrada, eu gritava a plenos pulmões:

- Não! Não é possível! Esse médico não sabe nada. Ele tem de estar morto! Depois de tudo o que fez, só merece morrer mesmo!

A senhora nunca notou como ele me olha com rancor?

Acalme-se, minha filha! Não se preocupe com ele; é apenas um escravo. Você não pode ficar assim agitada.

Ao mesmo tempo em que falava comigo, mamãe fez um sinal a Dinha que trouxe o remédio, do qual pingou algumas gotas na minha boca. Não demorou muito, comecei a sentir os efeitos do medicamento. Com voz enrolada, ainda murmurei:

- Ele é um ladrão, mamãe! Roubou as moedas de ouro! Viu quando elas caíram no chão? Ele não merece viver! Não merece...

- E como ele teria aberto o cofre, minha filha? - Ainda ouvi mamãe perguntar, mas não consegui responder.

Novamente mergulhei em sono profundo. Um sono repleto de pesadelos.

MINHA MÃE ESTAVA ARRASADA. Os olhos marejados de pranto mostravam a imensa dor que a dominava. A sensação de impotência, por não poder ajudar a própria filha, aliava-se ao medo da verdade que estava vindo à tona.

Permaneceu algum tempo no quarto em penumbra, acomodada em uma poltrona próxima ao leito da filha. Cansada de pensar, tentando encontrar uma saída para aquela situação, ela cochilou.

Os serviçais da casa estavam pesarosos e sem saber o que fazer. Avisada, Dinha subiu e levou o remédio para a senhora, acordando-a gentilmente.

- Tome, sinhá. Vai lhe fazer bem.

Em seguida, Dionísia levou-a para seus aposentos. Lá, a criada tirou-lhe o traje apertado, trocando-o por uma camisola, e acomodou-a no leito. Logo Odete entrou com uma xícara de chá de cidreira, para relaxar. Depois, correram as cortinas ficando o quarto em penumbra; saíram, fechando a porta e deixando-a repousar com tranquilidade.

29 - Recebendo visitas

Na manhã seguinte, quando Teófilo chegou à fazenda Santa Genoveva, ao aproximar-se da casa-grande, ficou sabendo das novidades por Tome, que estava à entrada. Apressou o passo, encaminhando-se para os aposentos da dona da casa. Bateu levemente na porta, e Dinha atendeu prontamente.

- Ah! Que bom que o sinhô chegou, doutor.

- Como está ela, Dionísia?

- Ontem a sinhá não passou muito bem, doutor, e tive de lhe dar o remédio. Mas agora está melhor. Veja! Está se mexendo. Vai acordar!

Ele aproximou-se do leito, olhou a mulher deitada e achou-a ainda mais bela. Talvez ouvindo o leve ruído de passos, as longas pestanas se abriram e dois olhos verdes e sonolentos o fitaram. Somente então ela deu-se conta do que estava acontecendo.

- Doutor! O senhor, aqui?

- Sim, minha senhora! Já passa das nove horas. Como

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
prometi, aqui estou. Pelo jeito dormiu muito bem! Como se sente?

Ela agarrou a mão do médico, atemorizada:

- Estou com medo, meu amigo. O que será que Josias sabe que apavora tanto a minha filha?

- Não se assuste, cara Virgínia. Fique tranqüila. Vou ver Maria Eugênia, depois irei até a senzala. Em seguida, voltarei com notícias. Agora, tome estas gotas e procure relaxar. Não me demoro.

Cerca de uma hora depois, ele retornou, encontrando-a ansiosa:

- E então? Falou com Josias?

- Acalme-se! Falei, sim. Porém teremos tempo para conversar. A senhora já tomou seu café da manhã?

Dinha, com a liberdade da longa convivência, antecipou-se e respondeu:

- Não tomou não, sinhô doutor. Quem sabe agora que o sinhô está aqui, a sinhá Virgínia aceite comer alguma coisa. O médico sorriu, animado:

- É verdade, Dinha! Com a pressa, também eu ainda não comi nada.

Mamãe devolveu-lhe o sorriso e estendeu o braço tocando a sineta. Quando a escrava apareceu, ela ordenou:

- Odete, traga café para dois, sim?

- É pra já, sinhá - disse, saindo do quarto.

Dinha ajudou sua senhora a se vestir. Em seguida, mamãe se levantou e acomodou-se com o médico em torno de uma pequena mesa redonda que ela, normalmente, usava para leituras. Não demorou muito, Odete entrou com a bandeja, colocando-a sobre a mesa. Teófilo ficou tão animado diante da fartura que mamãe também se rendeu. Ambos provaram de tudo. Ao terminar, satisfeitos, um olhou para o outro e trocaram um sorriso.

- Muito bem. É assim que gosto de vê-la, minha amiga Virgínia.

- Então, agora que satisfiz sua vontade e alimentei-me convenientemente, vai contar-me o que conversou com Josias, meu caro doutor?

Teófilo olhou para os lados, verificando se havia ouvidos indiscretos ali no quarto. Notando-lhe a preocupação, ela o serenou:

- Não há ninguém aqui, doutor. Odete foi cuidar de suas obrigações e Dinha foi ver minha filha. Pode falar sem medo.

Mais tranqüilo, ele relatou o que sabia:

- Conversei com Josias e ele falou-me sobre a sua fuga e como tinha sido capturado por Lupércio, o capitão do mato, entre outras coisas.

- O que mais ele lhe disse?

- Virgínia, temos de estar preparados para tudo.

- Como assim, Teófilo? Soube de mais alguma coisa? - indagou ansiosa.

- Quando estiver melhor, falaremos sobre isso.

- Não. Quero saber já! Sou forte o suficiente para enfrentar qualquer situação. Diga-me, o que mais ele disse? - exigiu ela, enérgica.

- Bem, já que insiste. A mim, Josias contou que tinha recebido as moedas das mãos da sinhazinha, como pagamento por um serviço realizado.

- Serviço realizado? Que ligações poderia ter minha filha com esse escravo?

- A senhora não imagina?

- Será por ter... enfim... tem a ver com Miguel?

- Tem.

- Meu Deus! Ele disse isso?

- Sim, com todas as letras.

- Então aquilo que eu suspeitava era verdade!

- Infelizmente! E tem mais... - disse ele, lentamente e com cuidado, sabendo que iria ferir ainda mais aquele coração de

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
mãe, mas que ela precisava saber de toda a verdade, como um tumor que precisa ser extirpado para destilar toda a podridão.

- Mais ainda?...

- Sim, Virgínia. Josias contou-me que, saindo da propriedade levou um farnel que Maria Eugênia lhe preparara. Ao sentir fome, parou e abriu a sacola. Ia comer um pedaço de pão com carne, quando um cachorro se aproximou dele, faminto; penalizado, deu um pedaço da carne ao animal, Como estivesse com sede, antes de comer, desceu até o riacho, lavou o rosto e bebeu água. Ao voltar, o cão estava morto.

Com os olhos arregalados de susto e medo, ela levou as mãos à cabeça, desesperada:

- Não posso acreditar, Teófilo! Ela pretendia matar Josias para eliminar qualquer prova contra ela! Meu Deus, isso já é demais para minha cabeça, não vou suportar! - gritou em lágrimas.

Ele abraçou-a, envolvendo-a com imenso carinho.

- E agora, Teófilo? O que será de nós? O que será de Maria Eugênia?

- Fique tranqüila. Deixe isso por minha conta. Confie em mim!

- Eu confio! Ah, como eu confio!...

Trocaram um olhar em que havia tanto entendimento entre eles, que as palavras eram desnecessárias.

Virgínia pensava: "Quantos anos da minha existência eu sofri com um homem que não me compreendia nem me amava! Ou melhor, amava-me do seu jeito. E agora, somente agora, quando já é tarde, encontro alguém que me compreende e que poderia me fazer feliz!".

De sua parte, Teófilo suspirava, refletindo: "Quantos anos eu passei sofrendo pela perda de minha querida esposa, sem conseguir ligar-me a mulher alguma. Agora, que já nem pensava mais em refazer minha vida, descubro a pessoa que poderia me fazer feliz! Quem sabe não é tarde demais?"
Estavam assim, abraçados, envolvidos pela descoberta um do outro. Ela levantou a cabeça do peito dele, afastando-se um pouco; ele tomou entre suas mãos as mãos dela e fitavam-se sem nada dizer quando ouviram duas batidas leves na porta e se assustaram. Era Odete.

- Sinhá Virgínia, o sinhô Guilherme chegou com visitas lá de Santa Clara.

- Guilherme?... E quem mais?

- Trouxe um casal que eu não conheço, sinhá.

- Ah, sim! Com certeza devem ser Marie e Pierre. Avise as visitas que estou descendo, Odete. E peça a Dinha que venha me ajudar.

- Sim, sinhá.

Mamãe tinha os olhos arregalados e a expressão preocupada.

"Visitas logo hoje, que estamos com tantos problemas?"

- O que houve, Virgínia? Parece-me inquieta.

- É que não esperava visitas, Teófilo. Pelo menos, não hoje, que está tudo tão conturbado aqui em casa!

- Acalme-se, Virgínia. Quem sabe a vinda de Guilherme não foi providencial? Lembre-se de que precisamos de informações que só ele poderá nos dar. Talvez a mim ele fale sobre o envolvimento dele com a Rita. Vou descer e fazer sala às visitas, enquanto troca de roupa.

- Tem razão, Teófilo. Obrigada. Que seria de mim sem você?

O médico sorriu, satisfeito diante dessas palavras; saiu do quarto e desceu as escadarias alegre, mas curioso. Enfim, iria conhecer o casal ao qual ela se referira no dia anterior.

Ao vê-lo, Guilherme levantou-se sorridente, cumprimentando-o:

- Bom dia, doutor Teófilo! Que feliz encontro! Não esperava vê-lo aqui. Tenho o prazer de apresentar-lhe meus

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
amigos Pierre e Marie Legrand, que estão de visita à nossa região.

- Ah, sim?... Muito prazer em conhecê-los. E vieram de onde?

- Da França; mais especificamente, de Paris - respondeu Pierre, estendendo-lhe a mão.

- Ah! A Europa! Estou com saudade da cultura e da beleza que lá podemos desfrutar. Infelizmente, toda vez que programo uma viagem, meus pacientes não concordam e caem de cama.

Todos riram, enquanto se acomodavam na sala de visitas, conversando sobre trivialidades.

- Para franceses, falam muito bem nosso idioma - considerou Teófilo.

- Na verdade, sou brasileiro e ensinei a Marie a nossa língua.

Um quarto de hora depois, a dona da casa desceu bem arrumada e bela como sempre. Não fosse por leve palidez - que somente alguém que a conhecia bem poderia notar, apesar do colorido que colocara nas faces -, não se perceberia que estava atravessando problemas.

Guilherme desculpou-se por terem vindo sem avisar. Após a troca de cumprimentos, a dona da casa afirmou:

- Não se desculpe, caro Guilherme. Sinto-me satisfeita por tê-los aqui em nossa casa e muito feliz de reencontrar os amigos Marie e Pierre.

O médico comentou que também se sentia satisfeito por conhecer o casal que viera de além-mar, do qual já tivera notícias pela senhora Virgínia, ao que Guilherme retrucou:

- O doutor já poderia tê-los conhecido, se não demorasse tanto a nos visitar.

- Tem razão, Guilherme. Estou em falta com seu pai. No entanto, devo estar por lá nos próximos dias.

- Essa é uma boa notícia, doutor Teófilo. Minha mãe ficará satisfeita. A propósito, senhora Virgínia, desculpe-me perguntar, como está Maria Eugênia? Fiquei sabendo que enfrentaram problemas um dia desses e cá estou, juntamente com os amigos, para apresentar-lhes nossa solidariedade e também ajudar, se possível. Afinal, ainda sou esposo de Maria Eugênia e me considero da família - disse Guilherme.

- Agradeço-lhe, Guilherme. Sempre foi um filho para mim, sabe disso. Maria Eugênia está acamada, porém seu estado é relativamente bom.

- E o escravo Josias, doutor? - ele indagou, dirigindo-se ao médico.

- Vai muito bem. Recupera-se de forma promissora, Guilherme.

- Ótima notícia, doutor.

- Sem dúvida.

Conversaram amistosamente durante algum tempo, quando Guilherme, trocando um olhar com o casal, afirmou que precisavam despedir-se, ao que a dona da casa reagiu:

- Absolutamente! Não aceito de maneira alguma. Afinal, esta é a primeira vez que nossos amigos Marie e Pierre Legrand vêm à nossa casa. São nossos convidados para o almoço, e não abro mão disso. Temos tão poucas ocasiões de estarmos juntos, que não podemos perder a oportunidade quando ela se apresenta.

- Senhora Virgínia, se faz tanta questão, ficaremos com prazer.

A dona da casa virou-se para o médico:

- Também o senhor, doutor Teófilo, espero que fique. A não ser que tenha compromissos na cidade...

Ele lançou um longo olhar para ela e sorriu:

- Não tenho compromissos. Reservei este dia para a Santa Genoveva. Terei prazer em aceitar seu convite, senhora Virgínia.

- Sinto-me deveras feliz, pois hoje será um dia festivo.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Desde que meu marido faleceu, não recebíamos os amigos em nossa casa. Então, dêem-me licença. Preciso dar algumas ordens na cozinha.

Ela saiu e eles continuaram conversando. Odete levou café para as visitas e, nesse momento de descontração, o médico ficou perto de Marie, travando diálogo com ela.

- Gostaria de ter ocasião de podermos conversar, senhora Marie. Virgínia assegurou-me que possui idéias bastante interessantes sobre a alma humana.

Com leve e descontraído sorriso, Marie afirmou:

- Estou à sua disposição, doutor. Poderemos conversar a hora que o senhor quiser.

- Ótimo! Quem sabe hoje mesmo, não? Penso que esta oportunidade não surgiu por acaso.

- Também penso assim, doutor.

- E o senhor Pierre partilha de suas idéias?

- Digamos que meu esposo aceita, com restrições - respondeu, com sorriso cativante.

O médico examinava-a disfarçadamente. Ela era mais jovem do que julgara. Tinha uma expressão de menina, os olhos mais azuis que ele já vira, a pele cheia de sardas e uma surpreendente cabeleira ruiva. Nada nela era comum, usual. No entanto, irradiava ternura, sinceridade e falava com segurança.

Providencialmente, Pierre demonstrou desejo de conhecer a fazenda, e Guilherme dispôs-se a acompanhá-lo. Marie trocou um olhar com Teófilo como se dissesse "esta é outra oportunidade que não podemos desprezar".

A dona da casa retornara da cozinha e acomodara-se em uma poltrona ao lado de Marie. O médico aproveitou o momento para sugerir:

- Cara Virgínia, há pouco eu falava com a senhora Marie sobre o que conversamos ainda ontem. Apreciaria saber a opinião dela sobre a situação que estamos atravessando e que envolve diretamente Maria Eugênia. Mamãe aprovou a feliz lembrança:

- Querida Marie, não imagina os problemas que estamos enfrentando!

- Pelas notícias que tivemos hoje, posso fazer uma idéia.

- A propósito, como ficaram sabendo assim tão rápido sobre o acontecido aqui na Santa Genoveva? - indagou o médico, curioso.

- Parece que um escravo aqui da fazenda estava trabalhando para os lados da Santa Clara e encontrou um escravo de lá, seu conhecido, que vinha pela estrada a caminho da vila. Conversaram e este foi informado do que houve; desistiu de ir para a vila, que era seu destino, e, voltando para a Santa Clara, contou a novidade a Guilherme, haja vista o parentesco que une as famílias.

- É, as notícias correm! Mas, gostaria que me falasse um pouco de seus estudos sobre a alma - pediu ele, não querendo perder tempo.

- Falarei, com certeza. Todavia, gostaria antes de ver Maria Eugênia.

- Claro, Marie! Venha! Vamos até os aposentos dela - disse minha mãe.

Os três subiram as escadarias e, atravessando o corredor, chegaram aos aposentos da doente. A dona da casa abriu a porta, e Dinha, que estava ao lado do leito, veio ao encontro das senhoras e do médico.

- Como está minha filha, Dinha?

- Ainda dorme, sinhá. No entanto, noto que seu sono não é tranquilo, tem momentos em que parece estar tendo pesadelos. Agora, está mais calma.

- Obrigada, Dinha. Se quiser, pode descer um pouco.

Ficaremos aqui ao lado dela. Se precisar, tocarei a sineta.

- Sim, sinhá. Com sua licença.

Após a saída da criada, eles se aproximaram mais do leito,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
onde a jovem dormia. Marie examinou-a atentamente, depois cerrou os olhos, como se procurando perceber algo mais. O médico e minha mãe não a perdiam de vista, por motivos diferentes. Teófilo, interessado em saber como ela agia, e a mãe preocupada com a filha. Após uns dez minutos, Marie pareceu sair daquele estranho estado e comentou em voz baixa:

- Pobrezinha. Ela sofre muito.

- Como chegou a essa conclusão, senhora? - indagou o médico.

- Vejo-a cercada por seres que desejam destruí-la.

- Como assim? - contra-atacou o médico, com uma ponta de ironia.

- Não é bom conversarmos aqui, perto dela.

A dona da casa levou-os até uma pequena sala, à entrada dos aposentos, onde havia um sofá e uma poltrona.

Acomodaram-se, e Marie, fitando o médico, passou a responder:

- Doutor Teófilo. Sei que não deve acreditar nessas coisas, mas foi o senhor que me perguntou sobre o que eu pensava a respeito da alma humana. Então, lhe respondo: o que vi tem relação com sua pergunta.

- Pode explicar-se melhor, senhora?

- Sem dúvida. Veja! A alma é o ser inteligente que habita um corpo material, como se fosse uma vestimenta, e é o que lhe dá vida! Todos nós somos almas que ocupam provisoriamente

um corpo terreno, para aprendizado e conseqüente progresso. Quando o corpo morre, a alma se desliga dele e continua vivendo, de acordo com suas tendências boas ou más, ou com o que já aprendeu.

- Se bem entendi, quer dizer que esses seres que a senhora diz que viu são almas que já ocuparam um corpo de carne?

- Exatamente. Neste caso, em especial, tentam vingar-se de Maria Eugênia, a quem acusam de lhes ter feito muito mal.

- Quando?

- Não sei. Nesta existência ou em outras.

- Em outras existências? A senhora acredita nas vidas sucessivas, então?

- Parece-me que é a única opção aceitável para podermos acreditar na Justiça Divina. Como imaginarmos um mundo em que existem senhores e escravos, homens bons e maus, doentes e sãos, todos criados por Deus? Como entendermos tais diferenças, se Jesus nos ensinou que Deus é Pai e que ama a todos os seus filhos da mesma maneira?

Teófilo estava surpreso com as explicações de Marie. Cruzando os braços à frente do peito, prosseguiu questionando:

- E as almas que vivem em nosso mundo, ficam presas ao corpo que habitam?

- De certa forma, sim. No entanto, quando o corpo dorme, a alma pode ganhar o espaço e viver uma outra vida, ir em busca de seus interesses, como um pássaro que readquire a liberdade.

- Entendo. Quer dizer que alguém pode deslocar-se e ir a outro lugar, mesmo longe? Pode aparecer para outras pessoas?

- Sem dúvida.

Teófilo trocou um olhar com mamãe, que não passou despercebido a Marie, que prosseguiu, esclarecendo:

- Fatos semelhantes aconteceram com Maria Eugênia em Paris, quando ela teve ocasião de ver uma mulher no quarto de hotel em que se hospedava com Guilherme.

- Sim, Virgínia falou-me sobre isso. Como médico, ouvi relatos de fatos do gênero inúmeras vezes em minha

vida, especialmente de doentes graves que, aproximando-se da hora da morte, viam pessoas falecidas, parentes ou amigos. Mas, na verdade, sempre julguei que fossem causados pela credence

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
popular.

- Não são. Posso, inclusive, passar ao senhor um material que coletei e que prova essa realidade. Trouxe comigo para o Brasil e, se for do seu interesse, terei prazer em emprestar-lhe.

Teófilo sorriu, agradecido:

- Faça-me essa gentileza e ficarei muito grato. Aliás, por esses dias devo ir à Santa Clara ver meu amigo Valentim, e aproveitarei para pegar esse material.

- Ótimo! Sem problemas, doutor,

- Obrigado, senhora. Confesso que estou surpreso com tudo o que afirmou. São conhecimentos que não se encontram em livros, pelo menos não que eu saiba. Poderia dizer-me onde os obteve, ou com quem?

- A princípio, aprendi com os filósofos. Sócrates e Platão já falavam sobre esses assuntos.

- É verdade. Porém, nunca fui muito ligado à Filosofia. Sempre tive mais interesse pela Biologia e pela Anatomia, tanto é que fiz Medicina.

- Entendo. Depois, fui orientada pelos anjos de luz.

- Mas, que interessante! A senhora recebeu orientação de anjos de luz? A senhora os vê?

Marie sorriu diante da perplexidade do doutor, e seu rosto sardento se iluminou:

- Sim, eu os vejo, ouço e converso com eles. São almas de pessoas que já viveram na Terra e que agora habitam outro mundo, como eles dizem. A diferença entre eles e os seres que vi há pouco é que esses anjos são bons, procuram ajudar as pessoas, têm uma moral elevada e só desejam o bem do próximo. São muito belos, e a luz que os envolve atesta-lhes a condição de almas superiores a nós.

- E os outros, os que a senhora viu perto da menina?

- São feios, sujos e escuros, denotando a condição inferior em que vivem.

O médico estava pasmo diante de tudo o que ouvira. A francesinha crescera agora diante de seus olhos, ganhando uma aura de credibilidade, maturidade e respeito. Fitando-a com expressão diferente no olhar, ele confessou:

- Senhora Marie, tenho de refletir muito sobre tudo o que a senhora afirmou. Prometo-lhe analisar com bastante interesse as suas idéias. Se puder emprestar-me o material sobre o qual se referiu, ficar-lhe-ei muito grato.

- Sem dúvida.

- Pensando bem, creio que irei amanhã mesmo à Santa Clara. Estou ansioso para ter nas mãos esse material.

Mas, quanto aos anjos de luz, somente a senhora pode vê-los e ser orientada por eles?

Ela balançou a cabeça negativamente, sorrindo:

- Não, claro que não. Tenho certeza de que outras pessoas também os vêem e ouvem. De resto, eles afirmam que está perto o tempo em que todas essas verdades serão conhecidas por todos aqui do nosso mundo terreno.

- Muito interessante! Oxalá venha logo essa era de luz!

Naquele momento, uma onda de vibrações boas inundou o ambiente de bem-estar, paz e esperança. Marie comentou com sua voz doce e maviosa:

- Sentem uma sensação boa? Os anjos de luz estão aqui!

Vamos aproveitar a presença deles para orar a benefício de Maria Eugênia. Eles sempre afirmam que a oração tem muito poder.

Marie convidou-os para irem ao quarto da doente e, lá, posicionaram-se em torno do leito, de mãos dadas. A francesa ergueu a fronte e, fechando os olhos, orou o Pai-Nosso em voz alta, sendo acompanhada por Teófilo e mamãe.

Depois, comentou:

- Maria Eugênia foi ajudada. O ambiente agora está limpo e bem mais agradável, com a bênção de Deus!

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Como a hora avançava, a dona da casa convidou-os a descerem. O almoço não tardaria a ser servido.

30 - Informações inquietantes

Marie, Virgínia e Teófilo desceram as escadarias e, ao entrarem na sala, encontraram Guilherme e Pierre, que haviam voltado do giro pela propriedade e conversavam animadamente sobre tudo o que tinham visto. Pierre estava encantado e, diante da dona da casa, externou sua admiração:

- Parabéns, senhora Virgínia! Pelo que pude perceber, tem administrado muito bem a fazenda, inclusive fazendo modificações, acrescentando melhorias.

- Obrigada, senhor Pierre. Faço o que posso. Felipe Figueiroa, meu falecido marido, tinha uma maneira de pensar mais rígida, sempre avesso a mudanças e, assim, não aceitava novidades. Penso diferente e busco o progresso. Em relação aos escravos, por exemplo, acredito que devam ser tratados com mais dignidade e respeito, como seres humanos que são, e coloco em ação minhas idéias.

- Sem dúvida. Conversei com alguns deles e pude notar que se sentem felizes, trabalham sorridentes e, aqueles que têm família, falam com satisfação das novas casas que ganharam.

- Procuo fazer o melhor para eles, senhor Pierre. Dessa forma, todos nós ganhamos. Desde que foram abolidos os castigos no tronco, os escravos tornaram-se mais tranqüilos e satisfeitos, trabalham com mais disposição, o que tem gerado um rendimento significativamente maior.

Pierre, com verdadeiro entusiasmo, prosseguiu:

- A senhora está aplicando idéias humanistas de profundo valor social. Enquanto houver escravidão, que sejam dadas melhores condições de vida para os escravos.

Evidentemente, os abolicionistas desejam mais: a extinção do tráfico e da escravatura, algum dia, será realidade em nossa terra, a exemplo de outros países. Mas as mudanças devem começar dessa forma, devagar, de modo a se transformarem em um hábito para a sociedade e modificar o modo de pensar e os costumes dos fazendeiros, por atitudes mais dignas e respeitadas em relação aos seus servos.

Guilherme, que ouvia calado, mas com interesse, afirmou com ênfase:

- Penso exatamente como você, Pierre. É inadmissível que ainda tenhamos escravos aqui no Brasil. Estou tentando modificar as coisas lá na Santa Clara, porém reconheço que, enquanto meu pai for vivo, será difícil. Ele não aceita minhas idéias, que considera revolucionárias e prejudiciais aos nossos interesses.

Concordando com ele, a dona da casa acrescentou:

- É só uma questão de tempo, Guilherme, como afirma nosso amigo Pierre. Tenho recebido informações de várias pessoas, donos de terras, que já pensam como nós. Nossa posição tem recebido valiosa colaboração de todos aqueles que estudaram na Europa, como nós, e que retornam com o pensamento abolicionista, não aceitando mais a escravatura em nossa sociedade, e que irão colaborar na implantação de novas conquistas. Particularmente, considero vergonhoso o fato de ainda termos escravos aqui no Brasil.

Em seguida, notando que Odete assomara à porta e lhe fizera um sinal, levantou-se e, com um sorriso, convidou os demais:

- Caros amigos, nossa conversa está ótima, porém o almoço será servido dentro em pouco; passemos à sala de jantar.

Dialogando alegremente, os convidados acompanharam a dona da casa, encaminhando-se à sala ao lado e acomodando-se em torno da grande mesa, impecavelmente arrumada.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

A cabeceira, mamãe exercia perfeitamente seu papel de anfitriã. Ao terminar a refeição, Marie elogiou o almoço.

- Cara Virgínia, os pratos aqui servidos e as sobremesas agradariam aos mais exigentes paladares!

- Agradeço-lhe as palavras gentis, minha querida. O elogio, vindo de uma francesa, tem ainda mais valor. Florência, minha cozinheira, ficará orgulhosa! - disse com um sorriso, e completou:

- Uma vez que todos estão satisfeitos, passemos à outra sala. Os cavalheiros, após o café, trocaram idéias sobre negócios e a situação econômica do país, uma vez que a cultura da cana-de-açúcar estava em decadência e as plantações de café surgiam com plena força, gerando lucros extraordinários, visto que não exigiam grandes e vultosos investimentos, como a montagem do engenho.

As mulheres, em outro canto, um pouco afastadas, falavam sobre assuntos mais amenos.

- Lamento profundamente, Marie, que a querida Leonora não tenha podido acompanhá-los. Seria muito bom se ela também estivesse aqui conosco.

- Sem dúvida, Virgínia. Todavia, nossa hospedeira não podia afastar-se do solar, pois monsieur Cerqueira não estava sentindo-se bem hoje. Ah! Leonora tem sofrido bastante!

- Pobre Valentim! Está muito doente, o que torna a vida de nossa amiga mais difícil - lamentou minha mãe.

- Sim, mas não me refiro somente à doença, que por si só é bastante grave. Noto também, Virgínia, que monsieur Cerqueira é alguém de personalidade muito difícil. A enfermidade é algo que pode atingir qualquer pessoa, porém conheço doentes em piores condições que a dele e que são tranquilos e resignados. Monsieur Cerqueira, porém, se comporta pessimamente. Lamento por Leonora, que tenta disfarçar-lhe as grosserias, as indelicadezas, justificando-lhe as atitudes.

A anfitriã meneou a cabeça, concordando:

- Compreendo o que quer dizer, Marie. Conheço a família Cerqueira há longo tempo e posso lhe assegurar que ele sempre foi assim, difícil e descontente com tudo. Por mais que a esposa

tente agradar-lhe, não consegue. Por que tal comportamento? Sempre teve tudo! Lembro-me de Valentim quando jovem. Era um rapaz bonito, elegante e muito rico; casou-se com uma das moças mais belas da nossa região e, apesar do que a vida lhe tem dado, vive insatisfeito, Marie pareceu pensar por alguns instantes e depois considerou:

- Virgínia, uma parte desse comportamento é dele mesmo, isto é, monsieur Cerqueira mostra o que realmente é. Outra parte é causada por inimigos espirituais, que ele fez com seu modo de ser, nesta ou em outras vidas.

A anfitriã olhou-a espantada:

- Você os vê?

- Sim, como a vejo agora. Perturbam-no, aumentam-lhe as dores, provocam mal-estar, angústia e desequilíbrio. É por isso que ele se sente muito pior do que realmente deveria estar.

A amiga fitou-a, mostrando que entendera a situação, a qual lamentava profundamente, e indagou-lhe:

- Marie, o caso de minha filha é semelhante ao de Valentim Cerqueira, não é?

- De certo modo, sim, Virgínia.

- Foi o que pensei. Diga-me uma coisa: quais almas penadas você viu junto de Maria Eugênia, quando estávamos nos aposentos dela?

- Várias almas sofredoras e encolerizadas, como a escrava Rita, Miguel, o pai dela, monsieur Felipe Figueiroa, monsieur Frederico Figueiroa e várias outras.

Minha mãe estava surpresa.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Marie, como sabe que são essas pessoas se não os conheceu em vida? Meu sogro, especialmente, Frederico Figueiroa, morreu há muito tempo!

- Eu sei, simplesmente.

- Ah!... E o que dizem essas almas penadas?

- De modo geral, acusam Maria Eugênia por males que lhes causou. Outros, como o pai dela e o avô, tentam fazer com que ela reaja e lute, para tomar conta da fazenda, que julgam mal administrada, entre outras coisas.

- Meu Deus! Então, é verdade que meu falecido esposo está por aqui?! Por isso notei em minha filha reações e idéias extremamente parecidas com as dele!

- Sem dúvida. Em Maria Eugênia, que é filha e com a qual ele tem relações, monsieur Felipe Figueiroa encontrou alguém maleável e dócil a seus pensamentos, capaz de tomar atitudes por ele!

A dona da casa estava assustada.

- Mas então a situação é muito pior do que pensava! Com serenidade e firmeza, Marie respondeu, tentando serenar a dona da casa:

- Não diria que a situação é pior, Virgínia, porém que precisa ser tratada de outra maneira.

A anfitriã ia perguntar que "outra maneira" seria essa, quando viu Guilherme que se aproximava, falando da necessidade de se despedirem.

- Querida senhora Virgínia! Precisamos partir agora, pois já é tarde e tenho providências a tomar ainda hoje.

Marie levantou-se e, olhando para a amiga, as segurou-lhe:

- Obrigada pela hospitalidade, Virgínia. Voltaremos o mais rápido possível ao assunto sobre o qual falávamos. Não se preocupe.

Despediram-se e, alguns minutos depois, a carruagem levando Pierre, Marie e Guilherme desaparecia ao longe, na curva da estrada.

Com expressão grave, Teófilo aproximou-se mais da amiga, segurou-lhe a mão e convidou:

- Venha comigo! Vamos caminhar um pouco pelo jardim, Virgínia.

Com um sorriso, ele ofereceu-lhe o braço e saíram pelas alamedas, lentamente, apreciando a tarde morna e bela, com o sol mais ameno.

- Tivemos um dia realmente agradabilíssimo, não é verdade? Tudo foi perfeito. Apesar da contrariedade que sentiu quando eles chegaram, logo pela manhã, considero que foi um dia, além de aprazível, bastante instrutivo.

- É verdade - respondeu ela, distraída.

O médico voltou à carga:

- Contudo, para alguém que teve um bom dia, está muito preocupada. Gostaria de saber o que a deixou com a testa tão franzida.

Mas ela continuava calada, olhando fixamente para a frente, imersa em seus pensamentos. Teófilo apertou delicadamente a mão que se lhe apoiava no braço e insistiu:

- Não me responde, Virgínia?

Parecendo ter voltado a si, afinal ela se deu conta da presença dele.

- Desculpe-me. Falou comigo, Teófilo?

Balançando a cabeça, ele afirmou:

- Parece que o problema é sério. Nem sequer ouve o que digo! O que está acontecendo, Virgínia? Foi a conversa que teve com Marie que a deixou desse jeito?

Ela sentia-se perturbada, tensa. Como estavam perto do caramanchão de rosas, ela sugeriu:

- Vamos sentar-nos ali. Preciso repousar um pouco.

Acomodaram-se no banco, e Teófilo voltou a indagar-lhe:

- Então, vai me contar ou não o que a preocupa?

Virando-se para seu acompanhante, ela tinha os olhos

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
marejados de lágrimas.

- Estou com medo, meu amigo.

Ela parecia um passarinho assustado, e Teófilo aconchegou-a em seus braços. Com a cabeça dela apoiada em seu peito, ele sentia um calor gostoso invadi-lo.

- Eu estou aqui, Virgínia. Nada tema, minha querida.

Conte-me o que a aflige.

Ganhando ânimo, ela respirou profundamente e começou a narrar-lhe a conversa que tivera com Marie, e que tanto a deixara assustada. Depois, sem poder segurar mais as lágrimas, ela lhe perguntou:

- Será possível? Será verdade o que ela me disse?

- Não sei, minha querida. No entanto, você não afirmou que Marie viu almas ou seres?

- Sim, isso mesmo.

- Então, como Marie poderia saber que eram Rita, Miguel, Felipe, seu falecido marido, e até Frederico Figueiroa, seu sogro?

- É verdade. Concordo com você. Mas tudo isso é um enigma.

Com expressão grave, Teófilo respondeu:

- Pois pretendo decifrar esse enigma com a maior brevidade possível. Estou resolvido a ir amanhã cedo à fazenda Santa Clara. Primeiro, passarei para dar uma olhada em Maria Eugênia, em Josias e, claro, em você - falou, endereçando-lhe um olhar cheio de amor, e completou - depois visitarei Valentim Cerqueira, já que o trajeto é o mesmo.

A amiga corou sob esse olhar e levantou a cabeça, interessada.

- Bem pensado, Teófilo. Posso acompanhá-lo? Isto é, se não for atrapalhar...

Com largo sorriso o médico aprovou:

- Ótima idéia! Iremos juntos. Será um prazer tê-la ao meu lado nessa pequena viagem. Além disso, teremos ocasião de conversar com Marie e trocar idéias sobre esses assuntos que tanto a incomodam.

A dona da casa desanuviou o semblante, mais calma com a decisão tomada. Eles permaneceram algum tempo calados, aproveitando a proximidade um do outro, sentindo o coração bater em único som, até que Teófilo murmurou:

- Lamento, minha querida. Ficaria o resto da tarde aqui, ao seu lado, porém preciso retornar para a vila.

Ela levantou a cabeça, ajeitou os cabelos e balbuciou terna:

- Eu sei. Amanhã cedo estaremos juntos de novo. Também preciso tomar algumas providências, uma vez que amanhã irei ausentar-me. Vamos?

Ergueram-se e voltaram para o casarão, caminhando lentamente, como se quisessem estender ao máximo os instantes que lhes restavam. Entraram na casa-grande e o doutor subiu as escadarias para dar mais uma olhada em sua paciente. Como ela estivesse dormindo tranquilamente, reiterou as recomendações à Dionísia e desceu. Tome trouxe o cavalo do médico, e ele despediu-se:

- Então, até amanhã, Virgínia.

- Até amanhã, Teófilo.

Após a partida do médico, mamãe chamou seu capataz.

Notificou-o de que precisaria ausentar-se no dia seguinte, deu-lhe algumas ordens e informou:

- Pretendo ir até a fazenda Santa Clara. Se houver algum imprevisto e precisar de mim, sabe onde me encontrar.

- Sim, senhora Virgínia. Não se preocupe. Não vai acontecer nada.

- Espero. Confio em você, Roque.

- Vá sossegada, senhora. Tomarei conta de tudo por aqui.

O capataz afastou-se e ela subiu as escadarias para repousar um pouco em seus aposentos. Antes, foi me ver.

- Como ela está, Dinha?

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Bem, sinhá. Dorme tranqüila há horas. Não percebi mais aquela agitação de antes.

- Graças a Deus! Dinha, estou bastante cansada e vou repousar um pouco. Se minha filha acordar, ou se precisar de alguma coisa, avise-me.

- Sim, sinhá Virgínia.

A senhora entrou em seus aposentos e jogou-se no leito. Estava com a cabeça confusa e precisava repousar. Os problemas eram muitos, as preocupações imensas, e, diante de assuntos que não entendia, sentia-se perdida. Ansiava por conversar com Marie, pedir-lhe explicações, tentar entender o que estava acontecendo. Tensa e ansiosa, ela mal conseguia esperar pelo dia seguinte.

Odete veio avisar que o jantar estava pronto e Florência queria saber se podia servi-lo.

- Odete, eu não estou com disposição para descer mais hoje. Traga-me apenas alguma coisa leve: um prato de sopa e algumas torradas, sim?

Não demorou muito, a escrava retornou com uma bandeja que continha um prato de sopa de aroma irresistível, mais algumas torradas e um copo de suco.

A senhora sentou-se à pequena mesa redonda e comeu com vontade. Depois, a criada tirou-lhe as roupas, vestindo-lhe uma leve camisa de dormir. Ela voltou para o leito, tomou as gotas prescritas pelo médico e, em pouco tempo, estava dormindo a sono solto.

MAMÃE DESPERTOU NA MANHÃ seguinte sentindo-se bem-disposta e tranqüila. Lembrava-se de ter sonhado com pai Albino e conversado muito com ele. Então, ela bateu na testa, dando-se conta: "Como não me lembrei de pai Albino, justamente ele, que sempre me tem socorrido nas necessidades? Preciso falar com ele!"

Tocou a sineta chamando a criada para ajudá-la a se vestir. Logo mais, já estava tomando o café da manhã. Sentando-se à mesa, pediu a Odete que fosse chamar pai Albino. Acabara de sentar-se no seu gabinete, quando o ancião chegou com seu jeito manso:

- A sinhá me chamou?

- Ah! Pai Albino, preciso muito lhe falar. Sente-se, por favor. Sabe que sonhei com o pai Albino esta noite? Ele acomodou-se, dando uma risadinha.

- Sei sim, filha. Conversamos bastante.

- No entanto, não me recordo de nada. Despertei bem, serena, mas de nada me lembro.

- Não tem importância, filha. Sua alma sabe. Vai lembrar aos poucos, quando precisar.

- Ah!... Pai Albino, estou preocupada com minha filha. Uma amiga disse-me que várias almas penadas estão tentando prejudicar Maria Eugênia! O que faço?

- Ore, sinhá Virgínia. Ore. Quanto ao que sua amiga falou, já conversamos sobre isso, lembra-se?

- Sim, pai Albino. Mas até meu sogro, Frederico Figueiroa, está junto dela!

- Cada um de nós atrai para perto de si aqueles com os quais tem ligação, filha. Vá conversar com sua amiga que veio de longe. Ela poderá ajudar bastante e orientar a sinhá quanto a esse problema, Todos nós trabalhando juntos podemos fazer muito pela sinhazinha e por aqueles que já morreram e continuam presos ao nosso mundo.

- Obrigada, pai Albino. E que Deus nos ajude! Hoje mesmo vou falar com minha amiga.

O idoso levantou-se e deixou a sala lentamente. Ela, mais encorajada, ficou mais um pouco ali, colocando em ordem alguns papéis. Não tardou muito, Teófilo chegou. Cumprimentaram-se e subiram para os seus aposentos. Acordada, eu tomava o café da manhã.

- Bom dia, minha filha! Está com ótima aparência hoje.

- Tenho dormido bastante, mamãe.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
- Como se sente, Maria Eugênia? - o médico perguntou, examinando-a.

- Estou bem, doutor. Um pouco sonolenta, apenas.

- É natural. Você precisa de bastante repouso. Se conseguir, leia um pouco, que lhe fará bem. Mais tarde voltarei para vê-la.

Mamãe e o médico saíram, após ele ter feito algumas recomendações à Dinha.

Desceram às escadarias e seguiram para a porta da frente. De braços dados, caminharam até a carruagem, que estava à espera. O dia amanhecera limpo e claro. A passarada voava no alto, enquanto outros gorjeavam nas árvores. Tudo lhes parecia maravilhoso nesse dia; satisfeitos por estarem juntos, a sós, trocavam olhares carinhosos. Teófilo, pela primeira vez, falou dos seus sentimentos:

- Virgínia, nesses poucos dias de maior convivência, eu me deixei envolver pelo seu fascínio, pela sua presença encantadora. A verdade é que eu amo você como nunca amei antes na vida.

Ela deitou a cabeça no ombro dele e corou de prazer ao ouvir essas palavras.

- Também eu, Teófilo; descobri em você o amor da minha vida. Jamais amei ninguém antes, pode acreditar. Casei-me por um acordo entre famílias, não por amor. E, ainda que honrasse e respeitasse meu marido, ele nunca conseguiu despertar em mim outro sentimento que não fosse carinho e amizade.

Teófilo, delicadamente, levantou o queixo de sua acompanhante e beijou-a com ternura e emoção. Ambos estavam enlevados e felizes. Uma última reação surgiu nela, que se afastou um pouco dele, exclamando:

- Não sei se estamos agindo bem, Teófilo. Afinal, tenho uma posição a manter, uma filha, e não sei...

Ele sorriu, passando a mão pelos cabelos macios e perfumados dela:

- Minha querida, você e eu somos livres! Ambos somos viúvos e não temos de dar satisfação da nossa vida a ninguém. Temos o direito de ser felizes.

- Tem razão, querido! Só devemos satisfação às nossas famílias.

Conversando, nem perceberam o tempo passar. Quando a carruagem parou, estavam na fazenda Santa Clara.

31 - Os mortos falam!

Leonora andava distraída pelo jardim, contemplando suas flores, quando ouviu o ruído de uma carruagem que chegava; ergueu a cabeça e, reconhecendo que era da fazenda Santa Genoveva, com muita satisfação foi receber as visitas.

Teófilo apeou, depois se virou e deu a mão à sua acompanhante, ajudando-a a descer.

- Sejam bem-vindos à nossa casa!

Leonora abraçou a amiga com imenso carinho, em seguida cumprimentou o médico, eufórica:

- Que lembrança feliz, doutor! Estávamos com saudade do senhor. Desta vez, demorou muito a vir nos visitar.

Guilherme avisou-me de que o senhor estava por vir e fiquei contente, pois Valentim tem estado inquieto e nervoso.

Teófilo inclinou-se, beijando-lhe a mão estendida, enquanto justificava-se:

- Tem razão, senhora Leonora. Estava devendo-lhes uma visita, porém os compromissos eram muitos e inadiáveis. Mas não pense que me descuidei do meu amigo e paciente Valentim,

pois sempre me mantive informado sobre as condições dele por Guilherme, quando este ia à vila. Ontem, ao noticiar à senhora Virgínia que pretendia visitar a

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Santa Clara nesta manhã, ela não resistiu, animando-se a fazer-me companhia, saudosa da sua presença. Assim, cá estamos! Meu paciente está acordado?

- Pois fez muito bem! Não poderia dar-me maior prazer do que trazer consigo minha grande amiga. Meu marido está acordado, sem dúvida! Embora nada tenha para fazer, não perdeu o hábito de despertar cedo. Mas, vamos entrar! Valentim deve estar em seus aposentos, como sempre. Quanto a nossos hóspedes, foram dar um passeio pela fazenda com Guilherme, aproveitando o sol matinal; mas não devem demorar.

Entraram. Leonora, dirigindo-se à amiga, desculpou-se:

- Querida Virgínia, não se incomoda de aguardar aqui na sala, enquanto levo o doutor até os aposentos de Valentim? Sei o quanto esta visita é importante para ele, e não quero privá-lo desse encontro nem por mais um minuto. Prometo não me demorar. Enquanto isso, Teresa lhe servirá alguma coisa.

- Não se preocupe comigo, Leonora. Ficarei bem. Gaste o tempo que for preciso.

A escrava, que discretamente aguardava as ordens a certa distância, após a saída da sua senhá se aproximou, inclinando-se:

- Sinhá Virgínia, o que deseja tomar? Um café, um chá ou um refresco?

- Apenas água, Teresa. Apesar de cedo, o sol já está forte e cheguei acalorada.

- É verdade, senhá. Se continuar assim, vai acabar chovendo.

A negra pediu licença e afastou-se, enquanto a visitante se acomodava no sofá. Logo depois a escrava voltou, trazendo em uma bandeja um copo com água, que entregou à senhora.

- Obrigada, Teresa. Pode ir agora; não se preocupe comigo.

- Sim, senhá. Se precisar de alguma coisa, é só tocar a sineta.

Mamãe ficou só, sentindo o prazer de estar naquela casa e, ao mesmo tempo, a ansiedade de reencontrar Marie, em quem depositava tantas esperanças. "Quem sabe, também, Teófilo conseguiria conversar com Guilherme, já que no outro dia não surgira oportunidade, arrancando dele a confirmação do motivo que teria afastado Maria Eugênia de Ritinha?", pensou.

Dez minutos depois, Leonora retornou sorridente, indo ao encontro da amiga.

- Deixei o doutor conversando com Valentim. Novamente, quero externar-lhe o prazer que me causa a sua presença aqui em nossa casa, Virgínia. Quando a carruagem chegou, julguei que

estivesse com Maria Eugênia. Como está ela?

- Está tão bem quanto possível, mas ainda acamada em virtude dos últimos acontecimentos.

Leonora se preparava para responder, quando ouviram ruídos de vozes e risadas. Pouco depois, Guilherme apareceu à porta, seguido de Marie e Pierre. Vinham corados, alegres, olhos brilhantes de prazer pela cavalgada ao ar livre. Diante da recém-chegada, mostraram a satisfação que sua presença lhes causava. Cumprimentaram-se e a conversa generalizou-se, agradável e amena. Logo, o médico veio do interior da casa para integrar-se ao grupo.

- E então, doutor Teófilo, o que achou de meu marido? - indagou Leonora.

- Cara senhora, a doença segue seu curso, mas ele está relativamente bem. Poderia estar melhor, se desejasse melhorar. Noto, porém, que Valentim não se ajuda e isso dificulta meu trabalho.

Marie balançou a cabeça concordando. Preocupada com as palavras do doutor, Leonora virou-se para ela e murmurou:

- O que nosso médico disse tem a ver com o que temos

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
conversado, Marie?

- Sim, Leonora. Concorde com doutor Teófilo quando diz que monsieur Cerqueira não se ajuda. Conhecerão-nos há pouco tempo, mas já pude perceber que a personalidade dele é difícil, sempre vê as coisas pelo lado negativo, reclama de tudo, nada está bom. Se agisse diferente, o resultado do tratamento seria outro.

Surpreso com as ponderações da francesa, o médico confirmou:

- É verdade, senhora Leonora. Tenho dois pacientes que estavam em pior situação que nosso Valentim, e que, apesar da idade, se recuperam rapidamente. Porém, são pessoas que têm fé em Deus, oram com frequência, são otimistas, bem-humoradas e estão sempre alegres. Desejam sarar e jamais se queixam de nada. Creio que isso faz a diferença, pelo menos é o que pude perceber.

Leonora suspirou, desalentada:

- Mas, o que fazer?... Tudo o que depende de mim, eu faço! Ainda, não posso mudar a cabeça de meu esposo!

- Sabemos disso, senhora Leonora - tranqüilizou-a o médico.

Estavam assim dialogando, cada um querendo dar a sua opinião, uns concordando e outros discordando dessas idéias, o que gerou certa agitação, pois falavam todos ao mesmo tempo, em um vozerio confuso que tumultuou o ambiente.

Nesse momento, Marie começou a dar sinais de que não estava bem. Sua expressão se modificou, passou a transpirar muito e reclamou estar sentindo um calor terrível, enquanto tentava abrir o botão que lhe fechava a gola alta da blusa. Sentado diante dela, Teófilo notou-lhe o mal-estar e aproximou-se rapidamente, segurando-lhe o pulso, e verificando que estava muito acelerado. O brusco movimento dele, correndo para junto de Marie, atraiu a atenção dos demais, que se calaram. Mãe levantou-se, pondo-se a abaná-la com um leque que estava sobre a mesinha ao lado, enquanto o médico auscultava-lhe o coração, cujos batimentos eram rápidos e desordenados.

- Senhora Marie! O que está sentindo? - perguntou, enquanto retirava um vidrinho de remédio da maleta, com a agilidade do profissional acostumado a emergências.

Não teve tempo, porém, de lhe dar a medicação. Quando ia colocar as gotas entre os lábios de Marie, ela começou a falar, com voz grossa e rouquenha, totalmente estranha, acusando modos grosseiros que destoavam completamente das suas maneiras usuais:

- Vamos nos vingar daquele miserável! Ele não perde por esperar! Não adianta tentar ajudá-lo! Tudo o que fizerem será inútil! Ele pagará por tudo o que nos fez sofrer! Maldito!

A fisionomia de Marie mudara completamente: testa franzida, sobrancelhas contraídas e olhos injetados de sangue; apresentava uma expressão cruel e a boca, ligeiramente caída nos cantos, tinha um ar irônico. Após fazer aquelas ameaças, começou a rir assustadoramente, um riso escarninho e sibilante, que parecia saído das entranhas da terra...

Todos estremeceram, apavorados. Minha mãe, um pouco mais informada sobre assuntos do além-túmulo, notando que era "alguém do outro mundo" e enchendo-se de coragem, perguntou:

- Quem é você?

- Isso não importa! Ele sabe quem eu sou e isso me basta!

- Seja você quem for, afaste-se, em nome de Deus!

Diante do nome de Deus, por ela pronunciado sob inspiração de amigo espiritual que se fazia presente, a entidade fechou os olhos, acalmando-se aos poucos, e acabou por se afastar. Após alguns minutos, Marie voltou a si, surpresa ao perceber a expressão assustada dos demais.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Como está, senhora Marie? - perguntou o médico, tomando-lhe o pulso e confirmando que normalizara, assim como os batimentos cardíacos. - Pode dizer-nos o que aconteceu?

Ela respirou profundamente, ajeitou os cabelos ruivos e respondeu com voz fraca:

- Não se preocupem, estou bem agora. Comecei por notar muitos seres aqui junto de nós, alguns bastante irados e violentos. Um chamou minha atenção de forma especial: era um escravo todo machucado. Ele se aproximou de mim... e não vi mais nada...

- Acho que era uma alma penada que conversou conosco, Marie. Não sei como aconteceu, mas, pelo que senti, trata-se de um inimigo de Valentim Cerqueira - informou mamãe em voz baixa, ainda trêmula de susto.

Em lágrimas, Leonora confirmou as palavras da amiga:

- É verdade, Marie! Virgínia tem razão. Também senti a mesma coisa. Ele deseja vingar-se de meu marido!

Agora mais fortalecida, Marie assumiu o controle da situação, informando:

- Isso não importa agora. Temos de ter fé. Vamos rezar pedindo o amparo de Deus para esta casa, para seus moradores e para todos nós. Pensem em Jesus e, de mãos dadas, vamos rezar o pai-nosso.

Todos se levantaram e fizeram um círculo. Ela elevou os olhos para o alto e começou a orar, sendo acompanhada pelos demais. Quando terminaram, o ambiente havia mudado radicalmente: estava tranqüilo e cheio de paz.

Eles se olharam, sem entender direito o que tinha acontecido e, mais ainda, com a mudança do ambiente.

Todos sentiam um grande bem-estar. Ao notar a perplexidade geral, Marie pediu-lhes que se acomodassem em seus lugares e explicou:

- Os anjos de luz estão aqui agora, nos protegendo e amparando.

Ela parou de falar, e seus olhos pareciam fixar um ponto qualquer a distância. Depois prosseguiu:

- Vejo alguém que se aproxima. É uma mulher bela, jovem de pele clara, rosto suave e sorriso meigo. Veste um encantador traje branco de renda. Seus cabelos são pretos e encaracolados.

Ela leva a mão a um colar que traz no pescoço; é uma corrente de ouro com lindo camafeu rosado; ela faz pressão sobre um pequeno botão na lateral; o camafeu se abre, parece ter a imagem de um homem. Mas, que pena! Por mais que tente, não consigo ver-lhe o rosto. E ela fez questão de mostrar-me esse camafeu! Por que será?

Prestando atenção ao que Marie dizia, ninguém notou a expressão de assombro de Teófilo, até que ouviram seus soluços.

- É minha falecida esposa! Tenho certeza! Tenho certeza! Meu Deus!

- Ah!... É verdade, doutor. Sorridente, ela confirma ser sua esposa. Diz chamar-se Helena e deseja mandar-lhe um recado - disse Marie.

- Recado? Que recado?...

Marie, agora com suave sorriso no semblante sereno, parece estar ouvindo alguém. Após alguns segundos, transmitiu com voz pausada:

- Meu querido Teófilo. Estou muito feliz por poder estar aqui hoje e ter a oportunidade de falar-lhe. Asseguro-lhe que a vida não se acaba no túmulo, como você imaginava.

Continuamos vivendo e sendo os mesmos que éramos antes.

Estou muito bem e continuo amando-o como sempre amei.

Seja feliz, meu querido! Você merece a felicidade que não

pude lhe dar, por ter retornado tão cedo à Verdadeira Vida.

Todavia, essa era a decisão de Deus, à qual não pude me

furtar. Tem a minha bênção. Que Jesus os abençoe! Até um

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
dia.

Quando a entidade terminou de falar, todos estavam emocionados, especialmente Teófilo e mamãe, que perceberam a intenção de Helena de libertá-lo do compromisso matrimonial, rompido com a morte física. Teófilo desejou falar, conversar com a querida morta, mas não conseguiu. A emoção o dominava e a voz não saiu, em razão de um nó a apertar-lhe a garganta. O impacto da presença das entidades ali, naquele momento, foi tão grande, tão inegável e tão extraordinário, que todos permaneceram calados, entregues aos próprios pensamentos e reflexões.

Guilherme, de cabeça baixa, monologava intimamente, lembrando-se de que ele mesmo tivera uma experiência desse gênero e que Marie confirmara a veracidade desses casos. Percebera a alma de Rita nos aposentos do hotel. Sim. Não tinha dúvida alguma. Ela, de alguma maneira, estivera ali com ele. E, tanto era verdade, que sua esposa, Maria Eugênia, vira a imagem de Rita no quarto, não uma, mas várias vezes, deitada no leito ou de pé, a um canto do aposento, a observá-los.

Leonora mantinha-se lívida. Sim, acreditava em tudo o que acontecera pouco antes, pois a mudança de Marie não deixava dúvidas quanto a isso. Ela, sempre tão delicada, gentil, educada, não teria condições de mostrar tanta grosseria de atitudes. E não era só isso. O jeito, a maneira de ser, os gestos, a expressão dos olhos e a própria voz, tudo era diferente! Depois, a delicadeza, a suavidade e a doçura de Helena, a quem o doutor reconhecera como sua falecida esposa. Sim, não podia duvidar mais. Entretanto, sentia-se assustada ao imaginar que seres violentos e diabólicos estariam desejando vingar-se de seu esposo.

Pierre, que sempre se recusara a acreditar nas idéias da esposa, mantendo-se distante e observador, agora tivera uma prova irrefutável de tudo aquilo que Marie afirmava. Decidiu que, a partir desse dia, passaria a analisar melhor o assunto. Após essa experiência notável, que jamais supusera possível, de poder ter notícias da pranteada esposa que ele tanto amava, Teófilo agora se sentia tranquilo, em paz consigo mesmo; a saudade que tanto lhe doera estava acalmada, e o coração, satisfeito e sereno. Sim, teria de procurar informar-se melhor sobre esses fenômenos que tantas vezes ouvira de pacientes, inclusive de alguns em fase final de existência, histórias essas em que nunca acreditara, pensando ser imaginação ou alucinação daquele que partia.

De todos, minha mãe era a pessoa que tinha melhores condições de entender o que havia acontecido, por tudo o que ela já vivera comigo, pelas conversas tão esclarecedoras que mantivera com pai Albino e até pelas palavras de Miguel, que deixara claro estar vendo almas do outro mundo ali, na Pedra Grande, perturbando sua paz, tirando-lhe o sossego.

Marie, calada e serena, entendia o que estava se passando na cabeça de cada um e aguardava que esse primeiro momento passasse, pois tinha certeza de que logo a crivariam de perguntas. Teófilo, ainda emocionado, porém retomando a posição de homem estudioso e interessado em pesquisas, pela própria formação profissional, levantou a cabeça, pigarreou e dirigiu-se a ela:

- Cara senhora Marie! Estou ainda tentando entender tudo o que aconteceu há poucos minutos. Fatos que não nego, em absoluto! Ao contrário, tenho de lhe agradecer por ter transmitido o recado de minha querida esposa Helena. Pela descrição que fez, eu já não tinha dúvidas da presença dela. Havia reconhecido Helena por cada detalhe que descreveu. Era como se a estivesse vendo aqui, na minha frente, viva! Fez uma pausa e prosseguiu:

- Ficou claro que ela não desejava que eu tivesse dúvidas. E

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

o fez, provando-me cabalmente sua presença pelo colar que lhe mostrou e do qual a senhora não poderia ter conhecimento, pois ninguém mais aqui sabia disso. Esse colar foi um presente que lhe dei no dia do nosso casamento e do qual jamais se separava. E provou-me isso hoje, trazendo-o consigo dependurado no pescoço. A jóia realmente se abre, como descreveu, e a imagem que a senhora viu e não conseguiu identificar é a minha, com vinte anos de idade.

Parou de falar, levou a mão à algibeira e de lá retirou uma corrente de ouro com belo camafeu. E, com a voz embargada agora pela emoção das recordações, ele apertou um pequeno dispositivo que o fez abrir e mostrar um delicado busto feminino:

- Quando encomendei essas peças ao joalheiro, havia mandado fazer também pinturas em porcelana com a imagem dela e a minha, que foram incrustadas nas jóias, para que cada um de nós pudesse estar sempre com o outro perto de si, mesmo a distância. Vejam!

Passou o camafeu que estava em seu poder, e os demais puderam ver o belo rosto de uma jovem no auge da beleza. Todos ficaram emocionados.

Ao pegar a jóia por sua vez, Marie olhou para a linda mocinha, quase uma criança, que ali estava sorridente.

- Exatamente como a vi, apenas com alguns anos a mais. Até o vestido é o mesmo!

- Sem dúvida! É o traje de noiva que usou no nosso casamento.

Depois que todos viram a imagem de Helena, Teófilo guardou a relíquia e prosseguiu:

- Senhora Marie, poderá responder a alguns questionamentos nossos?

- Sem dúvida. Com prazer, doutor.

- Bem. Todos nós ouvimos aquele homem fazendo ameaças e as mudanças que se processaram na senhora: fisionomia, modos, voz, enfim, tudo. Depois, vimos a senhora totalmente diferente - voltando a ser a mesma, eu diria -, repassando-me o recado de minha falecida esposa. Por qual processo isso se dá? O que acontece nesse momento? E por quê?

Os demais se inclinaram um pouco para frente, interessados nas questões que eles mesmos tinham em mente e nas respostas que gostariam de ter. Marie sorriu timidamente e respondeu:

- Não acreditem que tenho todas as respostas, porque isso não é verdade. E verdade, sim, que tenho procurado informações, estudado o assunto, mas é tudo muito novo para mim também.

Sei o que os anjos de luz me dizem: aqueles que já morreram continuam vivos e podem falar conosco. Cada um deles traz suas características de quando habitava o nosso mundo, porque continua sendo o mesmo, até que deseje melhorar.

- Então é por isso que o homem mostrava um comportamento, e a esposa do doutor, um outro mais... refinado, eu diria - considerou Guilherme.

- Exatamente, Guilherme - concordou Marie, prossequindo -, cada um mostra o que é, como viveu, os valores morais que já adquiriu, os sentimentos, desejos e defeitos que faziam parte do seu modo de ser.

Teófilo pareceu refletir um pouco e tornou a questionar:

- Até aí posso entender perfeitamente. Todavia, parece que ambas as... nem sei como dizer... aparições?... manifestações - talvez seja o termo mais apropriado - foram diferentes na maneira de se apresentar. Percebe o que quero dizer, senhora Marie?

Ela balançou a cabeça, concordando:

- Sim. Digamos que o ser masculino, mais rude, grosseiro, irritado e violento, agiu "tomando meu corpo" de forma

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
brusca, não me respeitando, agindo contra minha vontade. Posso assegurar-lhes que raramente isso acontece. E a senhora Helena, de educação mais esmerada, de comportamento cordial e atencioso, gentilmente aproximou-se de mim e solicitou-me, delicadamente, o favor de transmitir-lhe um recado, o que fiz com satisfação. Entendeu a diferença, doutor?
Sim, ele e os demais haviam entendido. Conversaram um pouco mais, trocando idéias sobre o palpitante tema, até que Teresa veio avisar que o almoço estava pronto. A anfitriã convidou a todos para se dirigirem à sala de jantar. Leonora procurou saber se Valentim iria almoçar na mesa com as visitas. Foi notificada de que o esposo não iria comparecer. O escravo que o servia informou que seu sinhô, durante a manhã, tinha sentido muitas dores e depois, estranhamente, se aquietara, acabando por adormecer. Nesse momento estava dormindo profundamente.
- Então meu esposo tomou outra dose da medicação?
- Não, sinhá Leonora. O estranho é que as dores passaram sem que ele tivesse tomado o remédio.
Leonora não pôde deixar de notar que esse fato tinha relação com o que acontecera na sala, mas absteve-se de comentar diante dos servos.
Acomodaram-se ao redor da mesa e logo foram sendo servidos pelos escravos. A conversa transcorreu amena e agradável, enquanto os pratos se sucediam, embora a dona da casa e os convivas se mostrassem mais calados e introspectivos, com a mente ainda sob o impacto do acontecido pela manhã. Gostariam de prosseguir falando sobre o palpitante tema, mas diante dos serviços preferiram não tocar no assunto que tanto os impressionara. Em seguida se dirigiram para outra sala. Como de hábito nessa hora, os cavalheiros puseram-se a conversar sobre negócios. As damas sentaram-se no jardim de inverno. Leonora aproveitou esse momento para contar o estranho fato que sucedera com seu marido. Marie confirmou que a entidade que falara por intermédio dela fora socorrida, pois a vira afastando-se bem mais calma, ladeada por dois anjos de luz.
Mamãe ouviu o que as outras diziam, mas permanecia calada, pensativa. Ao notar seu estado, a anfitriã indagou:
- Querida Virgínia, o que se passa com você? Notei que durante a refeição não disse mais do que duas palavras! Quer falar sobre o que a incomoda?
A visitante sorriu suavemente e justificou-se:
- Peço-lhes desculpas. Não pensei que tivesse me mostrado tão pouco cordial e participativa durante o almoço. Minha cabeça estava ainda preocupada com o que tinha acontecido. Leonora mexeu a cabeça negativamente:
- Nem de longe tive intenção de julgá-la, minha querida. Apenas fiquei preocupada com você. Pareceu-me tão inquieta, tão fechada em si mesma!
- É verdade. Os acontecimentos que vivenciamos pela manhã, tão extraordinários, fizeram-me pensar em minha filha, analisando tudo o que temos passado e sofrido. Você é testemunha, minha querida Leonora, das dificuldades que tenho enfrentado.
Preferiu não comentar, por pudor, que já vira um fato semelhante acontecer com a filha - diante de Florência -, e que ambas não tiveram dúvidas em acreditar que as palavras fossem de Felipe, seu falecido marido, dando ordens a ela, sua esposa.
Permaneceu calada por alguns segundos, depois se dirigiu diretamente a Marie:
- Cara Marie, quando vocês estiveram na Santa Genoveva, falou-me de seres que viu em torno de minha filha. Fiquei pensando se não poderíamos nos reunir lá em casa e tentar dialogar com essas almas penadas. O que acha? Poderá ser

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
benéfico para Maria Eugênia?

Marie fitou-a com gravidade, respondendo:

- Virgínia, você foi direto ao ponto. Creio, verdadeiramente, que a solução para muitos problemas esteja no diálogo com esses espíritos. Muitas nos desejam o mal e tentam nos destruir, porque nos odeiam em virtude de terem sido prejudicadas por nós no passado, seja em um passado mais recente, seja em um passado mais remoto.

- Poderia explicar melhor, Marie? - atalhou-a Leonora.

- Pelo que aprendi com os filósofos, todos nós tivemos muitas existências. Em cada uma delas podemos ter feito o bem ou o mal. Aquêles que prejudicamos se tornam nossos desafetos, tal qual acontece na existência atual. Se nos encontrarmos novamente e não tiverem nos perdoado é provável que tentem se vingar de nós. Entendeu agora?

- Entendi. Quer dizer que, no caso de meu marido, por exemplo, ele pode estar cercado de inimigos desta ou de outras vidas, não é?

- Exatamente.

- Bem. Acho que Valentim não precisa de desafetos de outras existências. Há muita gente que o odeia pelos atos que cometeu nesta vida mesmo, não só escravos como brancos também.

As três se calaram, pensativas, diante das palavras de Leonora. Logo o médico veio informar mamãe que era hora de se despedirem dos amigos. Antes de partirem, Marie trouxe uma pasta de couro preto, um tanto desgastada pelo uso, que colocou nas mãos de Teófilo:

- Doutor, aqui está o material sobre o qual lhe falei. Leia-o. Conversaremos depois.

Ao se despedir da amiga que partia, Marie prometeu que brevemente iriam visitá-la.

- Como estou aqui na condição de visita, fico na dependência de Guilherme e Leonora. Prometo-lhe, então, que lhe será enviado um recado confirmando o dia. Está bem?

Mamãe agradeceu a gentileza, feliz pela promessa. Em seguida, ela e Teófilo retornaram para a fazenda, com novas esperanças, após aquele dia de tão importantes esclarecimentos para todos.

Um novo horizonte se abria na mente deles, mostrando o amor, a bondade, a misericórdia e a justiça de Deus.

32 - Socorro do alto

Após aquele dia tão cheio de novidades e informações, todos os envolvidos mantinham a mente voltada para assuntos transcendentais, por tudo o que tinham visto e ouvido, o que facilitava o trabalho dos amigos de Além-túmulo.

Na fazenda Santa Clara não se falava de outra coisa. Leonora, Guilherme e Pierre procuravam entender melhor o assunto, crivando Marie de perguntas, e ela, de boa vontade, com um sorriso respondia às indagações.

Teófilo, por sua vez, tendo levado para sua residência a pasta com as pesquisas e anotações de Marie, nos dias que se seguiram estabeleceu uma rotina. Possuía uma pequena casa na vila de Cruzeiro da Mata, que utilizava para a atividade profissional, facilitando o acesso dos doentes, uma vez que residia em uma chácara nos arredores do vilarejo. Assim, durante o período diurno atendia seus pacientes no consultório; ao terminar as consultas, fazia visitas domiciliares para os casos mais graves e distantes. E, quando necessário, visitava as fazendas da região. Ao entardecer, encerradas as atividades diurnas, retornava à sua casa, tomava um bom banho, limpando-se das tensões do dia, e jantava. A serviçal, uma boa senhora, antiga paciente sua e vizinha, dispôs-se a ajudá-lo desde que ele ficara viúvo, apiedada da sua solidão. Assim, a dedicada Erigida cuidava da casa, das roupas, do pequeno jardim; tratava das galinhas,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

dos patos e do cachorro, e deixava preparada a refeição, a mesa posta e as panelas no fogão, para que, ao chegar, o médico as encontrasse aquecidas.

Como os recursos dela fossem escassos, ele convencionou repassar à boa mulher, no final de cada semana, uma determinada importância, pequena, mas que certamente a ajudaria em sua manutenção, Cheia de escrúpulos, no início ela não queria aceitar a remuneração, julgando-a desnecessária, mas o doutor insistira com firmeza, e Erigida acabara por se acostumar, reconhecendo, com o tempo, que a providência lhe fora de bastante utilidade.

Após a refeição, simples, mas saborosa, ele reservava todo o tempo disponível para as leituras. Acomodava-se e na sua escrivaninha e, de tal maneira absorvia-se nos textos, que passava a noite estudando e fazendo suas próprias anotações sobre o que lera. Alguns pontos interessantes se destacavam, sendo o mais importante deles a imortalidade da alma; esta continuaria a existir após a morte do corpo material e, aparentemente, com as mesmas características, grau de conhecimento e sentimentos, habitando algum lugar que se poderia chamar de outro mundo. Enfim, após a morte, tudo levava a crer que esses seres continuassem a ser os mesmos, só que destituídos do corpo de carne; afinal, ele tivera a confirmação dessa verdade por meio das palavras e da presença de sua querida esposa, Helena. Assim, existiam seres bons ou maus, de acordo com o que sempre foram. Então, ele chegou à compreensão de que, se continuariam existindo depois desta vida, é porque, provavelmente, teriam tido outras existências, passando as almas por outras experiências, conforme relatos de várias pessoas que se lembravam de ter existido antes, em lugares diferentes. Essa constatação poderia dar-se por lembranças de outras épocas, ou pelos sonhos, uma vez que, já que as almas habitavam um corpo para poder viver, poderiam dele se afastar por ocasião do sono, ficando mais livres, inclusive para se relacionarem com outras almas que estivessem na carne ou no além-túmulo.

Ao amanhecer, cansado, procurava dormir um pouco, pois sabia que logo teria de ir ao consultório, onde seus clientes o estariam esperando à porta.

Continuava visitando a fazenda Santa Genoveva, atento aos deveres de médico dedicado, mas agora por outro motivo mais pessoal: a necessidade cada vez maior de rever aquela que despertara seus mais caros sentimentos: Virgínia.

Como eu demonstrara estar bem melhor, Teófilo experimentou reduzir a medicação, acreditando nessa melhora, mas foi em vão; voltara a crise. E eu, que durante alguns dias parecia mais equilibrada, passei a dizer frases desconexas, fiquei agressiva, falava e discutia com seres que somente eu via e, não raro, tentava fugir ao assédio desses seres, correndo de um lado para outro, como acontecera anteriormente.

Mais esclarecido pelas leituras sobre assuntos espirituais, três dias depois do reinício da crise, Teófilo resolveu conversar seriamente com mamãe. O meu estado havia piorado, após o dia em que ambos estiveram na fazenda Santa Clara, e minha mãe não sabia o que fazer, chorando pelos cantos, abatida e cansada.

Nessa manhã, ao chegar, Teófilo perguntou pela sinhá, e Odete informou que ainda não descera. O médico dirigiu-se a seus aposentos e encontrou-a sentada junto da pequena mesa redonda, fitando um ponto qualquer ao longe através da janela aberta. O dia estava bonito e o sol brilhava no céu azul, mas ela não se dava conta. Notando-lhe o desânimo, ele sentou-se ao lado dela e disse com expressão grave: - Minha querida, você precisa reagir. Sei que a situação não é fácil, mas confio que vamos vencer. Entregue-se ao desânimo exatamente agora que podemos contar com outros

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
recursos? Lembra-se de que Marie lhe prometeu uma visita,
tão logo fosse possível?

- Sim, lembro-me.

- Pois bem. Creio que chegou a hora. Julgo que teremos
boas chances de sucesso, agindo do mesmo jeito que
naquele dia.

- Como assim? Pretende conversar com os espíritos?

- Sim, Virgínia. Por tudo o que tenho lido, acho que a
solução está em dialogar com esses seres. Eles odeiam sua
filha pelo mal que ela lhes fez, mas se Maria Eugênia lhes
pedir perdão,

temos a possibilidade de resolver esse problema.

- E você acha que minha filha pediria perdão a eles?

Teófilo, mesmo que isso pudesse acontecer, eles aceitariam
o pedido de perdão dela? Por quê?...

O médico levantou os ombros, balançando a cabeça, como
se também em dúvida, mas acrescentou:

- Não sei, Virgínia, Não posso assegurar nada, porém acho
que devemos tentar. Entendo agora, por tudo o que já li, que
depois da morte os seres continuam sendo os mesmos,
tendo a mesma personalidade, a mesma maneira de ser, os
mesmos sentimentos. Então, são pessoas como nós, que
sofrem, que amam, mas que também odeiam. Devemos
conversar com eles, no caso de se apresentarem, apelando-
lhes para o sentimento e a razão.

- Está bem. Se você acha que essa tentativa pode ajudar...

- Acho. Aliás, foi você mesma que levantou a questão,
solicitando a Marie que viesse até aqui para ajudar sua filha...

- É verdade, Teófilo. Tem toda razão. É que hoje estou
muito cansada de tudo, abatida, triste.

O médico aproximou-se mais e enlaçou-a em seus braços
com extremo carinho.

- Tudo vai passar, minha querida. Confie em Deus, em
Cristo, nos anjos de luz de que Marie nos fala e cuja
presença nós sentimos aquele dia. Creio que são os mesmos
anjos de guarda que os textos bíblicos citam. Tudo vai dar
certo.

Combalida, ela desafogou o peito oprimido, pondo-se a chorar
apoiada nele. Se ela pudesse ver com os olhos da alma, teria
visto uma linda figura de mulher, suave e terna, que
delicadamente acariciava-lhe os cabelos com infinito amor.

Das mãos diáfanas da entidade saíam fios luminosos que
envolveram todo o seu corpo. Algum tempo depois,
aliviada, a dona da casa ergueu a cabeça:

- Obrigada, querido amigo. Estou bem melhor. Seu afeto
revigorou-me as forças, dando-me ânimo novo. Vamos
lutar, sim! Nunca fui mulher de deixar-me abater, de
entregar-me sem lutar. Não será agora que farei isso.
Enxugou as lágrimas e afirmou decidida, com nova expressão
no olhar:

- Vou agora mesmo enviar um recado aos nossos amigos.

Levantou-se, foi até a escrivaninha, pegou uma folha de
papel do seu bloco pessoal e escreveu um bilhete:

"QUERIDA AMIGA LEONORA,
A SITUAÇÃO AQUI NA SANTA GENOVEVA NÃO ESTÁ NADA FÁCIL.
PRECISAMOS DE AJUDA URGENTE.
SE NÃO FOR PEDIR DEMAIS, SUPLICO-LHES QUE VENHAM O MAIS
RÁPIDO QUE PUDEREM. SE POSSÍVEL, AMANHÃ.
FICAREI AGUARDANDO RESPOSTA PELO PORTADOR.
ATENCIOSAMENTE,
VIRGÍNIA FIGUEIROA."

Em seguida, dobrou a folha, colocando-a em um envelope, e
tocou a sineta. Imediatamente Odete, que passava pelo
corredor, ouviu e a atendeu.

- Odete, avise Tome que preciso dele.

Poucos minutos depois, o menino apareceu com expressão

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
assustada:

- Sinhá Virgínia chamou?

- Sim, Tomé. Preciso que leve esta correspondência para
sinhá Leonora, na fazenda Santa Clara. Fique esperando a
resposta, entendeu? Vá o mais rápido que puder. É urgente.

- Sim, sinhá. Pode ficar descansada. Vou pegar o cavalo
Ventania, que é rápido como o próprio vento. Logo estarei
de volta. É um pé lá e outro cá.

O jovem saiu voando, e eles caíram na risada, achando graça
do jeito dele.

Não demorou muito, Tomé estava de volta. Todo contente
com seu feito, apresentou-se para sua sinhá, estendendo a
mão e entregando-lhe a carta. Ela abriu e, na mesma folha,
certamente pela urgência, Leonora acrescentara abaixo da
assinatura da amiga:

"QUERIDA VIRGÍNIA,
IREMOS AMANHÃ CEDO, SEM FALTA.
DA AMIGA,
LEONORA ALVES CERQUEIRA."

Após ler o bilhete, minha mãe sentiu-se aliviada, passando-o
a Teófilo para que se inteirasse da resposta.

- Muito bem. Então, precisamos conversar com Maria
Eugênia, preparando-a para esse encontro.

- Ainda hoje?

- Não. Amanhã será melhor. Entre nossa conversa com ela
e a reunião que vamos fazer com os amigos, não podemos
dar muito tempo, para não corrermos o risco de Maria
Eugênia
mudar de opinião.

- Não entendi. Por que, Teófilo?

- Minha querida, pelos relatos de Marie, tudo parece até
um jogo. Os seres que estão ao seu redor podem fazê-la
mudar de idéia. Mas ainda há algo mais sério: como
convencê-la a pedir perdão a seus inimigos?
Calaram-se e ficaram pensando em uma solução.

Depois, como ainda não me tinham visto, dirigiram-se aos
meus aposentos. Eu estava desperta e, naquele momento,
acabava de fazer minha primeira refeição. Recebi o médico e
mamãe com um sorriso.

- Bom dia, minha filha! Vejo que já se alimentou hoje,
Dormiu bem?

- Muito bem, mamãe. Estava mesmo pensando na senhora
e no doutor Teófilo. Como vai, doutor?

- Bem, mas me parece que você está melhor ainda -
respondeu ele, satisfeito. - Tomou seu remédio hoje?

- Sim, doutor.

- Aconteceu alguma coisa de diferente, para você acordar
assim tão bem?

- Não, doutor, dormi bem esta noite e estou ótima! Gostaria
até de passear um pouco no jardim.

- Estou contente por vê-la assim. Acho que o passeio lhe
será benéfico. Podemos acompanhá-la?

- Certamente, doutor. É só o tempo de me vestir.

- Nós a esperaremos na sala ao lado, minha filha.

Teófilo e minha mãe saíram do quarto e sentaram-se na
saleta. Estavam perplexos. A mudança era extraordinária.

Permanecia a dúvida: deveriam falar comigo sobre o que
pretendiam fazer? Resolveram que nada diriam, achando
melhor deixar as coisas acontecerem naturalmente.

Passearam pelo jardim, conversaram, e acharam que eu
tinha voltado a ser como sempre fora. Retornaram ao
casarão e almoçaram em clima de alegria e descontração. Ao
me ver bem, mamãe mostrava-se alegre e esperançosa.

Após o almoço, o médico, constatando que tudo corria bem,
retornou para Cruzeiro da Mata. O resto do dia transcorreu
sem novidades. À hora de dormir, mamãe me acompanhou
até meus aposentos, desejando-me boa noite.

Dirigiu-se depois aos próprios aposentos, aliviada e tranqüila, refletindo que talvez tivessem se precipitado; seria mesmo necessária essa reunião que tinham planejado para o dia seguinte? A criada arrumou-a para dormir, enquanto ela pensava que, se acordasse bem cedo, ainda teria tempo de avisar os amigos de que não era mais necessária a vinda deles. Depois, murmurou mais para si mesma, colocando a mão na testa:

"Mas isso é um absurdo! Seria uma indelicadeza de minha parte, após ter feito um convite que foi quase uma ordem, dizer-lhes que não precisam mais vir à nossa casa! Não, o melhor é deixar que venham. No mínimo, teremos um dia bastante agradável e feliz. Acho até que a presença de outras pessoas fará muito bem à Maria Eugênia, que tem permanecido trancada em seus aposentos por tantos dias." Com esses pensamentos, ela adormeceu serena com a sensação feliz de que tudo estava correndo bem e que, afinal, teriam um pouco de paz e tranqüilidade.

NA MANHÃ SEGUINTE, MAMÃE acordou bem cedo, arrumou-se e desceu para tomar seu café. Aproveitou para avisar Odete e Florência sobre as visitas que iriam chegar, dando-lhes algumas ordens e orientações sobre o almoço.

O primeiro a chegar foi Teófilo. Abraçaram-se e trocaram idéias sobre os acontecimentos do dia anterior. O médico perguntou:

- Como está a menina?

- Ainda não sei, Teófilo. Como Maria Eugênia acorda mais tarde, precisamos aguardar.

- Bem. Esperemos que as boas disposições de ontem permaneçam - disse ele.

O diálogo foi interrompido pelo barulho do rodar de uma carruagem. Eram os amigos que chegavam. Apressaram-se em ir recebê-los. O encontro foi envolto em sentimentos de carinho, amizade e alegria. Acomodados na sala, após falarem sobre trivialidades, colocando em dia as informações a respeito da saúde de Cerqueira, os problemas nas fazendas, a política, novidades regionais e outras coisas mais; finalmente, Leonora perguntou ansiosa:

- Virgínia, ficamos preocupados ao receber seu bilhete. O que está acontecendo?

A dona da casa trocou um olhar com Teófilo, depois fitou os recém-chegados um tanto constrangida e considerou:

- Lamento tê-los preocupado, meus amigos. Realmente a situação estava péssima; Maria Eugênia parecia fora de controle e eu não sabia mais o que fazer. Foi Teófilo que me recordou a promessa de Marie, acenando-me com a possibilidade de virem à Santa Genoveva para nos ajudar. Enfim... essa era a situação até aquele momento.

Marie, que ouvia atentamente, indagou-lhe:

- Algo mudou?

- Sim! Ontem minha filha acordou bem, alegre, como se não tivesse problema algum! Não entendo o que aconteceu. Pensei até em avisá-los, mas poderiam não vir e eu não queria perder o prazer de tê-los aqui conosco hoje. Desculpem-me. Acho que me precipitei.

Marie sorriu, ponderando:

- Fique tranqüila, Virgínia. Muitas vezes essas mudanças acontecem por motivos alheios à nossa vontade. Grande parte das vezes, as próprias entidades que envolvem a pessoa se afastam,

em uma estratégia de evitar o que queremos fazer.

- Como assim, Marie? Eles sabem o que decidimos?

- Virgínia, pense neles como pessoas como nós, cuja única diferença é estarem em um outro mundo e invisíveis aos nossos olhos. Sendo inimigos, tentarão desarticular nossas ações. Nesse caso, afastaram-se de sua filha para que ela, longe da influência deles, voltasse a ser o que sempre foi, e acreditássemos que ela está curada, o que não é verdade.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Meu Deus! É tudo muito mais sério do que eu pensava, então - murmurou ela, lembrando que Teófilo lhe falara sobre isso no dia anterior.

- Senhora Marie, após ler seu farto material de experiências em casos, que considero importantíssimo para todos nós, cheguei a essa mesma conclusão. Mas como tudo é novo para mim, fiquei sem saber o que fazer - afirmou Teófilo. Abrangendo com o olhar cada um dos presentes, Marie decidiu:

- Temos de agir. O momento é propício. Virgínia, onde está Maria Eugênia agora?

- Creio que ainda dorme.

- Muito bem. Seria bom nos dirigirmos para aquela sala pequena e discreta, mais distante dos servos e fora do movimento da casa.

A anfitriã conduziu-os até a saleta, que costumavam utilizar após as refeições e onde os cavalheiros ficavam conversando. Depois de todos se acomodarem, Marie informou:

- Os anjos de luz dizem que devemos rezar um Pai-Nosso para facilitar nosso trabalho. Mantenhamos nossos pensamentos fixos em Deus.

Ela começou a rezar, seguida pelos demais. Depois, pediu que todos ficassem em silêncio para que ela pudesse sentir o ambiente.

De olhos fechados, Marie, com sua sensibilidade para perceber o outro lado da vida, viu inúmeros seres que já não habitavam a Terra; muitos escravos, de cuja pele, lanhada por açoites, ainda escorria sangue vivo; mostravam a cabeça machucada, membros quebrados, vários deles sem as mãos e os pés, barbaramente cortados; todos em um sofrimento indescritível. Viu também Frederico e Felipe Figueiroa, respectivamente sogro e esposo de Virgínia, antigos senhores daquelas terras, os quais reconheceu por já tê-los visto em outra oportunidade. Em torno deles, notou também a presença de vários homens, que deveriam ser os executores de suas vontades: feitores e capitães do mato, de faces truculentas e cruéis. Além deles, ainda o pobre Miguel, com a cabeça aberta pelo golpe que lhe causara a morte, e Rita, a infeliz escrava. Todos pareciam fazer parte do mesmo grupo e mostravam muito ódio nas expressões e nas atitudes. Registrou também a presença de outros seres que pareciam pertencer a épocas mais recuadas: senhores vestidos com roupas que deveriam ter sido luxuosas em outros tempos, agora sujas e maltrapilhas, com olhos incandescentes e expressões iradas; outros, esqueléticos, aparência grotesca, gargalhavam com voz rouquenha, além de uma figura com longa capa preta e capuz puxado sobre o rosto, o que impedia a médium de ver-lhe as feições, embora percebesse seu olhar enfurecido. O bando sinistro antegozava o prazer daquele momento, de poder estar ali e destilar seu veneno sobre aquela que odiavam.

Marie passou a relatar parte do que estava vendo, para surpresa dos demais; prudente, julgou melhor omitir as cenas mais chocantes para não abalar de forma negativa os participantes da reunião, limitando-se ao que se relacionava com a vida atual e os problemas da fazenda.

Rita, que não conhecia todas as pessoas que ali estavam, teve sua atenção atraída por Guilherme e pela sinhá Virgínia, que sempre a tratara bem. Ansiando por carinho, aproximou-se de mamãe e ela passou a sentir a presença da pobre escrava morta, por quem ela tanto rezara pedindo o socorro dos Céus. Em seguida, sem saber o que estava acontecendo, em um impulso, mamãe levantou-se e, em lágrimas, correu para junto de Guilherme, jogando-se aos seus pés, influenciada por Rita, que desejava falar com aquele a quem amara com todas as forças do seu coração e que se casara com outra. Em pranto convulsivo, a escrava passou a falar das suas dores, de

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
todo o sofrimento que passara por amor a ele, mas também das alegrias, dos seus encontros à margem do riacho e do filho dele de quem estava grávida quando foi morta. Não se contendo diante daquela cena, Guilherme não teve dúvidas de que era a escrava morta a falar pela boca da ex-sogra e se pôs a chorar, suplicando:
- Perdoe-me, Ritinha, não sabia que lhe causaria tanto mal. Não foi essa minha intenção. Fui irresponsável, admito, mas não quero que sofra. Eu a amava e não sabia que estava grávida. Que tragédia, meu Deus! Perdoe-me... perdoe-me... Nesse momento, eu, que tinha acordado e acabava de descer as escadarias procurando minha mãe, estranhei ao ver a porta da saleta fechada e ao ouvir ruído de vozes e de choro. Aproximei-me e abri a porta, permanecendo parada, extremamente surpresa por ver todos ali reunidos. Com capacidade de ver as coisas espirituais, também vi os espíritos, e senti medo, mas não conseguia sair do lugar, como se estivesse pregada no chão. Com as pernas bambas, caí sentada em uma cadeira que ficava no fundo, mais afastada dos demais e perto da porta; sem que ninguém notasse minha presença, ali permaneci calada e perplexa. Entendi que algo de muito sério estava ocorrendo naquele momento. Vi Ritinha, que chorava aos pés de Guilherme, e ouvi suas palavras. Ah! O infame reconhecia sua traição! Nesse momento, Rita sentiu minha presença e virou-se. Cheia de ressentimento e de ódio, no afã de se vingar da ex-amiga, ergueu-se e tentou avançar para cima da rival. No entanto, como estivesse utilizando o corpo de mamãe, esta ficou em um impasse e titubeou, por recusar-se a agredir a filha que tanto amava; e entre essas duas vontades desencontradas, rainha mãe deu um grito e caiu no chão, desacordada, enquanto Rita corria e atacava sua inimiga. A dona da casa foi socorrida por Teófilo, que a abraçou preocupado com seu estado; logo, ela abriu os olhos, sem saber o que estava acontecendo. O médico ajudou-a a levantar-se, colocando-a de volta ao seu lugar. E Ritinha - agora sem utilizar o corpo de mamãe - prosseguia, despejando sobre a outra todo o seu ódio:
- Miserável! Eu confiava em você, sempre fomos amigas, e mandou Miguel me matar! Eu te odeio! Eu te odeio! Maldita! Será maldita por toda a eternidade!
Assustada, vendo Rita que se jogava sobre mim, defendi-me:
- Como pode dizer que era minha amiga? Você me traiu com meu noivo! Agora me acusa de ter mandado matá-la? Mandei mesmo! Você merecia!
- Tudo por causa de Guilherme, que não a amava, que nunca a amou. Ele era meu! Eu estava esperando um filho dele - dizia Rita.
Os presentes, ao ouvir a minha voz ali no recinto, incapazes de ver o que se desenrolava em outro plano, ficaram estatelados de medo - eles não sabiam da minha presença - e me verem no chão, como se estivesse falando e lutando com outra pessoa. E o que é pior: nesse diálogo, eu confessava um crime.
Ambas choravam, agredindo-se mutuamente. Nesse momento, Marie viu um escravo idoso coberto de luz que entrou na sala e aproximou-se de mim e de Rita, acalmando-nos: era pai Albino que, desprendido do corpo, vinha ajudar-nos.
- O que estão fazendo, minhas filhas? É hora de mudanças. Pensem em Jesus e acalmem-se. Vocês tiveram problemas no passado, mas se comprometeram a mudar, a melhorar. O sinhozinho Guilherme, que nunca conseguiu se decidir por nenhuma das duas, agora tem a responsabilidade de ajudá-las.
Aproximou-se de ambas, envolvendo-nos com muito amor em um abraço, e aos poucos nós nos tranqüilizamos,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
acabando com a briga. Com exceção de Marie, os demais não sabiam o que estava acontecendo; viram apenas que eu, que me revolvia no assoalho, agora estava parada, quieta. Logo, mais refeita, ergui-me, sentei-me na cadeira e passei a observar tudo o que acontecia.

Pai Albino chamou Miguel e conversou com ele:

- Meu filho, o ódio não leva a nada. Quando concordou em ser cúmplice da sinhazinha Maria Eugênia, você também errou.

- Eu sempre amei essa mulher, pai Albino - dizia o Miguel a chorar sentidamente.

- Sei disso, meu filho, mas ela não te ama. Por isso o usou para destruir Ritinha. Chore, meu filho, mas lembre-se de que você teve responsabilidade naquilo que fez. Maria Eugênia é culpada, sim, mas você aceitou porque quis, por interesse, por desejo de ser amado por ela.

Eu, que escutava tudo em silêncio naquele momento, liberta da ação negativa dos seres vingativos que me assediavam, reconhecia minha culpa em todos os dramas ocorridos na propriedade.

Tudo isso, em voz baixa, Marie relatava aos demais.

Frederico Figueiroa, mantendo a mesma postura arrogante e orgulhosa de rico senhor de escravos, não entendia a atenção que se dava a um escravo. Irritado, brandia o chicote, ameaçando todos ali presentes que, atemorizados, se encolhiam.

Marie Legrand, apiedada dos espíritos infelizes, dirigiu-se aos fazendeiros com severidade, sob a influência de pai Albino.

- Em nome de Deus, deixem estes infelizes em paz! Eles já sofreram muito.

Depois, passou a repetir a prece do Pai-Nosso, no que foi acompanhada pelos demais. Em seguida, viu pai Albino, que se dirigia aos fazendeiros e seus seguidores:

- É chegada a hora da libertação para todos os envolvidos nesses dramas. Vocês terão de abandonar estas terras onde tanto mal praticaram. Irão recuperar-se moralmente, aprender,

modificar-se para, mais tarde, reparar os erros e atrocidades que cometeram. Que algum dia vocês possam reconhecer que todas as criaturas são filhas de Deus e nossas irmãs, merecedoras do nosso respeito e do nosso amor, não importa a condição social, raça, cor ou crença que professem, Que o Senhor os ampare!

Como que por milagre, Marie viu anjos de luz que se aproximaram deles, envolvendo-os. Dentre eles se destacou a figura de uma dama de beleza peregrina. Suas vestes eram de uma tonalidade azul luminescente; tinha os cabelos castanho claros encaracolados e presos na nuca, e cada fio era luminoso; os olhos azuis brilhavam de lágrimas que não chegavam a cair, no rosto terno e de pele perfeita que se abria em delicado sorriso. Pai e filho não tiveram dúvidas em reconhecê-la:

- Heloísa, minha querida esposa! - disse Frederico, emocionado.

- Mamãe! Quanta saudade eu senti da senhora! - murmurou

Felipe, em lágrimas abundantes, caindo de joelhos.

E a terna entidade, fitando-os cheia de amor, afirmou com voz cariciosa:

- Sim, meus queridos! Sou eu, que jamais vos esqueci e que aqui estou para, finalmente, levar-vos comigo! - Depois, voltando-se com ternura para minha mãe: - Minha querida filha, sou grata por tudo o que fizeste por meu filho Felipe, por minha neta Maria Eugênia e por todos aqueles que tens ajudado. Tudo vai melhorar agora, mercê da infinita misericórdia de Deus. Ficai em paz. Que Jesus vos ampare sempre. Adeus.

Apesar de não ouvir as palavras que a generosa entidade dirigira particularmente a ela, a dona da casa sentia grande

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
emoção e imenso bem-estar, deixando que as lágrimas
rolassem pelo rosto.
Abraçando os entes queridos, a nobre Heloísa afastou-se
com eles, desaparecendo aos poucos e deixando um
delicioso perfume de verbena no ar.

33 - Libertação

Em virtude da presença de Heloísa e dos outros anjos de luz, o ambiente se modificara extraordinariamente, e Leonora, mamãe, Teófilo, Pierre e Guilherme deixaram-se envolver pelas emanções de bem-estar e paz, sensibilizados até as lágrimas.

E eu chorava diante de algo que havia muito tempo não sentia: alívio, emoção, tranqüilidade. Como, por alguma razão, podia ver os seres do outro mundo, sentia o coração encher-se de amor e gratidão por aquela que era minha avó paterna e que somente agora conseguira reconhecer. "Ah! Por isso ela sempre me parecera tão familiar! Lembrava-me de ter sonhado com essa dama, que me ajudara em momentos importantes de minha existência, em especial quando reagira diante da idéia de casar-me por imposição do meu pai". Nesse instante, lembrei-me nitidamente das palavras que ela me dissera: Minha querida, aproveita a oportunidade que se te apresenta no momento. Mantém a serenidade e não erres mais. Através do tempo muito tens te comprometido e é chegada a hora de agir para o bem de todos. Não guardes mágoa no coração e perdoa sempre. Mesmo o que te parecer difícil de aceitar é para o teu bem. Ao longo do tempo tenho estado sempre junto de ti, ajudando-te e amparando-te nas mais diversas situações. Nossos vínculos afetivos remontam a antigas encarnações, Recebeste a grande bênção de reencarnar. Não falhes mais. Mantém o pensamento elevado, liga-te a Deus e tudo correrá bem. Lembrei-me de que, ao ouvi-la falar, de meu ser emergira um sentimento de amor intenso, como se estivesse diante de uma mãe. Chorei em seus braços, qual criança caprichosa, queixando-se do compromisso que lhe estava sendo imposto. E ela, já se despedindo, concluiu: - Acalma-te, minha criança. Deus sabe o que faz. Nada acontece por acaso. Nada temas. Confia em Jesus e terás todo o amparo de que necessitas.

Sim! Sentia que ela fora minha mãe. Não sabia quando, nem onde, mas íntima convicção me assegurava esse sentimento profundo e verdadeiro. É por que não tinha reconhecido minha avó Heloísa na dama que vez por outra me surgia, quando havia na parede da sala um grande e belo quadro a óleo dela junto do avô Frederico? Refletindo sobre esse detalhe entendi a razão: o quadro havia sido pintado na ocasião por exímio pintor que se hospedara na fazenda Santa Genoveva, e, nessa época, eles já eram idosos. Quando ela me aparecia, era sempre como uma jovem senhora, bela e encantadora, tal como vira havia pouco. Em virtude disso, não conseguira reconhecê-la, embora os olhos azuis fossem os mesmos.

A reunião parecia não ter terminado ainda. Marie, após relatar os últimos acontecimentos, mantinha-se calada, como se concentrada em alguma visão. As entidades antigas, de nobres decadentes e os esqueléticos, que se haviam aquietado com a presença dos anjos de luz, agora tinham desaparecido. Alguns minutos depois, impressionada e condoída, ela informou o que estava acontecendo: - Vejo ainda os infelizes escravos, cuja situação é de cortar o coração. Eles pedem ajuda, sentem-se presos, sem possibilidade de libertação. Mas como? Por quê? Os demais acompanhavam suas palavras, aflitos, sem poder ajudar. Ela parou de falar por momentos, depois prosseguiu:

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

- Não sei o que está acontecendo. Interessante é que, apesar de seus algozes terem sido afastados, sinto que os escravos aqui presentes ainda estão presos a algum lugar, Que lugar será esse? Não consigo perceber. Ah!... O escravo iluminado mostra-me um lugar no meio do mato... Ah!... mas não há nada ali a não ser uma grande pedra.

Mamãe manifestou-se incontinenti:

- Sei que lugar é esse! Chama-se Pedra Grande. Era ali que meu sogro, Frederico Figueiroa, costumava castigar os escravos.

- Então, temos de ir Lá! - afirmou Marie, levantando-se, como se guiada por mãos invisíveis.

A anfitriã e os demais participantes a acompanharam, inclusive eu. Todos estavam tão impressionados com a situação que nem se deram conta da minha presença. Conforme saíram da casa-grande, os escravos da fazenda acompanharam o grupo de olhos arregalados, surpresos ao ver a sinhá e suas visitas ganhando o campo em direção do matagal. A dona da fazenda ia à frente, mostrando o melhor trajeto e, em quinze minutos, puderam avistar a grande pedra.

- É este o local - informou mamãe.

Marie espriava o olhar em torno, procurando vestígio de onde pudessem estar os corpos, mas nada percebia que justificasse sua busca. Naquele lugar não havia nada. Ela parou, concentrou-se e disse:

- Não entendo! Eles têm que estar aqui! Eu sei que eles estão aqui, eu sinto! Vejo os escravos em um lugar escuro e fundo. No entanto, aqui não há nada parecido com o que estou vendo!

Após concentrar-se por alguns segundos, de repente ela gritou:

- A pedra! Temos que tirar esta pedra daqui!

Os outros se fitaram pasmos. Teófilo considerou:

- Como? Esta pedra é muito grande e pesada!

Roque, que acompanhara o grupo a distância, como os escravos, estranhando aquela caminhada no meio do mato e prevendo que poderiam precisar dele, ao ouvir o que a estrangeira dizia, aproximou-se. Ao vê-lo, a fazendeira ordenou:

- Roque, é preciso mover esta pedra. Traga alguns homens. O capataz fez um sinal a alguns escravos que, à pequena distância, observavam curiosos a movimentação e eles se aproximaram. Ao mesmo tempo, Roque olhou à sua volta como se procurando algo; caminhou pelo meio da vegetação até que descobriu uma grande e pesada barra de ferro, toda enferrujada. Guilherme e Pierre ao vê-lo com a barra na mão entenderam sua idéia. Tiraram os paletós, arregaçaram as mangas da camisa e uniram-se a Roque e aos escravos para, em um esforço conjunto, usarem a pesada barra como alavanca para mover a grande pedra. Depois de muito esforço e dificuldade, em bagas de suor debaixo do sol forte, conseguiram finalmente movimentar a pedra, que deslizou para um lado, deixando ver, debaixo dela, uma abertura. Aproximaram-se mais, observando com cuidado. Perplexos, depararam com um grande e escuro buraco. Guilherme, que fora o primeiro a examinar, perguntou:

- Será algum antigo poço desativado? De qualquer forma, parece que há alguma coisa lá embaixo.

- Roque, desça e verifique o que há lá dentro - ordenou minha mãe.

O feitor, que trazia sempre preso à cintura um rolo de corda fina, mas resistente, retirou-o e olhou em torno, procurando a árvore mais próxima, onde amarrou uma ponta da corda e, com cuidado, aproximou-se do buraco, iniciando a descida sob os olhares atentos dos demais. Alguns minutos depois ele voltou, enojado:

- Sinhá Virgínia, tem muitos ossos. São cadáveres que ali

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt foram jogados.

Cheios de horror todos se afastaram, arrepiados da cabeça aos pés, sem poder acreditar nessa descoberta, especialmente minha mãe, que morava naquela fazenda havia tantos anos e nunca ouvira falar sobre isso. De longe, os escravos acompanhavam tudo, também apavorados; ouviram as conversas e viram quando Roque entrou no fosso e voltou contando que existiam muitos ossos lá no fundo; os escravos mais antigos tinham ouvido notícias da história desse lugar que, com o passar do tempo, ficou esquecida.

Marie Legrand era a única que tinha o semblante sereno e até alegre.

- Graças a Deus, meus amigos! Era nesse lugar que os negros que vi estavam presos. Apesar de mortos há muito tempo, dezenas de anos, consideravam-se ainda aprisionados. Vejo agora as cenas tétricas: eles eram torturados e depois jogados nesse buraco para morrer. Por ordem do senhor Frederico, o feitor tampava o fosso com galhos e eles ali pereciam de fome, de sede, de falta de cuidados, sem ar e em grande sofrimento.

Depois, com o tempo, arrastaram essa grande pedra que existia nas imediações, impedindo que mais alguém pudesse achar-lhes os corpos. Enfim, os responsáveis morreram e o segredo ficou bem guardado.

- Até hoje. Mas por que cometeram atos tão monstruosos? - indagou Pierre, indignado.

A proprietária da fazenda adiantou-se:

- Acho que posso responder a essa pergunta, Pierre. Recorreram a esse esquema certamente para impedir que minha sogra, Heloísa, dama bondosa e que não admitia maus-tratos aos escravos, ficasse sabendo. Frederico amava sua doce esposa e não queria indispor-se com ela. Então, arranjou um meio de castigar, ou melhor, de torturar os escravos, longe da sua presença, para que ela não visse nem ouvisse os gritos dos infelizes entregues à sua crueldade e aos seus abusos.

- Que horror! - exclamou Leonora. - Não posso imaginar que existam ou existiram pessoas tão más assim. Estou enojada.

Pondo a mão no ombro da amiga, mamãe afirmou:

- Concordo com você, Leonora. Se não tivesse visto, não acreditaria. - Depois, virando-se para o capataz, ordenou: - Roque, mande retirar as ossadas desse buraco. Vamos dar uma sepultura

digna a esses pobres coitados.

Em seguida, olhando para os demais, sugeriu:

- Vamos embora? Creio que nada mais temos a fazer aqui.

Marie, que estava calada, absorta, não se moveu.

- Ainda falta uma coisa, Virgínia. Vamos rezar por todos aqueles que estavam aprisionados e que agora ganharam a liberdade.

E ali, de mãos dadas, repetiram o Pai-Nosso, pensando em todos os infelizes que ali tinham encontrado a morte. Após a prece, Marie concluiu:

- Que descansem em paz!

Ao fazerem meia-volta para iniciar o trajeto de retorno, viram uma cena emocionante e indescritível: os negros da fazenda, sentindo no íntimo a dor dos companheiros mortos de forma tão bárbara, estavam ajoelhados, reverentes e de mãos postas, também a rezar pelos mortos, enquanto lágrimas escorriam por suas faces sofridas.

ESTAVAM REUNIDOS NA SALA da casa-grande ainda sob o impacto dos últimos acontecimentos, quando Odete entrou, comunicando:

- Sinhá Virgínia, o almoço está servido.

Trocaram um olhar, surpresos. Todos se sentiam em uma outra realidade, com o pensamento preso na experiência que

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
tinham vivido, que se esqueceram completamente do almoço. Conquanto sem vontade, dirigiram-se para a sala de jantar.

A refeição transcorreu quase em silêncio; os convidados mantinham-se pensativos, falando apenas o indispensável. De volta à saleta, descontraíram-se um pouco. A conversa, como não poderia deixar de ser, foi sobre o episódio que tinham vivenciado naquela manhã e que emocionara a todos. Em dado momento, Teófilo, observador por natureza, considerou:

- De tudo o que presenciamos hoje, chamou-me a atenção um fato curioso. Notaram a presteza com que Roque encontrou aquela barra de ferro, no meio da vegetação, como se já tivesse conhecimento dela?

Os demais trocaram um olhar, concordando.

- Sim! E verdade! Também notei esse fato - afirmou Guilherme.

Nesse instante, o capataz surgiu à porta da sala. Vinha avisar sua senhora de que os escravos estavam retirando as ossadas do fosso, enquanto outros abriam uma grande sepultura no cemitério dos escravos, onde pretendiam enterrá-los.

- Muito bem, Roque. Diante das circunstâncias, só pode ser assim. Quando estiver tudo pronto, avise-me. A propósito, pareceu-nos que você encontrou, muito providencialmente, aquela pesada barra de ferro. Sabia da existência dela?

Revirando o chapéu nas mãos, ele justificou:

- Sim, senhora Virgínia. Em minhas andanças pelo mato, já tinha encontrado aquela barra. Além disso, quando criança, ouvia meu pai contar histórias sobre o senhor Frederico, inclusive sobre esse lugar, onde castigavam os escravos até a morte. O tempo passou e acabei esquecendo-me dessas histórias. Quando a senhora mandou-me tirar a grande pedra, lembrei-me da barra; ela é muito antiga e imagino que era utilizada exatamente para abrir aquele buraco.

- Obrigada, Roque.

Após a saída do capataz, Guilherme perguntou:

- Marie, o que teria levado esses escravos a ficarem presos até agora, uma vez que morreram há dezenas de anos?

- Guilherme, os anjos de luz me informam que nosso sentimento é poderoso. Não posso afirmar com certeza, mas creio que, mantendo o ódio no coração e o desejo de vingança, presos pelas próprias condições, não conseguiam sair. Entendem? Eles se acreditavam ainda prisioneiros, escravos do seu senhor Frederico! Aqueles que não cultivaram o ressentimento, a mágoa, e perdoaram a seus agressores, estes não permaneceram presos. Libertaram-se! Eu vi, entre os anjos de luz, muitos ex-escravos com vestes resplandecentes e fisionomia feliz, ajudando a retirar do fosso a alma dos mortos, levadas depois para algum lugar, no outro mundo, onde elas poderão ter melhores condições de vida e ser felizes.

- Se Deus é Pai bom e justo, por que permite que tais coisas aconteçam, querida? - indagou Pierre, ainda confuso.

- Porque esses escravos fizeram por merecer tal sofrimento pelos seus atos no passado. Quanto aos fazendeiros, terão de pagar em vidas futuras pelas atrocidades que cometeram na última existência.

- Ah! E o que terá acontecido para ocorrerem tantos dramas? - indagou Leonora.

Ouviu-se uma voz, no fundo da sala, e se voltaram surpresos. Era eu:

- Creio que sei o que aconteceu.

- Minha filha! Como você sabe? - perguntou mãe.

- Enquanto estavam conversando, vi a vovó Heloísa, que me contou o que houve. Há muito tempo, em terras distantes, havia um povo que lutava por motivos religiosos, atacando outros povos e conquistando outras terras. Eram

agressivos, invadiam cidades e ateavam fogo nas casas e nas plantações, matando seus inimigos; aqueles que sobreviviam eram levados como escravos e obrigados a trabalhar para eles, sendo torturados sem piedade. Faziam isso para infundir terror aos seus adversários e aos povos vizinhos e para mostrar seu poderio. O tempo foi passando e esses guerreiros voltaram outras vezes ao mundo, até que, dominadores que foram no passado, renasceram na África e foram aprisionados, sendo trazidos para o Brasil. Aqui se reencontraram, não raro, como senhores e escravos, porém com as posições invertidas. Poderiam ter resolvido o problema, diz a vovó, se os senhores tivessem agido de maneira diferente, procurando tratar com respeito e fraternidade os subordinados. Incapazes, entretanto, de perdoar, continuaram com o desejo de vingança, agora alimentando seu ódio sobre os escravos, seus antigos algozes.

Eu falava e todos ouviam com profunda atenção, surpresos ao me ver lúcida para externar meus pensamentos. Parei de falar por alguns instantes, depois prossegui:

- Todos nós que aqui estamos somos parte dessa história. Alguns, moralmente melhorados, puderam agora participar do socorro aos que ainda estavam em sofrimento.

Levando a mão aos olhos, enxuguei uma lágrima e prossegui:

- Quanto a mim, reconheço-me muito culpada. Também faço parte desse grupo, porém assumi responsabilidades enormes, por traição. Certa ocasião, esse que foi meu pai, Felipe Figueiroa, por imposição da família tornou-se meu noivo; descontente e revoltada, eu o traí, entregando-o a seus adversários, o que fez com que ele passasse a me odiar. Posteriormente, ambos melhorados, ele concordou em receber-me em seu lar como filha, para exercitar o perdão, mas sempre me viu como uma inimiga, nunca gostou realmente de mim. Mamãe, que tinha sido mãe dele no passado, aceitou-me como filha para servir de elo entre mim e meu pai, aproximando-nos. Infelizmente, porém, eu não soube aceitar os problemas que a vida me apresentava como aprendizado. Assim, cometi erros inomináveis em relação às pessoas que conviviam comigo e que de alguma forma me magoaram, sem que eu conseguisse perdoar. Foi assim com Rita e com Guilherme. Se eu tivesse relevado a traição deles - uma vez que também já havia traído no passado -, compreendendo e perdando, nada teria acontecido, e minha vida seria outra. Todavia, ao encher-me de ressentimento contra eles, atraí os inimigos do passado, que me envolveram fazendo com que eu perdesse a noção das coisas, cometendo atos terríveis. Sinto-me culpada por tudo o que aconteceu... Será que algum dia eu terei paz? Parei de falar, e os soluços me explodiram no peito. Mamãe correu para abraçar-me e Teófilo também se aproximou, com um remédio na mão, temendo que eu tivesse uma recaída. Colocou-me algumas gotas na boca e ambos levaram-me para meus aposentos, colocando-me no leito. Eu não disse mais nada. Fiquei de olhos abertos, fixos em um ponto qualquer, até ser vencida pelo sono.

Os dois deixaram-me aos cuidados de Dinha e retornaram para a sala onde estavam os convidados.

- Como está ela? - indagou Marie.

- Não sei. Parece que está em choque. Minha filha teve momentos de grande lucidez, quando nos relatou fatos acontecidos no passado. Agora, parece-me ter voltado às suas condições, o que talvez seja benéfico. A descoberta da verdade, não raro, faz com que possamos encarar a realidade, nos posicionando de forma diferente diante da vida e dos acontecimentos. Vamos aguardar.

Por volta das três horas, Roque veio avisar que tinham colocado tudo o que fora recolhido em sacos, prontos para o sepultamento.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

A anfitriã e seus convidados, agora acompanhados também dos escravos da casa-grande, dirigiram-se ao cemitério, uma área de terra reservada aos escravos. Logo atrás vinham todos os escravos e suas famílias, inclusive as crianças. Chegando perto, puderam ver uma grande cova aberta, onde foram depositados os sacos com os ossos. Depois, alguns escravos munidos de pás jogaram terra por cima, terminando por fincar uma cruz. Rezaram um Pai-Nosso e, em seguida, antes que a sinhá se afastasse com seus amigos, um por um, os escravos vieram agradecer-lhe, beijando sua mão, comovidos.

Pai Albino acompanhou toda a cerimônia, um pouco afastado dos demais. Após o término, aproximou-se da patroa:

- Sinhá, neste momento, encerra-se uma etapa relativa aos dramas ocorridos no passado. Todavia, a luta prossegue. Continue firme, que novos testemunhos virão para o aprendizado de todos os envolvidos. Que Deus os abençoe! Marie, vendo pai Albino, reconheceu com emoção que era ele o escravo idoso iluminado que ela vira auxiliando durante a reunião na casa-grande naquela manhã. Aproximou-se dele, reverente, agradecendo-lhe.

- Filha, continue ajudando as pessoas. Trabalhamos de modo diferente, mas a finalidade é a mesma: encaminhar as almas para Deus.

Em seguida, ele afastou-se mansamente em busca de suas ocupações.

Retornando ao casarão, os visitantes se despediram. Era hora de voltar para a Santa Clara. A anfitriã fitou a todos com carinho:

- Sou-lhes profundamente grata. Não imaginam o bem que me fizeram. Este foi o dia mais importante da minha vida e devo-o a vocês, meus amigos.

Ao se despedir de Marie, mamãe agradeceu particularmente pelas informações e experiências que modificariam sua vida para sempre, dando-lhe um novo sentido.

- Querida Virgínia! Agora estamos todos cansados em virtude dos acontecimentos do dia e precisamos nos recompor. Contudo, voltaremos ainda a conversar. Realmente, todos se sentiam exaustos, mas satisfeitos. Era a satisfação recebida do labor no bem, do socorro prestado a criaturas sofredoras e aflitas; os amigos da espiritualidade respondiam, envolvendo-os em emanações de paz, amor e esperança.

Aquela experiência certamente marcaria de forma indescritível a existência deles, como prenúncio de uma nova era que não tardaria a chegar, e que iria confirmar, em seus postulados, tudo o que tinham vivenciado naquele dia inesquecível.

34 - De volta à espiritualidade

Os últimos acontecimentos provocariam profundas mudanças na existência de todos os envolvidos, renunciando novas conquistas no futuro.

Guilherme, reconhecendo que falhara com a esposa, levando-a a desequilíbrio extremo, sentia-se culpado. Depois de muito pensar, resolveu dar a ambos uma nova oportunidade, um novo recomeço. Quem sabe ainda poderiam ser felizes? Reconhecia que ela era apenas uma criança quando se conheceram na posição de noivos; que deveria ter a cabecinha cheia de sonhos, mas que, ao saber da traição dele e da amiga, ela enlouquecera de dor e de humilhação; e, influenciada por inimigos invisíveis, tinha passado a cometer atos gravíssimos. Repassando tudo isso na memória, ele admitia intimamente que não era uma pessoa honesta, sem defeitos; ao contrário, durante a existência já cometera inúmeros deslizes. Desse modo, perante o que ele

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
vivenciara nos últimos tempos, principalmente as experiências transcendentes de que o grupo de amigos tinha participado, concluiu: que direito tinha para julgá-la, se ela não agira sozinha?

Conversamos. Ele abriu seu coração. De minha parte, aceitei a proposta de Guilherme e voltamos a viver juntos, agora mais amadurecidos, com outra compreensão da vida e dispostos a mais tolerância, paciência e união.

Mamãe e Teófilo também se casaram, em um lindo dia de inverno, na presença de alguns amigos mais chegados e de padre Antônio, que oficiou a cerimônia. A afinidade que existia entre eles - a identidade de pensamentos, de gostos e de ideais - fazia com que a vida transcorresse em grande harmonia, passando o novo casal a viver feliz como nunca. Apesar dessa onda intraduzível de paz, amor e esperança inundando nosso coração, eu emagrecia a olhos vistos. No começo, procurava manter o sorriso no rosto, a animação nas atitudes, o otimismo diante da vida, afirmando para Guilherme:

- Temos tudo para ser feliz...

Certo dia em que conversávamos a sós em nossos aposentos, repeti como se precisasse de uma afirmação:

- O que nos falta para sermos felizes? Nada!

Ao que meu marido respondeu mansamente:

- Um filho, minha querida. Sinto falta de uma criança correndo pelas salas e pelos gramados.

Baixei a cabeça, amargurada. Sim, o filho que Guilherme tanto desejava não vinha, como se eu fosse incapaz de gerar um novo ser. Nesse momento, na tela da memória, revivi todas as vezes que me recusara a ser mãe, tirando do próprio ventre o fruto do nosso amor; das vezes que procurara aquela mulher que, no meio do mato, expulsava o indesejável.

Então, sob o peso do remorso, passei a enclausurar-me em meus aposentos, calada, triste e melancólica, falando sozinha e revivendo os erros dramáticos que cometera. Voltei a tomar a medicação como forma de controlar as crises.

Dinha, agora informada de que fora eu a causadora da morte de sua querida Ritinha, no início chorou muito, incapaz de esquecer e perdoar àquela que durante toda a vida tinha amado como filha, uma vez que a amamentara no próprio peito. Mas, dotada de bom coração, cheia de piedade, ao me ver naquele estado, doente da cabeça, reaproximou-se de mim, perdendo-me.

Mamãe, em conversa com o marido e o genro, falou-lhes do seu temor quanto às conseqüências dos atos que eu praticara, e que ela não conseguia aceitar, por ser o oposto de tudo aquilo em que acreditava, mas Teófilo ponderou:

- Querida, deixemos que as coisas sigam seu curso. Sabemos que a justiça que realmente importa é a divina, e essa se fará, queiramos ou não. Então, não sofra por antecipação. Vamos aproveitar todos os momentos para fazer o melhor, ajudando-a e sendo felizes. Quem somos nós para julgar?...

Maria Eugênia precisa de assistência, pois não é responsável por seus atos, como portadora de doença mental, o que facilmente se pode verificar. Assim, acalme-se. Vamos confiar em Deus.

Depois, abraçando-a com extremo carinho, concluiu:

- Além disso, para a justiça terrena, desde quando um senhor de escravos é condenado neste país, quando se tem direito de vida e de morte sobre os negros?

Ela enxugou os olhos e concordou:

- Tem razão, meu querido. Na prática, é assim que funciona. Contudo, esperemos que as coisas mudem; a escravidão terminará no Brasil, e creio que não tardará o dia em que todos serão iguais perante a lei.

NA FAZENDA SANTA CLARA tudo estava diferente. Marie ajudara muito a Valentim Cerqueira, orando e impondo suas

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

mãos sobre ele, por meio da utilização do magnetismo animal, uma nova maneira de curar, técnica que ela dominava. Entretanto, chegou o momento em que Marie e Pierre tiveram de partir. Mas, antes do retorno à França, fariam uma viagem pelo Brasil, visitando a família de Pierre, que os aguardava com ansiedade.

Antes das despedidas, Marie instruiu Leonora sobre a aplicação do magnetismo, de modo a não interromper o tratamento de Valentim, a qual ela passou a fazer com imenso carinho. Apesar das melhoras orgânicas, a doença seguiu seu curso e ele faleceu dois anos depois.

Após os primeiros meses, em que a tristeza e a saudade eram uma constante em seus dias, Leonora e Guilherme resolveram agir. Promoveram benfeitorias na fazenda, dando aos escravos condições de vida mais dignas; construíram casas novas, melhoraram a alimentação, fazendo com que se sentissem mais satisfeitos. O resultado foi semelhante ao que aconteceu na Santa Genoveva: o rendimento das lavouras aumentou bastante, trazendo mais prosperidade a todos.

Guilherme se dividia no atendimento às duas fazendas. A cultura canavieira estava em declínio, e a nova ordem era plantar café, que rendia muito mais. Então, estudando o assunto, tornou-se um apaixonado pela cafeicultura. Cheio de ânimo e determinação, transformou-se em um novo homem, decidido, forte e empreendedor.

Franz Anton Mesmer, doutor em Medicina, nascido em Iznang, Constança, em 23 de maio de 1734, foi o descobridor do magnetismo animal, definindo-o pela primeira vez como sendo a capacidade de um indivíduo em causar efeitos similares aos do magnetismo mineral em outra pessoa, usando-o para tratamento em doenças, afirmando-lhe o poder de curar. Mesmer sofreu violentos e injustos ataques de seus pares, que não aceitavam suas idéias. Foi Allan Kardec, que estudou profundamente o assunto por 35 anos, quem ressaltou a sua importância, denominando o magnetismo animal como ciência irmã do Espiritismo. Em O Livro dos Espíritos, questão 555, o codificador esclareceu: "O Espiritismo e o magnetismo (animal) nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma só, é o melhor preservativo contra as idéias supersticiosas, porque, ao mostrar a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da natureza e o que não passa de uma crença ridícula".

Notícias da França chegavam, sempre por cartas dos amigos Marie e Pierre Légrand, que os colocava ao corrente do que acontecia no mundo. Certo dia, chegou uma correspondência de Marie em que ela, era certo momento, escreveu:

"Lembram-se de que afirmei, segundo ouvi dos anjos de luz que os conhecimentos sobre a realidade do outro mundo não tardariam a chegar? Pois já chegaram! Os jornais não cessam de publicar notícias sobre uma pequena cidade dos Estados Unidos da América, Hydesville, onde duas meninas ouvem ruídos, pancadas, e todos estão assustados. Dizem até que elas encontraram uma maneira de se comunicar com o espírito que estava provocando os barulhos. Não é fascinante? Estamos para entrar em uma nova era, em que tudo aquilo que vivenciamos aí na fazenda será conhecido por todos."

A missiva continuava pedindo notícias de todos, indagando sobre mim e terminava enviando lembranças aos amigos, dos quais estavam saudosos. Junto, seguia um recorte de jornal parisiense com a notícia.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Mamãe mostrou a carta para Teófilo que, sorrindo, considerou:

- Sim, era preciso que a realidade da sobrevivência da alma, da vida no além-túmulo, da possibilidade de comunicação entre os dois mundos e, certamente, das conseqüências que esses fatos teriam em nossa vida aqui na Terra, viesse a esclarecer a sociedade, auxiliando-nos a resolver certos problemas que, de outro modo, não teriam solução para a medicina. Assim, quem sabe teremos uma vida melhor!

Apesar dessa onda de novas esperanças, eu permanecia do mesmo jeito. Cada vez mais magra e pálida, era uma preocupação constante para todos. Continuava atormentada, muitas vezes correndo pelas salas e corredores, me escondendo de inimigos invisíveis. Se alguém perguntava, eu dizia que eram Ritinha e Miguel, que não me davam paz, acusando-me pelos crimes praticados. De outras vezes, escutava choro de bebês pela casa e dizia:

- Estão ouvindo? Ouvem os bebês chorando? Não? Mas eles estão aí por toda parte! Devem estar com fome.

- Não temos crianças nesta casa. Acalme-se, filha - dizia minha mãe, penalizada.

- Pois eles estão chorando! Faça os bebês pararem de chorar, mamãe. Não agüento mais esse barulho.

E mamãe me abraçava ainda com mais amor, acalmando-me com palavras de serenidade e bom ânimo, julgando que a fixação em crianças devia-se ao fato de eu não ter conseguido ser mãe.

Certo dia, inconformada com essa situação, ela me observava. Entardecia. Sentada em uma cadeira de repouso no terraço, banhada pelos últimos raios de sol, eu aparentava estar ainda mais frágil e franzina, embora demonstrasse calma e serenidade. Mamãe fez-me um carinho nos cabelos loiros e eu me virei, fitando seus belos olhos verdes, que continuavam os mesmos. Minha pele branca deixava ver os ossos que surgiam sob o decote da blusa; as mãos, quase transparentes, descansavam no colo.

- Filha, deseja alguma coisa? Um chá, um suco, um biscoito?

- Não, mamãe. Não quero nada.

- Você precisa se alimentar, minha filha! - insistiu minha mãe, preocupada.

- Para quê, mamãe? Eu de nada preciso. Só de paz.

Nesse momento, fiquei alerta, tensa. Depois, assustada, comecei a gritar:

- Veja, mamãe! São eles de novo. Afastem-se malditos!

Vocês estão mortos! Deixem-me em paz! Deixem-me em paz! Eu sei o que você quer, Ritinha. Quer tomar meu marido, mas

não vai conseguir. Guilherme me ama! Ele me ama!

Minha mãe aproximou-se para acalmar-me, porém descontrolada, saí correndo, subindo as escadarias para me esconder dos meus desafetos. Desalentada, ela deixou-se cair em uma cadeira, sentindo-se impotente para mudar aquela situação, Teófilo, que retornava da senzala onde fora visitar alguns doentes, viu-a de cabeça baixa e aproximou-se, dando-lhe um beijo.

- O que houve, querida? Sinto-a preocupada, triste...

- É minha filha, Teófilo. Não entendo por que ela continua nesse estado. Afinal, se é verdade que os inimigos do outro mundo foram afastados, ela deveria estar bem!

Cheio de carinho, ele aconchegou a cabeça dela em seu peito, depois considerou com ternura:

- Minha querida, por tudo o que tenho pesquisado em livros e em meus próprios pacientes, pelas histórias que me contam, cheguei à conclusão de que o problema está nela.

Nossa mente é poderosa e aquilo que ela entende como verdade é difícil de ser alterado. Neste caso, embora os inimigos do outro mundo não estejam mais ao lado dela, a

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
consciência a acusa pelos atos que praticou, não permitindo
que esqueça. No fundo, a verdade é que Maria Eugênia não
se perdoa.

- Então, nada podemos fazer para ajudá-la?

- Podemos envolvê-la com amor, compreensão, carinho,
para que se sinta segura e confiante. Onde está Maria
Eugênia?

- Pobre da minha filha... Teve uma nova crise e subiu
correndo as escadarias como sempre faz para esconder-se de
seus perseguidores - murmurou Virgínia, sentida.

Nesse momento, Guilherme chegou. Vinha suarento, mas
satisfeito. Perguntou pela esposa, mas antes que Virgínia
tivesse tempo de lhe responder, ouviram um grito pavoroso
vindo do andar superior; em seguida, um baque surdo,
embaixo, como a queda de um corpo.

- Meu Deus! - gritou Virgínia. - O que está acontecendo?

Correram os três, subindo as escadas, seguidos dos escravos
da casa, que também ouviram o grito. Ao entrar no terraço
que contornava o casarão, viram que, em um dos cantos da
construção, o parapeito de madeira estava quebrado,
faltando um pedaço. Aproximando-se, apavorados, puderam
ver o corpo de Maria Eugênia esparramado na grama,
imóvel, em meio aos pedaços da balaustrada.

- Minha filha! Maria Eugênia!...

Gritando e chamando pela filha, Virgínia virou nos
calcanhares, correndo de volta, acompanhada pelos demais.
Descendo as escadarias, saiu pela sala e contornou a casa;
chegando ao local, notou que algo de muito grave tinha
acontecido. Da cabeça de Maria Eugênia saía um filete de
sangue. Teófilo ajoelhou-se e examinou-a com delicadeza.
Depois, ergueu-se, pálido:

- Minha querida, seja forte...

- O que aconteceu com minha filha? Ela vai ficar bem, não
é?

Abraçando-a, o médico deu-lhe a trágica notícia:

- Virgínia, ela bateu a cabeça em uma pedra e não resistiu.
Mas você precisa ter coragem, minha querida. Temos provas
de que a morte não existe e que continuamos vivos. Sua
filha está viva, ela continua viva.

A mãe ficou estática, parada, em choque. Teófilo voltou a
abraçá-la fortemente, consolando-a, infundindo-lhe força e
coragem na travessia daquela provação.

Ao ABRIR os OLHOS, vi QUE algo havia mudado. Todos
choravam. Tentei explicar para minha mãe que eu estava
bem, mas ela não me ouvia. Só chorava. Sentia-me estranha.
Apesar da ferida na cabeça e do sangue que escorria, estava
viva. Tentei caminhar, conversar com alguém, mas ninguém
me respondia, e eu estava muito fraca e sonolenta. De
repente, senti que um sono profundo me envolveu.

Não sei quanto tempo fiquei assim, adormecida, até que ouvi
minha mãe, ajoelhada, rezando o Pai-Nosso. Como sempre
fazia, eu a acompanhei.

Nesse momento, vi minha avó Heloísa ao meu lado. Ajoe-
lhada, supliquei sua ajuda. Sentia-me sozinha, sem saber o
que tinha acontecido. Ternamente, ela aproximou-se e me
disse:

- Não te preocupes, minha filha. Vou cuidar de ti.

Ela envolveu-me em seus braços e pareceu-me que subia no
ar, como se voasse. Novamente perdi a noção de tudo. Ao
acordar, estava em um quarto claro e arejado. Logo notei
alguém que se aproximava. Era uma jovem de branco.

Perguntei à desconhecida por minha avó e ela me
respondeu que, assim que fosse possível, ela viria visitar-me.
Novamente adormeci e, ao acordar, deparei com o lindo
sorriso de vovó.

Conversamos bastante. Ela me informou que eu já tinha
feito a passagem para o mundo espiritual. Chorei muito, mas
acabei me conformando.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

Aos poucos, comecei a melhorar. Minha recuperação não foi rápida nem fácil. Eu sempre fora dona de minha vontade e não gostava de receber ordens. Desejava ver minha mãe e não aceitava recusas. Dei bastante trabalho às enfermeiras e aos benfeitores espirituais. Mas ali era diferente e tive de resignar-me.

Durante longo tempo permaneci na Espiritualidade, estudando e aprendendo a servir. Compreendi que o que realmente conta é o nosso progresso moral, e que, na nova morada, muitos daqueles que eu considerava inferiores e desprezara, por serem negros e escravos, ali ocupavam posições de destaque.

Gradativamente, fui-me modificando, entendendo os danos que cometera contra o próximo, nas pessoas de Ritinha, Miguel, Josias e tantos outros; inclusive muito sofri pelos abortos que havia cometido. Estas últimas vítimas eram espíritos que eu prejudicara no passado e que voltariam como meus filhos, para que eu pudesse recebê-los e amá-los, educando-os para a vida e construindo cora eles novos elos de afetividade.

Chorei muito, lamentando os erros cometidos. A consciência culpada não me concedia a paz que tanto desejava. O sofrimento mais terrível que se enfrenta do Outro Lado é a constatação dos débitos contraídos e a impossibilidade de voltar atrás, para refazer os próprios passos e consertar os males praticados.

Os anos se passaram, lentos e inexoráveis.

Certo dia, sentindo-me recuperada e mais consciente do que me competia fazer, comecei a trabalhar. Passei a integrar uma equipe de socorro a necessitados do corpo e da alma, inclusive de apoio aos que se frustraram no divino propósito de renascer para uma nova existência com vistas às tarefas programadas. De maneira especial, ajudando futuras mães a respeitar e a aceitar o fruto de seus amores, não cometendo o mais terrível dos crimes que se pode cometer contra alguém incapaz de se defender: o aborto.

Reencontrei parte dos meus desafetos e supliquei-lhes perdão pelos danos que lhes causara. Em relação a outros, ainda renitentes no mal, isso foi impraticável, e aguardo a oportunidade de fazê-lo, ajudando-os anonimamente em visitas periódicas às regiões do umbral, onde se encontram presentemente.

Dentro de mim um sentimento se avolumava cada vez mais diante de todas as informações que já possuía. Consciente da realidade espiritual, do meu passado de erros, ansiava por voltar e refazer meus passos no caminho do bem, recebendo como filhos do coração, aqueles que eu mais prejudicara e que haviam se desencaminhado. Trabalhei muito tempo para conseguir a bênção de voltar. Mas precisava ser merecedora dessa dádiva. A querida avó Heloisa e pai Albino foram meus avalistas, comprometendo-se a amparar-me e a sustentar-me nas lutas do mundo.

Vibrava de vontade de vencer ante a nova oportunidade que se me deparava. Mas não me iludia. No fundo, eu sabia que não seria fácil.

Conseguiria eu vencer o orgulho feroz que me dominara sempre? Lograria derrotar o egoísmo rígido e a ambição desmedida que me nortearam os passos do passado?

Finalmente, aprenderia a trabalhar a fraternidade e o respeito que devemos às outras criaturas, conforme os preceitos evangélicos?

Esses e outros questionamentos torturavam meus dias, e eu orava, elevando a Deus meu pensamento, suplicando ajuda e assistência na nova encarnação.

Assim, preparei-me e, no tempo determinado, com o coração a pulsar de novas esperanças e propósitos de realização das tarefas assumidas, retornei ao planeta Terra para uma existência de dificuldades, de sofrimentos, mas

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
também de muito aprendizado.

35 - Epílogo

Renasci para uma nova vida corpórea no segundo quarto do século 20, mais precisamente em 24 de março de 1933. Espírito endividado e rebelde, eu trazia o coração envolto em renovadas esperanças; preparara-me por longos anos e confiava no amparo dos amigos espirituais que me hipotecaram a ajuda necessária. Todavia, bem lá no fundo, preocupava-me com meu desempenho envergando um novo corpo. Não ignorava que a vida terrena impõe o esquecimento do passado, que é uma benção para o faltoso, mas também nos coloca diante da própria realidade. Estaria eu realmente preparada para essa nova oportunidade que o Senhor me concedera? As lições que recebera na espiritualidade, o labor no bem atendendo criaturas necessitadas de ambos os lados da vida, os estudos e reflexões em torno das deficiências que me competia vencer teriam sido assimiladas? Em suma, eu estaria verdadeiramente confiante no sucesso da empreitada? Esses e outros questionamentos passavam-me pela mente, deixando-me angustiada e indecisa. Temia novo fracasso, não obstante o amparo de amigos devotados. Grandes transformações ocorreram no mundo das formas desde a minha última encarnação.

Em setembro de 1871, a princesa Isabel havia sancionado a Lei do Ventre Livre, que representava a garantia da extinção do cativo de maneira gradual e por meios pacíficos. Era o começo das conquistas abolicionistas, mas a sociedade exigia mais. Assim, em 13 de maio de 1888, novamente na posição de regente, com o afastamento de seu pai, o generoso imperador D. Pedro II, a princesa Isabel assina a lei que extingue a escravidão no Brasil, conhecida como Lei Áurea. Uma onda de novas claridades espalhava-se sobre as coletividades necessitadas de paz. No entanto, àqueles espíritos comprometidos com a Lei Divina, que haviam aceitado colaborar com o progresso do Brasil, ao mesmo tempo trabalhando pela própria redenção, exigiam-se novos sofrimentos para burilar-lhes ainda mais o caráter de cada um.

Apesar da conquista grandiosa, que enchia de esperança o território brasileiro, renovados sofrimentos viriam marcar aqueles seres tão infelizes. Os escravos africanos, finalmente haviam conseguido a liberdade pela qual tanto ansiavam. No entanto, apesar do grande benefício que essa lei representava em termos de conquista social, eles foram expulsos das fazendas, passando a vagar pelas estradas sem qualquer recurso, abrigo, comida, água, sem nada; com exceção de poucos, que foram contratados para continuar nas propriedades e nas residências, prestando serviços aos ex-donos, agora como empregados assalariados, não mais como escravos.

Muitos fazendeiros, porém, não aceitavam ter de pagar pelo serviço dos libertos, pois, acostumados à situação antiga, julgavam que já faziam o bastante dando a eles o indispensável para viver. Por isso, expulsaram os ex-escravos de suas terras, mesmo porque estavam chegando imigrantes, especialmente italianos, para trabalhar nas lavouras. Como uma consequência da abolição da escravatura - visto que os grandes proprietários de terras, descontentes, deixaram de apoiar a monarquia, migrando para o Partido Republicano, que ganhava força -, em 1889 foi proclamada a República, pondo fim ao Segundo Império; e D. Pedro II, o bondoso imperador de alma republicana, deposto, deixa o país que tanto amava.

Inicia-se uma nova era para o Brasil, em que o poder passou a ser do povo, não mais do imperador. Apesar das

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
expectativas, grande parte dos problemas continuou e alguns até se agravaram.

A situação dos ex-escravos prosseguiu sem solução, uma vez que eram estigmatizados duplamente: pela cor da pele e pela condição social.

Renasci trazendo no corpo e na cor da pele a marca dos escravos que eu havia prejudicado, orgulhosamente considerando-me superior a eles. De família extremamente pobre e sem cultura, meus pais lutaram muito para sobreviver. Fui muito aguardada. Por oito longos anos, minha mãe, que intuitivamente sabia que eu iria renascer, me esperou. Nessa ansiedade, procurou crianças para adotar, mas nunca logrou seu objetivo. Até que cheguei ao mundo, renovando-lhe as esperanças. De coração bom e humilde, meus pais me criaram ensinando a amar a Deus e aos meus semelhantes, de conformidade com as lições evangélicas. Eu sentia no íntimo o desejo de realizar coisas boas, de praticar o bem, de crescer e estudar. Trazia na alma, marcada com tintas indeléveis, os compromissos assumidos com os orientadores do mundo espiritual e a responsabilidade do que me competia realizar.

Protegida pela terna presença de amigos e benfeitores do alto que adejavam à minha volta, transmitindo-me paz, amor e esperança, tive uma infância sem problemas e cresci sentindo-me protegida, segura. Às vezes, porém, reconhecia as vibrações de seres vingativos, e sentia muito medo; nessas ocasiões, passava noites sem dormir.

No entanto, o desejo de vencer fez com que eu crescesse forte e destemida. Desde criança sempre gostei de trabalhar e, percebendo a situação difícil da família, o esforço de meus pais que lutavam para ganhar o pão de cada dia, aos seis anos arranjei um emprego de pajem, ou babá. Meu pai ficou inconformado, triste, entendendo que não soubera dar-me a segurança de que eu necessitava. Mas a grande verdade é que eu não quis humilhá-lo, aliás, nem sabia o que era isso, apenas me considerava adulta e em condições de ajudar a família. Daí em diante, nunca mais parei de trabalhar.

Com o conhecimento espírita, que me esclarecia sobre as realidades fundamentais das Leis de Deus, ainda muito jovem comecei a dar aulas de evangelização infantil, e essa atividade me enchia de satisfação e alegria.

Todos os sonhos da mocidade passaram por mim, sem que pudesse realizá-los. Namorar, casar, constituir uma família, tudo isso me foi negado. Não entrara nas minhas disposições reencarnatórias, embora, cheia de esperanças, meu coração batesse mais rápido ao conhecer algum rapaz mais interessante. Mas tudo em vão. Via as amigas que se apaixonavam e comparecia aos seus casamentos; algum tempo depois vinham os filhos, e eu me encantava ao segurá-los no colo, suspirando a pensar: "Ah! Se fosse meu"! Por sentir no mais fundo do ser as promessas feitas antes do retorno às lides corpóreas, logo a vida encaminhou-me para o desafio que a realidade me apresentava: diante de uma criança cuja mãe não tinha condições de mantê-la, senti um impulso de compaixão, abrigando-a em meu peito e levando-a para casa como filho do coração. Era uma menina, e passei a amá-la com ternura e devoção. Como minha mãe não podia cuidar dela, em virtude dos compromissos que já lhe pesavam nos ombros, e a decisão fora minha, assumi os cuidados com a recém-nascida: dar mamadeira, banho, trocar as fraldas, fazer dormir e tudo o mais que um bebê exige; e nem poderia ser diferente. Eu teria de assumir a responsabilidade, sem ser mãe biológica, uma vez que na última encarnação havia perdido as oportunidades que o Senhor me concedera.

Depois desta primeira, vieram mais dois meninos, e aos poucos, fui recolhendo em nosso lar aqueles espíritos que prejudicara no passado e que me comprometera a ajudar,

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
reparando os danos que lhes causara.

Por essa época, residíamos nos fundos do Centro Espírita Luz, Fé e Caridade, na cidade de Marília, Estado de São Paulo, onde meus pais eram caseiros. Nossa família, antes pequena, aumentou, tornou-se uma grande família, e as crianças cresceram como meus irmãos. Certamente não faltaram problemas, pois vivíamos com dificuldade, mas conseguimos manter todos juntos, com firmeza, amor e dedicação. Os anos se passaram, eles cresceram e eu pude estudar. Minha irmã teve dois filhos, que vieram a enriquecer ainda mais nossa família.

Além da evangelização infantil, dediquei-me à Mocidade Espírita Allan Kardec (Meak), que fundamos junto com muitos outros jovens. Um de nossos objetivos, além do estudo da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus, era trabalhar para construir uma sede para a Meak e um lar para meninas órfãs, ao qual daríamos o nome de Amélie Boudet em homenagem à esposa de Allan Kardec, o grande Codificador, o que logramos realizar com idealismo e determinação. As dificuldades foram imensas, mas conseguimos os recursos necessários por meio de campanhas e peças teatrais, cujas apresentações, nos fins de semana, nos garantiam boa renda. Assim, encenamos muitas peças com imenso agrado do público e, finalmente, pudemos inaugurar o "Lar de Meninas Amélie Boudet".
Bacharelei-me em Direito, integrando a primeira turma da Fundação Eurípedes Soares da Rocha - diga-se de passagem, a primeira instituição espírita de ensino superior do Brasil -, criada em Marília por um grupo de corajosos confrades da cidade.

Exerci muitas atividades, trabalhei em vários lugares, inclusive no Instituto Assistencial Espírita de Marília, que congrega todas as entidades assistências espíritas da cidade; fui professora, depois passei a trabalhar na Prefeitura Municipal de Marília, como técnica de intercâmbio, onde, mais tarde, concluído o Curso de Direito, passei a exercer a função de advogada.

Os problemas, iniciados bem antes, começaram a piorar. Uma grande inclinação para a bebida fazia meus dias um suplício, uma verdadeira tortura, resquício das tendências do passado. Eu sentia a presença de inimigos desencarnados que me assediavam e tornavam a existência cada vez mais difícil, incentivando-me ao vício. Em virtude dos problemas cotidianos, engolfei-me na área profissional, dando menos atenção à parte espiritual. Comecei a ter problemas renais, sendo obrigada a fazer hemodiálise por anos consecutivos. Fui enfraquecendo, até que meu organismo combalido não suportou mais.

Deixei a veste carnal, retornando para a verdadeira vida. Sofri muito ao ver os erros que cometera. Certamente, conseguira realizar uma parte dos compromissos assumidos, mas deixei muita coisa para trás.

Recuperei-me, passando a trabalhar no socorro de quantos precisavam de ajuda, tanto encarnados quanto desencarnados. Atualmente, colaboro com grupos ligados à evangelização infanto-juvenil, área a qual me dediquei na última encarnação. Gosto de trabalhar com os jovens, tendo grande ligação com o Grupo de Jovens de Céu Azul, que exercem atividades no Centro Espírita Maria de Nazaré, de Rolândia (PR), além de grupos de outras cidades, inclusive Marília.

Como podem ver, errei muito, mas procuro expiar os prejuízos causados aos meus semelhantes. Ainda existem inúmeros inimigos meus precisando de socorro em zonas do umbral. Por não conseguirem perdoar, eles, que foram minha vítimas, sofrem ainda, o que muito me entristece, pois me considero abençoada pela misericórdia divina. Acredito que o relato desta pequena parcela de minhas

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt

vivências e de meus débitos possa ser útil àqueles que vierem a ler estas páginas, para que consigam entender a justiça de Deus e sua misericórdia, que me fizeram renascer para uma vida de dificuldades, pelos erros praticados ontem contra meus semelhantes. Precisei sofrer as conseqüências de meus atos na justa aplicação da Lei da Causa e Efeito, para aprender o respeito que devo ter para com meus semelhantes e para poder reparar o sofrimento que causei a outrem. É a Pedagogia Divina que educa por meio do amor, proporcionando-nos novas oportunidades de aprendizado, em que, muitas vezes, sentimos na própria pele o sofrimento que causamos aos outros, pelo mau uso do livre-arbítrio. Isso não quer dizer que Deus deseja que soframos. Ao contrário. Deus nos criou para a felicidade, e somente somos infelizes quando nos afastamos da Lei Divina.

Aos poucos, percebemos que, fazendo o mal, geramos o mal em contrapartida e sofremos e, fazendo o bem, sentimos bem-estar, paz e alegria. Então, com o tempo, aprendemos que, para sermos felizes, devemos fazer o bem, ajudar o semelhante, enfim, nos pautarmos de acordo com os padrões evangélicos, lembrando o ensinamento de Jesus que nos convida a nos colocarmos no lugar do outro sempre que estivermos em dúvida se devemos ou não fazer alguma coisa, o que vale dizer, "fazer aos outros tudo o que queremos que eles nos façam".

A Doutrina Espírita é uma luz inapagável, que prosseguirá orientando as pessoas, mostrando-lhes as realidades do Espírito e as implicações que promovem em relação a nós mesmos e à sociedade. Faz-nos entender melhor o nosso semelhante, mostrando-nos que cada um de nós está em um grau evolutivo diferente, mais atrasado ou mais adiantado, mas que isso não importa, porque todos temos a mesma destinação: o progresso moral e intelectual, que nos levará à evolução que buscamos.

Então, diante das misérias do mundo e da violência que se alastra de maneira assustadora; dos crimes bárbaros cometidos por seres humanos, não raro dentro da própria família, da corrupção desvairada daqueles que buscam apenas defender os próprios interesses, em detrimento dos que carecem do mínimo para viver, das doenças de causa desconhecida que assustam a população; dos desregramentos morais, sexuais, emocionais, que desvirtuam os valores; dos danos causados ao ecossistema do planeta, e de tantas coisas mais, quedamo-nos assustados e perplexos.

No entanto, tudo isso representa a condição ainda inferior de significativa parcela dos habitantes da Terra, situação que não é definitiva, haja vista que todos são seres em evolução, aguardando que o tempo infinito os transforme em seres angélicos.

A Terra está em fase de grandes transformações, necessárias para elevar este mundo de expiações e provas à categoria de mundo de regeneração, em que as condições serão muito diferentes e melhores. Os espíritos que não estiverem preparados para permanecer aqui, em virtude do grau de comprometimento com o mal e com o crime, serão atraídos pelo magnetismo para outro planeta mais adequado às suas condições morais.

Aos espíritas é dada a tarefa de auxiliar neste momento glorioso de transformação, com seu exemplo e na qualidade de agentes de mudança da sociedade na qual estão inseridos, por meio da divulgação do Evangelho de Jesus e da Doutrina Espírita.

Finalmente, uma realidade que não deve ser desprezada: não podemos esquecer que o futuro - o nosso futuro - depende das crianças e dos jovens, aos quais nos compete oferecer a melhor orientação, a educação moral necessária para que se transformem em cidadãos dignos e úteis a sociedade e à propagação dos ideais que abraçamos.

(Espiritismo) - Maria C Alves - Celia X Camargo - Correntes Do Destino.txt
Que o Senhor nos abençoe a todos e ilumine nossos esforços
rumo a um porvir melhor e mais feliz.
Muita paz!

Maria Cecília Alves